

ISSN: 1519-8782

XIV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Promovido pelo Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

23 a 27 de agosto de 2010

(http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf)



CADERNOS DO CNLF, VOL. XIV, Nº 02

LIVRO DE RESUMOS

Rio de Janeiro, 2010

CiFEFIL

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Reitor

Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-Reitora

Maria Christina Paixão Maioli

Sub-Reitora de Graduação

Lená Medeiros de Menezes

Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron

Sub-Reitora de Extensão e Cultura

Regina Lúcia Monteiro Henriques

Diretor do Centro de Educação e Humanidades

Glauber Almeida de Lemos

Diretora da Faculdade de Formação de Professores

Maria Tereza Goudard Tavares

Vice-Diretora da Faculdade de Formação de Professores

Catia Antonia da Silva

Chefe do Departamento de Letras

Maria Cristina Cardoso Ribas

Sub-Chefe do Departamento de Letras

Leonardo Pinto Mendes

Coordenador de Publicações do Departamento de Letras

José Pereira da Silva

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Boulevard 28 de Setembro, 397/603 – Vila Isabel – 20.551-030 – Rio de Janeiro – RJ
eventos@filologia.org.br – (21) 2569-0276 – www.filologia.org.br

DIRETOR-PRESIDENTE

José Pereira da Silva

VICE-DIRETORA

Cristina Alves de Brito

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Délia Cambeiro Praça

SEGUNDA SECRETÁRIA

Maria Lúcia Mexias Simon

DIRETOR CULTURAL

Marilene Meira da Costa

VICE-DIRETORA CULTURAL

Adriano de Sousa Dias

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Antônio Elias Lima Freitas

VICE-DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Eduardo Tuffani Monteiro

DIRETORA FINANCEIRA

Ilma Nogueira Motta

VICE-DIRETORA FINANCEIRA

Jônia Maria Souza Silva

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Amós Coelho da Silva

VICE-DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

José Mário Botelho

**XIV CONGRESSO NACIONAL
DE LINGUÍSTICA E FILOGIA
de 23 a 27 de agosto de 2010**

COORDENAÇÃO GERAL

José Pereira da Silva

Cristina Alves de Brito

Marilene Meira da Costa

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA

Amós Coelho da Silva

Jonia Maria Souza Silva

Antônio Elias Lima Freitas

José Mário Botelho

Eduardo Tuffani Monteiro

Ilma Nogueira Motta

Maria Lúcia Mexias Simon

Antônio Elias Lima Freitas

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE APOIO

Adriano de Sousa Dias

Ilma Nogueira Motta

COMISSÃO DE APOIO ESTRATÉGICO

Marilene Meira da Costa

Laboratório de Idiomas do Instituto de Letras (LIDIL)

SECRETARIA GERAL

Sílvia Avelar Silva

SUMÁRIO

0- Apresentação – José Pereira da Silva.....	06
1. RESUMOS (em ordem alfabética dos títulos)	07
2. SUPLEMENTO	119
3. ÍNDICE DE AUTORES (em ordem alfabética).....	123

APRESENTAÇÃO

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos tem o prazer de apresentar-lhe este número 02 do volume XIV dos *Cadernos do CNLF*, com mais de 400 (quatrocentos) resumos de trabalhos que serão apresentados no XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia neste ano de 2010.

Pela primeira vez, estamos editando, simultaneamente, este *Livro de Resumos* em três suportes, para conforto e segurança dos congressistas: em suporte virtual, na página http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/resumos.htm; em suporte digital, no *Almanaque CiFEFiL 2010* (cd-rom) e em suporte impresso, neste número dos *Cadernos do CNLF*.

Todo congressista inscrito com apresentação de trabalhos poderá optar por uma das versões do *Livro de Resumos* (impressa ou digital), apesar de poder levar as duas, desde que pague pela segunda.

Junto com o *Livro de Resumos*, o *Almanaque CiFEFiL 2010* já traz publicada por volta de uma centena de textos completos deste **XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, para que os congressistas interessados possam levar consigo a edição de seu texto, não precisando esperar até o próximo ano.

Desta vez, a PROGRAMAÇÃO vai publicada em caderno impresso separado, para se tornar mais facilmente consultável durante o evento, assim como vai impresso também o *Livro dos Minicursos e Oficinas*.

Desejo-lhe uma boa programação durante esta rica semana de convívio acadêmico.

Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2010.

José Pereira da Silva

RESUMOS

A ALUSÃO COMO PROPOSTA DE LER E ESCREVER NO GÊNERO ROMANCE

Amanda Maria Nascimento Gomes (UNEB)
amandalispector@hotmail.com

A alusão é uma estratégia de leitura e escrita que procura desvendar as entrelinhas do texto e que tem "iluminado" o movimento fenomenológico dialético que o autor empírico, vestido de autor-modelo faz na constituição de seu leitor-empírico vestido de leitor-modelo. O objetivo desta exposição é estudar as estratégias de leitura do romance Ciganos de Bartolomeu Campos de Queirós tendo como suporte teórico a teoria da alusão. As discussões promovidas por Torga tendo a alusão como perturbadora, sutil e criadora do movimento do ir e vir e devir exige do leitor uma cooperação na construção da narrativa, ainda nas considerações de Humberto Eco é o leitor-modelo aquele conjunto de instruções textuais apresentadas pela manifestação linear do texto precisamente como um conjunto de frase ou de outros sinais. Portanto, tendo o romance como um gênero textual e a alusão como teoria que busca revelar o sentido do texto é que este trabalho buscará analisar o corpus citado pontuando as principais categorias da alusão como a metáfora e a metonímia.

A ARTE DA LINGOA DE IAPAM, DE JOÃO RODRIGUES TÇUZZU

Michele Eduarda Brasil De Sá (UFRJ)
michele_eduarda@yahoo.com.br

Os portugueses foram os primeiros europeus a terem contato efetivo com os japoneses. Esta relação começou com finalidade comercial, aos ventos da chamada Época das Grandes Navegações, e logo se ampliou, com a chegada dos jesuítas, que foram os principais responsáveis pelo registro das fontes de estudo da língua japonesa dos séculos XVI e XVII. O Padre João Rodrigues Girão, conhecido como João Tçuzzu (de tsuji, que quer dizer "intérprete" em japonês) é o primeiro a escrever uma gramática da língua japonesa. A "Arte da Lingoa de Iapam", do Padre Tçuzzu, é considerada a primeira obra gramatical da língua japonesa elaborada na tradição gramatical europeia. Trata-se de um documento de valor não apenas linguístico, mas também cultural, histórico e antropológico.

A AULA INAUGURAL DE FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Berty Ruth Rothstein Biron (RGPL)
bertybiron@terra.com.br

A Aula Inaugural, proferida em latim por Frei José de Santa Rita Durão, insere-se no quadro das orações de abertura solene do ano letivo de 1778, da Universidade de Coimbra. Esse texto, publicado apenas em latim, naquele ano, foi elaborado com todo o rigor do erudito setecentista. Valendo-se da retórica do sublime, Durão evoca a história de Portugal nos seus momentos gloriosos, exaltando a amplitude da ação exercida pelos portugueses numa grande parte do mundo durante os séculos XVI a XVIII. Ao retratar a história de Portugal no seu apogeu e glória, o orador pretende estimular os jovens a prosseguirem nos estudos acadêmicos. O discurso do frade-poeta evidencia sua formação humanística fortemente enraizada nos valores culturais lusitanos.

"A CENSURA NO BRASIL – DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XIX"

Agnaldo Sérgio de Martino
agnaldomartino@uol.com.br

O trabalho tem como objetivo verificar como agiu a censura no Brasil entre os séculos XVI e XIX, em vários níveis: nas ciências (Portugal esconde as belezas e riquezas do Brasil), na escola (a educação sob o manto da Igreja e do Estado), nos livros (a proibição de imprimir, comercializar e ler) e nos jornais (a crítica cerceada). Particularmente no âmbito da educação e a leitura nesse período. Traçando um panorama sócio-político-cultural, apresentam-se os fatos, e atos – tanto do Estado quanto da Igreja –, que marcaram a vida intelectual brasileira; pois, identificando e analisando os acontecimentos do passado, repensamos hoje a história da censura, para não esquecermos as repercussões sociais, políticas e culturais provocadas por tais ações.

**A COESÃO TEXTUAL EM PRODUÇÕES INFANTIS:
UM ESTUDO COMPARATIVO DE REDAÇÕES
DE ALUNOS DO TERCEIRO E DO QUINTO ANO ESCOLAR**

Fernanda Maria Reis Brandão (UFV)

fernanda.brandão@hotmail.com

Leilane Moraes Oliveira (UFV)

leilanemorais@hotmail.com

Mônica Santos de Souza Melo (UFV)

monicamelo@ufv.br

Esta comunicação discutirá, com base nos pressupostos teóricos de Fávero (1991), a questão da coesão textual em redações produzidas, no segundo semestre de 2009, por alunos das séries iniciais, mais especificamente do terceiro e do quinto ano, da Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha (localizada na cidade de Ipatinga - MG). A partir de uma análise comparativa dessas redações, questionaremos como o ensino dos fatores de textualidades tem ocorrido nas séries iniciais do sistema público e, por meio dos principais mecanismos coesivos utilizados nas redações dos alunos, analisaremos a eficiência e a problemática que gira em torno de tais utilizações. Através da análise do corpus, apontaremos que os mecanismos coesivos mais utilizados pelos discentes, das turmas de terceiro e de quinto ano, foi o da coesão referencial por substituição e o da coesão sequencial. Entretanto, mostraremos que, entre os alunos do terceiro ano, a coesão referencial ocorreu, quase sempre, a partir da repetição excessiva das pró-formas pronominais *ele* (a) e *dele* (a); e a coesão sequencial foi assegurada pelo uso constante do operador do tipo lógico "e". Por fim, e com base nessas observações, traçaremos algumas considerações quanto ao aspecto funcional dos recursos de coesão textual utilizados por esses alunos, ressaltando, pois, que esse fator de textualidade precisa ser, desde as séries iniciais, sistematicamente trabalhado na escola, em virtude de ser no início do período pós-alfabetização que a criança começa a dominar, de forma mais operativa, a leitura e a escrita.

A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL

Dayane Moreira Lemos (UNEB)

dayaneml@yahoo.com.br

Trata-se de um projeto de pesquisa linguística, cujo foco é a diversidade da fala de estudantes de ensino fundamental e médio, da rede pública de ensino, da cidade de Santo Antônio de Jesus. A pesquisa a ser realizada toma como base a teoria e o método da Sociolinguística Variacionista, através dos quais são gravadas entrevistas. Estas são transcritas e codificadas através da ferramenta GOLDVARB, a qual permite análises detalhadas a fim de serem usadas como instrumento pedagógico de abordagem da oralidade.

A CONCORDÂNCIA VERBAL EM REGISTRO ORAL FLUMINENSE

Rodrigo Cunha da Silva (UFRJ)

Fernanda Villares Vianna Barreto (UFRJ)

Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ)

rodrigocunha_ufrj@hotmail.com

Este trabalho consiste no estudo da variação que envolve o fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa na oralidade de indivíduos fluminenses, a ser comparada com a fala de informantes representativos de outras comunidades de fala. Dessa forma, objetiva-se sistematizar a variação cujas formas variantes são presença e ausência de concordância verbal de terceira pessoa (ex.: eles cantam e eles canta) . Para isso, são investigados fatores de ordem linguística e extralinguística que possam influenciar a realização de cada variante. O trabalho fundamenta-se nos preceitos da Teoria da variação e mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) e em Vieira (1995), que auxiliou na elaboração das variáveis independentes controladas. O estudo vale-se do corpus constituído no âmbito do Projeto "Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias". Ele encontra-se estratificado por faixa etária, escolaridade e sexo do informante. Constituído o corpus, realizou-se a análise qualitativa e quantitativa dos dados. Sobre os resultados preliminares, dois aspectos têm se mostrado influenciadores do fenômeno: a saliência fônica e a posição do sujeito em relação ao verbo. De modo geral, observou-se que, quanto mais saliente, maior a probabilidade de haver concordância; já a posposição do sujeito favoreceria a não concordância. Com isso, observaram-se aspectos da pesquisa, em andamento, que serão apresentados, cujos objetivos maiores

são colaborar para a compreensão do fenômeno da concordância verbal e relacionar essa variação à caracterização das variedades do Português.

A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR

Welton Rodrigues Santos (UFBA)

Norma Da Silva Lopes (UFBA)

weltonsantos83@gmail.com

A variação linguística está presente em diversos níveis da fala humana. Aspectos como gênero, faixa etária, escolaridade, área geográfica, dentre outros, são elementos fomentadores de tais variações que podem resultar, com o passar do tempo, em mudanças linguísticas. O trabalho de pesquisa em questão consiste em analisar o favorecimento ou desfavorecimento de variáveis linguísticas e sociais na realização da concordância sujeito/verbo no português popular na cidade de Salvador-Ba. Para tal estudo, buscou-se identificar as frequências e os pesos relativos de concordância verbal na fala de homens e mulheres comparando nas diversas faixas etárias, observar a interferência da escolaridade e analisar a influência das variáveis linguísticas na concordância verbal. Assim, com base nos pressupostos da sociolinguística variacionista, buscou-se neste trabalho, através de uma pesquisa quantitativa, fazer um estudo investigativo e comparativo sobre a aplicação da concordância verbal padrão e a concordância verbal não padrão entre os moradores da camada popular de Salvador. O citado trabalho trará subsídios para a comunidade científica que se ocupa em investigar os fenômenos linguísticos e oportunizará a continuidade de estudos na área de "Linguagens, Discurso e Sociedade", por se tratar de uma pesquisa que busca respostas quanto ao uso da língua em situação real de fala.

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO DOS FOGOS

Evanice Ramos Lima Barreto (UFBA)

evanyce@ig.com.br

Neste trabalho, apresento parte da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação intitulada "O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira-BA", defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, na Universidade Federal da Bahia. De caráter descritivo, o estudo objetivou registrar e analisar o léxico empregado pelos trabalhadores na produção artesanal de fogos, baseando-se nos pressupostos da Lexicologia, Dialectologia, Sociolinguística e Etnolinguística. A pesquisa demonstrou que o léxico empregado pelos trabalhadores compõe-se de formas já consagradas no uso geral da língua, de elementos já existentes na língua, cujos significados foram ampliados no processo de reelaboração lexical, e construções neológicas.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA PELO OLHAR DO FLÂNEUR

Claudia Gonçalves Ribeiro (UERJ)

claudiagsampaio@yahoo.com.br

Este trabalho visa discutir a construção da memória a partir do olhar do *flâneur*, pois a observação tornou-se um hábito de vida tanto em João do Rio quanto em Charles Baudelaire, autores de: *A alma encantadora das ruas* e *As Flores do Mal*, respectivamente. Sob uma perspectiva que envolve reflexões acerca do conceito de *flâneur*, trato, primeiramente, do grande fascínio por flunar em João do Rio e Baudelaire, pois os mesmos viam nesta atividade um ato de perambular com inteligência pelas ruas da cidade. Através da experiência em captar tudo aquilo que a sociedade moderna rejeitava: a escória, tais autores extraíam as várias impressões deste mundo sombrio, imprimindo a imagem daquilo que está na multidão na memória. Além disso, no que se refere à memória, ressalto que a vida do indivíduo comum e não a do 'grande' homem passa a interessar tanto a João do Rio quanto a Baudelaire, pois os mesmos contemplavam os mistérios sobre a vida dos indivíduos anônimos. Neste estudo, discuto, também, a memória como algo em permanente evolução, suscetível a todos os usos e sujeito a repentinas revitalizações, podendo ser dividida em três níveis: protomemória, memória propriamente dita, e metamemória, além de abordar a memória, em sua estrutura, como decisiva para a experiência, não consistindo precisamente com acontecimentos fixados com exatidão na lembrança, mas em dados acumulados que afluem, muitas vezes, de forma inconsciente. Por fim, ressalto, ainda, que a memória pode ser involuntária ou voluntária, pois, em sua essência, a memória seria a necessidade de narrar o acontecido, sendo uma ligação entre o passado e o eterno presente.

A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA "GRUPO DE DILMA PLANEJAVA SEQUESTRAR DELFIM"

Andreia Cristina Dantas (PUC/SP)
andreju@yahoo.com.br

O pôster pretende refletir como as notícias são construídas nos jornais a partir dos princípios estudados por Charaudeau (2005), Maingueneau (1998) e os conceitos de texto e textualidade estudados por BEAUGRANDE (1997) e FÁVERO (1986). Os jornais são meios de comunicação onde a linguagem nasce, vive e morre na subjetividade portanto, deixam de ser imparciais e objetivos ao relatar uma notícia. Charaudeau afirma (*op. cit.*, p. 42) que "nenhuma informação pode pretender por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade." O jornalista tem o poder da palavra e com ela determinar como o assunto será tratado e analisado, faz com que o jornal seja o painel consensual em determinada sociedade, fazendo uso de recortes de imagens a seu favor. Ao fazer isso de maneira nem sempre objetiva e imparcial tende a dar a notícia o seu valor de verdade. Isso se reflete também quando existe certa motivação ou intenção do informante. Cabe ao leitor, com sua capacidade de ler o mundo, construir a sua leitura das imagens e reportagens. Neste estudo, dar-se-á destaque a dois princípios: o de intencionalidade e o de aceitabilidade. No que compete à construção da notícia, torna-se relevante que o jornalista considere esses dois princípios a fim de selecionar textos pensando nas intenções que estão inseridas neles e o modo como o leitor os aceitará, irá perceber intenções, compreendê-las e produzir sentido.

A CONSTRUÇÃO DO PÚBLICO LEITOR EM TABLOIDES DO RIO DE JANEIRO

Michelle Martins de Mattos Rangel (UERJ)
michellemichellinha@hotmail.com

Todo jornal é construído sobre uma expectativa de um público leitor previsto, observou Corrêa (2002). Com base nesta afirmação, fundamentamos este trabalho que tem por objetivo perceber como se dá a construção da identidade do público leitor dos tablóides *Meia Hora de Notícias* e *Expresso da Informação* a partir da constituição multimodal. Desta forma, além dos aspectos linguísticos analisaremos também o *design*, a produção e a distribuição. O *design* refere-se aos usos e combinações dos recursos semióticos a partir das convenções e conhecimentos socialmente construídos, sendo modificados somente numa interação social. A produção é a articulação do texto, o modo como foi organizada a expressão do *design*. A distribuição diz respeito a como será veiculado, se é para ser comercializado ou funcionar apenas como linguagem na interação (VAN LEEUWEN 2001 *apud* PIMENTA E SANTANA, 2007).

**A CONSTRUÇÃO IMPLÍCITA DE OBJETOS COGNITIVOS E DISCURSIVOS
EM ATIVIDADES INTERATIVAS ENTRE SUJEITOS**

Hélio Rodrigues Júnior (PUC/SP)
h-rodriques-junior@uol.com.br

No processo de produção textual, o trabalho trata da organização dos referentes implícitos e o modo partilhado que se dá entre os interlocutores, já que constroem os sentidos do texto de acordo com os conhecimentos prévios, na interação linguística. Em vista disso, buscamos, já que no texto as referências podem ser processadas, ou não, de forma implícita - inferíveis "pelas pistas de contextualização" (KOCH, 2003) - identificar as situações em que se empregam a anáfora indireta (AI), deixadas na escrita por marcas linguísticas. Objetivamente, a questão que abordamos diz respeito a: Os alunos em redações escolares produzem anáforas indiretas? Para esse estudo das AI, recorremos às redações de alunos de uma 8ª. série (atual 9º. ano), na faixa etária entre treze e quinze anos, de um estabelecimento da rede estadual de ensino de São Vicente/SP. A turma escolhida é composta por trinta e cinco alunos, vinte e quatro meninas e onze meninos, do período da manhã. Cada aluno criou o texto numa aula dupla de Língua Portuguesa, em que a professora, trabalhando com gêneros textuais, oportunizou uma escrita visando à *documentação e memorização das ações humanas* (SCHNEUWLY; DOLZ, 2007), por meio de um relato de uma experiência vivida. Como procedimento de análise, tomamos a identificação de um elemento referencial – *âncora* (KOCH, 2003) – em cada texto de aluno, possibilitando a ocorrência anafórica indireta e, tão somente depois, elaboramos um quadro sinóptico no qual se identifica a ocorrência anafórica indireta e sua relação referencial. Nossas reflexões norteiam-se pelos pressupostos teóricos que estudam a língua do ponto de vista sócio-cognitivo-interacional (MONDADA & DUBOIS, 2003; KOCH, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006; MARCUSCHI, 2003, 2005, 2007; SCHWARZ, 2007).

**A CONVERGÊNCIA ENTRE AS FORMAS DE SEGUNDA PESSOA TU E VOCÊ
EM CARTAS PARTICULARES**

Érica Nascimento Silva (UFRJ)
clerama@gmail.com

Trabalhos anteriores, tendo como base peças teatrais, evidenciam que o tu - forma mais usual no século XIX - será suplantado por você por volta da década de 20-30 (cf. Lopes, 2005; Duarte, 1993 etc.). Também é a partir da década de 30 que se pode perceber uma inovação no português brasileiro, pois este começa a apresentar uma maior ocorrência do sujeito preenchido (cf. Duarte, 1993). Este trabalho, partindo dos resultados dos estudos já citados, tem por objetivo traçar a disputa entre o tu e você em cartas cariocas escritas na década de 30. Para tanto, há uma amostra composta de 96 cartas que foram trocadas por um casal de namorados. Para o presente trabalho, será utilizado um corpus composto de 49 cartas escritas no ano de 1936 pelo casal de noivos Jayme de Oliveira Saraiva e Maria Ribeiro da Costa. O principal objetivo deste trabalho é confirmar a hipótese de Lopes (2008) e Duarte (1993) de que o emprego de tu será suplantado por você por volta da década de 30. Será observada uma ocorrência mais significativa de sujeito pleno a partir do uso cada vez mais produtivo da nova forma pronominal (você) originada, via gramaticalização, de uma forma nominal. Para este trabalho, serão levados em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (LABOV, 1994) a fim de identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes tu e você na década de 30. Alguns resultados preliminares obtidos com uma breve análise deste corpus constataram uma diferença em relação aos trabalhos anteriores. Pôde-se perceber que neste período, embora a frequência ainda não seja superior a você, já há dados que mostram o tu como um sujeito preenchido.

A CRIAÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS NO BRASIL – O NEOLOGISMO NA ANTROPONÍMIA

Rosane Tesch de Oliveira (UCAM)
rosanetesch@gmail.com

A relação do sujeito com seu nome de registro pode gerar, num futuro não muito distante, timidez, extroversão, soberba ou até mesmo nem fazer diferença. O que irá determinar essa necessidade será o contexto histórico e sociocultural. Um nome pode estigmatizar um indivíduo assim como se tornar secular. Os estrangeirismos e as criações lexicais, de que tanto se faz uso no Brasil, quase sempre são atribuídos à classe baixa, e, com a polêmica criada em torno da falência do sistema de ensino, quer se queira ou não, este fato se torna agravante, pois há quem diga que faz parte da falta de cultura "inventar" nomes, duplicar letras, aporuguesar (gráfica e foneticamente) nomes estrangeiros etc. Para tentar trazer à luz da discussão os neologismos antroponímicos, tema apresentado, inicialmente, como monografia de final de curso de graduação em língua portuguesa, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, a pesquisa em questão mostra algumas das diferentes possibilidades de criações linguísticas no campo da formação de palavras na língua portuguesa e com isso demonstrar que, apesar das críticas apresentadas inclusive em programas humorísticos, os neologismos no campo da antroponímia são perfeitamente possíveis na língua portuguesa.

**A CRIAÇÃO LEXICAL NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
O QUE NOS MOSTRA O MANUAL DE DESCULPAS ESFARRAPADAS**

Solange Maria Moreira de Campos (UNI/BH)
solangemoreira@terra.com.br

Um dos propósitos deste estudo, em que o foco é a Estilística Léxica – a do efeito causado pela palavra – refere-se à análise da expressividade lexical e da função lúdica dos neologismos em Manual de desculpas esfarrapadas, de Leo Cunha, um livro de crônicas cujo destinatário, a princípio, é o leitor jovem. Na obra, torna-se possível estabelecer um eixo entre a Lexicologia e a Estilística, quando se pretende demonstrar de que maneira este escritor mineiro, aproveita as virtualidades do sistema para manifestar a sua criatividade lexical, bem como a importância das criações de palavras com objetivo estilístico. Numa obra ficcional, os novos itens lexicais têm um valor estilístico de momento e exercem uma função importante: causam surpresa e estranhamento no leitor, obtendo-se expressividade. Quando do texto literário emergem os neologismos, resgata-se o jogo verbal no que tange não só à adequação, mas à inventiva linguística. Com o Manual de desculpas esfarrapadas propõe-se um estudo das formações neológicas a partir das normas neolúdicas, consideradas neste trabalho como um conjunto de regras ou critérios para a análise dos processos de criação de algumas das novas palavras na obra, assim estabelecidos: léxico possível (invenção baseada nas regras morfológicas da língua); malabarismos lexicais (experimentos de toda ordem, que transformam o texto num laboratório poético); metaludismo (marcações metalinguísticas com função lúdica); neo-humor (neologismos com intenção

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

de provocar o riso ou realçar a ironia); entre outros. O arcabouço teórico deste estudo se ancora, fundamentalmente, nas contribuições de Guilbert (1975) sobre a criatividade lexical, no que diz respeito à criação neológica estilística, presente na linguagem literária, bem como nos pressupostos teóricos estabelecidos por Martins (2000), ao destacar a estilística e a expressividade na língua portuguesa.

A DESPALATALIZAÇÃO DE /nh/ NA ZONA URBANA DE RIO BRANCO (AC)

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)
lindinalvamessias@yahoo.com.br

Buscamos analisar o processo da despalatalização de /nh/ na zona urbana de Rio Branco (AC) sob a ótica da Sociolinguística Variacionista Laboviana. O corpus foi constituído a partir de gravações de questionário fonético-lexical aplicado a 72 informantes, resultando em uma amostra de 1.730 variantes desse fonema. Para a análise desses segmentos, levamos em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos que funcionam como condicionantes das diversas realizações: no primeiro caso estão os segmentos antecedentes e subsequentes ao fonema em questão, a classe da palavra e a tonicidade da sílaba em que ele se encontra; no segundo, encontram-se o gênero, a faixa etária e o grau de escolaridade dos informantes. No que se refere aos fatores linguísticos, aventamos duas hipóteses: 1 - os fenômenos de variação deveriam ocorrer em virtude da contiguidade de segmentos semelhantes do ponto de vista fonético; 2 - as variantes que exigem maior força articulatória estariam ligadas ao contexto tônico. Em relação aos fatores extralinguísticos, pressupomos que a iotização estaria ligada ao grau de escolaridade mais baixo dos informantes e que no nível de ensino médio haveria propensão às variantes da norma culta.

A DIGLOSSIA ÁRABE: UMA APRECIÇÃO DO HASSANIYA COMO REPRESENTANTE DA VERTENTE BAIXA NO BINÁRIO DIGLÓSSICO

Elias Mendes Gomes (USP)
eligomes@usp.br

A expansão da língua árabe para além de suas fronteiras históricas, bem como os resultados advindos desse crescimento, têm sido sobejamente estudados no meio acadêmico. O contato do árabe com as expressões vernaculares dos povos conquistados deu origem a muitos "falares" que, em tempo, cristalizaram-se em dialetos distintos, distanciando-se, em alguns casos consideravelmente, da vertente escrita. Muitos desses dialetos têm sido estudados (notavelmente aqueles de países conhecidos e influentes) enquanto que outros permanecem na obscuridade. O hassaniyya, o dialeto falado na Mauritânia, Saara Ocidental, nos campos de refugiados de Tindouf (Argélia), e entre a diáspora mauritânia na África Ocidental, se enquadra na categoria dos menos conhecidos, e por isso essa pesquisa. A comunicação está centrada em três eixos principais: uma breve introdução à língua árabe, colocando em evidência seu aspecto diglótico (FERGUSON, 1959); uma breve exposição da situação geográfica mauritana e de seus habitantes - como a fronteira entre o mundo árabe e a África negra do sub-Saara (o contexto no qual o dialeto hassaniyya está inserido); e uma concisa descrição do dialeto árabe falado pelos mouros norte-africanos - hassaniyya, apresentado através da apreciação de alguns vocábulos-chaves retirados da lista de Swadesh (SWADESH, 1959), particularmente aqueles que colocam em evidência o distanciamento entre a vertente dialetal e a vertente prestigiada do Árabe Padrão Moderno (APM).

A DRAMATURGIA DE ARIIVALDO MATOS: DESVENDANDO SEU ESPÓLIO

Mabel Meira Mota (UFBA)
Rosa Borges dos Santos (UFBA)
mabelmmota@gmail.com

Ao longo de sua transmissão os textos sofrem interferências diversas que acabam por distanciar o leitor daquela que seria a última forma atestada pelo autor. A Crítica Textual, tem se ocupado de recuperar este material tanto em termos físicos quanto ao seu conteúdo, colaborando para a recuperação, preservação e transmissão do patrimônio cultural escrito. Neste trabalho, pretende-se apresentar a proposta de organização do espólio do escritor baiano Ariivaldo Magalhães Matos, com vistas, à recuperação de seus textos, recolha e guarda dos mesmos, para posterior edição. Desse modo, conjugando os esforços de duas áreas do conhecimento, a Crítica Textual e a Arquivística Literária, procurar-se-á desenvolver a discussão.

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

A EDIÇÃO CRÍTICA DE DOCUMENTOS CARTORIAIS DO DISTRITO DE VÁRZEAS

Simone dos Santos Laranjeira (UNEB)
Ricardo Tupiniquim Ramos (UNEB)
Elizângela Alves Cana Verde Sodré (UNEB)
Márcia Helena da Guarda Alves (UNEB)
sslaranjeira@bol.com.br

Desde o seu surgimento, a escrita representa o armazenamento de informações, permitindo a comunicação através do espaço e do tempo. Isso propicia o progresso da memória coletiva da humanidade, indispensável à sobrevivência de aspectos da cultura dos povos, ao longo dos anos. Através de cópias manuais, os homens retiveram na memória coletiva todo o seu patrimônio cultural: sua religião, história, política, literatura e transmitiram todo esse legado a sua posteridade. Sabe-se que graças aos avanços dos estudos teóricos e ao conhecimento de modelares edições críticas e comentadas, e graças à publicação de artigos e livros atualizados, é que se vão tornando evidente todo o alcance da Crítica Textual e a sua extraordinária relevância para o progresso de todas as ciências, não apenas das ciências da linguagem. Deste modo, o presente trabalho pretende reproduzir em edições, documentos selecionados (cartas de alforrias, escrituras de compra e venda de escravos e testamentos), registrados no século IX, no Cartório de Registro Civil com Funções Notariais do Distrito de Várzea, município de Baianópolis - Bahia, a fim de resgatar a memória daquela sociedade, bem como garantir a conservação de tais documentos, essenciais à formação de um patrimônio cultural resistente.

A EDIÇÃO DE TEXTOS PARA O ESTUDO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA LINGUAGEM JURÍDICA

Expedito Eloísio Ximenes (UECE)
eloisio22@hotmail.com

Tem-se por objetivo, neste trabalho, fazer uma análise das unidades fraseológicas que circulavam nos textos jurídicos do período colonial brasileiro. Partimos da edição semidiplomática dos Autos de Querela que registram as petições de crimes ocorridos no Ceará nos séculos XVIII e XIX. Em cada parte componente ou segmento dos autos são usadas fraseologias que se classificam como formas discursivas de abertura e de fechamento das partes dos processos estabelecendo formas de pedido, agradecimento, exortação, tratamento, ou indicando qualidade das pessoas, profissão dentre outras. Com a edição dos textos e a leitura do contexto histórico-cultural, podemos ter uma visão ampla e integral não somente da língua no que tange ao fenômeno estudado, mas do funcionamento da sociedade colonial como um todo.

A ESCRITA NOS AUTOS DE QUERELA DO SÉCULO XIX: DO PASSADO AO PRESENTE

Patrícia de Oliveira Batista (UFC)
Emília Maria Peixoto Farias (UFC)
Expedito Eloísio Ximenes (UFC)
Katharine Silva de Oliveira Soares (UFC)
patriciaoliveirabatista@gmail.com

Na tradição escrita e oficial do período colonial brasileiro, os Autos de Querela constituem documentos judiciais e notariais, nos quais estão registradas denúncias referentes aos mais diferentes delitos. Mesmo que cronologicamente esses documentos estejam inseridos no período pseudoetimológico da ortografia da língua portuguesa, há neles inúmeras marcas que os caracterizam como fonte de registro do período fonético. Sendo assim, é objetivo deste trabalho analisar a grafia dos Autos de Querela do período que se estende de 1802 a 1829, com vistas a caracterização do português brasileiro nessa sincronia. Para fundamentar nossas análises, tomamos como base as características do sistema (orto)gráfico do período fonético descritas em William (1961), Coutinho (1976), Nunes (1989), Spina (2008). Para a descrição das características da escrita etimológica, seguimos os princípios discutidos em Pereira (1932), Cunha (1979), Gonçalves Barbosa (2002) e Oliveira (2009). A análise dos dados revelou diferentes ocorrências gráficas que foram classificadas conforme os seguintes grupos: Grupo 1: das vogais orais; Grupo 2: das vogais nasais; Grupo 3: das consoantes simples; Grupo 4: das consoantes dobradas; Grupo 5: das variações gráficas de uma mesma palavra; Grupo 6: dos grupos consonantais gregos e latinos. Para efeito deste trabalho, serão discutidos os resultados revelados nos grupos 1 e 3 por apresentarem o maior número de ocorrências. De uma maneira geral, a análise

se aponta para uma escrita predominantemente fonética dos autos de querela e denúncia da Capitania do Ceará nos primeiros anos do século XIX.

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL NA TEORIA GERATIVA
E NA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES:
DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS**

Juliana Esposito Marins (UFRJ)
juespmarins@hotmail.com

O presente trabalho pretende propor uma análise da mudança da valência verbal, discutindo como abordagens teóricas distintas dão conta do mesmo fenômeno. Assim, mostraremos como a teoria padrão estendida da Gramática Gerativa (CHOMSKY 1973, 1976, 1981), tendo em vista a Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP) (CHOMSKY 1981), baseada na centralidade do verbo para a determinação da estrutura argumental da sentença, explica a ocorrência de estruturas como as exemplificadas em (1): (1) a. João fechou a porta com a chave. b. A chave fechou a porta. c. A porta fechou. Em contrapartida, mostraremos que tratamento é dado ao mesmo fenômeno pela Gramática das Construções (GOLDBERG 1995), modelo que se opõe às concepções gerativistas, buscando evidenciar que contribuições a noção de construção gramatical fornece para o estudo da estrutura argumental das sentenças. Veremos, pois, como a instanciamento do verbo numa construção gramatical parece ser uma alternativa mais econômica que aquela apresentada por uma visão centrada apenas no verbo como predicador da oração. Retornaremos, por fim, à Gramática Gerativa, apontando as inovações do Programa Minimalista (CHOMSKY 1995) no tratamento do fenômeno em análise. Tentaremos, assim, identificar os pontos convergentes e divergentes entre a versão mais recente da TPP, menos lexicalista que suas antecessoras no tocante à estrutura argumental, e o modelo proposto por Goldberg (1995). Esperamos, com isso, poder discutir as vantagens e desvantagens de cada modelo, sem que se tome partido de um ou de outro, além de observar importância dos diferentes olhares como mola propulsora do fazer científico.

A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM EM A TURMA DA MÔNICA

Luciana da Costa Quintal (UVA)
professoralucianaquintal@gmail.com

A pesquisa aborda a questão da evolução da linguagem em "A Turma da Mônica", visando mostrar como os personagens evoluíram a sua linguagem com a intenção de acompanhar os fatos e a sociedade ao qual estão inseridos. Esta observação será feita a partir das falas de diversos personagens dos quadrinhos de "A Turma da Mônica" devido ao fato de cada um deles possuírem um dado possível a ser destacado e, igualmente, por nem sempre estas falas serem constituídas em razão das características próprias de seus falantes, mas sim pela evolução linguística em si através dos cinquenta anos decorridos desta produção. Para isso, foi verificada a evolução e acompanhamento linguístico de acordo com a sociedade em que está inserida e, assim, mostrando como o meio de comunicação evolui para atender às necessidades do leitor. Com esta finalidade, a realização da pesquisa foi bibliográfica a partir de revistas selecionadas da "Turma da Mônica", desde a década de 1960 até o ano corrente (2010). Esta investigação teve como início, um embasamento teórico acerca da história dos quadrinhos e princípios da produção textual, a fim de construir um ponto de vista diacrônico deste tipo de produção. O interesse pelo trabalho se deu pela evolução da revista observada desde a época da graduação, com o trabalho monográfico "A Turma da Mônica e os Contos de Fadas: um estudo de gênero e intertextualidade". Portanto, de acordo com a vasta produção de Maurício de Sousa com os personagens de "A Turma da Mônica", o projeto visa realizar um estudo profundo acerca da linguagem usada na década de 60 até os dias de hoje, sem desconsiderar o gênero, as épocas, as condições em que está inserida e ao público que é destinado.

A EXTENSÃO DO USO DOS APELIDOS EM CLÁUDIO

Fernanda Flores Amorim Pereira. (UFMG)
Evelyne Jeanne Andree Angele Madeleine Dogliani (UFMG)
fernandaflores25@gmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio-MG, entender as motivações, sua amplitude, evolução, implicações ideológicas nas gerações claudienses, além de categorizá-los a partir da "Apelista" (lista telefônica por apelidos da cidade), dessa forma, contribuir para o registro da história local. Este estudo

requer, portanto, a consideração de conceitos que se extraem de diferentes campos - Semântica, Onomástica, Antropologia Linguística e a Sociolinguística.

A FACE OCULTA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO

Sineia Maia Teles Silveira (UNEB-BA)

sonteles@yahoo.com.br

Sonia Maia Teles Xavier (UNILESTE-MG)

Discute sobre o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, a partir de um diálogo entre a teoria de base e de depoimentos de graduandos do Nordeste (Bahia) e Sudeste (Minas Gerais): alunos segundo semestre do Curso de Letras Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia e do primeiro período do curso de Comunicação Social de uma instituição particular do Estado de Minas Gerais, no ano de 2009. Resultados apontam uma crise no ensino de Língua, dificuldade da maioria dos professores em lidar com as variações linguísticas, predominância de ensino prescritivista e metalinguístico por excelência.

A FALA DA CRIANÇA E SEUS EFEITOS NO ADULTO INTERLOCUTOR

Gisele Aparecida de Lima (UNICAMP)

giselelima_pr@hotmail.com

Neste trabalho, dedicamo-nos a observar a fala do adulto ao dialogar com a criança, buscando entender o que da fala do infans, que difere da do adulto, toca-o de forma particular e que efeitos essa fala pode produzir no adulto. A análise dos dados nos mostra que a mesma imprevisibilidade a que está sujeita a fala da criança, de onde podem surgir os enunciados mais insólitos, também está sujeita a fala adulta, no diálogo com essa criança. Ao olharmos o diálogo mãe-criança, observamos que o adulto é colocado, por assim dizer, a mercê da fala da criança. Esta, como diz Pereira de Castro (1998), interroga o adulto na sua posição e o lança a diferentes lugares. Ao mesmo tempo em que a fala divergente do infans pode levar o adulto a se colocar na posição de quem tem um saber que a criança não tem - e, por isso, ensina, molda, corrige - pode, por vezes, lançá-lo no baby talk, que, ao contrário da correção, é uma forma de aproximação, de reconhecimento e cumplicidade com aquele ser a se constituir. É nesse sentido que falamos em efeitos da fala da criança sobre o adulto, trata-se de como a fala do infans toca o adulto de formas tão diversas.

**A FALA DA CRIANÇA E SEUS EFEITOS SOBRE O INTERLOCUTOR:
UM OBSERVATÓRIO NATURAL**

Rosa Attié Figueira. (UNICAMP)

rosattie@yahoo.com.br

Nesta comunicação selecionamos três peças de escritores de língua portuguesa, nas quais a criança pequena comparece como personagem, exibindo em sua fala particularidades de forma e estrutura linguística, em bem apañadas ocorrências de neologismos e construções divergentes. Tais produções levam a indagar sobre os efeitos da fala divergente da criança sobre o adulto, efeitos que variam do previsível ao insólito, do cômico ao desconcertante, do curioso ao poético. O contraponto de tal material com dados oriundos da pesquisa oficial na área de Aquisição de Linguagem, domínio da investigação científica para o qual temos contribuído com várias publicações (por ex. FIGUEIRA 1991, 1996, 1995, 2001, 2006 etc.), levam-nos a considerar a representação que o observador comum faz da criança em seu processo de aquisição da língua materna. Levam-nos também a ter em conta episódios de fala recolhidos, a título de curiosidade, por familiares das crianças, muitas vezes publicados em revistas e jornais, à guisa de entretenimento, configurando-se, pelo menos parcialmente, num observatório natural da linguagem na infância.

**A FÉ MOVE MILHÕES:
A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A MERCANTILIZAÇÃO DA RELIGIÃO**

Derli Machado de Oliveira (UFRN)
derli_machado@hotmail.com

Este trabalho investigou o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, elaborado a partir da análise do "testemunho" de fiéis dessa Igreja, veiculado na seção Superação do Jornal Folha Universal. O eixo central das discussões desta pesquisa se situa na noção de mudanças nas práticas discursivas, proposta por Fairclough (2001), segundo a qual algumas atividades sociais como a educação, médica, e religião, estão sendo invadidas por práticas de "mercado". Assim, elas estão cada vez mais pressionadas para que se envolvam com novas atividades que são determinadas em grande parte por novas práticas discursivas (como marketing). Utilizando-se como suporte teórico e metodológico a Análise Crítica do Discurso, por meio do conceito de commodificação (FAIRCLOUGH, 2001), focalizamos, neste trabalho, as mudanças no domínio discursivo religioso, sua constituição na heterogeneidade pós-moderna, e a forma como outros gêneros, especialmente o da publicidade (na mídia), tem moldado seu estilo e identidade. Estes "novos conceitos" estão sendo propagados através da utilização massiva que fazem das mídias; televisão, jornal, revista, rádio, internet entre outros meios. Os resultados apontam para a indicação de que o uso da nova configuração do testemunho atende não só às demandas espirituais, como também às exigências de mercado, estimulada que está pela cultura do consumo propagada pela mídia. Usam o testemunho como mais um recurso para seus interesses, utilizando as massas como fonte de consumo, audiência, manipulação, sujeição e exploração.

A "FEMME FATALE" EM "TARDE", DE OLAVO BILAC

Armando Rabelo Soares Neto (UERJ)
armandorabelo_soares@hotmail.com

Ao longo dos livros que compõem "Poesias", obra do renomado autor brasileiro Olavo Bilac, percebe-se que, em diversos momentos, o citado poeta recorrerá à temática da mulher fatal, figura muito cara aos diversos movimentos que vigoravam no final do século XIX. Entretanto, é no livro "Tarde" que Bilac consagrará a sua "femme fatale", a revestindo de uma ancestral postura mitológica. Julga-se necessário, portanto, investigar as relações entre mito e literatura presentes em "Tarde", procurando assim demonstrar o cotejo entre a mitologia e a literatura na criação poética das mulheres fatais bilaquianas, assim como analisar os traços femininos apresentados pelo poeta neste livro.

A FORMAÇÃO DO LÉXICO ROMÂNICO E O MITO DA ORIGEM HÍBRIDA DO INGLÊS

Miguel Afonso Linhares (IFRR)
afonsolinhaires@hotmail.com

O léxico das línguas românicas caracteriza-se por estar formado de várias camadas de palavras latinas, diferentes segundo o âmbito de uso e o modo de transmissão. Trata-se da diferença entre as chamadas palavras populares, semicultas e cultas, que apresentam metaplasmos característicos em cada língua românica. Neste artigo repassa-se a formação do léxico românico a partir do glossário de Reichenau como modo de analisar a questão da origem híbrida do inglês. De fato, costuma-se dizer que mais da metade do léxico da língua inglesa tem origem latina. No entanto, analisando os metaplasmos deste léxico latino, percebe-se que tem, na verdade, origem majoritariamente francesa, isto é, românica, não latina. Assim, o discurso da origem latino-germânica do inglês configura-se como mito que visa distanciar a língua e a cultura inglesas de suas raízes teutônicas.

**A FREQUÊNCIA DA GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM AGORA
INFLUENCIADA POR ARTICULADORES**

Elane Calmon Silva (UFMG)
calmonliterat@yahoo.com.br

Apresentarei o item *agora* que tradicionalmente tem referência temporal (advérbio de tempo), mostrando que ele perde o valor de acontecimento cronológico e passa a ser um valor dêitico que irá pontuar no discurso o que está para ser dito, ou o que já foi dito, ou seja, ele é orientador para nova referência argumentativa do texto. De acordo

com Poggio (2002), a língua está sujeita à dimensão do tempo, evidenciada pela mudança de sua estrutura, forma e significado e, enquanto todas as suas categorias progridem, algumas carregam os sinais de mudanças mais do que outras. Assim, as preposições espaciais, que marcam os adjuntos adverbiais, constituem um produto de evolução do material linguístico, e, como tal, os sinais de sua história são manifestados em sua forma e significado em qualquer ponto sincrônico. Acredito que o item agora, morfema linguístico temporal, aqui estudado sob a perspectiva diacrônica, seja um exemplo dessa mudança. Encontrei dados importantes para o andamento que me levaram a perceber que, mesmo quando o agora apresenta 'concorrentes', vê-se que ele ainda tem uma grande força na sentença. Podemos perceber que o item 'velho' agora advérbio, que esperávamos diminuir a frequência em relação ao tempo, pelo contrário, aumentou. Para tentarmos entender o que ocasionou esse aumento, analisamos a ocorrência do item já, paráfrase do agora 1, que, como este, também aparece como indicador de tempo presente, passado e futuro e como marcador discursivo ou partícula de realce. Chegamos à conclusão de que esse item inovador, agora como articulador adversativo, passa pelo processo de Gramaticalização, mas não aumenta a frequência porque concorre com diversos outros articuladores, principalmente com o *mas*, que passa, também por um processo de gramaticalização: de conector adversativo, recebe, também o valor de marcador discursivo.

A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO EM OURO, INCENSO E MIRRA, DE ALÍPIO MENDES

Geysa Silva (UFJF)
silva.geysa20@gmail.com

Ouro, Incenso e Mirra, de Alípio Mendes, trata de textos tão variados quanto os presentes que os reis magos ofereceram ao Menino Deus. Nele se encontram lendas, fatos históricos, resumos biográficos, descrições de festas populares etc., numa tomada panorâmica do que o autor considerou importante para Angra dos Reis. A essa heterogeneidade de discursos corresponde uma diversidade também na metodologia da pesquisa, que vai do exame de fontes primárias a simples depoimentos cujo conteúdo não pode ser comprovado. O liame entre as várias narrativas se faz pelo topos de referência que é único e pela posição que o locutor ocupa na cena enunciativa.

A ICONICIDADE LEXICAL E A NOÇÃO DE "VER COMO"

Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins (UERJ)
anapoltronieri@hotmail.com
Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)
darciliasimoes@gmail.com

A iconicidade é, na maioria das vezes, vista como aquilo que identifica por semelhança o signo com a coisa, o "denotatum". Os livros mostram inúmeros exemplos de ícones que corroboram essa afirmação, tais como um desenho de um animal ou um mapa geográfico. Entretanto, quando passamos para o âmbito da linguagem verbal, essa afirmação elementar nos parece ingênua, exceto em casos nos quais a língua representa os sons onomatopaicos. Mas, se defendemos a iconicidade na língua verbal, de que natureza é esta iconicidade? A fim de responder essa questão, partimos do pressuposto que a noção de iconicidade na linguagem verbal passa pela noção de "ver como" (RICO-EUR, 1975/2005), que desvincilha o significante da semelhança, ou seja, o "ver isto", mas o liga, pelo ato de leitura e imaginação, a um processo pelo qual o item lexical será um "ver isto como".

A ICONICIDADE LEXICAL NA VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA NACIONAL EM LETRAS DE MÚSICA BRASILEIRA

Marilza Maia de Souza de Paiva (UERJ)
marilza.maia@gmail.com

Tomamos a letra de música brasileira como um gênero textual, de importante valor literário, que possibilita a demonstração da heterogeneidade linguística como fator de riqueza da língua e a consequente valorização da língua nacional. Com base na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009), trabalhamos com o levantamento e a classificação dos itens léxicos, segundo as categorias da tríade peirciana ícone, índice e símbolo, como definidores de um espaço sociocultural. Assim sendo, a estrutura linguística das letras de música aliada ao contexto social, abrangendo o histórico e o cultural, permite compreender a dinâmica e a heterogeneidade da língua em uso.

A ILUSTRE CASA DE RAMIRES: ANÁLISE DE VARIANTES (1895 - 1900)

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ)
profandermarins@hotmail.com

A Ilustre Casa de Ramires, como é notório, trata-se de uma obra que Eça de Queirós não chegou a ver publicada, razão pela qual se costuma designá-la como semipóstuma. Considerado, inquestionavelmente, um dos seus romances mais importantes, reflexo de muito trabalho e almejo pela perfeição, características peculiares da escrita queirosiana, nele existem diferenças significativas entre as versões da revista *A Arte* (1895) e da *Revista Moderna* (1900). Quanto à primeira sabe-se que Eça de Queirós colaborou com um fragmento d'A Ilustre Casa de Ramires no primeiro número da revista. Ele ocupa metade da página 9 e toda a página 10 do número 1 (1895). No que tange à versão da segunda -1900 - sabe-se que foi publicada no Porto pela Livraria Chardron de Lello & Irmãos, sucessores de Lugan & Geneliox, os editores de Eça. O texto, composto por 543 páginas, aparece dividido em XII capítulos de tamanho desigual, oscila entre as 86 páginas do capítulo V e as 24 do capítulo XII, sendo a extensão mais frequente de umas 45 a 49 páginas. As diferenças consideradas mais importantes que apresenta *A Arte* em relação à *Revista Moderna* situam-se em três níveis: substituições antroponímicas e toponímicas, inexistência do passeio ao jardim na quinta entre o encontro no quarto de André e o almoço na sala de jantar. Sendo assim, o presente estudo busca expor as transformações por que a obra passou e que nela se foram consolidando ao longo do tempo, resultado das sucessivas versões a que foi submetida.

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO DOS MOCAMBOS
PARA A RECIFE DOS ANOS 1930 E 1940**

Jacqueline de Cássia Pinheiro (UNIGRANRIO)
jpineiro@unigranrio.com.br

A intenção deste trabalho é estudar a história dos Mocambos do Recife durante os anos de 1930 e 1940, através da dimensão de seu termo. Autores mostram que a palavra mocambo, embora há muito estudada, revela em suas significações uma grande diversidade já que seu sentido é manipulado conforme as visões que recebe ao longo do tempo. A palavra mocambo, além de associada ao quilombo, como mostrou Gilberto Freyre, representando local de esconderijo e resistência dos escravos, também é associada ao local destinado aos negros, aos marginalizados socialmente, à sua dimensão ecológica, às atividades agrícolas, à insalubridade e ao atraso cultural, sendo inclusive, comparados às favelas da cidade do Rio de Janeiro à época do estudo em questão. Relacionada muitas vezes ao mocambo, as favelas do Rio eram, também, consideradas vergonha nacional, lugar da malandragem e de moradia do negro, considerado como "raça inferior". Neste sentido, a intenção aqui é determinar a origem, o significado e a forma que o termo mocambos fora empregado, analisando-o no contexto em que apareceu como objeto de um debate político intenso desde o final do século XIX, envolvendo políticos, engenheiros, urbanistas, artistas, intelectuais, bem como toda a população do Recife.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Vagner Aparecido de Moura (PUC/SP)
moura_vagner@ig.com.br

Ler não é apenas decodificar os símbolos gráficos, mas também interpretar o mundo em que vivemos, visto que o ato de ler representa, para o leitor em potencial, a ponte entre o mundo linguístico e o real, deste modo, possibilitando-lhe desenvolver a sua capacidade simbólica de interagir com o outro pela manifestação da palavra e sua percepção que o contato do leitor com um texto, em virtude da associação das informações lidas por ele ao seu conhecimento de mundo, armazenados em seu cérebro em forma de frames, estão envolvidas questões culturais, políticas, históricas e sociais no ato de decodificar os lexemas impressos nas páginas de um jornal, na tela de um computador, livro etc. Partindo dessa premissa, surgiram as seguintes inquietações: interpretar o mundo e desnudá-lo por meio das palavras será que é um ato prazeroso para os discentes?; será que escola propicia as condições necessárias para desenvolver o prazer do ato de ler?; em que condições são desenvolvidas a prática de leitura na escola contemporânea? Essas inquietações nos impeliram a definir a seguinte questão: Qual a importância da leitura nas instituições brasileiras contemporâneas? partindo desta questão, pretendemos, no presente artigo, com base no embasamento teórico Jouve (2002), Freire (1993), Novoa (1995), Schön (1995), Bresson (1996), Possenti (1999), abordar a concepção e os processos de leitura; o papel do leitor (discente) e do docente em relação à prática de leitura; discutir a

crise que envolve a formação do professor de ensino básico, e tratar da necessidade de uma política nacional que favoreça aos professores, no que diz respeito à habilidade de integrar formação acadêmica e prática escolar.

**A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAS EM ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM
NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRA**

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)
professorvilaca@gmail.com

Este trabalho discute diferentes contribuições de pesquisas em estratégias de aprendizagem para o ensino de línguas estrangeiras. Será apresentado um breve panorama de pesquisas área (VILAÇA, 2010), salientando contribuições para práticas pedagógicas decorrentes de pesquisas sobre o uso e o ensino de estratégias. São consideradas também as possibilidade de ensino de estratégias de aprendizagem como forma de instrumentalização do aluno para "aprender a aprender" línguas (OXFORD, 1990 e 2001; COHEN, 1998, CHAMOT, 2005). Os estudos envolvendo estratégias de aprendizagem estão normalmente associados aos seguintes fatores: 1) estudo e descrição do bom aluno de línguas; 2) a formação de um aluno autônomo; 3) pesquisa centrada no aluno; 4) ensino ou treinamento de estratégias. Este trabalho aborda o tema com foco em perspectivas de estudo e pesquisas em Linguística Aplicada e Educação.

**A IMPORTÂNCIA DO PARATEXTO NA EDIÇÃO DO TEXTO TEATRAL
VEGETAL VIGIADO, DE NIVALDA COSTA**

Débora de Souza (UFBA)
deboras_23@yahoo.com.br

No processo de investigação, interpretação e estabelecimento do texto busca-se conhecer todo o conjunto de testemunhos de uma obra assim como todos os elementos referentes àquela, ou seja, tudo que tem relação, explícita ou implícita, com o objeto estudado. Nesse sentido, propõe-se, neste trabalho, tratar da importância de materiais que se constituem em elementos paratextuais no trabalho de transcrição e edição do texto teatral *Vegetal Vigiado*, da dramaturga Nivalda Costa, produzido e censurado na época da ditadura militar, na Bahia. Observa-se, desse modo, em um trabalho que se propõe interpretativo, a grande contribuição desse vasto campo da paratextualidade em que se abordam todos os materiais que cercam o texto.

**A INÉRCIA EM QUE SE ENCONTRA O ENSINO TRADICIONAL DE LÍNGUA
ATUANDO NA PROPOSTA DO APOSTILADO DO SISTEMA POSITIVO
(ENSINO MÉDIO) PARA A GRAMÁTICA**

Sílvio Ribeiro da Silva (UFG/CAJ)
shivonda@gmail.com
Sebastião Carlúcio Alves Filho (UFG/CAJ)
cbastian2@gmail.com

Com este estudo, pretendemos fazer uma reflexão acerca da abordagem dada ao ensino de gramática pelo apostilado do Sistema Positivo no Ensino Médio. Através da análise quantitativa e qualitativa dos dados, intencionamos comprovar se o que material didático apresenta perpetua o desenvolvimento de atividades de gramática já cristalizada nos manuais de gramática tradicional ou direciona a abordagem focando para um ensino voltado àquilo que propõe a Análise Linguística (AL). Constituem o corpus de análise 02 volumes do apostilado (3 e 4 do 1º ano). Para análise dos dados, usamos os procedimentos metodológicos da Linguística Aplicada (LA) de base transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), trazendo para o trabalho contribuições de outras áreas, as quais podem colaborar com o entendimento do fenômeno estudado. Dentro dessa perspectiva transdisciplinar, faremos uso das considerações do físico Isaac Newton, quando este, para explicar vários comportamentos relativos ao movimento de objetos físicos, elaborou três leis, conhecidas como Leis de Newton (1687). Levando em conta que o ensino de gramática está estagnado, passando por um longo período de inércia (1ª Lei de Newton), e que a proposta da AL é como uma força externa que pretende tirá-lo desse estado, objetivamos mostrar se o tratamento dado pelo apostilado para este objeto de ensino vem exercer força contrária (3ª Lei de Newton), suficientemente capaz de modificar o caminho pelo qual esse ensino vem passando. Justifica o trabalho o fato de esse tipo de material didático não passar por nenhum tipo de avaliação antes de ser adotado pelas escolas, diferente do que acontece com os livros didáticos distribuídos gratuitamente pelo

Governo Federal. Utilizaremos como referência para a análise quantitativa as rubricas propostas pelo Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio/2009, apresentadas no módulo "Metodologia do ensino".

A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Tays Angélica Rezende (UFJF)
trezende85@hotmail.com

Hoje, sabe-se muito mais sobre as relações entre oralidade e escrita do que há algumas décadas. No entanto, percebemos que as teorias sobre essas relações, encontram-se fragmentadas ao serem analisadas no campo da prática. Assim, esse estudo tem como objetivo analisar as marcas da oralidade presentes em produções textuais escritas por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, do Colégio de Aplicação João XXIII, da cidade de Juiz de Fora, contribuindo para um melhor conhecimento dos usos da língua. Para a concretização desse trabalho, acompanhou-se a rotina de dois professores de Língua Portuguesa durante o ano letivo de 2009. Dessa forma, foram coletadas cerca de sessenta produções textuais realizadas pelos alunos; sendo esse material a base do nosso estudo. O propósito é observar quais características de oralidade são mais empregadas no texto escrito desses alunos e a partir dessas observações, busca-se destacar a importância do professor de língua portuguesa ao trabalhar com atividades relacionadas à língua oral e a escrita. Tem-se como apoio teórico as visões de Luiz Antônio Marcuschi (2008), Eric Havelock (1976), Harvey Graff (1995), Jânia Ramos (1997) sobre oralidade, escrita e linguagem. Além disso, realizou-se uma revisão literária dos PCNs de língua portuguesa de 2ª a 4ª série (ensino fundamental) com o objetivo de analisar as propostas oferecidas por eles em relação a oralidade e escrita. Concluímos que os escritos dessas crianças apresentavam alguns traços da oralidade, tais como, repetição de palavras, marcadores conversacionais e erros ortográficos relacionados à fala, não correspondendo a proposta dos PCNs, de que a escrita não deve ser o espelho da fala. Portanto, para reverter essa situação o professor deverá propor atividades em que se trabalhem as diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita.

A INSTABILIDADE DE CLASSE NO PORTUGUÊS

Vítor de Moura Vivas UFRJ
vitorvivas@yahoo.com.br

Barrenechea (1963) criou a classe verboide para dar conta das formas nominais, percebeu que as formas nominais funcionavam como mais de uma classe ao mesmo tempo. Assim, mostrou autora que o gerúndio funcionava como advérbio e verbo; o infinitivo como substantivo e verbo; e o particípio, como verbo e adjetivo. Pretendemos, neste trabalho, demonstrar que, mais que ter características de duas classes, as formas nominais possuem uma instabilidade de classe. O particípio passado, por exemplo, pode ser categorizado como substantivo, como adjetivo e como verbo no português a depender do contexto frásico em que se encontra: A menina foi cantada pelo rapaz. A cantada dele foi muito boa. A menina cantada ficou muito contente. Objetivamos fornecer fundamentos cognitivos para essa instabilidade de classe. Para isso, utilizaremos o aporte teórico de Langacker (1987). Defendemos a hipótese de que a classificação instável das formas nominais no português se devem aos diversos modos de conceptualizar uma cena. Ao ser classificada como substantivo, a forma nominal é conceptualizada como coisa; ao ser classificada como verbo, é conceptualizada como processo. Já na categorização como adjetivo, ocorre a conceptualização como relação estativa (cf. LANGACKER, 1987). Com este trabalho, pretendemos reforçar uma premissa fundamental da Linguística Cognitiva: a motivação conceptual da gramática.

A INTERDISCURSIVIDADE SEMIÓTICA DE MILLÔR FERNANDES EM FÁBULAS FABULOSAS

Elmar de Aquino Rosa

O presente trabalho visa a fazer uma análise das interpretações possíveis para a adaptação do mito de Eros e Psychê, por Millôr Fernandes, com base no estudo dos gêneros textuais e da sociointeratividade de Marcuschi (2008), combinados com a teoria semiótica de Charles Sanders Peirce (2005), além dos trabalhos acerca da iconicidade verbal (SIMÕES, 2007, 2009), da intertextualidade e da interdiscursividade. Verificam-se, ainda, os estudos do método e do ponto de vista (DEELY, 1990).

A INTERFACE SEMÂNTICA-MORFOFONOLOGIA: A ANÁLISE DA HIPOCORIZAÇÃO

Hayla Thami da Silva (UFRJ)
haylathami@yahoo.com.br

Nesta apresentação, visamos a (a) propor relações entre teorias formalistas, mais especificamente a Morfologia Prosódica (McCARTHY & PRINCE, 1986) e a teoria das Construções Gramaticais (GOLDBERG, 1995, 2006); e (b) apresentar uma proposta de análise para a hipocorização, processo não concatenativo de formação de palavras que pressupõe a redução de nomes, como em 'Cristina' > 'Cris' e 'Murilo' > 'Lilo'. A Gramática das Construções (GC) é um modelo teórico que ressalta a noção de que unidades básicas da linguagem são construções gramaticais sempre que há uma relação entre forma e significado, estritamente previsível e regular na língua. Tal relação é baseada no uso e pode ocorrer em qualquer nível da gramática, como bem observou Goldberg (2006). No entanto, a proposta de Goldberg traz à tona aspectos relativos à identidade entre forma e sentido, sem que, para isso, sejam analisadas questões de caráter formal que estão associadas a processos de formação não lineares, como é o caso da hipocorização. Nesse sentido, se, por um lado, a CG estrutura unidades básicas de linguagem através da relação forma-significado; por outro, ela não se atém às operações morfofonológicas que atuam no pólo formal. Com o objetivo de mostrar, então, a partir da interface entre a teoria das Construções Gramaticais e a Morfologia Prosódica a relação de complementariedade entre essas teorias, analisamos um processo de morfologia subtrativa - a hipocorização, evidenciando, assim, a relação entre forma-significado e ratificando que processos de formação de palavras considerados "subsidiários" (LIMA, 2003) não só são unidades significativas de linguagem como também apresentam uma estrutura formal previsível na língua.

A INTERNET E O ENSINO DE ESPANHOL PARA ALUNOS BRASILEIROS

Beatriz Pereira da Silva (UFPA)
bia-letras@hotmail.com

Pelo fato da língua espanhola ter semelhanças com o português algumas pessoas acreditam que não seja necessário estudá-la seriamente. Essas pessoas costumam fazer uma tentativa dramática na hora de se comunicar, geralmente através do que se costuma chamar de "portunhol". A procura pelo ensino do espanhol cresce a cada dia e os cursos focam cada vez mais no desenvolvimento conversacional. A produção oral de estudantes de língua espanhola, conforme as observações realizadas e os diversos autores citados, se realiza mediante a cooperação entre os seus falantes e o uso de estratégias que possam garantir a interação. Em estágios de aquisição e aprendizagem de espanhol, observou-se que um dos recursos utilizados pelos alunos para obter sucesso nas situações de interação é o uso da internet, por sugestão ou não dos professores. Essas ferramentas são de grande valia no desenvolvimento dos alunos por (algumas) já fazerem parte do cotidiano dos alunos, por serem fáceis de acessar e possibilitarem o contato com falantes nativos e/ou outros grupos de estudantes. As ferramentas citadas neste trabalho são utilizadas pelos professores e alunos observados no estudo de caso para o desenvolvimento comunicativo da língua espanhola. Muitas delas se tornaram ferramentas pedagógicas por acaso e outras não foram listadas como exemplo por não desenvolverem na prática do ensino de E/LE a função comunicativa da maneira idealizada pelos educadores no contexto educacional, ou por apresentarem difícil acesso aos alunos. Com o resultado deste trabalho pretende-se não só divulgar a internet como ferramenta no ensino de espanhol, mas auxiliar a escolha entre os recursos disponíveis na web, que melhor se adapte aos estudos e ao desenvolvimento de estratégias que contribuam para que os alunos tenham uma maior competência linguística e conversacional.

A INVENÇÃO DAS LÍNGUAS: UMA REVISÃO DE CONCEITOS

Pierre François Georges Guisan (UFRJ)
pierreagu@uol.com.br

Pretende-se abordar a questão da ambiguidade do conceito de língua e de fronteira linguística, através, de um lado, da revisão da história das línguas ditas nacionais e, do outro, do exame de categorias estabelecidas como as das línguas crioulas. Com efeito, os estudos da crioulística nos parecem contribuir de forma essencial para entendermos melhor a mudança linguística e para que se consolide uma visão crítica do papel desenvolvido pelos contatos entre as línguas na mudança linguística, assim como na consagração de determinadas variantes como as chamadas línguas "standard". Destacaremos também o papel da gramatização e da ambiguidade das relações que se estabelecem entre as modalidades orais e escritas no processo de criação de uma língua.

A LEITURA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
mtgpereira@yahoo.com.br

Os alunos da EJA devem ser estimulados a lidar com o texto literário e não se retraírem, sentindo-se despreparados para compreendê-lo, aproveitando a riqueza lúdica e cultural que oferece. É necessário que percebam que é um texto que não responde, mas interroga, cuja "pretensa" obscuridade desafia a busca de diferentes sentidos, que desperta para leituras polissêmicas, buscando as múltiplas possibilidades da palavra literária. Os alunos precisam entender a liberdade do pensamento a que pode conduzir a literatura ao tratar de tudo o que diz respeito ao gênero humano: paixão, amor, ódio, justiça, solidariedade etc. E, depois, aprender a dialogar com outros textos, contemporâneos ou passados, nacionais ou estrangeiros. A estética da leitura estará devidamente contemplada pelo texto literário. O professor deve preparar o caminho. Abstendo-se dessas ações, jamais conseguirá que seu aluno as materialize.

**A LEXICOGRAFIA NAS POESIAS DO POETA MANUEL BANDEIRA
E SEUS CAMPOS SEMÂNTICOS**

Luci Mary Melo Leon (UERJ)
lmery@uol.com.br

A partir dos campos semânticos predominantes, observamos que a obra de Bandeira privilegia a religião, a morte e os sentimentos. Palavras como tristeza e dor são frequentes em seus poemas, comprovando os temas que mais acompanharam o poeta em todo seu caminho. Por isso, no livro *Estrela da Tarde*, escreveu as seguintes poesias: Preparação para a morte, Vontade de morrer e Canção para a minha morte. Outro campo semântico que se destaca em suas poesias é a religião, já que o poeta escreveu sobre várias santas: Oração a Santa Teresa e A Virgem Maria. Porém, nem sempre em sua obra existe somente sofrimento, pois as palavras que mais aparecem em seus poemas são vida, sol e amor. Percebemos, assim, que o texto é a ferramenta principal para toda pesquisa lexical. Diante disso, elegemos Bandeira por ser um grande criador, que permite ao leitor interpretar o estilo e os alumbramentos do poeta.

A LÍNGUA ESPANHOLA NO CONTEXTO DAS COMUNIDADES VIRTUAIS

Fernanda Orphão Corrêa de Lima (UERJ)
Cristina Vergnano Junger (UERJ)
fernanda.orphao@gmail.com

A rede social 'Orkut' proporciona aos seus usuários a liberdade necessária para expressar suas opiniões sem estarem necessariamente atrelados às regras gramaticais. Nesse ambiente linguístico, há influência da modalidade oral da língua na escrita, além da própria influência da organização dos textos virtuais e da presença de adequações vocabulares relativas ao tema discutido. O falante escreve evidenciando os pontos e regras que acredita serem importantes na língua, o que nos oferece amostras para analisar as diferenças entre a dita língua culta e a língua que efetivamente é usada. A partir da observação dos tópicos de uma comunidade virtual da rede social 'Orkut', buscamos analisar as diferentes maneiras de escrever de falantes nativos do espanhol, comparando essas manifestações com a visão de norma culta da Língua Espanhola. Para estudar a caracterização da linguagem em gêneros virtuais, assim como a diferença entre linguagem escrita e falada, nos baseamos nos estudos sobre a coerência no hipertexto e sobre registro oral e escrito e a língua na internet.

A LÍNGUA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI NUMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Jefferson Lucena dos Santos (IP-PUC/SP)
jefflucenas@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo historiográfico do Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa, que narra a fundação da Vila de São Vicente e Piratininga e os descobrimentos do Rio de Janeiro, do Rio da Prata e da Ilha de Fernando de Noronha. A fundamentação teórica segue os princípios da Historiografia Linguística que visa descrever e explicar como o conhecimento linguístico foi adquirido, produzido e desenvolvido através do tempo. Assim, o Diário da Navegação é reconstituído dentro do cenário do século XVI e apresentado à luz da

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

gramática de João de Barros e da gramática de Evanildo Bechara. Lopes, filho de família nobre, parte com o irmão Martim Afonso de Sousa, fundador da Vila de São Vicente, em missão ordenada pelo rei Dom João III de Portugal para explorar terras brasileiras. Nessa missão, compartilha com o seu diário de bordo os deslumbramentos pela nova terra, descrevendo fatos num período em que a sistematização da língua estava por acontecer. No Diário da Navegação, detectamos a riqueza das orações adjetivas, levando-nos a pressupor ser uma característica da época. O número de orações adjetivas é maior que o de adjetivos. Certamente, o raríssimo uso de adjetivos seja uma característica ou uma forma de o escritor demonstrar um grau de objetividade superior à subjetividade.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM JUIZ DE FORA NO SÉCULO XIX: A HISTÓRIA SOCIAL

Milena Lepsch da Costa (UFJF)
milenalepsch@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo fundamental analisar a história social da língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX, delimitando em que medida a compreensão da heterogeneidade social permite desvelar processos de heterogeneidade linguística. A pesquisa está pautada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2001, 2008) e busca detalhar a história social de Juiz de Fora – e, conseqüentemente, da Zona da Mata Mineira, procurando fornecer as bases necessárias para a análise de processos de variação e mudança linguística durante o período. Busca-se, nesse sentido, traçar o processo de expansão de Juiz de Fora, com ênfase no aumento substancial de sua população durante o século XIX e, conseqüentemente, nos contatos linguísticos que se processaram. A intenção primordial é, pois, mostrar que o estudo da história social de Juiz de Fora e, por conseguinte, da Zona da Mata Mineira pode contribuir para que possamos entender melhor a constituição sócio-histórica do dialeto mineiro.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM JUIZ DE FORA NO SÉCULO XIX: MUDANÇAS FÔNICAS

Juliana Mello Cabral UFJF
jubsmel@gmail.com
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

De acordo com Zágari *et alii* (1977), a língua portuguesa em Minas Gerais é constituída por três falares - falar baiano, falar mineiro e falar paulista - que possuem particularidades fonéticas e morfossintáticas. Baseando-se nesta classificação, este trabalho tem como objetivo fundamental analisar o falar mineiro, que caracteriza, no Estado, as regiões da Zona da Mata e Vertentes. Buscaremos, pois, delimitar em que medida, durante o século XIX, a presença expressiva de escravos em Juiz de Fora - maior cidade da Zona da Mata Mineira - teria atuado como propulsora de processos de mudança fônica. Com base no aporte teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001, 2008), a nossa intenção, portanto, é analisar as especificidades fonéticas levantadas para essa variedade linguística, demonstrando que muitos dos aspectos que caracterizam o falar mineiro atual já estavam presentes em documentos do século XIX. Conforme iremos demonstrar, a língua portuguesa falada em Juiz de Fora no século XIX, em virtude de um longo e estrito contato com línguas africanas, teria sofrido alterações em seu padrão de uso, levando, no campo fonético, ao alteamento da vogal pretônica, à monotongação de ditongo e à ditongação diante de sibilante.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM JUIZ DE FORA NO SÉCULO XIX: CONTATOS LINGUÍSTICOS

Pryncia Martha Silva Duarte Calegário (UFJF)
pryncia_duarte@hotmail.com
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2001, 2008) tem se dedicado sistematicamente à análise de processos de variação e mudança linguística. Sob essa perspectiva, Kroch (1994, 2001) reforça que situações de contato linguístico atuam como propulsoras de processos de mudança na língua. Baseando-nos em tal aporte teórico, buscaremos, neste trabalho, discutir em que medida situações de contato linguístico que ocorreram em Juiz de Fora, durante o século XIX, teriam sido as grandes responsáveis pela ocorrência de processos linguísticos de variação e mudança, já que a cidade vivenciou, no período, um crescimento bastante expressivo em sua população. Nesse cená-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

rio, teriam concorrido para o aumento populacional intensos processos de migração e de imigração, ocorridos a partir da presença de migrantes vindos das regiões auríferas, de um grande contingente de escravos e de um significativo número de imigrantes alemães e italianos.

A LINGUAGEM ANÁRQUICA DE ROLAND BARTHES EM DOIS MOMENTOS: AULA E O GRAU ZERO DA ESCRITURA

Regina Céli Alves da Silva (UERJ)
reginaceli@click21.com.br

Os olhos de Barthes eram inquietos. Em constante movimentação, suas retinas acompanhavam saberes, procurando, com a ampliação de seu campo ótico, construir uma lente teórico-crítica grande angular. Em A aventura semiológica (conferência pronunciada na Itália e publicada no *Le Monde* em 1974), disse que a semiologia para ele era uma aventura e avaliou a pesquisa semiológica sob dois aspectos: o interrogar-se sobre o lugar de onde se fala - lugar sem segurança da ciência -; atacar não mais apenas a consciência pequeno-burguesa, mas o sistema simbólico e semântico da civilização ocidental. Foi com consciência da não segurança do lugar de onde falava e investindo na fissura do sentido que Roland Barthes, na última década em que viveu (morreu em 1980), orientou a trajetória de suas investigações, deixando uma herança teórico-crítica para as décadas posteriores. Por isso mesmo, o trabalho que propomos tem como objetivo fundamental situar alguns momentos de sua pesquisa, aqueles que se encontram em *Aula* (1978) e em *O grau zero da escritura* (1953), de forma que se possa observar em seus escritos uma conduta metodológica e crítica anárquica. Para isso, adotar-se-á o fragmento como recurso de exposição, uma vez que esse procedimento encontra correspondência na prática discursiva do semiólogo, reforçando o vínculo de seu método e de suas reflexões com o anarquismo.

A LINGUAGEM FANTÁSTICA – UMA EXPERIÊNCIA DE LIMITES

Cristina Maria Teixeira Martinho (USS)
cristina.martinho@uss.br

A narrativa fantástica, visando a chocar o destinatário da enunciação, constrói um universo em que a coerência do discurso é rompida de forma agressiva e contundente, engendrando as mais diversificadas situações. Apesar de proceder de um modo a escamotear os dados construtores da verossimilhança da narrativa, o fantástico procura articular uma credibilidade aparente com os fatos, marcando, parodiando e subvertendo a lógica racional. O estudo de momentos significativos da literatura fantástica, em relação às manifestações culturais, estéticas, histórico-políticas, contribui para o desenvolvimento dos questionamentos ideológicos e culturais. A complexidade desta forma de linguagem literária, bem como a riqueza oferecida por suas conexões, medeia a experiência da identidade pessoal e cultural. Nos seus limites, atraído e liberado pela imaginação, o ser humano pode observar com mais riqueza, o fascinante jogo de contrários entre o *mythos* e o *logos* na postura cotidiana. É na linguagem racional e objetiva que a presença do mistério transparece, e o insólito da força mitopoética ganha criativos jogos de linguagem. A linguagem fantástica não segue os parâmetros do código da normatividade; antes rompe as cadeias normais do pensamento, quando o imaginário elege outra natureza, repleta de significações diferentes, que referencia e manifesta o inconsciente, o lugar do não dito.

A LINGÜÍSTICA COGNITIVA E SUA HIPÓTESE DE CORPORIFICAÇÃO DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DE CABEÇA

Rosângela Gomes Ferreira (UFRJ)
gfrosangela@ig.com.br

O objetivo deste trabalho é analisar as formações lexicais em língua portuguesa em que o item "cabeça" se insere, como cabeça-chata, cabeça de vento, sem pé nem cabeça, cabeça fria, cada cabeça uma sentença etc. A análise é baseada na Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987, 1991; SOARES DA SILVA, 2006; SWEETSER, 1999; 2004 e CROFT & CRUSE, 2004), mais especificamente, na Hipótese de Corporificação da mente e nas noções de frame (FILLMORE, 1982) ou domínio (LANGACKER, 1987) para o tratamento da polissemia e produtividade da palavra "cabeça". O objetivo da pesquisa é descrever a polissemia e a produtividade do item em questão, que está dividida em três abordagens: a primeira, as metáforas e metonímias que permitem o processo de extensão do significado. A segunda, o domínio ou frame da palavra "cabeça", e, a terceira e última, a análise composicio-

nal das formações de que o item cabeça faz parte, com enfoque na modificação adjetival (SWEETSER, 2004). A análise dispõe, além da descrição proposta acima e da revisão bibliográfica sobre o estudo da polissemia, o resultado da aplicação de dois testes. O teste 1 teve como objetivo é comprovar que o elemento favorecedor para a multiplicidade de sentidos de uma palavra é a sua complexidade dominial e a presença de domínios básicos. O teste 2, por sua vez, propôs-se a atestar que o falante é capaz de construir formações lexicais com "cabeça" que possam estar relacionadas aos esquemas imagéticos e MCIs que envolvem essa palavra.

**A LINGUÍSTICA E O ENSINO DO PORTUGUÊS:
INSTRUMENTOS PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Patrícia Ribeiro de Andrade (UNEB)
patricia_campus5@yahoo.com.br

A discussão aqui proposta é fruto de vários questionamentos advindos de uma longa vivência com a educação, os quais apontam alguns caminhos na busca do aprimoramento do ensino do português, tanto nos cursos de formação de professores, quanto na formação inicial. São frutos dessa reflexão perguntas, como: de que modo o conhecimento propiciado pelas pesquisas linguísticas pode ser revertido em instrumentos de ensino de língua materna? Existe, de fato, uma clara concepção de língua norteando a prática dos professores dos níveis fundamental e médio? Por que, ainda hoje, as proposições da Linguística não têm conseguindo neutralizar as forças da tradição gramatical, no que diz respeito à preponderância do ensino de metalinguagem? E, aquelas que representam o carro-chefe deste artigo: a Linguística tem contribuído de alguma forma, no sentido de nortear o trabalho desse professor? Esse professor concebe a Linguística como uma aliada sua no aprimoramento do ensino de língua materna? Tais questionamentos estão vinculados a hipóteses que foram se construindo a partir da observação de que há certa resistência à Linguística, por parte dos professores da educação básica, embora estes não se furtem a reproduzir algumas partes do discurso dessa ciência que lhes parecem "politicamente corretas". Uma dessas hipóteses é a de que os professores que têm ainda a Linguística como uma "ilustre desconhecida", rejeitam-na, de forma categórica, em função de uma muito difundida crença de que ela prega que tudo que se fala e se escreve está correto, independentemente de contextos de uso e, portanto, qualquer tentativa de levar o conhecimento dessa ciência a tais professores vai necessariamente ter de passar por uma profunda desconstrução ideológica.

A MODALIZAÇÃO COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR CRÍTICO

Elaine Cristina Medeiros Frossard
Wdionatas Andrade Santos (FCB)
wdionatas@hotmail.com

Este trabalho, inserido numa perspectiva semântico-pragmática, tem por finalidade analisar a modalização como estratégia de construção de humor e crítica social em tirinhas em quadrinhos. Baseando-se na ideia de que "os modalizadores, sendo elementos linguísticos ligados ao evento de produção do enunciado, funcionam como "indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso" (KOCH, 2002) e num sentido próximo "o sustentáculo da enunciação na medida em que ela permite explicitar as posições do sujeito falante em relação a seu interlocutor, a ele mesmo e a seu propósito" (Charaudeau, 1990). Propõe-se uma análise interpretativa e qualitativa do corpus em questão a fim de apresentar ao leitor uma possibilidade diferenciada de leitura.

**A MÚSICA "POSITIVISMO" DE NOEL ROSA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:
UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA DIRETIVIDADE ARGUMENTATIVA
NO PROCESSO DE LEITURA**

Joseleide Eliotério dos Santos (UESC)
gleideelioterio@hotmail.com

A argumentação, como um dos traços da linguagem que possui maior influência sobre as atitudes humanas, deixa certas marcas que direcionam a interpretação do alocutário. Considerando esta compreensão, a diretividade argumentativa é um dos principais meios para o auxílio do processo de leitura e produção de sentidos. A partir desta análise, o objetivo da atual pesquisa é analisar e descrever a função da diretividade argumentativa para a construção de sentidos na música "Positivism" de Noel Rosa, observando como estas marcas linguísticas contribuem para o processo de leitura. Este estudo é importante na medida em que auxilia o processo de compreensão de enunciados e

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

subsídia a construção de sentidos, constituindo-se num trabalho relevante, sobretudo ao ensino da Língua Portuguesa e para outras áreas do conhecimento, uma vez que todas elas exigem a interpretação e a compreensão de enunciados para que haja eficácia na divulgação e acesso à informação. Desta maneira, utiliza-se como referência teórica o trabalho do linguista Eduardo Guimarães que, com seu estudo voltado para a Semântica Enunciativa, oferece subsídios para as discussões. Para tanto, será utilizada uma metodologia voltada para análise deste gênero textual e discussão do tema proposto. Palavras-chave: interpretação, argumentação, interação.

A NEOLOGIA LEXICAL: FORMAÇÃO DE SINTAGMAS NÃO COMPOSICIONAIS NA LINGUAGEM PUBLICITÁRIA

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG)
ader3459@terra.com.br

Em meio à tipologia das unidades do léxico, destacam-se as unidades sintagmáticas que, por sua vez, também apresentam uma tipologia própria. Dessas unidades, constituem objeto de análise neste estudo as expressões idiomáticas, unidades sintagmáticas indecomponíveis, formadas por dois ou mais elementos constituintes, cujo significado global é diferente da soma dos significados das partes componentes. Este estudo tem como objetivo apresentar um quadro panorâmico dos elementos constitutivos das expressões idiomáticas presentes na linguagem publicitária, além de demonstrar que a forma de tais unidades sintagmáticas é estável, mas não petrificada, isto é, o uso contextual e o fato de esses sintagmas serem constituídos por vários elementos lexicais ensejam grandes possibilidades de variação, tornando relativa a sua invariabilidade. Especificamente no âmbito da linguagem da publicidade, encontramos várias tentativas de desconstrução da forma fixa da expressão idiomática, em geral através do jogo com as palavras, em que se explora a relação conotação/denotação. O corpus em análise constitui-se de expressões idiomáticas extraídas de textos publicitários impressos, veiculados pelas revistas noticiosas *Veja*, *Istoé* e *Época*, cujas edições brasileiras cobrem o período de janeiro de 2001 a dezembro de 2005. As expressões idiomáticas recolhidas apresentam caráter neológico, pelo fato de não se encontrarem atestadas nos principais dicionários monolíngues brasileiros. Como referencial teórico, foram aproveitados aqui trabalhos importantes e anteriores, como os de CORPAS PASTOR (1996) e ZULUAGA OSPINA (1980), no que concerne ao estudo das expressões fixas; GUILBERT (1975) e BOULANGER (1989), na conceituação de neologia e neologismo; e FERRAZ (2006 e 2008), no que diz respeito à análise do corpus.

A NOÇÃO DE PONTO DE VISTA E O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DO CONTO "O PERU DE NATAL"

Suellen Silva Venturim (UFES)
Maria da Penha Pereira Lins
s.venturim@hotmail.com

Partindo da definição de retextualização, caracterizada, basicamente, como um processo no qual o texto falado é transformado num texto escrito, este trabalho tem como objetivo abordar outras definições para retextualização. Seu corpus consiste em um projeto desenvolvido em sala de aula pela disciplina de Comunicação e Expressão Verbal, ofertada pela PUC/SP, no primeiro semestre de 1982, nomeado "Recontando um conto: O peru de natal". Os estudantes reescreveram o conto de Mário de Andrade a partir da visão de diferentes personagens. A fundamentação teórica para este trabalho baseia-se, principalmente, em Marcuschi (2001), que introduz, no âmbito da linguística textual, a primeira noção de retextualização, Travaglia (2003), que relaciona tradução e retextualização e Koch (1995), que leva em conta as condições de produção do texto e seu aspecto discursivo.

A OCORRÊNCIA DE PARENTETIZAÇÕES NO INTERIOR DE FRASES COMPLEXAS DO PORTUGUÊS COLOQUIAL FALADO NO BRASIL

Leilane Moraes Oliveira (UFV)
Coautora Wânia Terezinha Ladeira (UFV)
leilanemoraes@hotmail.com

A presente comunicação dedica-se a analisar e a discutir algumas ocorrências do fenômeno de parentetização no interior de frases complexas do português coloquial falado no Brasil. Debateremos as funções semântico-pragmáticas exercidas por fatos parentéticos manifestados em trechos de um corpus falado, composto por discursos de catadores de materiais recicláveis, recolhido, por meio de entrevistas semiestruturadas, no mês de julho de 2006, na cidade de Ipatinga - Minas Gerais. A escolha desse corpus deve-se ao fato de essa categoria de trabalhadores ser

bastante representativa, dentro da linha textual-interativa, no que diz respeito à linguagem coloquial em funcionamento. A realidade comunicativa dos nossos dados evidenciou que o fluxo de informação foi, em muitas ocasiões dos atos interacionais, alterado em virtude de exigências pragmáticas que surgiram da relação locutor x interlocutor e, não obstante, deixou claro que falantes de baixo perfil sócio-econômico e de pouco acesso à escolaridade são também eficientes no que tange à produção de textos falados. Além disso, percebeu-se que a frequente ausência de elos sintáticos entre as orações ou mesmo a quebra da ordem canônica dos constituintes frasais, na maioria das vezes, não interferiram na compreensão efetiva do discurso comunicado.

A ORALIDADE NAS MÚSICAS DE NOEL ROSA O POETA, O CANTOR E O COMPOSITOR DA VILA

Marilene Meira da Costa (UERJ/ISEP)
malimeira@filologia.org.br

É a oralidade a primeira forma de comunicação espontânea em sociedade. E, para que a comunicação se efetive é necessário que exista *uma representação abstrata, compartilhada por um grupo maior ou menor de indivíduos, que vem a ser a língua nacional* (CALLOU & LEITE, 2002). Noel Rosa, amante da música e da poesia, o Poeta da Vila, foi o primeiro compositor branco e de classe média a subir o morro e frequentar as rodas de samba do subúrbio carioca, convidando os amantes da boa música a ver a figura do sambista com mais benevolência e a conhecerem uma oralidade sem as formalidades comuns do início do século XX, legitimando assim o samba "de morro" no "asfalto". Tímido, Noel Rosa só conseguia descontraí-lo sob o efeito da bebida. Nesse momento, seu humor inteligente e sarcástico aflorava, dando voz à linguagem coloquial na música popular brasileira, antes confinada apenas as músicas carnavalescas. Segundo João Máximo, a inspiração de suas letras resultava do linguajar do povo, dos episódios do dia a dia, dos temas como os maus governos, a falta de dinheiro, a fome, o crime, a mendicância, a marginalidade, a boêmia etc. Muitas de suas músicas são consideradas verdadeiros clássicos. Trabalhou como profissional de rádio ajudando a acabar com o amadorismo da profissão e o preconceito contra o músico popular. Faleceu aos 26 anos de idade, deixando mais de 200 canções.

A ORDEM DE PALAVRAS EM INTERROGATIVAS NA INTERLÍNGUA DE BRASILEIROS APRENDIZES DE ESPANHOL

Fernanda Chiappetta Silveira (UFF)
Paulo Antonio Pinheiro Correa (UFF)
nanda.let@gmail.com

O Português Brasileiro (PB) e o Espanhol apresentam diferenças no que se referem às propriedades do movimento do verbo nas interrogativas parciais, aquelas caracterizadas pela presença de um elemento interrogativo Qu-, como se mostra nos exemplos a seguir: (1) Espanhol: ¿Qué traje tu hermano? (2) PB: O que (que) o seu irmão trouxe? (3) PB: O que trouxe o seu irmão? O exemplo (1) mostra que nas interrogativas parciais (aquelas que contêm um elemento Qu-) do espanhol a ordem canônica é VS nas principais variedades da língua, enquanto, crucialmente, a ordem admitida para o PB é inversa, SV, como se mostra em (2). O exemplo (3) mostra que a ordem VS nesse tipo de interrogativa, neste exemplo, faria com que o elemento interrogativo deixasse de ser objeto e passasse a sujeito (que motivo trouxe o seu irmão?), desfazendo a ordem VS e restaurando a ordem SV. Esta diferença é resultado de diferenças nas propriedades das camadas funcionais da gramática, de acordo com o modelo teórico do Programa Minimalista (Chomsky 1995), utilizado nesta pesquisa. Este trabalho apresenta os resultados preliminares de um teste psicolinguístico realizado junto a aprendizes brasileiros de espanhol, alunos universitários do sexto período de Letras, onde procuramos avaliar se os sujeitos testados adquiriram o procedimento de formação de interrogativas parciais do espanhol. O experimento demonstrou que os sujeitos aceitaram a nova ordem, VS, correspondente ao tipo de pergunta-Qu gramatical do espanhol. Essa aceitação, no entanto, não foi acompanhada do abandono, por parte dos aprendizes, da ordem *SV proveniente da língua materna. Estes resultados preliminares demonstram indícios de uma aquisição imperfeita das propriedades gramaticais do espanhol, contra recentes hipóteses (SCHWARTZ & SPROUSE 1996) que defendem a possibilidade de aquisição de elementos gramaticais de uma língua estrangeira fora do Período Crítico de aquisição da linguagem.

**A ORDENAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS ARCAICO E NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO:
UMA COMPARAÇÃO PRELIMINAR**

Priscilla Mouta Marques (UFRJ)
pmouta@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar a ordenação do sujeito em relação ao verbo no português arcaico e no português contemporâneo, observando o que motiva a ocorrência desse termo na posição pré ou pós-verbal, e estabelecer, posteriormente, uma comparação entre essas duas sincronias. Levamos em consideração, para tal análise, tanto o aspecto gramatical/sintático quanto o discursivo. Para a observação deste, trabalhamos com a variável estatuto informacional do sujeito, a partir de cinco categorias relacionadas à informatividade, adaptadas de Prince (1981), sendo quatro delas também propostas por Votre e Naro (1986): novo, evocado, inferível, disponível e parcialmente novo. Além da informatividade, analisamos o contexto de ocorrência do sujeito (planos discursivos de figura e fundo), manutenção ou quebra da sequência tópica e distância da menção anterior, aplicável aos sujeitos com informação evocada. Visando atingir o objetivo proposto e comprovar as hipóteses que norteiam este estudo, utilizamos, como corpora, os textos *Bíblia Medieval Portuguesa*, de Neto (1958) e *O Orto do Esposo*, de Maler (1956) para a análise do português arcaico, e narrativas recontadas e de experiência pessoal do corpus do grupo Discurso & Gramática – modalidade escrita. Fizeram parte da análise todos os tipos de cláusula (exceto as adjetivas cujo conectivo exerce a função de sujeito) em frases afirmativas e negativas. Após o levantamento dos dados, tendo todos os aspectos sido observados, criamos o banco de dados e utilizamos o programa estatístico SPSS, versão 13, para a obtenção da frequência e para o cruzamento das variáveis em análise. Verificamos que, dentre todas as variáveis estruturais e discursivas analisadas, o estatuto informacional foi o fator mais importante para a compreensão do fenômeno de ordenação do sujeito dentro da cláusula. Concluímos que tal fenômeno nas duas sincronias do português mostrou-se essencialmente funcional, inclusive em casos em que aparentemente se verificava influência de um fator estrutural.

A PAISAGEM DO PENSAMENTO NA ÉPOCA DO ESQUECIMENTO DO SER

Ataíde José Mescolin Veloso (UNESA / UNISUAM / CBNB)
ataideveloso@bol.com.br

Este trabalho tem como objetivo fazer um estudo a respeito de como se configura a paisagem do pensamento numa época em que o ser se encontra relegado a um segundo plano. Um dos pensadores que se debruça sobre tal questão é Martin Heidegger, que, na Carta sobre o humanismo, procura verificar a essência do homem, tomando como base a experiência do esquecimento do Ser. Durante toda a história do humanismo, passando pelo humanismo romano, cristão, renascentista, socialista e existencialista, este sempre esteve fundamentado numa interpretação metafísica do homem. Articulando-se dentro do binômio de essência e existência, buscou determinar o ser como a realização das possibilidades de racionalidade. Heidegger propõe que a metafísica, edificada sobre o esquecimento do Ser, seja superada em seu esquecimento. Ao pensamento essencial é imposta uma tarefa: distanciar-se do humanismo, a fim de pensar a verdade do Ser, tornando o homem verdadeiramente humano. É no pensamento que se consuma a referência do Ser à essência do homem. Ele procura restituí-la ao Ser, como se fosse alguma coisa que lhe foi fornecida pelo próprio Ser e essa restituição resume-se em que o Ser se torna linguagem no pensamento. A linguagem passa a ser a casa do Ser e o homem habita em seu interior.

A PRESERVAÇÃO DA FACE E POLIDEZ NO DIÁLOGO DE FICÇÃO

Fabiana Meireles de Oliveira (PUC/SP)
fab.meireles@hotmail.com

É importante considerar que a forma mais comum de se analisar a linguagem falada é por meio de gravações de conversa entre pessoas. No entanto, de acordo com os estudos de Tannen (2003) as gravações nem sempre contribuem para um diálogo real, pois ao saberem que estão sendo gravados, os informantes não agem com naturalidade, o que se reflete na fala. Para que isso não aconteça, seria necessário fazer gravações secretas, mas sabemos que é uma medida que, além de não ser ética, encontra impedimentos legais. Diante dessa dificuldade de se fazer gravações, escolhemos analisar os diálogos construídos da obra *O casamento* de Nelson Rodrigues, sob a ótica da Análise da conversa. Essa escolha foi possível a partir do momento em que percebemos que as falas das personagens demonstram características próximas à fala natural. No presente trabalho, trataremos da preservação da face apoiado nos estudos do sociólogo Goffman (1967), mostrando como as estratégias de preservação da face e da polidez contribuem como identificadores de marcas de oralidade no texto escrito durante a interação. Dessa forma, entendemos a intera-

ção como uma atividade coletiva, uma vez que é realizada entre, pelo menos, dois participantes. Ou seja, a interação está presente em todas as situações de comunicação, desde uma conversa informal, natural, distensa, até em textos narrativos, dissertativos, argumentativos etc. Assim, o momento em que o indivíduo interage, ele estabelece uma dimensão social com outra pessoa. Dessa maneira, podemos entender que o indivíduo, quando está diante da sociedade ou do contato face a face, apresenta sua imagem ou seu valor social diante dos outros. Silva (2008, p.168) afirma que "os seres humanos vivem em um universo de contatos sociais com outros indivíduos. Quando se entra em contato com outra pessoa, existe a preocupação de preservar a autoimagem pública". Podemos dizer que uma pessoa pode preservar sua imagem, dependendo do que acontece na interação e dos valores sociais e morais que a pessoa tem. Quando um indivíduo sente que perdeu a face, ele se sente com precária reputação diante da sociedade e dos outros participantes no evento conversacional. Nesse sentido, a preservação da face estabelece uma relação com o lado social da interação, pois os interlocutores estão sempre preocupados em negociar durante a conversação. Assim, para manter as relações sociais equilibradas, os interactantes do ato conversacional usam a estratégia da polidez. Dessa forma, a polidez na interação tem a função de melhoria nas relações afetuosas, funcionando como técnicas para viver bem com os outros, em harmonia social.

**A PROBLEMATIZAÇÃO DE RELAÇÕES DE GÊNERO:
VISLUMBRANDO POSSIBILIDADES DE ENSINO CRÍTICO
EM TURMAS DE NÍVEIS INICIAIS DE LÍNGUA INGLESA**

Luciana Rezende Fernandes(UFG)
lurefer@gmail.com

Esse trabalho apresenta algumas possibilidades de atividades críticas utilizadas em sala de aula de língua inglesa para alunos iniciantes. Atividades que abordam temas relacionados às relações de poder entre os gêneros na sociedade e na própria sala de aula, levando em consideração as experiências cotidianas das/os próprias/os alunas/os. A problematização de temas que focalizam gênero tem como intenção principal uma tentativa de subversão das relações de poder entre os gêneros dentro da sala de aula - na esperança de que essas mudanças se estendam para além da sala de aula, para outras esferas e espaços da vida dessas/es alunas/os. Visando assim que elas/es reconheçam, reflitam e problematizem situações de opressão presentes em seu contexto, como sugerido por autores como Louro (2007), Moita Lopes e Fabrício (2006). O trabalho se baseia também em teorias de Pennycook e Moita Lopes (2006), que defendem a subversão do poder hegemônico através da valorização, participação e autonomia das minorias; de dar voz a esses grupos marginalizados e oprimidos, tendo em vista a construção do conhecimento em parceria com os mesmos e enriquecidos por suas experiências de vida.

**A PRODUÇÃO ESCRITA DE SURDOS:
ASPECTOS FORMADORES DA COESÃO E DA CONTINUIDADE TÓPICA**

Gláucia dos Santos Vianna (UFRJ)
glauciasvianna@yahoo.com.br

Uma das maiores questões geradas pelas perdas auditivas, observa-se nos efeitos sobre o desenvolvimento linguístico e suas implicações na escrita em Língua Portuguesa. Considerando que Surdos não apresentam as mesmas características de produção textual de um ouvinte, este trabalho se propõe a discutir a importância do uso da escrita para esses sujeitos, não somente como instrumento de comunicação, mas como modalidade indispensável no amplo acesso à informação e ao convívio social. O foco dessa pesquisa volta-se, nesse sentido, para a análise do aspecto coesivo nas produções escritas desses sujeitos, no intuito de se investigar a forma como Surdos tendem a estabelecer coesão referencial em suas composições a partir do conceito teórico de continuidade tópica descrita por Givón (1983) e de Cadeia Coesiva descrita por Antunes (1996). O Corpus deste trabalho é constituído de textos produzidos por alunos Surdos profundos, em alto nível de escolaridade na faixa etária de 16 a 24 anos, cuja fluência em LIBRAS se mostra evidente. Embora essas produções apresentem certas limitações na estrutura narrativa, verifica-se a presença de elementos coesivos em grande número, os quais mantêm a referencialidade e a progressão dos tópicos ativados no discurso. Diferentemente do português, observa-se uma tendência predominante ao estabelecimento da coesão referencial por meio de cadeias de repetição ou cadeias mistas, nas quais o tópico matriz é mantido integralmente ou na superfície textual ou retomado por outros léxicos semanticamente compatíveis, sem a utilização, entretanto, de referência pronominal. Neste estudo, há a preocupação de sinalizar aos profissionais envolvidos no trabalho com Surdos, a necessidade de se lançar um novo olhar sobre a escrita desses sujeitos. Aspectos relacionados a possíveis interferências da LIBRAS nas produções textuais de Surdos e as implicações educacionais decorrentes de tais resultados obtidos na pesquisa, são igualmente discutidos.

**A PRODUÇÃO TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA DA RETEXTUALIZAÇÃO
EM UMA CLASSE DO ENSINO MÉDIO**

José Ricardo Carvalho (FUFSE)
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

A partir dos anos 80 do século XX, as práticas de produção textual em sala de aula passaram por profundas modificações. É possível afirmar que tais transformações têm forte relação com as teorias desenvolvidas no campo da linguística e dos estudos sociointeracionais voltados para o processo ensino-aprendizagem da língua materna. A partir dos estudos da psicogênese da escrita desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky (1985), a compreensão da alfabetização e da produção de texto nas séries iniciais assume o pressuposto de que a criança aprende escrever escrevendo, portanto, a unidade de trabalho com a escrita deveria ser o texto. Neste paradigma, as práticas de correção de textos preocupadas, apenas, com questões ortográficas ou gramaticais são compreendidas como um fator inibitório à produção de texto. No lugar das atividades de composição escrita voltadas para aplicação de um saber gramatical normativo, adotou-se como estratégia de ensino a produção de textos espontâneos. No lugar das atividades de composição escrita voltadas para aplicação de um saber gramatical normativo, deslocados das práticas de interação linguística, a proposta de retextualização desenvolvida por Marcuschi (2001) toma a relação oralidade e escrita como contínuo a ser repensado no processo de formulação do discurso tanto na modalidade oral como na modalidade escrita. As reflexões, deste autor, sobre o funcionamento da linguagem no discurso oral e no discurso escrito ganham destaque nas atividades de formulação e reformulação textual. Relatamos, então, neste trabalho, atividades de retextualização realizadas por seis alunos do Ensino Médio de uma escola localizada no município de Itabaiana-Sergipe. Para isso, descrevemos os processos linguísticos envolvidos na passagem de um texto oral para o texto escrito de uma narrativa expressa nas duas modalidades. Os dados da pesquisa revelam a presença de traços de oralidade no processo de retextualização que determinam um estilo de escrita em construção.

A QUESTÃO DO MÉTODO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: SÉCULO XIX

Márcia Antonia Guedes Molina (UNISA)
maguemol@yahoo.com.br

Nosso objetivo neste trabalho é o de discorrer sobre a "Gramática da Infância", do cónego Pinheiro, publicada em meados do século XIX, detendo-nos, em especial, às palavras introdutórias do professor A. Castro, acerca de método do ensino. Nessas, o referido professor destaca a importância da obra, primeiramente porque já se dirigia a um público especial: à criança, em seguida, porque trazia os princípios do "inovador método de Jacotot". Recordemo-nos de que, na ocasião, engatinhavam os estudos da Psicologia e os petizes eram vistos como adultos em miniatura. O vanguardismo da obra em trazer essas preocupações, fizeram-nos escolhê-la para análise que se procederá à luz da História das Ideias Linguísticas, ancorados, sobretudo, em Auroux, Orlandi, Fávero e Molina.

A REFERENCIAÇÃO NO CINEMA

Tânia Mara Silva de Lima (CCAA)
tania.lima@grupoccaa.com.br

Com o uso de recortes de cenas de vários filmes de diferentes épocas e de diferentes estilos, desde o cinema mudo até o cinema atual repleto de efeitos especiais, objetivamos demonstrar que a referenciação – especialmente no que diz respeito à retomada, à anáfora e à catáfora –, de acordo com os conceitos atuais, facilmente percebida na produção de textos verbais, também pode ser verificada em textos não verbais, como nas imagens de um filme. Através desses recortes de cena, comparando-os com os já citados recursos da referenciação, poderemos perceber que esses mesmos recursos têm sempre sido usados na produção de textos não verbais, nas cenas sem diálogos dos filmes, e surgiram antes mesmo que houvesse o recurso do som no cinema, como nos filmes mudos, e continuam a ser usados até hoje.

**A RELAÇÃO ENTRE PROCESSOS FONOLÓGICOS, ACENTO E RITMO
NO PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE GOIÁS**

Luciane Silva de Souza Carneiro (UFG)
lucianeunifan@yahoo.com.br

O presente artigo visa tratar de cinco processos fonológicos – vozeamento da fricativa, tapping, haploglia, degeminação e elisão, no português oral da cidade de Goiás, a fim de trazer subsídios que permitam responder a duas questões principais: qual a relação existente entre os processos fonológicos e a organização rítmica de uma determinada língua? E mais ainda, qual a função da organização silábica na definição do ritmo de uma língua? Para tanto, leva-se em consideração os pressupostos teóricos da fonologia métrica e da fonologia prosódica e busca-se respaldo especialmente em Abaurre (1981), Abaurre-Gnerre (1979), Major (1981, 1985), Dauer (1983, 1987), Cagliari (1981, 1998), Bisol (1992, 1994, 2000, 2001, 2002), Hayes (1992), Barbosa (2000), Tenani (2002), Massini-Cagliari (1992), Halle e Vergnaud (1987).

A RELEVÂNCIA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cláudia Cristina Marques dos Santos (UERJ)
claudiacmsantos@ig.com.br

As novas tecnologias e demandas do mundo contemporâneo solicitam do indivíduo a habilidade em conhecer, fazer, conviver e ser. Como parte de um grupo social, tais competências se desenvolvem em meio a cultura, porém nem todas as pessoas notam a maneira pela qual essa atividade coletiva permeia suas vidas ou, quando o fazem, não estão aptas a produzir as leituras necessárias ao próprio desenvolvimento. Dessa forma, este trabalho visa a inserir as manifestações culturais, em suas múltiplas acepções e possibilidades, na dinâmica das aulas de Língua Portuguesa, dentro do espaço privilegiado que se constitui a escola, pois se considera relevante para a formação do cidadão do século XXI o contato ativo com as inúmeras produções culturais disponíveis na sociedade. Uma vez que a Língua se traduz como expoente máximo da cultura de um povo, entende-se a sala de aula como o meio propício ao fomento dessa interação. Além disso, a partir do microcosmo social que se reproduz no ambiente escolar, vê-se a oportunidade de orientar os jovens a refletirem criticamente sobre suas identidades e a diversidade cultural peculiar ao universo moderno.

**A RELEVÂNCIA DE CRISTO PAROU EM ÉBOLI, DE CARLO LEVI,
PARA O NEORREALISMO ITALIANO.**

Anne Caroline de Morais Santos (UERJ)
annemorais17@hotmail.com

O século XX foi marcado por dois conflitos mundiais e provocaram, nos anos que sucederam o fim da Segunda Guerra, o desejo de retomada político-social da Itália, através de denúncias de infortúnios em que o país se debatia. O empenho de intelectuais e escritores foi fortalecido, sem dúvida, por experiências renovadoras vindas de filmes dirigidos por nomes emblemáticos, dentre eles, Vittorio De Sica, Luchino Visconti e Roberto Rossellini. Consolidou-se, então, a partir do movimento cinematográfico, o Neorealismo literário italiano, que, de 1940 a 1955, mesmo não apresentando marcadamente uma verdadeira e própria poética, não se sustentando em um manifesto histórico, deu vida a uma produção, cujos temas estavam ligados à vasta gama da vida cotidiana. Convém lembrar, porém, que os anos 30 já assinalavam os primeiros traços desta corrente, com os romances *Gli indifferenti* (1929), de Alberto Moravia, e *Fontamara*, de Ignazio Silone (1933), por exemplo. Em 1944, no âmbito do Neorealismo, publicou-se *Cristo parou em Éboli*, obra em que Carlo Levi lembrava momentos de sua experiência de exilado político no sul da Itália. Em páginas tantas vezes líricas, tecia ainda críticas sobre aquela população, vítima secular de injustiça social, abandono e miséria. Este trabalho objetiva refletir, em diálogo com outras criações da época em tela, sobre a importância da citada obra de Levi no contexto neorrealista. Para tanto, procederemos à análise das estratégias narrativas utilizadas pelo autor no uso do tempo, do espaço, da linguagem – com significativas marcas cinematográficas – dentre outros subterfúgios poéticos do livro. Tais recursos teóricos contribuirão também para tentarmos apreender aspectos do Neo-Realismo no cinema como na literatura e, assim, em perspectiva comparada, melhor questionarmos a relevância de Levi frente à de outros autores.

A REPRESENTAÇÃO SINGULAR DO LEAL CONSELHEIRO

Carolina Gaio Palhares (UFF)
carolinagaio@yahoo.com.br

Objetiva retratar as representações coletivas e sociais, através da representação particular daquele que fala nesta obra, o Leal Conselheiro. Vamos entender esta obra que, até hoje, é um marco na literatura e na linguística, por meio da contextualização do Leal Conselheiro e do levantamento dos evidenciais escolhidos por Dom Duarte; os fins a que se destinam e a imagem do social que os acompanham. Recriamos esta figura "leal conselheira" singular, que se personifica no texto, com a metodologia de Ginzburg de que a totalidade é apreendida nos indícios, para através dessa singularidade, apreendermos as representações daquela sociedade, aparentemente distante pela época, mas ao mesmo tempo, tão próxima pelas questões humanas.

**A RESPEITO DA MUDANÇA HISTÓRICA
NAS CONSTRUÇÕES PARASSINTÉTICAS A-X-ECER E E/N/-X-ECER**

Caio Cesar Castro da Silva (UFRJ)
caiocvianna@gmail.com

O presente trabalho se debruçará sobre a trajetória de mudança ocorrida com os circunfixos a-X-ecer (formador de palavras como "amanhecer", "amortecer" e "apodrecer") e e/N/-X-ecer (vocábulos como "enriquecer", "emagrecer" e "endurecer"). Observando os dados do corpus, percebemos que houve competição entre os circunfixos durante um estágio da língua. A consulta a dicionários etimológicos (CUNHA, 1999; BUENO, 1967; NASCENTES, 1955) permite-nos levantar a hipótese de que a-X-ecer teria se tornado improdutivo morfologicamente. A fim de apresentarmos indícios que confirmem nossas suposições, percorreremos o curso histórico da língua através de registros escritos em português do século XIII ao XIX (por exemplo, documentos Notariais, cantigas de escárnio e maldizer, Crônica Geral d' Espanha, Notícia do Torto, peças teatrais). Buscaremos, além disso, evidências semânticas e psicolinguísticas que comprovem a tendência de fossilização da construção a-X-ecer. No que diz respeito aos testes psicolinguísticos (LIMA, 1999), apresentamos vocábulos que se encaixariam nos modelos parassintéticos, mas inexistentes no léxico da língua portuguesa (como "anerdecere", de "nerd"), para que os informantes pudessem fazer o julgamento de cada forma. Dito de outra forma, criamos palavras para serem testadas com um grupo de falantes nativos do português; os falantes, por sua vez, deveriam interpretar as formas apresentadas com base em sua intuição. Os resultados obtidos corroboraram para a afirmação da hipótese inicial. Proporemos, por fim, a formulação de estruturas radiais para os circunfixos. Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987), os mapeamentos da rede polissêmica tentam descrever o processo de improdutividade de a-X-ecer e produtividade de e/N/-X-ecer. Da mesma maneira, com os testes aplicados pretendemos apontar para a situação atual dos circunfixos em análise.

A RETÓRICA EM O CRIME DO PADRE AMARO

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ/FFP)
profandermarins@hotmail.com

O presente artigo busca analisar a elaboração do discurso no romance O Crime do Padre Amaro, do escritor português Eça de Queirós, com base na retórica antiga de Aristóteles e nos métodos de elaboração da linguagem persuasiva. Percebe-se que, impregnado de um discurso que procura saber a verdade por trás dos fenômenos, das aparências, das verdades estabelecidas, das crenças generalizadas, o romance é, *ab initio*, reflexo do propósito assumido por Eça de Queirós de escrever, em coerência com as teorias do Realismo, obras de combate às instituições vigentes (Monarquia, Igreja, Burguesia) e de ação e reforma social.

A SAGA DE UM ESCRITOR NO OESTE DA BAHIA

Mariela da Fonseca Fidelis (UNEB)

Ricardo Tupiniquim Ramos (UNEB)

marielaoxente@hotmail.com

Em meio de uma época, de fatos históricos, a crítica textual apresenta-se, não apenas como relatos de textos para edições e publicações, mas propicia a conservação e valorização da cultura regional através dos textos. Nesta perspectiva descrevemos brevemente o espólio literário do escritor regional Dorgival Ribeiro Fidelis, nascido na cidade de Santa Rita de Cássia, localizado na região oeste da Bahia, ao tempo em que o apresentamos ao público nacional, na medida em que sua produção literária sempre esteve restrita ao Oeste da Bahia. Autodidata, aprendendo a formação de farmacêutico a partir da leitura de um tratado de medicina escrito no século XIX, autor de diversas crônicas, e poesias, descrevia em suas obras os acontecimentos locais, escrevia com ironia, principalmente suas crônicas políticas, também escrevia contos. Ao enviar seus textos para os jornais publicar, se autointitulava como "O repórter matuto" por não ter concluído os estudos ficando apenas com a formação primária. No seu poema mais representativo intitulado "O Rio Preto", o autor convida o leitor para um passeio que começa deste a nascente do rio Preto, até o encontro com o rio Grande, numa linguagem poética personifica a paisagem. Deste modo, o trabalho visa à organização das obras do autor em um acervo e suas futuras publicações.

A SEDUÇÃO DISCURSIVA MÚSICA CRÉU

Vagner Aparecido de Moura (PUC/SP)

moura_vagner@ig.com.br

O cotidiano escolar é movido por valores, sentimentos, pensamentos, concepções, culturas escolares e profissionais, onde as culturas sociais guiam os agentes, sujeitos da prática educativa, já que é o momento da autodescoberta da ação humana é mais do que a descoberta de explicações causais, teóricas ou ideológicas. Nesse processo de desnudamento da realidade que cerca o cotidiano do adolescente, a música exerce um papel crucial no desenvolvimento de um comportamento, nas escolhas lexicais, no vestiário, uma vez que aglutina valores e comportamentos de um estrato da sociedade, assim criando a sua própria linguagem e valores culturais para interagir com os interlocutores. Baseado nesses pressupostos, este artigo abordará: o Histórico da análise do discurso, formação discursiva – dialogismo e *ethos*; o conceito de Música e o histórico do estilo *Funk*, com o propósito de analisar o corpus da música Creu, por meio de um embasamento teórico de Mussalim (2005), Maigueneau (2004), Bakhtin (1992), Kerbrat-Orecchioni (1989), Amossy (2005) e Herschmann (2005).

A SELEÇÃO LEXICAL COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NOS TEXTOS PUBLICITÁRIOS

Márcia de Oliveira Gomes (UERJ)

marcy79@hotmail.com

Vender produtos ou ideias é o objetivo de todo discurso publicitário, que, para tal, vale-se dos inúmeros recursos expressivos disponíveis na língua. Um dos fatores mais relevantes em sua construção é a seleção lexical, pois, conforme Koch (2008, p. 154), "há palavras que, colocadas estrategicamente no texto, trazem consigo uma carga poderosa de implícitos". Assim, nessa situação comunicativa, a escolha vocabular não se dá de forma aleatória, mas de modo a produzir efeitos de sentido capazes de atrair a atenção do leitor e persuadi-lo. O presente trabalho, portanto, visa a analisar como a seleção lexical se apresenta a serviço da argumentação em textos publicitários.

A SINTAXE DA ORDEM NA ESCRITA BRASILEIRA DO SÉCULO 19: CLÍTICOS EM CONTEXTOS XV

Marco Antonio Martins (UFRN)

marcomartins@ufrnet.br

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e da teoria de Princípios e Parâmetros, numa perspectiva teórica que busca conciliar a gradação empírica observada entre formas em variação em textos escritos e uma interpretação gramatical (estrutural) da mudança sintática (KROCH, 1989; 2001; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005), apresento, neste trabalho, a descrição e análise dos padrões de ordenação de

clíticos em orações finitas não dependentes em que o Verbo é antecedido por um sujeito lexical, um advérbio não modal ou um sintagma preposicional, não focalizados - contextos XV -, em textos escritos por brasileiros nascidos no século 19. Tem-se por principal objetivo a análise comparativa do processo de variação e mudança envolvendo a sintaxe de ordenação de clíticos em contextos XV entre três amostras extraídas de textos de brasileiros nascidos no Rio Grande do Norte (MARTINS, 2010), na Bahia (CARNEIRO, 2005) e em Santa Catarina (MARTINS 2009). A hipótese a ser desenvolvida é a de que a escrita brasileira do século 19 reflete padrões intanciados não por duas, mas por três gramáticas do português: padrões da gramática do Português Brasileiro (PB); padrões da gramática do Português Europeu (PE); e, ainda, associados a uma escrita conservadora, padrões da gramática do Português Clássico (PC). A sintaxe da ordem de pronomes clíticos em contextos XV em textos escritos pode, nesse sentido, ser interpretada como o reflexo de um processo de mudança sintática que procede via competição de gramáticas.

A SINTAXE EM ROCHA LIMA: CLASSIFICAÇÃO DOS COMPLEMENTOS VERBAIS

Edila Vianna da Silva (UFF)
edila@openlink.com.br

A sintaxe em Rocha Lima: classificação dos complementos verbais. Edila Vianna da Silva – UFF O tema deste trabalho é a contribuição de Rocha Lima aos estudos da sintaxe do Português, em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, especialmente na classificação dos complementos verbais. Publicada em 1957, a obra desempenhou papel relevante no ensino da língua na segunda metade do século XX, posição que ainda mantém na atualidade. Inserido no espírito da época, em que havia uma clara preocupação em impor a língua culta escrita, por meio da leitura dos clássicos, o autor não desconsiderava os autores modernistas, cuja língua se afasta das características do Português europeu. Apesar de, em muitos pontos, adequar sua obra à NGB, Rocha Lima não seguiu a Nomenclatura, principalmente no que toca à sintaxe, à qual dedica quase metade da Gramática, inserindo-se na teoria gramatical de seu tempo, cujo foco era a análise sintática. No que concerne aos complementos verbais, Rocha Lima não acompanha a simplificação trazida pela NGB, mas preconiza uma análise condizente com os fatos linguísticos do Português, de tal sorte que trabalhos atuais como os de Maria Eugênia Duarte, José Carlos Azeredo, Flavia de Barros Carone, que analisam aspectos da sintaxe portuguesa, tomam como base a classificação dos complementos apresentada em sua gramática, por sua pertinência e adequação.

A SOCIOTERMINOLOGIA DO COCO BABAÇU: ASPECTOS NEOLÓGICOS

Josete Marinho de Lucena (UFPB)
lucenatoc@yahoo.com.br

O trabalho que ora apresentamos, trata-se de parte da pesquisa realizada para a realização da tese intitulada "Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu", defendida no programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. O trabalho tem como objetivo inventariar, a partir do glossário do coco de babaçu, termos neológicos quer por sua formação, quer pela nova acepção que ganha ao entrar no universo discursivo do coco babaçu, observando, sobretudo, a presença ou ausência do termo nos dicionários eletrônicos de Língua Portuguesa Houaiss e Aurélio. Para fundamentarmos o trabalho sobre neologia utilizamos os trabalhos realizados pelas professoras Ieda Alves, Aparecida Barbosa e Teresa Biderman.

A SUBJETIVIDADE NA INCORPORAÇÃO DA VOZ ALHEIA

Luana Santos Lemos (UFES)
luagora@yahoo.com.br

Nossa pesquisa, retomando a questão do sujeito heterogêneo, tem por objetivo principal discutir a subjetividade do locutor na incorporação do discurso alheio. Fundamentaremos nosso trabalho nos princípios dialógicos da linguagem de Bakhtin (1929, 1970 e 1979) e teremos como embasamento teórico-metodológico a Teoria Semiolinguística desenvolvida por Patrick Charaudeau (1995, 1996, 1999, 2001, 2006a, 2006b e 2008 [1983]), por acreditar que nessa teoria encontraremos ferramentas pertinentes para a análise proposta. O corpus será composto de uma reportagem da revista *Veja*, cujo contexto contemple a Crise instaurada no Senado brasileiro em 2009. Aliando teoria e prática, buscaremos compreender como as estratégias no uso do discurso alheio se apresentam no gênero reportagem,

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

descrevendo a forma como a voz do outro é incorporada a do jornalista para construir um ato de comunicação, a partir de estratégias de seleção, identificação e reprodução desse discurso outro.

A TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE LETRAS

José Pereira da Silva (UERJ, PUC-Minas e ABRAFIL)
pereira@filologia.org.br

O objetivo desta oficina é demonstrar algumas possibilidades de utilização de novos recursos disponibilizados como multimeios para o melhor desenvolvimento de cursos de letras, nas modalidades a distância e presencial, visto que os sistemas tradicionais também utilizam os recursos virtuais. Apesar de antigas tecnologias não serem descartáveis, outras surgiram com a informática, como o Wiki, o e-mail, a rede social, o chat, a videoconferência, o fórum de discussão etc. O **Wiki** – programa de informática que permite a produção colaborativa, como é o caso da Wikipédia. **E-mail** – método que permite compor, enviar e receber mensagens através de sistemas eletrônicos de comunicação. **Rede social** – ajuda seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. O **orkut** permite buscar pessoas com interesses em comum, facilitando o trabalho. É utilizado para pequenos recados, disponibilização de fotos e vídeos etc., com possibilidade de bate-papo também. **Chat** (bate-papo) – conversação em tempo real, via Internet, inclusive com envio de anexos, com possibilidade de comunicação audiovisual. Alguns programas possibilitam a criação de grupos, em que todos se comunicam simultaneamente. **Videoconferência** é uma discussão que permite o contacto visual e sonoro entre pessoas que estão em lugares diferentes, dando a sensação de que os interlocutores encontram-se no mesmo local. **Fórum ou comunidade de discussão** – ferramenta para promover debates sobre uma questão. **Bibliotecas virtuais** de livros raros ou antigos como <http://www.dominiopublico.gov.br>; de vídeos, como o YouTube (<http://www.youtube.com>); ou de textos recentes, como <http://www.filologia.org.br/outrosperiodicos.html>. **Buscador** – sistema para encontrar informações armazenadas em um sistema computacional a partir de palavras-chave, como o Google. O **PowerPoint** é um programa que permite a criação e exibição de apresentações, podendo usar imagens, sons, textos e vídeos. **Processador de texto** – programa para se escrever no computador.

A TERMINOLOGIA NÁUTICA NO DICIONÁRIO DA LINGUA BRASILEIRA DE LUIZ MARIA DA SILVA PINTO: UM ESTUDO SINCRÔNICO E DIACRÔNICO

Regina Célia Esteves dos Santos Tormin Botelho
Maria Cândida de Seabra
reginhaesteves@hotmail.com

A pesquisa que aqui propomos é na área do léxico, mais especificamente do léxico especializado, referente aos termos náuticos. Pretendemos realizar um estudo sincrônico e diacrônico do léxico correspondente à terminologia náutica, presente no Dicionário da Língua Brasileira de Luiz Maria da Silva Pinto. O Dicionário da Língua Brasileira (DLB) é considerado, hoje, uma obra rara. Em Minas, tem-se notícia de exemplares originais em arquivo da cidade de São João Del-Rei e no Museu da Inconfidência de Ouro Preto. No Arquivo Público Mineiro, há o microfilme da obra. Partiremos de um corpus dicionarístico, referente à terminologia náutica, que se intitula brasileiro, do início do século XIX. O dicionário que usamos para a composição do corpus data de 1832, cópia digitalizada pelo Arquivo Público Mineiro. Pretendemos, inicialmente, para cada um dos termos, construir uma ficha lexicográfica que nos dará informações sobre sua origem, sua(s) variante(s) ortográfica(s) e fonética(s). Assim, temos como um dos objetivos analisar o repertório textual concernente à navegação econômica da colônia, em documentos e textos originais, dicionários de diferentes séculos, o que constitui uma das fontes primárias para a compreensão de nossa própria trajetória histórica.

A TRADIÇÃO DIRETA DE O SEMINARISTA DE BERNARDO GUIMARÃES

Luana Batista de Souza (USP)
luana.souza@usp.br

O Seminarista, romance de Bernardo Guimarães, foi publicado pela primeira vez em 1872, por B. L. Garnier, sendo hoje praticamente impossível numerar as edições disponíveis no mercado. Como verificamos desde a década de 1930 a circulação de uma redação curta do romance em nosso mercado editorial, vimos aí a necessidade de se estudar a história deste texto, uma vez que esta redação difere daquela publicada em 1872. Apesar de produzir um novo

ramo na tradição do romance, a redação curta não se sobrepôs à longa que pode ser facilmente recuperada. A respeito da autoria do texto curto, levantamos a hipótese de que não é de Bernardo Guimarães, visto que sua publicação se dá cinquenta e nove anos após sua morte, além disso, BG publicou apenas duas edições em vida, a primeira em 1872 e a segunda em 1875, ambas por B. L. Garnier e com o mesmo texto. Deste modo, acreditamos que se trata de um caso de alteração feita pela editora, a Civilização Brasileira, que teria como meta o "enxugamento" do texto. O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar o estudo das edições deste romance através de sua cronologia, a fim de mostrar sua importância para o conhecimento da história deste texto e para sua colação. Deste modo, restringimos as edições ao período situado entre a primeira edição publicada em 1872, e a terceira edição a publicar a redação curta, em meados do século XX.

A UNIDADE LEXICAL NO DISCURSO ETNOLITERÁRIO

Maria Margarida de Andrade (UPM)

Inicialmente, neste trabalho, serão apontados aspectos da etnoterminologia e suas relações com algumas disciplinas afins, tais como etnolinguística, etnossemiótica, semiótica etnoliterária, antropologia social, literatura popular etc. Analisadas as relações e o objeto da etnoterminologia, será focado o discurso etnoliterário e, mais detidamente, a unidade lexical dos discursos etnoliterários. Tomando-se como ponto de partida os conceitos de vocábulo e de termo, discutindo-se os processos de terminologização e vocabularização, será possível chegar-se à conclusão de que, na Norma e na Fala, a unidade lexical acumula as características de vocábulo e de termo.

A UNIDADE LEXICAL NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

Nelly Medeiros de Carvalho (UFPE)
nellycar@terra.com.br

A partir de uma cultura partilhada por uma comunidade e expressa nas unidades lexicais, o texto pode ser interpretado pela comunidade a que se destina, porque esta se sente interpelada e estabelece uma relação dialógica mais próxima e eficaz, baseada nos fenômenos de projeção e identificação. A publicidade utiliza esta estratégia em relação à comunidade onde circula, tema a ser abordado e pesquisado pela etnolinguística. No texto, são apresentadas unidades lexicais das variantes diatópicas brasileiras para, a seguir, apresentar o minicorpus analisado, constituído de publicidades que circulam no Nordeste, mais especialmente em Pernambuco, onde pode ser observado o uso da estratégia como forma de persuasão.

A VARIAÇÃO ENTRE O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO E O PRETÉRITO (MAIS-QUE-) PERFEITO SIMPLES EM TEXTOS MIDIÁTICOS

Kellen Cozine Martins (UFRJ)
kellencozine@click21.com.br

No uso linguístico, particularmente no português brasileiro, as formas verbais pretérito mais-que-perfeito simples (PMQPS), pretérito mais-que-perfeito composto (PMQPC) e pretérito perfeito simples (PPS) concorrem na expressão de anterioridade a um ponto de referência passado (cf. os exemplos a seguir). a) Pretérito mais-que-perfeito simples: "A teoria psicanalista de Freud, baseada na interpretação do inconsciente, já sofreu inúmeras revisões e, nas duas últimas décadas, foi ofuscada pelo sucesso dos remédios antidepressivos (como, aliás, o próprio Freud PREVIRA)" (*Época*, 09/02/2009, edição nº 560). b) Pretérito mais-que-perfeito composto: "Os amotinados estavam com uma pistola PT 380 que TINHA SIDO TOMADA de um dos sargentos e duas réplicas de pistolas, bem feitas, segundo policiais, em madeira, papelão e metal" (JB, 24/10/02) c) Pretérito perfeito simples. Ex: "César Maia, em entrevista à Rádio Brasil, revelou ontem que CONVERSOU com o atacante da Seleção Brasileira" (Povo, 31/12/03). Esta comunicação focaliza esta variação em textos midiáticos (de jornais e de revistas) que abrangem tanto um público mais elitizado quanto um público mais popular, considerando textos de diferentes gêneros (entrevistas, reportagens, editoriais, cartas pessoais e crônicas). O nosso objetivo é discutir a influência de dois fatores sobre a utilização da forma composta: o tipo sintático da oração e a caracterização do ponto de referência. Através de uma análise multivariacional, realizada com o auxílio dos programas Goldvarb 2001, mostramos que a variante pretérito mais-que-perfeito composto tende a ser favorecida em dois contextos principais: a) casos de tipo sintático da oração definido como "oração absoluta".73, "subordinada substantiva".66 ou "coordenada".63; b) casos de ponto de refe-

rência caracterizado como "forma verbal de pretérito imperfeito" .80, "forma verbal não flexionada em tempo e modo" .78, "forma verbal de pretérito mais-que-perfeito" .66 ou "pressuposto" .62.

**A VARIAÇÃO FONÉTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRÉ E POSTÔNICAS
NO LÉXICO DE MONTES CLAROS/MG**

Patrícia Goulart Tondineli (UNIMONTES)
patricia.tondineli@gmail.com

Este trabalho objetivou investigar os aspectos que envolvem a alternância das vogais médias /o/ e /e/, em posição pretônica e postônica (não final) no léxico de Montes Claros/MG. Para tanto, verificou-se o papel dos contextos fonológicos no comportamento das mesmas, bem como os aspectos extralinguísticos que influem, ou não, na alternância dessas vogais, além da sua repercussão no nível lexical. Conforme estudos realizados anteriormente (CRIS TÓFARO, 2001; OLIVEIRA, 1992; OLIVEIRA & LEE, 2003, 2006; RIBEIRO, 2007; VIEGAS, 2001; entre outros), constata-se que a variação não é uniforme; assim sendo, utilizamos a pesquisa variacionista como base metodológica e, como suporte teórico, o modelo difusionista. Em *Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil*, Nascentes insere Montes Claros na zona do subfalar baiano, caracterizado pela "predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔh'vaʌu], [sɛrẽnu]" (MARTINS, 2006: 03-4). Destarte, pergunta-se: serão predominantes as vogais médias baixas, em posição pretônica, no falar montesclareense? O que encontramos, entretanto, é um sistema complexo no que diz respeito ao comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, o que nos dá, pois, um quadro diferente daquele postulado anteriormente. A presença de [ɛ, ɔ], embora ainda constatada, parece já não se fazer tão marcante quanto à época da confecção do EALMG. Constatamos tal comportamento em relação às vogais médias pretônicas e também em relação às postônicas, além de fatos linguísticos divergentes que coexistem num mesmo período de tempo como, por exemplo, almoço, almoçar; sinhora, senhor; segundo (= número ordinal), segundo (=conforme), o que nos leva à mudança em nível lexical. O trabalho que ora se apresenta pretendeu, pois, além de comprovar e estudar o comportamento das vogais médias pretônicas e postônicas (não final), investigar o uso dos vocábulos com o intuito de contribuir para os projetos que buscam entender as escolhas léxico-fonológicas dos falantes.

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Michelle de Oliveira (UERJ)
Victória Wilson (UERJ)
michelle_letras@oi.com.br

Este trabalho investiga o tratamento da variação linguística em dois livros didáticos de Língua Portuguesa: *Português: linguagens*, de Magalhães e Cereja e *Projeto Araribá: Português*/ obra coletiva. Para isso, serão propostas reflexões sobre norma, ensino de gramática e variação linguística nos LDPs. Utilizar-se-á, portanto, como embasamento teórico a sociolinguística variacionista, embora a análise não seja de natureza quantitativa. Dada a diversidade linguístico-cultural do Brasil, o tema da variação torna-se uma das preocupações centrais no ensino de LP. Como o livro didático ocupa um lugar de relevância para o ensino, visto ser frequentemente o instrumento de ensino mais utilizado pelo professor, a pesquisa sobre variação e o modo como esta é tratada nos LDPs torna-se o centro de interesse desse trabalho.

A VOGAL MÉDIA PRETÔNICA ANTERIOR NA FALA FLUMINENSE

Márcia Saldanha Peterson (UFRJ)
marciapetufjr@hotmail.com

Este estudo tem por objetivo focalizar a vogal média pré-tônica anterior em falares populares fluminenses, com base nos dados registrados em cartas fonéticas do MicroAFERJ, divulgado em 2008, em forma de tese de doutoramento. A pesquisa a ser descrita será fundamentada em índices percentuais, e terá seus resultados exibidos e analisados com o apoio em contextos em que ocorrem as diferentes variantes. As variantes serão distribuídas segundo os seguintes contextos: a) seguida de sílaba com (i) vogal alta oral ou nasalizada, (ii) com vogal média fechada oral ou nasalizada, (iii) com vogal média aberta, (iv) com vogal /a/ oral ou nasalizada; b) seguida de Arquifonema nasal; e (c) seguida de Arquifonema /S/. Vale ressaltar que, no Atlas, além da variável localidade, foram controladas, de for-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

ma sistemática, as variáveis gênero e faixa etária, o que possibilita verificar a distribuição das variantes tanto no eixo diatópico quanto no diastrático. Desse modo, neste trabalho, estudam-se fatores estruturais e sociais que possam influenciar a ocorrência da vogal anterior média pretônica. Sendo assim, o estudo aqui desenvolvido segue a perspectiva Sociolinguística, a qual parte do princípio da existência de uma estreita ligação entre fatos linguísticos e fenômenos sociais. O presente trabalho visa a acrescentar aos estudos já existentes sobre a variável em questão novas descrições do dialeto fluminense. Com base no desenvolvimento do estudo, espera-se verificar os índices de manutenção, abaixamento e alteamento da vogal média pretônica anterior na fala fluminense.

ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DA POBREZA NAS REVISTAS SEMANAIS BRASILEIRAS IMPRESSAS DE INFORMAÇÃO GERAL: VEJA, ÉPOCA E ISTO É

Lunara David Gonçalves (UFV)
lunaradgoncalves@gmail.com

A ideia de que a pobreza está vinculada apenas a questões econômicas é uma maneira reducionista de se pensar tal problema, uma vez que falar de pobreza implica antes de tudo um estado de privação de bens e serviços. É fundamental verificarmos como a mídia informativa representa tal fenômeno para a população brasileira, uma vez que a mídia tem a função social de informar a população acerca dos fatos e acontecimentos decorrentes da vida social. Sendo assim, o objetivo principal dessa pesquisa é analisar o discurso das revistas impressas semanais de informação geral *Veja*, *Época* e *Isto É*, a partir de matérias sobre a pobreza, principalmente nos gêneros jornalísticos denominados opinativos e informativos. A pesquisa é de cunho descritivo-explicativo objetivando analisar a representação do tema pobreza nas revistas supracitadas. Após a descrição, os dados serão interpretados com base no arcabouço teórico referente aos estudos discursivos críticos, além dos estudos sobre a pobreza e mídia. Esta pesquisa é fundamentada principalmente em duas teorias, Teoria Social do Discurso proposta por Fairclough (1989, 1992, 1999, 2003), em que o ponto central é a tentativa de evidenciar os funcionamentos que a linguagem assume na nova ordem mundial capitalista, baseada nas relações de consumo e tecnologia, e Teoria da Representação dos Atores Sociais por van Leeuwen (1997). O que está em jogo é a relação entre reflexão e consciência linguística e as lutas hegemônicas pelo poder.

ANÁLISE CRÍTICA DE ALGUNS TÓPICOS DA GRAMÁTICA NORMATIVA ADOTADA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Carlos Alberto Gonçalves Lopes (UNEB)
calbertoglopes@hotmail.com

Esta conferência tem o propósito de apontar algumas incoerências e contradições existentes nas gramáticas normativas tradicionais adotadas em nossas escolas, discuti-las e propor correções, não só visando melhorar a qualidade do ensino da língua portuguesa em nosso país como também oferecer subsídios para a elaboração de uma gramática padrão da norma urbana culta em sua modalidade escrita. Inicialmente, será feita uma abordagem sobre algumas das gramáticas mais conhecidas, detendo-se naquelas supostamente mais utilizadas em sala de aula, sobretudo no século passado, para depois fazer uma apreciação de alguns tópicos passíveis de questionamento, sem procurar com isso fazer uma sistematização exaustiva do assunto. Nesse caso, buscar-se-á trilhar apenas um roteiro que, partindo da Fonologia, passando pela Morfologia e concluindo com a Sintaxe, ofereça uma visão panorâmica do objeto de nossa atenção, sem a pretensão de esgotar o tema proposto. OBS.: Inicialmente, o meu propósito era o de realizar um minicurso, mas dada a impossibilidade de sua realização, aceito o convite feito pelo Prof. José Pereira para, no lugar do minicurso, optar por uma conferência sobre o mesmo assunto.

ANÁLISE DOS CONDICIONANTES MORFOSSINTÁTICOS RESPONSÁVEIS PELO INÍCIO DA TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DO ITEM POREM NO PORTUGUÊS ARCAICO

Maria Regina Pante (UEM)
mrpante@hotmail.com

Esta comunicação apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre a análise do item *poem* (e de suas variantes gráficas), em textos arcaicos portugueses. Trata-se de estudo sobre a trajetória de gramaticaliza-

ção desse item e da identificação dos condicionantes morfossintáticos que funcionaram como gatilho para o início de sua gramaticalização. Os resultados apontaram que a ocorrência de elementos de valor negativo, bem como de elementos enfáticos, juntamente com o item *porem*, foram os principais responsáveis pelo início de sua mudança linguística.

**ANÁLISE E PRODUÇÃO DE TEXTOS PUBLICITÁRIOS EM SALA DE AULA:
A PERSPECTIVA SEMIOLINGÜÍSTICA**

Glacy Kelli Reis da Silva Xavier (UFF)
glaycikelli@yahoo.com.br

Uma das grandes discussões na área do ensino de língua portuguesa refere-se ao conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e sua aplicação. Os PCNs apresentam propostas de trabalho que valorizam a participação crítica do aluno diante da sua língua, e apontam que "um projeto educacional comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso a saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania" (MEC, 2001). Dessa forma, o trabalho com a língua materna na escola, desde as séries iniciais, deve proporcionar situações que desenvolvam a competência de linguagem dos alunos. Para isso, faz-se necessária uma intervenção pedagógica que aprimore as competências situacional, semiolinguística, discursiva e semântica dos alunos (CHARAUDEAU, 2001, 2009). Este trabalho demonstra uma sequência didática (MARCHUSCHI, 2008) realizada com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, que envolve a análise e a produção de textos publicitários. Como diretriz, foram utilizados pressupostos da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso com relação à manipulação dos modos enunciativo e argumentativo de organização discursiva (CHARAUDEAU, 2004, 2009).

**ANÁLISE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DOS SIGNIFICANTES "NEGUINHO(A)", E "NEGO(A)"
NO SÉCULO XIX E NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Gabriel Nascimento dos Santos (UESC)
gabrielnascimento.eagle@hotmail.com

A partir dos estudos da palavra pela Linguística e a partir da concepção de Significante/significado por Saussure (1900) este trabalho torna-se viável à medida que se propõe aqui a análise semântica e pragmática dos significantes "neguinho(a)" e "nego(a)" como formas de expressão verbal no século XIX e no mundo contemporâneo. Pretende-se pontuar o fato de que o significante só toma significado no contexto. No século XIX, com a escravidão esses significantes tomavam com maior força um significado de racismo. Este trabalho não busca, porém, afirmar que hoje esses significantes não são usados como expressão racista, uma vez que há registros do uso pragmático desses significantes para um fim semântico de racismo. No entanto eles passaram por uma mudança pragmática e, logo, semântica e hoje "neguinho(a)" e "nego(a)" não só trazem a significação racista. Eles são muitas vezes usados no mundo contemporâneo como expressão de carinho num estilo de linguagem mais íntimo. Esses significantes não são variantes cultas e, por isso são empregados no uso corrente e em estilos específicos de linguagem. Entretanto, para Bakhtin (1997) a palavra tem uma carga ideológica muito grande. Mesmo que não usados como expressão de racismo no mundo contemporâneo essas palavras guardam uma carga ideológica. Este trabalho propõe-se a analisar uma suposta evolução pragmática e semântica desses significantes, esclarecendo por meio de textos teóricos que o significado deles hoje no século XXI só varia (usos com uma postura racista, não racista) a partir do contexto e que com eles está uma carga ideológica muito forte. Este estudo tem como embasamento científico Saussure (1900) para estabelecimento dos conceitos de Significante e significado, Bakhtin (1997) com os pressupostos de língua e meio e Rocha Lima (1958) para analisar diversos outros trabalhos de evolução da língua, entre outros.

ANÚNCIOS E LETREIROS DO COMÉRCIO POPULAR: GÊNEROS EM DISCUSSÃO

Oswaldo Barreto Oliveira Junior (IFBA)
osvaldobojr@yahoo.com.br

Os gêneros discursivos são produtos de linguagem através dos quais podem ser percebidos os sentidos que são construídos (por meio de) e com a língua, pois concretamente revelam os modos culturais de uso da leitura, da escrita e da oralidade. Esses gêneros não surgem de mecanismos autônomos da língua, mas da associação dos conhecimentos linguísticos socialmente construídos com as ações cognitivas culturalmente elaboradas em contextos sociais es-

pecíficos. Para melhor elucidar a noção de gêneros discursivos que adotamos neste trabalho, assumimos o caráter dialógico da interação verbal, postulado por Mikhail Bakhtin (1992), para argumentar que os usos populares da língua escrita revelam, de forma mais saliente, as condições históricas, linguísticas e socioideológicas, portanto discursivas, envolvidas nos atos de interação verbal mediados pela escrita. Nessa perspectiva, analisamos os gêneros discursivos anúncios e letreiros de atividades comerciais populares, direcionando nossos olhares para as especificidades dos gêneros analisados, tratando-os como práticas de letramento que se desenvolvem socialmente, com pouco ou nenhuma influência dos saberes formais valorizados pela e na escola. Dessa forma, congregamos a teoria sobre os gêneros discursivos com a das práticas sociais de letramento, a fim de comprovar que a língua, fenômeno social fundado nas necessidades de interação verbal, pode assumir diversas formas concretas que viabilizam a comunicação entre os membros de uma sociedade. Assim, defendemos que nenhum produto discursivo é fruto da vontade individual de um falante, ou da construção mental de um indivíduo privilegiado, pois toda comunicação verbal é dialógica, uma vez que a enunciação é totalmente produto da interação social.

A APLICAÇÃO DO ESTUDO DO CÓDIGO BIBLIOGRÁFICO NAS EDIÇÕES DO SÉCULO XIX DE PAPÉIS AVULSOS DE MACHADO DE ASSIS

Fabiana da Costa Ferraz Patueli (UFF)
patueli@click21.com.br

O presente trabalho tem como objetivo expor os principais tópicos tratados na Dissertação de Mestrado em Letras, da Subárea em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura, área de concentração em Estudos de Literatura, da Universidade Federal Fluminense – UFF, sob a orientação da Professora Doutora Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues Martins, sob o título: "O estudo do código bibliográfico nas edições do século XIX de Papéis Avulsos de Machado de Assis." A Dissertação de Mestrado a que se refere esse trabalho foi realizado em parceria com o Laboratório de Ecdótica – LABEC da Universidade Federal Fluminense – UFF em que há um projeto em execução de elaboração da Edição Crítica de Papéis Avulsos de Machado de Assis.

APORTES SOCIOLINGÜÍSTICOS À PRÁTICA DO PROFESSOR: IMPLICAÇÕES NA SALA DE AULA

Consuelo Domenici Mozzer Pinto (UFJF)
Lucia F. Mendonça Cyranka (UFJF)
cdmozzzer@gmail.com

Um dos grandes desafios dos educadores é aproximar-se do universo do aluno e apreender suas concepções acerca dos saberes adquiridos, no sentido de auxiliá-lo na geração de um novo conhecimento que evolua a partir das manifestações e experiências no contexto das aprendizagens escolares. Neste sentido, a língua, como um bem cultural, caracteriza-se, não só, como força mediadora do conhecimento, mas também é, ela mesma, conhecimento. Nesse trabalho, discute-se, à luz de uma abordagem sociolinguística, os impactos desses conhecimentos no contexto da sala de aula de uma escola pública do Município de Juiz de Fora (MG), abordando o papel do professor no ensino da variedade culta da língua e os desafios presentes no enfrentamento dessa questão, enfatizando como os conhecimentos da sociolinguística podem aprimorar a prática docente e contagiar os alunos com a confiança e a alegria de usar a língua com segurança para desempenhar qualquer tarefa comunicativa cabível.

APRENDENDO PORTUGUÊS COM TEXTOS DE HUMOR

Claudia Moura da Rocha (UERJ)
Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)
darciliasimoes@gmail.com

É possível aprender português por meio da leitura de textos de humor? É a essa pergunta que a presente comunicação pretende responder. Os gêneros textuais de humor oferecem rico material para o professor de língua portuguesa utilizar em suas aulas, uma vez que a língua é empregada com a finalidade de fazer rir, ou seja, é usada como um recurso expressivo, não apenas como simples meio de comunicação. Procuraremos demonstrar como os recursos linguísticos (de natureza fonológica, morfológica, semântica, entre outros) presentes nos textos de humor podem ser aproveitados pelo professor em suas aulas de leitura, interpretação e produção textual.

ARBITRARIEDADE DA LINGUAGEM: CRÁTILLO E SAUSSURE

Cícero Barboza Nunes (UFRPE)
ck.nun.es@hotmail.com

Embora seja de grande conhecimento contemporâneo que a arbitrariedade da linguagem seja a ausência de similaridade entre o significante e o significado (SANTAELLA, 2004, p. 128), é possível dizer, contudo que este conceito tem suas origens com os filósofos da antiguidade grega e se mantém até os dias atuais, sendo estudado, principalmente, no Curso de Linguística geral (CLG), pela Linguística moderna. De fato, Platão foi o primeiro pensador a refletir os problemas fundamentais concernentes à língua gem. (WEEDWOOD, 2002 p. 21). Em suas obras são elencadas questões de suma importância para a compreensão da linguística moderna, principalmente em sua obra Crátilo, onde há um longo questionamento entre os personagens Crátilo, Hermógenes e Sócrates acerca da justeza dos nomes. Esta hereditária e milenar discussão existente desde a antiguidade grega tem forte impacto na linguística estruturalista representada pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure, que defende que o signo linguístico é arbitrário (CLG, p.81). A partir de um corpus formado com a obra de Platão supracitada e com os escritos atribuídos a Saussure no que se refere à arbitrariedade do signo linguístico, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo comparativo do conceito em questão, revelando, por um lado, uma preocupação metalinguística já existente na Antiguidade e, por outro, a forma como ela comparece em um dos textos fundadores da Linguística moderna. A relevância deste trabalho reside em demonstrar que essa discussão é de tão grande envergadura que se estendeu dos antigos filósofos gregos até a linguística estrutural.

**ARISTÓTELES E PEIRCE:
OS SUBSTRATOS PARA A COMPREENSÃO LÓGICA DOS PROCESSOS SEMIÓTICOS**

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@yahoo.com.br

Em Aristóteles encontramos o substrato para a compreensão lógica da semiose, os prolegômenos que foram posteriormente desenvolvidos pelos lógicos medievais e anotados definitivamente por Charles Sanders Peirce. A compreensão triádica do filósofo americano já aparece no "Organon" aristotélico, e sua percepção é fundamental para a interpretação inter ou transtextual, principalmente em relação à complexidade cultural hodierna. Destarte, a partir de traduções do filósofo grego, serão feitas relações com a lógica (medieval e fregeana, por exemplo), e com as matrizes geradoras de pensamento e de linguagem de Peirce, propondo caminhos para a ação hermenêutica intencional e criativa, possibilitando abduções e caminhos críticos. A proposta envolve a discussão de semioses verbais e não verbais, por meio da elaboração de gráficos que sintetizam a complexidade existente em mensagens simples ou prolixas.

**ARNALDO ANTUNES, INFERENCIAÇÃO E SENTIMENTO:
FUNDAMENTOS SEMIOLINGÜÍSTICOS PARA AULA DE LEITURA**

Beatriz dos Santos Feres (UFF)
beatrizferes@yahoo.com.br

O desenvolvimento da capacidade leitora (vinculada aos processos de letramento e de leiturização) tem sido considerado um desafio pelos professores dos vários níveis de escolaridade. A pesquisa científica, nas últimas décadas, tem oferecido pressupostos teóricos pertinentes à competência linguageira (Charaudeau, 2001; 2004) que, aplicados ao ensino da leitura, viabilizam não só o progresso do cálculo interpretativo (Charaudeau: 2008), como também o estímulo da sensibilidade estética. Este trabalho pretende analisar textos do livro Palavra Desordem, de Arnaldo Antunes, sob o enfoque da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, a fim de apontar estratégias para a inferenciação e para o sentimento (como ato de sentir) de latências na construção do(s) sentido(s) do texto. Para isso, serão aplicados os conceitos de patemização (Charaudeau, 2010), iconicidade (Peirce, 2003; Santaella, 2000; Pignatari, 2004) e de competência frutiva (Feres, 2010).

**AS CANÇÕES DIZEM MAIS:
DESVENDANDO AS METÁFORAS PRESENTES NAS MÚSICAS SERTANEJAS**

Margareth Myriam da Rocha (UFJF)
Josiane Silveira Coimbra (UFJF)
Tays Angélica Rezende (UFJF)
Nívia de Souza Costa (UFJF)
alexstestes1@hotmail.com

A linguística cognitiva, base teórica deste trabalho, rompe com o paradigma científico centrado nas descrições das estruturas das línguas (com foco no significante) e começam os modernos estudos sobre a linguagem (com o foco no significado). Nesse estudo, dá-se importância à influência do contexto para a compreensão/produção da linguagem, a experiência humana do mundo e os aspectos cognitivos envolvidos na significação. Dentre os diversos estudos propostos pela linguística cognitiva, George Lakoff e Mark Johnson (2002), no livro, *Metáforas da Vida Cotidiana*, afirmam que a metáfora não consiste apenas em um artifício literário, mas um mecanismo através do qual raciocinamos e compreendemos conceitos abstratos. A metáfora é um mecanismo conceptual e cognitivo que nos permite explicar uma coisa em termos de outra, partindo da nossa experiência corporal para categorizar entidades e eventos mais abstratos. Assim, este mecanismo permite ao falante compreender assuntos abstratos, através de concretos, que por serem familiares, são mais facilmente entendidos. O propósito desse trabalho é observar quais metáforas são mais empregadas em músicas sertanejas e a partir dessas observações estabelecer os conceitos metafóricos mais comuns nessa área musical. Dentre as canções analisadas, foram encontradas, principalmente, metáforas ontológicas, em que há uma personificação de um termo, e metáforas que conceituam, de modo concreto, o amor. Verificou-se a presença de metáforas como "O amor é uma viagem", "O amor é loucura", entre outras.

**AS CARTAS AO BARÃO DE JEREMOABO:
ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA DE DOCUMENTOS PESSOAIS DO FINAL DO SÉCULO XIX**

Eliane Santos Leite (UNEB)
elienesleite1@hotmail.com

Pretende-se apresentar, através desse trabalho, resultados preliminares do projeto de investigação em nível de Mestrado, em desenvolvimento na Universidade do Estado da Bahia, (Programa de Pós-Graduação em Linguagens) intitulado: *As cartas ao Barão de Jeremoabo: abordagem léxico-semântica de documentos pessoais do final do século XIX*. O objetivo maior do mesmo é desenvolver um olhar investigativo a partir de uma perspectiva léxico-semântica sobre 190 cartas pessoais, datadas entre 1890 e 1898, enviadas ao barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins - importante figura política e um dos maiores latifundiários do Nordeste, em especial do Sertão e Recôncavo baianos do século XIX- por 43 sertanejos, todos eles parentes, amigos e/ou correligionários do Barão. Pretende-se realizar o levantamento do vocabulário utilizado nas cartas, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Lexicologia, considerando principalmente a proposta da teoria dos campos lexicais, de Eugênio Coseriu. Outra etapa da investigação objetiva analisar os recursos semânticos empregados nos textos e perceber, através disso, a contribuição do contexto extralinguístico para a fixação dos significados das lexias. Buscar-se-á, deste modo, observar como os correspondentes do Barão manejavam a língua escrita, e se inovavam em seu uso, criando lexias ou captando outros sentidos para as já existentes, o que ser ia revelador de um uso produtivo do léxico. Acredita-se, nesse sentido, ser possível realizar a identificação dos usos lexicais enquanto caracterizadores de uma comunidade, no que diz respeito às suas crenças, valores e costumes, partindo do pressuposto de que há, em toda e qualquer sociedade, uma intensa relação entre as manifestações linguísticas e as manifestações culturais. Para efeito de amostragem, serão apresentados os resultados de um estudo preliminar do vocabulário de parte das cartas que compõem o corpus, no qual as lexias selecionadas foram agrupadas em campos lexicais (macrocampos e seus respectivos microcampos), seguidos do levantamento dos significados das lexias mais representativas e os respectivos exemplos de aplicação no texto.

**AS CONSTRUÇÕES DE DESLOCAMENTO À ESQUERDA NO PB:
EVIDÊNCIAS DE ORIENTAÇÃO PARA O DISCURSO**

Mayara Nicolau de Paula (UFRJ)
mayara.nicolau@yahoo.com.br

O presente trabalho é um estudo de mudança em tempo real de curta duração (Labov 1994), que busca investigar as construções de tópico conhecidas como "deslocamento à esquerda" (DE) no PB oral. Tais construções apre-

sentam um elemento externo à sentença, que é retomado no interior da sentença-comentário por meio de um pronome-cópia ou outro elemento equivalente como em: (1) Os vizinhos, qualquer coisa eles comunicam à gente. (2) Mas a gente realmente cê aprende umas noções muito boas e claras de como agi(r) numa situação dessa, né? Tais estruturas foram apresentadas em Duarte (1995) como semelhantes às do francês e tomadas como uma evidência do "encaixamento" da mudança do PB, de língua [+sujeito nulo] para língua [-sujeito nulo]. Nossa análise, entretanto, refina o exame do elemento deslocado e do elemento-cópia, mostrando que não se trata de estruturas similares àquelas presentes no francês, em que sua ocorrência está sujeita a muitas restrições (BARNES, 1986) ao contrário do que ocorre no PB. Assim, a presença das construções de DE no português brasileiro, além de evidenciar características de línguas [-sujeito nulo], permite colocá-lo entre as línguas com proeminência de tópico e de sujeito, nos termos de Li & Thompson (1976). A metodologia utilizada é aquela proposta para a realização de um Estudo de Painele (cf. Paiva & Duarte, 2003), que consiste em observar o comportamento do indivíduo em dois momentos separados no tempo. Os dados provêm de entrevistas do acervo do projeto PEUL/UFRJ, realizadas em inícios da década de 80 com 16 indivíduos, recontactados cerca de 19 anos depois. A codificação e o processamento dos dados utiliza os passos da sociolinguística quantitativa.

AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E A ORGANIZAÇÃO TÓPICA EM ENTREVISTAS

Natalia Muniz Marchezi (UFES)

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

natalia_marchezi@hotmail.com

Neste trabalho faz-se uma análise discursivo-pragmática de entrevistas, veiculadas na mídia impressa, tendo como base a noção de face, elaborada por Goffman (1985), a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987) e a noção de tópico como princípio de organização textual-discursiva, Koch (1992) e Lins (2008). Nas entrevistas utilizadas como corpus, observa-se como acontecem os atos de ameaça às faces positiva e negativa na relação entrevistador-entrevistado, quais estratégias de polidez eles utilizam para salvar e preservar as suas faces, verificando se tais estratégias de polidez influenciam a organização tópica do gênero.

AS FACES DAS MADRES NO PERÍODO MEDIEVAL

Larissa do Socorro Martinsleal (UFPA)

laramartinsleal@hotmail.com

Ramon Llull deixa claro em seu livro, o livro da Intenção, que no casamento, tem duas intenções, a primeira a procriação e a segunda o delito carnal, que era visto pelo filósofo como uma maneira de gerar filhos, e não se devia ter relações sem o objetivo da procriação. A sociedade medieval foi marcada pelo universo masculino, as mulheres devido uma posição de submissão, não opinavam na formação das leis, no entanto eram obrigadas a respeitar uma série de leis específicas para elas, como, o poder de tu tela do sexo masculino sobre o feminino que passava de pai para o marido. Na obra História das mulheres de Georges Duby e Michelle Perrot podemos analisar que a maternidade na sociedade medieval era a fase mais importante da vida de uma mulher casada. A mãe nobre, nesta época era vista como uma 'maquina de reprodução' e para isto seu marido lhe dava uma ama para cada filho e esta mulher reproduzia, já a mãe de classe baixa era diferente a situação, por isso ela tinha um número menor de filhos. Pode-se observar neste texto a dificuldade dos partos e a infertilidade de algumas mulheres, estas chegaram até a recorrer a rituais que eram interditados pela igreja. Georges Duby em Idade média, Idade dos homens, nos mostrar que durante o período da idade medieval começando pelo final do século XI, obtemos relatos vividos por uma mulher tida como heroína e conhecida pelo nome de Ida de Boulogne, esta que foi uma esposa satisfeita e realizou-se em seu casamento, tendo filhos naturais e espirituais. A mãe tendo influencia no processo de aprendizagem da filha, englobando o caráter moral e ético, para que a filha pudesse exercer seu papel na sociedade medieval que era extremamente voltada para o universo masculino. Tendo como base o texto Entre a guarda e o viço: a madre nas cantigas de amigo galego-portuguesa de Paulo Roberto Sodré.

AS INCOERÊNCIAS SINTÁTICAS NA GRAMÁTICA NORMATIVA

Adriano de Souza Dias (FEUDUC)

adrianodias.com@hotmail.com

Renato Porpino (FEUDUC)

adrianodias.com@hotmail.com

As incoerências sintáticas na gramática normativa Adriano de Souza Dias (FEUDUC) Renato Porpino (UERJ-FFP) Há muitos fatos de ordem linguística que não encontram acolhida na gramática normativa, isto se deve ao fato de que a gramática, por ser um compêndio de normas de uso da língua num contexto social, não é capaz de esgotar todas as possibilidades desse uso, posto que de caráter extremamente dinâmico. Podemos reforçar esse princípio com o filósofo alemão Martin Hedegger que dizia que a língua, em sua infinitude, em sua heterogeneidade e em seu constante processo de mudança, é, no fundo, incontornável. Ou seja, seria inverossímil tentar estabelecer regras suficientemente capazes de ditar como a língua deve se comportar. Não obstante, esses princípios que regem a gramática normativa, a nossa cultura linguística tradicional apresenta uma dificuldade extrema de lidar com as características da língua: com sua heterogeneidade, suas múltiplas possibilidades e com suas naturais mudanças e procura, a todo custo, estabelecer normas objetivas para todos os eventos linguísticos. Isso, sem sombra de dúvida, gera uma série de impropriedade na classificação e análise de certos fatos da língua. À guisa de exemplo, podemos citar o tópico de concordância especial do verbo ser em (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 519-521) que afirmam: "1. em alguns casos o verbo ser concorda com o predicativo (...) 4º. Nas orações impessoais: São duas horas da noite (BOTTO, p. 141) - Eram quase oito horas. (SCHMIDT, p. 133)". Ora, sabe-se que o verbo impessoal encerra uma oração sem sujeito. No entanto, os referidos autores dizem que o verbo deve concordar com o predicativo. Predicativo de quê? Se a oração não apresenta sujeito e nem objeto (segundo os próprios autores em questão)? O presente estudo pretende identificar considerações incoerentes da análise sintática presentes na gramática normativa, como o exemplo supracitado, por faltar-lhes respaldo na análise lógica desse conhecimento.

AS LUTAS PELA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DO PORTUGUÊS

Hilma Ranauro (UFRA)

hilmaranauro@gmail.com.br

As ideias e ideais do iluminismo filosófico do séc. XVIII tiveram grande repercussão no ensino em Portugal e na gramaticografia da língua portuguesa. O iluminista Luís Antônio Verney, em Verdadeiro método de estudar (1746), combate a pedagogia dos jesuítas, que tinha como base o estudo do grego, do latim e da Retórica Clássica. A campanha contra o monopólio da Companhia de Jesus, a cujos membros se atribuía a culpa da decadência do ensino em Portugal, culmina com a publicação de Verney. A obra de Verney, leva à reforma de Pombal e promove o português ao status de língua nacional, por intermédio da qual deveria ser ensinado o próprio latim, que era a base de toda a escolaridade do ensino jesuítico, dominante em Portugal por quase duzentos anos. O ensino da língua portuguesa, a escolarização da sua gramática, só vieram a ocorrer efetivamente com a reforma decretada por Pombal em 1759. Essas reformas foram o primeiro passo para a reforma pedagógica que veio a culminar com a reforma nos estudos superiores, em 1772. Para isso o rei D. José I teria dado um grande impulso ao ordenar, pelo Alvará Régio de 30 de setembro de 1770, que, antes de se iniciarem nos estudos da língua latina, se instruissem os alunos primeiramente na Gramática Portuguesa, por pelo menos seis meses, para o que se propunha a Gramática de Antônio José dos Reis Lobato (*Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*), publicada em 1770. Caberia ainda aos "Mestres da Língua Latina" a instrução dos alunos na gramática do português. No séc. XVI e, mais especificamente, no séc. XVII, o latim era não só a língua de referência, mas a própria metalíngua. Isso pode ser observado na própria gramática da reforma pombalina.

AS MARIAS NA MACROTAPONÍMIA SERGIPANA

Cezar Alexandre Neri Santos (UFS)

Leda Pires Correa (UFS)

cezarneri@hotmail.com

A toponímia- estudo dos nomes dos lugares – permite reflexões acerca dos processos e experiências na relação homem-espaco, configurando-se como uma indicadora sociolinguístico-cultural. Neste trabalho identificamos o papel do designativo Maria, a mãe de Jesus, na nomeação dos nomes de freguesias, vilas e municípios sergipanos numa dupla relação - Igreja-poder e homem-fé. Ambos a Igreja Católica e a força espiritual do nordestino são peças

influenciadoras na atribuição de hagiotopônimos do estado. A primeira, a partir de sua relação com Portugal, metrópole dominante no período regencial em Sergipe; a segunda, conforme a expressividade religiosa dos habitantes e sua ligação com Nossa Senhora, comparando-a com os topônimos referentes a santos ou a Jesus Cristo. Ao constatar a influência do catolicismo na construção dos topônimos em Sergipe, percebemos a preservação do elemento coletivo religioso, patrimônio imaterial, e a compreensão dos valores e das tradições sócio-históricas do Estado. Nesta linha, também apuramos a existência de expropriação de topônimos indígenas e africanos na história linguística de Sergipe, tentando estabelecer possíveis causas/efeitos. O considerável número de municípios sergipanos atualmente nomeados de Nossa Senhora, a saber, do Socorro, da Glória, das Dores, de Lourdes, de Aparecida, além de Divina Pastora, admite interpretações várias a respeito do processo nominativo no estado. Como parte menor da dissertação de mestrado desse autor, suas conclusões se mostram aqui de forma embrionária, na busca por estabelecer diálogos multidisciplinares a partir do estudo do léxico.

AS METÁFORAS DO AMOR EM REVISTAS PARA ADOLESCENTES

Ana Paula Ferreira (UERJ)
anapaferr@gmail.com

Falar sobre amor é sempre uma atividade instigante. Longe de uma definição única, estática, existem inúmeras possibilidades de se representar o amor, o que nos permite a constatação que refletir sobre o amor, enquanto uma construção histórico-social, é também refletir sobre a condição humana em determinada época e cultura, o que possibilita uma melhor compreensão acerca das próprias relações sociais como um todo. Se há, então, essa pluralidade, existiria uma forma predominante nos dias atuais, que fosse mais valorizada ou possibilitada pela sociedade moderna? Seria a mídia, de alguma forma, instrumento auxiliador nesse processo? Através da observação das representações da mídia impressa acerca das relações amorosas contemporâneas, buscamos verificar como o conceito de amor é apresentado nessas produções e quais as formas de relacionar-se privilegiadas atualmente pelos instrumentos midiáticos voltados para a juventude. Para tanto, contamos com contribuições da Linguística Cognitiva; em especial, da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Destacamos as metáforas conceituais utilizadas quando os relacionamentos amorosos são abordados, no intuito de entendermos melhor como o amor é conceitualizado e quais as ideologias presentes e as mensagens transmitidas nestes discursos, visto que as metáforas são instrumentos poderosos para a compreensão da visão de mundo existente em determinada sociedade. Analisamos artigos, selecionados durante os meses de maio e junho de 2009, de duas revistas de grande circulação voltadas ao público adolescente feminino, *Capricho* e *Atrevida*, de periodicidade, respectivamente, quinzenal e mensal. A partir das metáforas identificadas, pudemos confirmar a pluralidade de representações para o amor na sociedade contemporânea. Pretendemos com o presente trabalho estimular uma reflexão acerca do assunto e alertar para o reconhecimento das possibilidades diversas de amar que hoje nos são oferecidas, para que ideologias não nos sejam impostas sem uma análise crítica daquilo que necessitamos e realmente queremos.

AS METAMORFOSES DA MULHER NA POESIA BRASILEIRA FINISSECLAR

Juliana Pêgas Costa (UERJ/FFP)
Fernando Monteiro de Barros Jr (UERJ/FFP)
jujupegas@hotmail.com

A figura feminina aparece, na literatura, sob diversas formas e óticas diferentes. Ora sua imagem está associada à pureza, bondade e castidade, ora aparece a figura transgressora e sensual da *femme fatale*. No caso da representação da mulher no *fin-de-siècle*, encontra-se uma nítida influência da poesia decadentista, surgida da França no final do século XIX. Charles Baudelaire, considerado o precursor dessa estética, influenciará os poetas brasileiros enquadrados pela crítica como parnasianos e simbolistas, mas que carregam grandes marcas da poética decadentista francesa. O trabalho analisará algumas imagens femininas recorrentes na poesia brasileira finisseclara, como a Esfinge, a Sereia, a Vampira, além das figuras emblemáticas de Cleópatra e Salomé, que se mostram presentes em vários de nossos poetas do período, dentre os quais Raimundo Correia e Olavo Bilac. Os traços do Decadentismo estão presentes, muitas vezes, na produção poética das estéticas parnasiana e simbolista. Por isso, é importante ressaltar que a figura feminina na poesia brasileira do final do século XIX e começo do século XX, em suas metamorfoses, atravessa as estéticas do segundo oitocentos sob nítida influência decadentista.

AS MUDANÇAS FONÉTICAS E SOCIAIS EM EVIDÊNCIA: O NOVO FALAR

Emanuelle da Fonseca Mercadante (Simonsen)
manumerc23@hotmail.com

O trabalho irá abordar as tendências evolutivas da Filologia no mundo contemporâneo, como a redução das palavras em relação ao gerundismo, redução das palavras a paroxítonas em relação ao diminutivo, redução de ditongos a simples vogais, a monotongação, entre outros aspectos relevantes. Após esse estudo chegou-se a conclusão de que não há mais lugar para os ditos "falantes de baixa escolaridade", por não tratar esses fenômenos de casos específicos para os mesmos, mas grande parte dos falantes: do menos ao mais escolarizado no discurso oral. Foi feito um trabalho de campo acerca de um questionário, confirmando as informações do estudo.

AS PISTAS GRÁFICAS NOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS: DEFININDO VARIANTES GRÁFICAS

Elaine Chaves (UFMG)
elainechav@hotmail.com

Estudar a grafia dos pronomes como identificação da relação existente entre os interlocutores nos permite investigar a ligação que a forma gráfica tem com o contexto social. Temos por objetivo apresentar a variante gráfica como uma possibilidade dentro dos estudos sociolinguísticos. Para tanto, investigamos as abreviaturas dos tratamentos Vossa Mercê e Você, considerando as etapas do processo de gramaticalização pelo qual essas formas passaram. Não desenvolveremos um estudo sobre gramaticalização, apenas observaremos o comportamento das abreviaturas em cada uma de suas etapas. Alguns fatores motivaram a escolha do tema: (i) A recorrente menção, na literatura, de que as abreviaturas são feitas de forma assistemática. E, por outro lado, a existência de regras que condicionam o uso dessas abreviaturas. (ii) A observação, em dicionários de abreviaturas (FLEXOR, 1985), de que havia um número muito grande de formas de se abreviar esses pronomes coexistindo em um mesmo período. (v) A regra de uso das iniciais maiúsculas nas abreviaturas de tratamentos e o real uso dessas abreviaturas com iniciais minúsculas. (vi) As evidências em Gonzalez (2002) de que esse grande número de formas de abreviar uma palavra vem da sua evolução histórica. Utilizamos como corpora cartas particulares escritas no século XIX e na primeira metade do século XX. Cartas e bilhetes são utilizadas para estabelecer interação entre duas pessoas a curta ou a longa distância. Para definirmos as variantes gráficas nos pautamos em um trabalho de Rita Marquilhas (1988) em que apresenta uma classificação de variante gráfica que é plenamente aplicáveis ao nosso objeto que é exclusivamente pertencente à modalidade escrita. Com base nos fatores que nos motivaram a desenvolver esta pesquisa, alcançamos nosso propósito ao detectarmos que as escolhas gráficas não são aleatórias e ainda podem ser definidas como variantes nos moldes sociolinguísticos.

**AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DE CURRÍCULO E MATERIAIS DIDÁTICOS
NO ENSINO DE ESPANHOL NO NÍVEL MÉDIO DA REDE PÚBLICA
– EM BUSCA DE PRÁTICAS DE LETRAMENTO**

Cícero Anastácio Araújo de Miranda (UFC)
cicero.miranda@ufc.br

Tendo em vista a implementação da oferta obrigatória do ensino do espanhol na rede pública do Brasil, agendada para o ano de 2010, conforme prevê a lei nº 11.161, tornam-se fundamentais estudos que apontem caminhos a serem seguidos pelos professores em tal ação. Nessa perspectiva, desenvolvemos o presente trabalho de pesquisa que tem por objetivo diagnosticar, em forma de amostragem, como se define a atual prática de ensino do referido idioma na rede pública estadual do Ceará, na cidade de Fortaleza. Sendo assim, em nossa investigação nos interessou verificar se os professores usam, e se os usam como o fazem, documentos de referência como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, do Ministério da Educação, para a análise e elaboração dos currículos e materiais didáticos a serem trabalhados em suas salas de aula, numa perspectiva do desenvolvimento do letramento de seus alunos. Para isso, aplicamos questionários, em entrevistas junto a professores de escolas que, no ano de 2009, ofereceram o espanhol em sua grade curricular, no ensino médio. Nos questionários perguntamos sobre a eleição, pelos docentes, dos conteúdos a serem desenvolvidos em sala e sobre quais eram os materiais didáticos utilizados em sua prática de ensino. Como resultado, percebemos: o desconhecimento de alguns professores dos documentos oficiais de referência do governo federal, para a elaboração de currículos; a adoção de materiais restrita aos livros disponíveis no mercado editorial; a heterogeneidade, por isso mesmo, dos conteúdos trabalhados nas diversas escolas e a necessidade de alinhamento das ações de formação inicial dos professores e os que já estão em atuação.

**AS RELAÇÕES ENTRE TEATRO E LITERATURA
NO TEXTO TEATRAL *BAIONETA SANGRENTA*, DE ANTONIO CERQUEIRA: EDIÇÃO E ESTUDO**

Williane Silva Coroa (UFBA/UEFS)
Rosa Borges dos Santos (UFBA/UEFS)
willicoroa@yahoo.com.br

Crítica textual, ciência que se ocupa da conservação, restauração e preservação do patrimônio cultural escrito, analisa o texto enquanto produto e processo. No trato com o texto teatral, esta disciplina considera, em suas abordagens, a pluralidade própria desses textos, tomando-os ao mesmo tempo como produto social e individual. Objetiva-se, neste artigo, discutir as relações entre teatro e literatura, presentes no texto *Baioneta sangrenta* (1984), de Antônio Cerqueira, por notar que, em sua materialidade, estão evidenciadas essas relações. Assim, através da prática de edição, procurar-se-á compreender, como tal texto se constitui, pois, a edição de textos, é antes de tudo, uma atividade hermenêutica.

AS RESSONÂNCIAS DECADENTISTAS NA POESIA PRÉ-MODERNISTA DE MANUEL BANDEIRA

Amanda Dinucci Almeida (UERJ)
Fernando Monteiro de Barros Júnior (UERJ)
amandadinucci@hotmail.com

A multiplicidade estilística que marca a poesia brasileira da *Belle Époque* se faz verificar na obra inicial de Manuel Bandeira (1886-1968), fazendo eco a diversos movimentos estéticos. Seus poemas pré-modernistas classificados como parnasiano-simbolistas apresentam ora reminiscências românticas, ora tinturas simbolistas, ora crepusculares tons decadentistas. O presente trabalho investiga as ressonâncias da relativamente desconhecida poética finissecular decadentista na obra do poeta, mais especificamente no que diz respeito ao spleen herdado de seu patrono Charles Baudelaire (1821-1867) e à libertação do eu lírico através da arte, conduzindo-o ao que Octavio Paz denomina erótica verbal. Neste sentido, é realizado também um estudo sobre as influências do poeta francês na poesia de Bandeira.

AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O SOM DA FALA E SUA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Adriano de Souza Dias
(FEUDUC/SBF/CiFEFiL/Convênio UFF/Strasbourg)
adrianodias.com@hotmail.com

De uma forma geral, desde a alfabetização, há uma preocupação muito grande em se ensinar a língua escrita, desvinculada da fala. Ora, a escrita é a representação gráfica do que se fala e essa representação nem sempre é exatamente compatível. Dessa forma, faz-se necessário atrelar o som da fala à grafia que o representa, de forma precisa, a fim de se aferir as semelhanças e diferenças existentes entre ambos os sistemas. Há fone, como por exemplo, o [s] que pode ser representado por vários grafemas, senão vejamos: insensível (s), passagem (ss), nascer (sc), desça (sç), maçante (ç), sintaxe (x), exercitar (c). Como também, pode ocorrer o contrário, ou seja, uma única letra representar fones diferentes. À guisa de exemplo, podemos citar o (c) que em “cebola” - representa o [s], entretanto em “casa” o [k]. Estas representações apresentam muitas oscilações que, se não forem, devidamente observadas, podem acarretar numa descrição equivocada. Pretendemos, assim, apontar as incoerências e inconsistências presentes nas análises dessa relação fone-grafema e destacar a importância de um estudo dessa natureza para o ensino da ortografia do português.

ASPECTOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL NAS LETRAS DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Maria Aparecida Rocha Gouvêa (UERJ)
cidarochagouvea@hotmail.com

Após a independência, o Brasil passou por um longo processo de estruturação da sociedade que incluiu o debate sobre as diferenças entre o português falado/escrito no país e o português de Portugal. Nesse debate, de um lado, havia os puristas que defendiam a conservação e a uniformidade da língua e, de outro lado, os que defendiam o abra-

sileiramento do idioma. De lá para cá, muitos aspectos da nossa fala/escrita foram legitimados como características do português do Brasil. Este artigo objetiva refletir sobre as propostas de inovações na língua nesse período histórico, como também sobre a legitimação do português falado/escrito no Brasil e demonstrar como a música popular brasileira, por se aproximar da nossa realidade, contribuiu e, até hoje, contribui para o registro da língua na forma como é falada/escrita no país. Para a análise foram utilizados os aspectos descritos por Azeredo (2008, p. 549-552) como características que distinguem o português de Portugal do português do Brasil. Observou-se que os compositores brasileiros utilizam com frequência os aspectos descritos pelo autor.

**ASPECTOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS
DE TEXTOS PRODUZIDOS POR UNIVERSITÁRIOS SURDOS
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO**

Alexandre do Amaral Ribeiro (UERJ)
Amélia Escotto do Amaral Ribeiro (UERJ)
Robson Barbosa Cavalcanti (UERJ)
Alessandra Ribeiro Baptista (UERJ)
alexandre@institutomitsu.com

As relativamente recentes políticas (linguísticas e educacionais), geradas pelas demandas de uma sociedade pretensamente inclusiva, vêm redimensionando a visão sobre o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, na medida em que professores e alunos experimentam situações de diversidade linguística inesperadas. Tal cenário desvela-se de maneira mais clara diante de questões ligadas às necessidades especiais e às salas de aula regulares, especificamente, sobre aquelas relacionadas à surdez. Assim, assumi-se não ser suficiente pensar estratégias de ensino de língua portuguesa como segunda língua apenas nos contextos já recorrentes. Há que se pensar em tais estratégias relacionadas às características e às especificidades do uso do português como segunda língua por surdos, cuja primeira língua é a LIBRAS. Nesta mesa-redonda, pretende-se colocar em discussão desafios enfrentados por professores do ensino superior que atuam em um curso bilíngue de graduação. São apresentados resultados parciais de pesquisa sobre a produção textual de universitários surdos e suas implicações para a avaliação do desempenho acadêmico. Trata-se de descrever usos feitos por esses alunos, em contexto bilíngue e intercultural, ao mesmo tempo em que se discute o processo de avaliação acadêmica e os impasses e desafios de professores e alunos nesse contexto em que se considera o português como segunda língua. A pesquisa procura fazer um levantamento das estruturas oracionais tipicamente produzidas por universitários surdos e as formas como essas se articulam nos textos produzidos por esses alunos em trabalhos acadêmicos de diferentes disciplinas. São formuladas hipóteses semântico-pragmáticas sobre determinados usos e, ainda, apresentadas e discutidas estratégias de atuação pedagógica elaboradas em perspectiva bilíngue. Ao final, possibilidades de ensino de português como segunda língua em contexto bilíngue e intercultural também são ponderadas.

**ASPECTOS SINTÁTICOS DO LATIM TARDIO:
O CASO DO DISCURSO ADUERSUS IUDAEOS, DE TERTULIANO**

Renata Pereira Bastos (UFJF)
renatapbastos@ig.com.br

O latim tardio apresenta aspectos sintáticos que o torna diferente do latim clássico de Cícero, por exemplo, se o comparamos aos seus discursos, como, por exemplo, o Pro Ligário. O levantamento da tipologia de orações no discurso Aduersus Iudaeos, tendo por base o que se encontra descrito na Gramática Superior da língua latina, de Ernesto Faria, fez-nos deparar-nos com situações novas e que requerem uma interpretação adequada para as mesmas e que apontam para as diferenças que o latim tardio apresenta em relação ao latim dos tempos clássicos. Buscamos apoio em bibliografia especializada como traduções do texto, estudos sobre a língua latina tardia, dicionários etc. O nosso escopo foi apresentar a tarefa que cumprimos e que nos ocupou quando do trabalho com o referido discurso de Tertuliano, no âmbito do projeto de iniciação científica "A construção da irrealdade na argumentação das arengas judiciais da latinidade clássica", na UFJF.

**ASPECTOS SINTÁTICOS DO TEXTO DE SÃO JERÔNIMO
CONTRA IOHANNEM HIEROSOLYMITANUM EPISCOPUM AD PAMMACHIUM**

Ana Luíza Silva de Freitas (UFJF)
analufrei@yahoo.com.br

Depois de levantar todas as relações sintáticas no interior das orações e entre as orações no período composto do texto do tratado polêmico de São Jerônimo Contra João de Jerusalém, observamos algumas situações que o texto nos trouxe como diferenças ou situações novas, bem como respostas a hipóteses anteriormente formuladas, em relação ao que já muitas vezes detectamos na pesquisa com textos do período clássico, no mesmo gênero da arenga judiciária. Dentre outros aspectos, observamos uma novidade quanto à técnica da citação literária e o modo como a citação funciona sintaticamente, como novidade em relação ao texto clássico. Também algumas tendências que o romance adotar se acham presentes no texto analisado, o qual se insere no período da latinidade tardia. A estruturação da oração declarativa, com os *verba dicendi*, apresenta diferenciações com relação ao uso clássico, se o comparamos com o texto ciceroniano. Neste sentido, o texto do referido tratado polêmico de São Jerônimo torna-se importante documento literário por todos os aspectos mencionados acima e por outros que ainda serão lembrados.

ASSIM COMO NO ORTO DO ESPOSO

Wandercy de Carvalho (UFF)
wandercycarvalho@yahoo.com.br

Muitos acreditam que a língua é assim como um ser vivo que nasce, cresce e morre. Outros acham que ela jamais se altera. Independentemente das opiniões, a língua é um elemento de estudo, visto que apresenta, em si, um dinamismo que impressiona os mais atentos estudiosos, pelo fato de estar sempre rompendo o que foi convencionalizado. Por isso é que sempre aparecem estruturas na língua difíceis de serem analisadas. Tal fato leva a crer que a gramática normativa não passa de um manual sincrônico de um tempo passado. Isto é possível dizer pelo fato de ela não preencher ou não responder todas as perguntas sobre a própria língua que tenta normatizar. Partindo desses pressupostos, questiono o conceito de conjunção comparativa apresentado nas gramáticas normativas, para isso recorro à construção: *assym como*, presente no livro *Orto do esposo*, a qual conforme será mostrado, o seu significado foge, completamente a noções defendidas pelas gramáticas normativas.

AULAS DE GRAMÁTICA INTELIGENTE.

Rosane Reis de Oliveira (UERJ)
Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)
darciliasimoes@gmail.com

A proposta deste trabalho está inserida nos moldes da iconicidade verbal (SIMÕES, 2009), teoria que, comprovadamente por projetos vários já concluídos (dentro e fora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), vem tornando menos subjetiva a descrição da estruturação linguística. A vinculação aos demais temas desta mesa, em que a análise de processos linguísticos é preponderante, foi motivada na necessidade de reformulação da prática de ensino da gramática da língua portuguesa (L1), procurando considerar a língua em uso dos falantes brasileiros. O ensino tradicional da norma gramatical não mais se basta. É preciso articular o conteúdo normativo (que é indispensável ao bom desempenho comunicativo-expressivo dos sujeitos) às instruções de ciência — a Semiótica — que vem ganhando destaque no contexto da pesquisa internacional, dada a sua relação com os processos cognitivos. Vale acrescentar que nossa prática didática cotidiana no ensino médio tem testado e constatado a ineficiência do ensino da gramática tradicional com fim em si mesma. Para dar consistência de prova ao que se diz, exemplificam-se alguns conceitos que a gramática normativa apresenta com incongruências e regras sobre usos não ocorrentes da língua. A teoria gramatical imposta por gramáticos, que recorrem quase que exclusivamente à língua da literatura para estabelecer a norma, tem demonstrado certa displicência, uma vez que fazem citações com referência bibliográfica vagas ou até omissas e decantam o uso corrente do idioma. Sabemos que a literatura fornece material riquíssimo para a análise lógica da língua, mas criar um estudo crítico, comparado, entre a língua da literatura e a de uso, contrapondo as variantes diastráticas, diafásicas e diatópicas, é recomendado para que os falantes aprendam que a língua é fabulosa em possibilidades de construção do discurso. Essas questões dão testemunho incontestado da necessidade de adequar o ensino de gramática a novas práticas de linguagem que decorrem da condição de pesquisadores intrínseca a todo professor de línguas vernáculas.

BASIUM VII, UM LEGADO DE CATULO

Francisco de Assis Florêncio (UERJ)
ff017066@gmail.com

Embora toda a obra *Basia*, de Johannes Secundus, tenha suas raízes no poeta Catulo, aqui, em especial, abordaremos apenas o *Carmen VII*. Oriundo da Holanda, o célebre poeta renascentista, Secundus (1511-36) foi o grande seguidor, no seu tempo, do poeta de Verona. Isso se confirma em razão de ele ser conhecido como um poeta neocataliano, o que se deve principalmente ao fato de a sua obra-prima, *Basia*, ter sido inspirada no amante de Lésbia. A exemplo de Catulo, o poeta holandês também tem sua musa inspiradora, Neaera. O *Basium VII* foi escolhido por ser ele o poema que mais se aproxima da temática hiperbólica dos beijos. A nossa abordagem dar-se-á, primeiramente, no campo da comparação, onde o poema em estudo será analisado a partir dos *carmina V e VII* de Catulo. Trabalharemos ainda aspectos de ordem morfológica, estilística e sintática.

BLOGS EM SALA DE AULA: UMA ALTERNATIVA

Carmen Pimentel (UERJ)
carmen@palavrason-line.com.br

O uso do computador na escola ganha proporções maiores a cada momento. Dentre as muitas vantagens oferecidas pelo computador ao ensino, este trabalho focaliza o aprofundamento do estudo das disciplinas escolares, em destaque à Língua Portuguesa, tendo como instrumento a máquina que oferece facilidades tanto para o escritor iniciante como para aquele que já tem um bom domínio de sua língua. Que "sacudidas" a entrada do computador na escola traz às estruturas educacionais? Que teorias psicopedagógicas orientam a utilização desse instrumento? Que usos podemos fazer dele? São algumas perguntas que educadores vêm se fazendo ao longo dos últimos anos e que este trabalho procurará responder. Já se utiliza o computador como facilitador para o desenvolvimento e aprimoramento da língua escrita e de outras áreas do conhecimento, por meio do editor de textos, do hipertexto e da rede (pelos serviços da Internet). O blog apresenta-se como uma ferramenta rica em possibilidades no complemento ao ensino da língua materna bem como de outras áreas do conhecimento, pois permite o diálogo, a interatividade, o pensamento crítico, o exercício da argumentação. Muitos professores aproveitam o blog para complementar suas aulas com resultados favoráveis ao processo de aprendizagem. Foram analisados alguns blogs educativos e feita uma classificação de acordo com o aproveitamento da ferramenta pelos professores e com as vantagens oferecidas para os alunos no que concerne ao aprimoramento em todos os estudos.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O INGLÊS ANTIGO

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)
joao.bittencourt@bol.com.br

O inglês é uma língua germânica ocidental que se desenvolveu na Inglaterra durante o período convencionalmente denominado anglo-saxônico (449-1100). Levado para as Ilhas Britânicas por diferentes tribos originárias do norte da Europa, o inglês antigo (*Old English*), também conhecido como anglo-saxônico, foi falado e escrito de diversas formas por cerca de oito séculos. Os textos desse período são praticamente ininteligíveis para os falantes do inglês moderno tal como o latim para os falantes do português. Há, contudo, uma era sombria entre a chegada dos Anglo-Saxões e o surgimento dos primeiros manuscritos em inglês antigo. Registram-se algumas inscrições esparsas na língua que datam dos séculos V e VI, escritas no alfabeto rúnico que os invasores levaram consigo, mas que em quase nada contribuem para o esclarecimento de como era essa língua. O período literário somente começou após a chegada dos missionários romanos, liderados por Agostinho de Cantuária, que foi para Kent em 497, com a missão de evangelização à Inglaterra. O rápido crescimento de centros monásticos proporcionou a produção de inúmeros manuscritos em latim, especialmente de trechos da Bíblia e de outros textos religiosos. Os primeiros textos em inglês antigo, entretanto, só começam a aparecer por volta do ano 700. Desse período, a obra de maior expressão é, indiscutivelmente, o poema épico *Beowulf*, com 3.182 versos aliterados, preservado em um único manuscrito, copiado por volta do ano 1.000. Fazem parte ainda do corpus para o estudo desse período alguns poemas elegíacos e sermões. O presente trabalho propõe-se a abordar alguns aspectos dessa fase pouco conhecida da língua de Shakespeare.

**CALPÚRNIO SÍCULO E SUAS BUCÓLICAS I, IV E VII:
UMA VISÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO NERONIANO**

Ivone da Silva Rebello
ivonerebello@yahoo.com.br

O presente trabalho é um estudo sobre as Bucólicas I, IV e VII do poeta Tito Calpúrnio Sículo, que viveu durante o Império de Nero (54-68 d. C.). Abordar-se-á, especificamente, os aspectos sócio-políticos difundidos nos poemas acima. Essas bucólicas fazem parte do conjunto de sete poemas, os quais compõem a obra do autor em estudo. A escolha dos mesmos está relacionada à abordagem de temas políticos. Temos referência à aparição de um cometa, à nova Idade de Ouro, à descrição de um anfiteatro de madeira, além de outros assuntos históricos apontados por antigos escritores, os quais assinalam claramente o período em que reinou Nero. Em suma, o poeta apresenta o programa de governo desse soberano durante o seu primeiro quinquênio de atuação: justiça, liberdade, segurança e paz.

CAMINHOS TEÓRICOS E PRÁTICOS EM ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)
Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno (UFRN)
Derli Machado de Oliveira (UFRN)
eliaspedrosa@uol.com.br

Esse minicurso está pautado em teorias ligadas à análise do discurso: Análise Crítica do Discurso e Semântica Global. Os que fazem ACD apontam os anos 90 como uma década de consolidação dessa proposta teórica no panorama das ciências da linguagem. Defendem ainda que para se fazer análise crítica do discurso é necessário uma teorização e descrição dos processos e as estruturas sociais responsáveis pela produção de um texto e como os sujeitos históricos, em sua interação com este texto, criam significações. Assim, trabalhar conscientemente com textos/discursos em seus aspectos de produção, distribuição e consumo pode mudar a realidade social porque necessariamente altera os entendimentos e as relações entre os sujeitos sociais. Dentro desta proposta, que visa as transformações da prática discursiva e conseqüentemente das práticas sociais, não se pode pensar em linguistas acríticos. Cabendo, deste modo, a (nós) investigadores neste campo, retratar a opacidade das práticas linguageiras a fim de demonstrar que mesmo sendo sujeitos resultantes de ideologias, somos capazes de transformar esta realidade que nos moldou. Sendo assim, convém destacar que a noção de mudanças nas práticas discursivas, proposta por Fairclough (2008), segundo a qual algumas atividades sociais como a educação, médica, e religião, estão sendo invadidas por práticas de “mercado”. Estas atividades sociais estão cada vez mais pressionadas para que se envolvam com novas atividades que são determinadas em grande parte por novas práticas discursivas como a comodificação (FAIRCLOUGH, 2008). Outra abordagem, neste minicurso, destaca o quadro teórico a partir das propostas de Maingueneau (2008), abordadas nos conceitos de *Polêmica como Interincompreensão*, “universo” discursivo, “campo” discursivo e “espaço” discursivo, formadores de uma *Semântica Global* que refina o termo amplo da interdiscursividade, a partir de planos discursivos como o tema, o vocabulário e a intertextualidade. A junção das duas teorias se justifica por trazer categorias convergentes. EMENTA: Visão teórica da Análise Crítica do Discurso (ACD). Propostas de análise a partir das categorias: comodificação; tecnologização; intertextualidade e primado do interdiscurso. JUSTIFICATIVA: Por julgar que a Análise Crítica do Discurso (ACD) ainda é pouco conhecida na academia, principalmente, em suas perspectivas de aplicação, este minicurso tem como objetivo apresentar, em primeiro plano, uma visão teórica da Análise Crítica do Discurso (ACD), para logo em seguida apresentar duas propostas de análise que foram desenvolvidas com base nessa linha de investigação, especialmente, na que concerne à corrente social desenvolvida por Fairclough (2003, 2008). Faz parte ainda da parte prática, deste minicurso, os pressupostos desenvolvidos por Maingueneau (2008) em ‘Gênese dos discursos’ sobre a ‘semântica global’, especificamente, sobre o primado do interdiscurso e a polêmica como interincompreensão. OBJETIVO: Aplicar conhecimentos advindos da Análise Crítica do Discurso em práticas de análise em texto/discurso, ressaltando as categorias de comodificação, tecnologização e intertextualidade. CONTEÚDOS: Aspectos históricos e metodológicos em Análise Crítica do Discurso; Modelo tridimensional; Visão geral da ‘Semântica Global’; Categorias de análise: comodificação; tecnologização; intertextualidade; primado do interdiscurso.

CARMEN DA SILVA: A CONSOLIDAÇÃO DA IMPRENSA FEMININA NA REVISTA "CLAUDIA"

Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UFRN)

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

guianeezzasaraiva@bol.com.br

Este trabalho objetiva realizar uma retomada histórica de alguns conceitos-chave a respeito do feminismo no Brasil, perpassando o direito ao voto, o uso da pílula anticoncepcional e a inclusão da mulher no mercado de trabalho. Diante das transformações sociais, políticas e econômicas vistas nos últimos anos e suas implicações para a fragmentação das identidades, este trabalho apresenta uma visão panorâmica do assunto em pauta, objetivando oferecer aos estudiosos do feminismo um quadro expositivo que põe em destaque as principais conquistas da mulher, em concomitância com a evolução da imprensa feminina, a partir da revista *Claudia*. Para tal, empreendemos em uma base bibliográfica que tem como finalidade realizar uma reflexão sobre a memória de Carmen da Silva e seus escritos na revista *Claudia*, como um exemplo de pioneirismo nacional no que diz respeito à publicação feminista, embora a revista *Claudia* fosse nessa época uma revista em que as representações sobre o gênero feminino permaneciam calcadas num ideário tradicional. Como centro do trabalho, apresentamos algumas cartas do leitor, presente até hoje nas publicações da revista em questão, corroborando com o papel da *Claudia* na imprensa e a contribuição dos estudos de Carmen da Silva, que se tornou precursora nas discussões sobre a questão da mulher ao desenvolver um trabalho de crítica e divulgação do movimento feminista brasileiro e suas principais bandeiras de luta.

CARTAS DO LEITOR: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS COMO ESPELHO DA CIDADANIA

Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF/CIAD-Rio)

lumt@terra.com.br

Esta comunicação tem por objetivo discutir, sob o ponto de vista da encenação discursiva no gênero “carta de leitor”, os procedimentos linguístico-discursivos da construção enunciativa (CHARAUDEAU, 2009); as funções comunicativa e semântica das classes de palavras (AZEREDO, 2008) e os princípios da linguística da enunciação (KOCH, 2003) na produção de sentido do texto, relacionados às questões de construção do *ethos* – imagem de si no discurso – desenvolvidas por Maingueneau (2005, 2008). Assim, a análise do *corpus* permitirá uma reflexão consistente dos aspectos linguísticos e do *ethos* de um recorte datado da opinião pública, como espelho de questões relevantes da cidadania. Especificamente serão pesquisados os papéis discursivos do locutor e do interlocutor nas cartas publicadas. Os fatos de língua já descritos em nossas gramáticas (função comunicativa e semântica das classes de palavras) e estudos sobre a modalização (sentido de língua) serão observados nos efeitos de sentido que produzem (sentido de discurso) na situação de comunicação em que se inserem. Os resultados desse tipo de análise poderão favorecer uma prática de ensino de língua portuguesa que procure apontar estratégias de leitura e de produção de texto, permitindo que o aluno se desenvolva como sujeito de sua linguagem e estabeleça um diálogo produtivo com os textos que circulam em nossa sociedade.

CIDADE DE NINGUÉM: A FORÇA DO AMBIENTE GEOGRÁFICO NUMA NARRATIVA FICCIONAL

Martha Sertã Padilha (UERJ)

msertapadilha@uol.com.br

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)

nunez@unisys.com.br

Os ambientes em que se passam as narrativas ocupam um lugar central na obra literária. Na literatura brasileira, encontramos inúmeros romances em que o espaço é fundamental na construção da obra literária. Logicamente, ele não existe sozinho, mas em função dos personagens que, com ele, interagem continuamente. Em muitos casos, o espaço representa a mola propulsora da escrita de um romance, como é o caso de *Cidade de Deus* (2004), escrito por Paulo Lins. A favela, bairro onde ele nasceu e viveu foi o elemento inspirador da sua obra, que pretende ser ficção, apesar de estar calcada num dado de realidade, isto é, o lugar em que se passam os fatos. No presente trabalho, pretendo analisar a retórica e a ideologia que estão por trás do espaço do romance supracitado, e como a realidade ajudou a construir um mundo imaginário. Além disso, pretendo estudar o que se pode depreender da relação entre esse ambiente e as pessoas que nele habitam, de forma a entender um pouco melhor a realidade de seus moradores, que são por inúmeros motivos, pessoas que estão à margem da nossa sociedade. Para esse fim, além de me apoiar na análise literária, lançarei mão dos estudos da Geografia Cultural que dialoga sempre mais com as Ciências Sociais e, mais particularmente, com a Teoria Literária.

Beatriz Pereira da Silva (UVA, UFLA e SME-Rio)
bia-letras@hotmail.com

Antenado às mudanças sociais do país e grande admirador das evoluções científicas, Gilberto Gil apresenta em seu trabalho a tentativa de popularizar e vulgarizar algumas noções da ciência, no sentido de afirmar o lugar que ela ocupa na vida humana. Não é uma vulgarização da ciência em si, e sim das notícias do que ela significa, de aspectos da história da ciência, no sentido de localizar os indivíduos com relação às invenções, ao progresso e às novas descobertas. E, mais ainda, a notícia no sentido das relações próximas ou distantes que a ciência possa ou deva ter com outros aspectos da questão humana, como a religião, a filosofia, a magia, enfim, as ciências humanas de um modo geral. Dentro deste contexto, neste trabalho serão apresentadas letras de músicas de Gilberto Gil provenientes do acervo da música popular brasileira, desde a década de sessenta, que se referem de alguma forma a temas, conceitos, visões ou atitudes diante da ciência, da tecnologia e de seus impactos sobre o indivíduo e sobre a sociedade. Para falar das ciências, Gilberto Gil divulga termos técnicos pouco conhecidos fora dos meios acadêmicos e técnicos em que eles circulam e, naturalmente, contribuindo para a formação do léxico da juventude que aprecia as suas músicas.

**CLARICE E MACABEA:
APARTES DISCURSIVOS DA CONSTRUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA
EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**

Sheila Cardoso Marchesano (UNISUAM)
Glória Elena Pereira Nunes (UNISUAM)
sheila_prof@hotmaail.com

O trabalho tem por objetivo analisar a construção e desconstrução da identidade da personagem Macabea, na obra "A Hora da Estrela" de Clarice Lispector. Nesse sentido, se considerarmos que a linguagem é o espaço da construção da subjetividade e que, para a Análise do Discurso, o sujeito é marcado por uma "incompletude" e "anseia" pela completude, pela vontade de ser inteiro, conforme Orlandi, a obra de Lispector problematiza, na tentativa de diálogo de Macabea com o mundo em que ela está inserida, a sua busca por uma identidade. Na medida em que, para Bakhtin, só tomamos consciência de nós mesmos através do outro, podemos perceber, no romance, que o processo de construção do sujeito por parte da protagonista, se dá, em primeiro lugar a partir de sua memória institucionalizada, representada por signos como a coca-cola e o cachorro-quente que Macabea consome. Percebemos, então o quanto esses signos ideológicos ajudam a personagem a se sentir menos fragmentada e mais conectada com o mundo que se lhe apresenta adverso. Além disso, a personagem Glória funciona para a protagonista como um ícone a partir do qual se espelha. Nesse processo, o batom vermelho que passa a usar mostra mais uma vez que é no outro que a personagem busca a construção de sua subjetividade. Como sujeito fragmentado, Macabea recorta das revistas femininas propagandas de produtos de beleza, o que demonstra o quanto o seu discurso está impregnado do discurso do outro, que ela tenta reproduzir. Por fim, Macabea, antes vazia, tenta, na repetição do verbo "ser" em primeira pessoa - "eu sou, eu sou, eu sou" - reafirma, através da linguagem a sua busca de si mesma.

**CLITICIZAÇÃO PRONOMINAL EM CONTEXTOS DE COMPLEXOS VERBAIS
NA ESCRITA ESCOLAR DO RIO DE JANEIRO – DADOS DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA
NO QUADRO MORFOSSINTÁTICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Adriana Lopes Rodrigues (UFRJ)
Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ)
drianalr@gmail.com

Integrado ao projeto A interface prosódia-morfossintaxe em variedades do português, este trabalho consiste em uma investigação de cunho sociovariacionista que se desenvolve acerca dos padrões de ordem dos clíticos pronominais na modalidade escrita de gênero redação escolar do português do Brasil. Busca-se, com esta pesquisa, averiguar quais os contextos linguísticos e extralinguísticos que estejam relacionados à colocação pronominal em complexos verbais, buscando identificar quais são os fatores que exercem influência na escolha do falante pela colocação pré-complexo verbal ou cl V1 V2 (se pode analisar), intracomplexo verbal sem hífen ou V1 cl V2 (pode se investigar), intracomplexo verbal com hífen ou V1-cl V2 (pode-se analisar) ou pós-complexo verbal ou V1 V2 -cl (pode-se investigar). O corpus utilizado nesta pesquisa compreende textos de tipologia narrativa e dissertativa, produzidos por alunos de diferenciados níveis de escolaridade, matriculados em turmas regulares das redes pública e privada de en-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

sino do Rio de Janeiro. Esta pesquisa segue as orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística Laboviana (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968) e, quanto ao tema da cliticização pronominal, dos parâmetros propostos por Klavans (1985). Para o tratamento estatístico dos dados coletados, lança-se mão do pacote de programas GOLDFARB (versão 2001). Os resultados preliminares obtidos com esta investigação demonstram a grande produtividade da variante intracomplexo verbal sem hífen na escrita dos alunos, permitindo, ainda, inferências a respeito da influência de fatores linguísticos, como a forma do verbo principal e a presença de elementos proclisadores no período, e extralinguísticos, como o nível de escolaridade dos alunos, sobre o fenômeno. Em última instância, com a realização desta pesquisa, espera-se contribuir para o reconhecimento das características que possam legitimar a variedade brasileira da língua portuguesa com suas respectivas peculiaridades linguísticas, e, ainda, auxiliar a atividade docente, revelando novos conhecimentos acerca da ordem do clítico pronominal, sobretudo na escrita escolar.

COM A FACA NAS COSTAS: METÁFORA E MESCLAGEM CONCEPTUAL EM CARTUM

Sandra Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

sandrapb@uerj.br

Ana Paula Ferreira (UERJ)

A conceptualização de cartuns pode envolver operações cognitivas complexas, apesar da aparente facilidade com que os falantes de uma língua, inseridos em determinada cultura, constroem o sentido desse tipo de discurso multimodal. Nessa comunicação, apresentamos a análise de um cartum com base em dois arcabouços teóricos da Linguística Cognitiva: as teorias da mesclagem e da metáfora conceptuais (FAUCONNIER e TURNER, 2002; LAKOFF e JOHNSON, 2002; KÖVECSES, 2002, 2005). O cartum escolhido apresenta a imagem de médico, diante de um paciente com uma faca literalmente cravada nas costas, exibindo uma expressão de surpresa, e o seguinte texto abaixo da imagem: "Tenho boas notícias. Os testes mostram que se trata apenas de uma metáfora". A construção de sentido irônico da imagem aliada ao texto envolve o conhecimento do conceito de metáfora e do dito popular "estar com a faca nas costas", usado para representar situações difíceis de impasse, que, por sua vez, é uma expressão metafórica. Entre os mecanismos da mesclagem conceptual que atuam na compreensão do cartum, destacamos a compressão-descompressão e analogia-desanalogia, porque o leitor precisa acionar e cancelar conhecimentos armazenados, na forma modelos cognitivos idealizados, acerca do conceito de metáfora e sua relação com o dito popular. Esse raciocínio cotidiano intuitivo, porém complexo, é alcançado por meio do acionamento de uma rede de integração entre domínios distintos, cujos elementos são comprimidos num espaço mental mescla que inclui entidades destacadas, por meio de projeções seletivas, desses diferentes domínios-inputs.

COMO ARGUMENTA O ORTO DO ESPOSO?

Erica Juliana Santos Rocha (UFF)

Sebastião Votre (UFF)

ericajulianasrocha@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo identificar e descrever os processos argumentativos utilizados na Idade Média, mais especificamente nos três primeiros livros do Orto do Esposo. A metodologia trabalhada nesta pesquisa parte de um levantamento dos recursos dos evidenciais argumentativos do texto em questão e consequentemente para a análise das funções que apresentam, separando-as por meio das categorias pelas quais as estratégias se valem a serem definidas: exemplificação, reforço de evidência, definição, citação, evidência factual, entre outras. Por fim, como parte do processo metodológico são analisadas as formas que introduzem cada estratégia categorizada identificando presença ou ausência de regularidades entre elas.

COMO E POR QUE TRABALHAR COM O TEXTO PUBLICITÁRIO EM SALA DE AULA

Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)

ilanarebello@uol.com.br

Tomando por base a noção de “sentido de língua” e “sentido de discurso” proposta por Charaudeau (1999; 1995), a diferença entre “leitores” e “ledores” discutida por Vargas (2000) e como a atividade de leitura e interpretação é ou deve ser encaminhada nas aulas de língua portuguesa (MARCUSCHI: 2001, 1996; KLEIMAN: 2007, 2004; PCNs: 1999, 1998, 1997), este trabalho pretende propor atividades de leitura, interpretação, produção textual e reflexão linguística com textos publicitários extraídos da mídia impressa, tendo em vista que, cada vez mais, se torna ne-

cessária a atualização dos professores no que se refere à capacidade de trabalhar em sala de aula com diferentes gêneros textuais, dentre eles, os da mídia, pois são esses textos que fazem parte do dia-a-dia dos alunos e da sociedade em geral. A educação, sendo uma prática social, não pode restringir-se a ser puramente livresca, teórica, sem compromisso com a realidade local e com o mundo em que vivemos. Além disso, como professores, temos a função de “letrar” nossos alunos, de modo que sejam capazes de lidar com diferentes tipos de textos na sociedade em que vivem.

COMO FUNCIONA O DISCURSO DO GÊNERO DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

Urbano Cavalcante da Silva Filho (IFBA)
urbanocavalcante@yahoo.com.br

O objetivo desta comunicação é discutir o funcionamento discursivo do gênero divulgação científica (DC), bem como as estratégias linguístico-discursivas que são utilizadas pelo divulgador como aquele que fala pelo outro e para o outro, através de um trabalho desenvolvido nas aulas de língua materna nos cursos técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Valença. Para isso, toma como aporte teórico os estudos sobre gênero discursivo (BAKHTIN, MAINGUENEAU, BRONCKART) e sobre divulgação científica (ALTHIER-REVUZ, CAMPOS). As categorias de análise do funcionamento discursivo aportam-se nos postulados de leitor e autor-modelo (ECO), heterogeneidade discursiva, do tipo mostrada e marcada, nas formas de discurso relatado (como o discurso direto e discurso indireto), aspas, itálico e glosa (ALTHIER-REVUZ). Percebe-se que esse gênero híbrido, com particularidades e riquezas de recursos linguísticos, exige de seus leitores estratégias específicas para a realização de uma leitura crítica e eficiente.

COMO SE PADECE NO PARAÍSO: REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA EM TRÊS FALAS

Lucineide Lima de Paulo (UFF)
prof.lucineide@gmail.com

Neste trabalho, buscamos discutir de que forma três informantes, por meio de uma minientrevista, produzem representações sociais sobre o que é ser mãe. As questões giraram em torno do significado de ser mãe e de como foi o nascimento do primeiro filho, pergunta na qual convidávamos a informante a narrar uma história. Para trabalhar o material, partimos de conceitos discutidos em Análise da Conversa, principalmente as noções teóricas de Labov na descrição de um protótipo de narrativa. Além disso, recorreremos a outros estudiosos que discutem a relação entre cultura, identidades e representações sociais. Constatamos que a imagem de mãe ainda prevalece como a da mulher que se sacrifica, que sofre, abdicando de si pelo filho. Entretanto, ressalte-se que essa renúncia é altruísta, pois mesmo vivendo tais situações, ser mãe é rir e chorar, é amar, é ser feliz. Assim, cremos que a imagem romantizada do primeiro filho nas descrições dessas mães e de seus papéis quanto à criação/ educação se dá, principalmente, pelo afeto que nutrem, mas também por estarem distanciadas temporalmente do momento focalizado.

COMPETÊNCIA DISCURSIVA: LEITURA, CITAÇÃO E PARÁFRASE COMO ATIVIDADES DE PRODUÇÃO EM DISCURSO SEGUNDO

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN/UFS)
eliaspedrosa@uol.com.br

A competência discursiva envolve conhecimento que articulam formas gramaticais e significados a fim de produzir textos nos mais diversos gêneros. Na atualidade, o discurso pode ser considerado ou trabalhando sob dois pontos de vista (Pedro, 1998): o discurso ‘como um momento do uso linguístico’ em que os sujeitos são participantes do mesmo discurso; ou ‘o uso linguístico como um momento de um discurso’ em que os sujeitos são participantes em discursos diversos. Por considerarmos a competência discursiva como uma das grandes habilidades desenvolvidas em situação de aprendizagem, então, nesta comunicação, pretendemos atingir o objetivo de comparar atividades de citação e paráfrase em contexto acadêmico universitário a partir da leitura de um texto dado. Como aporte teórico para esta investigação, utilizaremos a categoria do ‘já-dito’ da Análise do Discurso (AD). Também respaldaremos a pesquisa na obra “O trabalho da Citação” de Compagnion (2007), entre outros. Segundo o autor, o grifo funciona como uma etapa no processo da leitura. O Texto passa a receber a marca do leitor, num gesto de interação. É sua forma de reescrever o texto, marcando-o, sobrecarregando-o de sentido e valor. Este funciona também como uma forma preliminar da citação. Assim, toda citação nada mais que uma primeira leitura. A fim de atingir os objetivos, o *corpus* será formado a partir da contribuição de alunos de Letras (UFRN e UFS), nos níveis de

graduação e pós-graduação. A metodologia consistiu em solicitar aos alunos que lessem textos na área de Linguística (AD e Análise Crítica do Discurso- ACD), fizessem citações e tecessem comentários ou fizessem paráfrase. O que se verificou foi que certas partes do texto mereceram destacabilidade e, deste modo, foram transformadas em citações que, por sua vez, foram parafraseadas ou comentadas de acordo com a releitura feita, tomando por base o conhecimento prévio do aluno sobre o dito.

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA E JOGO SOCIAL: O CASO DAS HIPERCORREÇÕES

Hosana dos Santos Silva (USP)
hosanasantos@usp.br

Partindo do pressuposto de que a morfossintaxe aprendida na escola tem estatuto estilístico e não gramatical (KATO, 1994), discutimos, neste estudo, algumas questões relacionadas às dificuldades de alunos de ensino fundamental e médio no processo de aprendizagem da gramática da escrita. Em especial, analisamos o processo de hiper-correção na produção de relativas preposicionadas, examinando suas motivações sociais e linguísticas. No curso da análise, desenvolvemos a hipótese de que a hipercorreção, aqui definida como aplicação equivocada de uma regra gramatical aprendida imperfeitamente (cf. LABOV, 2008 [1972]), está diretamente associada a dois fatores: à dificuldade na produção da relativa convencional, possivelmente determinada pelas diferenças estruturais entre relativas preposicionadas e relativas vernaculares (cf. CORREA, 1994; SANTOS SILVA, 2007), e, paradoxalmente, ao sistema escolar. Nesse sentido, propomos que a escola, em seu trabalho permanente de correção linguística, imposição e valorização da língua normatizada, leva o aluno a estigmatizar as variantes populares, a julgar com demasiada severidade suas próprias produções linguísticas e a imitar as formas de maior prestígio, desencadeando a hipercorreção. Considerando a ação e a interação desses dois fatores, procuramos refletir sobre uma questão particularmente difícil: quais os limites entre competência linguística e competência social?

COMPONENTES ESTRUTURAIS DOS REPERTÓRIOS DE UMA OBRA LEXICOGRÁFICA

Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano (UERJ)
valeriacristinacaetano@yahoo.com.br

O nosso ilustre homenageado do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia Carlos Henrique da Rocha Lima, autor de numerosos estudos linguísticos e literários, bem como de obras didáticas, também prestou valiosa contribuição aos estudos lexicográficos ao realizar consultoria na redação de várias obras lexicográficas: Dicionário Houaiss. Este trabalho consiste em uma análise das obras lexicográficas e terminológicas do ponto de macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas. O estudo baseia-se no livro intitulado Curso Básico de Terminologia, de Lídia Almeida Barros, publicado pela Editora da Universidade de São Paulo (EdUSP, 2004). Por macroestrutura entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica e está relacionada às características gerais do repertório. Entende-se por microestrutura a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. O sistema de remissivas (rede de remissivas, referências cruzadas) tem como objetivo resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminológica. Sua função é corrigir o isolamento das mensagens, ligando variantes, criando campos semânticos. Pode estar presente na macroestrutura ou na microestrutura. Na macroestrutura, algumas entradas não são definidas e encabeçam um verbete que remete o leitor a outro verbete, onde se encontra a informação completa. Na microestrutura, a remissiva pode assumir formas diversas, como V.(ver), q. v. (queira ver), cf. (confronte, compare), asterisco, negrito, número de série, símbolo de classificação, índice e outros.

COMPREENSÃO DE TEXTOS NARRATIVOS E ARGUMENTATIVOS DIALÓGICOS POR LEITORES DO ENSINO FUNDAMENTAL: RESULTADOS DA PESQUISA

Antonia Valdelice de Sousa (UFC)
licesousa@terra.com.br

O presente trabalho examina a compreensão desses tipos textuais a partir da análise de material produzido pela reescrita de tais textos por vinte sujeitos que participaram como voluntários na pesquisa. Estudantes de ensino fundamental, na faixa etária de 13 a 15 anos, leram dois tipos de textos argumentativos (narrativo - TNA e argumentativo dialógico-TAD) e foram solicitados a produzir reescrituras de cada um desses textos. As reescrituras obtidas

foram analisadas de acordo com vários aspectos (explicitude das macrorregras de sumarização, qualidade das estratégias, coerência macro e superestrutural) de modo a verificar diferenças de compreensão relacionadas à recuperação da macro e superestrutura textual e à organização global de cada texto reescrito. Trabalhamos com a hipótese básica, de que leitores proficientes, ao realizarem uma tarefa de reescritura, apresentariam melhor desempenho quanto à recuperação da macroestrutura textual e quanto ao reconhecimento da organização global do texto TNA do que do TAD, tendo em vista a maior explicitude da organização interna deste primeiro tipo de texto. Nas várias análises procedidas, foram encontradas evidências quanto ao melhor desempenho para o TNA em relação ao TAD. Quanto ao conhecimento do esquema canônico, os leitores recuperaram, respectivamente, 40% total, 20% parcial e 40% (ausência) para o TNA a 30%, 10% e 60% para o TAD. A análise das estratégias de reescritura evidenciou que os leitores utilizaram estratégias mais sofisticadas (produção de inferências, integração de informações) para o TNA em relação ao TAD. A análise de (re) construção macroestrutural demonstrou que os leitores das reescrituras TNAs revelaram menos problemas de continuidade sequencial e progressão semântica em relação aos textos TADs.

DISCURSO POLÍTICO: SUJEITO, IDEOLOGIA E PERSUASÃO

Lívia Ferreira Monteiro (UENV)

lferriramonteiro@bol.com.br

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

arruda@uenf.br

Este projeto de pesquisa tem como objetivo estabelecer algumas considerações sobre o discurso político com foco nas teorias em Análise do Discurso de Patrick Charaudeau. Confrontando com o discurso improvisado e espontâneo do atual presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva durante seu mandato eleitoral (2003 até os dias atuais). Pretende-se levantar algumas considerações sobre a construção e manifestação do sujeito político nos discursos e o processo de produção e de interpretação do ato de linguagem. Também serão levantadas as ideologias políticas e a que ela se associa. E para finalizar veremos as formas de persuasão dentro do discurso político. Será usado como corpus de análise do discurso político de Lula e analisada sua construção enquanto sujeito nos discursos proferidos de forma espontânea em suas aparições públicas. Será trabalhada a ideologia do seu governo partindo da análise do slogan central do governo de Lula "Brasil: um país de todos". Finalizando, sua forma de persuadir os brasileiros através de seu discurso político que tanta polêmica causa. A escolha deste tema se deve às polêmicas causadas pelo falar do presidente que é altamente censurado pelos seus discursos, mas foi através da sua fala ele consegue uma popularidade muito grande entre os brasileiros e já venceu duas eleições, apesar da ausência de um nível superior. Isso mostra que sua fala é um dos artifícios que o mantém popular. Não há como ignorar um homem que, mesmo diante de tantas críticas e polêmicas, consegue se manter popular perante os brasileiros. Não se pode negar que sua comunicação é de extrema competência. E é a partir das teorias em Análise do Discurso que tentarei desvendar o que há por traz de um discurso tão polêmico que consegue render ao presidente tamanha popularidade.

CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS DOCUMENTAIS BAIANOS E O TRABALHO FILOLÓGICO

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

conceicaoreis@ig.com.br

Natural que o estado da Bahia seja guardião de documentos importantes para a elucidação de vários aspectos da história do país, sobretudo porque foi nesta porção de terra que se deu o "descobrimento" do Brasil. Assim, a cidade de São Salvador foi a primeira capital, e também local de implantação da primeira biblioteca pública. Os acervos públicos e privados acondicionam uma significativa quantidade de documentos manuscritos, datiloscritos e periódicos que armazenam informações sobre vários aspectos da história cultural, social e linguística do Brasil. Entretanto, não há uma política de conservação e preservação dos acervos baianos para assegurar a sua permanência. No presente trabalho, pretende-se discutir a política de conservação e preservação de acervos documentais na Bahia, destacando o importante labor desenvolvido pela Filologia Textual, ramo do saber que trabalha com o texto escrito, retirando-o do ostracismo e facultando à sociedade o acesso ao patrimônio espiritual produzido por uma dada comunidade.

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DA DISCIPLINA GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA
MINISTRADA NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA PELA PUC-MINAS**

José Mario Botelho (FFP-UERJ e ABRAFIL)

A disciplina “Gramática Histórica da Língua Portuguesa” tem, como objetivo previamente determinado pela Coordenação do Curso, enfatizar a história interna da língua portuguesa, relacionando-a brevemente, porém de forma conveniente, à parte de sua história externa que se refere ao período de formação das línguas românicas, e também digressionar sobre a questão ortográfica da língua portuguesa. Para que tal objetivo pudesse ser alcançado, desenvolveu-se o seguinte conteúdo programático, também definido pela Coordenação do Curso: 1) Elementos da história externa da língua portuguesa; 2) Elementos de fonética e fonologia descritiva da língua portuguesa; 3) Evolução fonética da língua portuguesa (vocalismo e consonantismo); 4) Principais metaplasmos da língua portuguesa; 5) A fonética histórica e a ortografia da língua portuguesa; 6) Evolução morfossintática da língua portuguesa; 7) Formação do léxico da língua portuguesa; e 9) Análise de textos arcaicos e modernos. A partir desses tópicos, foram apresentadas aos alunos, para que desenvolvessem sintéticas monografias, três temáticas, relacionadas às Unidades: 1) Elementos fundamentais da história externa da língua portuguesa; 2) Elementos de fonética e fonologia descritiva da língua portuguesa, fonética histórica e a ortografia da língua portuguesa; e 3) Principais metaplasmos da língua portuguesa, formação do léxico da língua portuguesa e evolução morfossintática. Ao fim do Curso e com o cumprimento das tarefas, as quais demonstraram bons resultados, podemos considerar alcançado aquele objetivo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO PRONOME CONOSCO

Antonio José de Pinho (UFSC)

Bruno Cardoso (UFSC)

antoniojp@hotmail.com

Este artigo estuda o processo de mudança do pronome ablativo latino *nobiscum* que resultou em língua portuguesa na forma *conosco*. Para isso, busca-se depreender, através de manuais de linguística histórica e de teorias linguísticas, hipóteses, principalmente estruturais, a fim de explicar a transformação do pronome latino na sua forma atual como a conhecemos em português. Além do aspecto histórico, esse artigo descreve ainda a variação sincrônica no uso do pronome *conosco*, que ocorre em diversos dialetos brasileiros com variantes como *com nós* e *com a gente*, baseando-se em dados linguísticos do projeto Alib.

**CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS LINGUÍSTICAS
DADAS AO FENÔMENO DO TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Lirian Daniela Martini UFMG

lirian_paulista@yahoo.com.br

Neste trabalho serão feitas considerações a respeito das propostas de análise de alguns pesquisadores brasileiros que já estudaram o fenômeno do Truncamento (p. ex. *refri* < *refrigerante*, *brasuca* < *brasileiro*, *Mengo* < *Flamengo*). Procurar-se-á argumentar sobre o porquê que tais propostas não são inteiramente satisfatórias para serem estendidas a todas as formas truncadas que integram o léxico do português brasileiro. Apesar das ressalvas que serão apresentadas, deixa-se claro aqui que a produção desses pesquisadores abordados tem um mérito extremamente valioso para a compreensão do fenômeno estudado, porque tais estudiosos foram os primeiros linguistas do Brasil a tratar o Truncamento sob uma vertente formal, desprezando-se a abordagem veiculada nas gramáticas tradicionais e em manuais de morfologia. Depois de feitas essas considerações sobre o trabalho dos autores, será apresentada aos presentes uma nova proposta para a análise dos Truncamentos no português brasileiro.

CULTURA PARTILHADA E PUBLICIDADE: USOS LEXICAIS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

Nelly Carvalho (UFPE)

nellycar@terra.com.br

O trabalho parte da definição de cultura partilhada, construída por Galisson, e observada no léxico da língua. A partir de uma cultura partilhada por uma comunidade e expressa nos itens lexicais, o discurso pode ser interpretado

pela comunidade a que se destina, porque esta se sente interpelada e estabelece uma relação dialógica mais próxima e eficaz, baseada nos fenômenos de projeção e identificação. O discurso publicitário utiliza esta estratégia em relação à comunidade onde circula. No texto, são apresentadas as variantes brasileiras, de acordo com a classificação de Antenor Nascentes, para, a seguir, apresentar o *minicorpus* analisado, constituído de publicidades que circulam no Nordeste, mais especialmente em Pernambuco, onde pode ser observado o uso da estratégia como forma de persuasão.

DA ORALIDADE À ESCRITA: UMA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE.

Flávio Junior da Silva (UFRN)

Edson Moisés de Araújo Silva (UFRN)

flaviojr.shalom@hotmail.com

Este estudo tem por objetivo estabelecer discussões acerca da constituição da oralidade africana na escrita, tendo o conto *O Embodeiro que sonhava pássaros*, do escritor moçambicano *Mia Couto*, como objeto de estudo para tal análise. Pretendemos abordar e discutir a formação discursiva, ideológica, cultural, presentes no referido conto, tendo como base a concepção da formação do discurso para a análise do discurso e do discurso do Homem africano. Tomaremos por fundamento o conceito de dialogismo bakhtiniano, auxiliado por proposições de teóricos dos estudos culturais como Stuart Hall, Homi K. Bhabha e Hampâté Bâ, entre outros. Veremos como, na África, a tradição, a cultura, a História, são mantidas através da oralidade e de como esta oralidade é mágica, curadora, sagrada. O uso desses conceitos foi estabelecido para uma melhor compreensão de qual importância o uso da palavra tem ao ser apropriado pela cultura africana, já que a escrita toma destaque numa tradição que se manteve por tantos séculos pela oralidade, a literatura adquire um papel importante para estes povos, com a função de manter registrado aquilo que é a essência de todo um continente, suas histórias, que para eles são Histórias, porque reais, mesmo que sejam fábulas, explicam como tudo se formou, como todos foram criados, como se deram os acontecimentos fundadores destas sociedades orais. Analisaremos também como esta cultura foi/é desrespeitada por aqueles que se dizem descobridores, mas que na verdade são colonizadores, com suas instâncias de poder e autoridade, com seus discursos validados pela violência e pela opressão. Armas “extra-discursivas” que validam tal discurso e calam as vozes que antes falavam. O conceito de ideologia será abordado com o intuito de esclarecer como esta prática discursiva pode ser usada para o controle e, por que não, extermínio de uma cultura, pelo silenciamento das vozes menores pelas vozes maiores, hierarquizadas, legitimadas pelo poder bélico-discursivo.

DE DIDO À MATRONA DE ÉFESO

Amós Coêlho da Silva (UERJ e ABRAFIL)

amoscoelho@uol.com.br

Em Vergílio épico que Eneias narre a Dido sobre a queda de Troia: *Manda-me, ó rainha, renovar uma dor indizível!* (En. II,3) É que para ele, o máximo: uma proeza, um ‘epos’, um momento heróico de superação. Uma prova de valor aos deuses. Tal projeto mítico, o da prova, se superada, glorifica, é o nutriente da glória heroica. E ela o amava: tudo para ele. Mas, e ele? O que para ela? A longa hesitação de casta lembrança de antiga paixão por Siqueu (En. I, 340-369) a outro novo amor, a votos religiosos com solícitas incertezas provenientes de altares conselheiros, como também à confissão fraterna à sua irmã Ana: enfim, a sincera entrega a Eneias. Mas em seguida: a traição. Da pérfida traição ao suicídio tão sentido. Já em Petrónio, um retrato humano que parodia o gesto épico: *A Matrona de Éfeso* (CXI), de castidade tão notável, viúva inconsolável a quem não faltou a atenção de todos: súplicas até de estrangeiros de outras cidades, atraídos pelo pranto viúvo de quem renunciava à própria existência, tal era o clamor do seu infortúnio. Mas o destino providenciou um encontro: um simples soldado, embora despojado de sofisticação social, era dotado da mesma carência herdada dos andróginos: a busca da outra metade.

DE PRETO A AFRODESCENDENTE: IMPLICAÇÕES TERMINOLÓGICAS

Jose Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)

rochageraldo@hotmail.com

Os povos de origem africana no Brasil em virtude da escravidão, ficaram associados a escravos. Esses por sua vez identificados como pretos. Nas tempos atuais a terminologia preto vem sofrendo inúmeras mudanças em conformidade com os espaços em que é articulada. Alguns grupos vão transformá-la em “nego”, alegando questão de identidade. Outros, entendem que é mais apropriado designar afro-brasileiro. Existem ainda os que defendem a neces-

sidade de uma compreensão terminológica mais abrangente e foram encontrar a resposta no termo "afro descendentes" justificando assim reunir os descendentes africanos na diáspora. Em cada momento da história a apropriação terminológica de tal realidade serviu à construções ideológicas. Na contemporaneidade, diante das necessidades do "politicamente correto" o emprego terminológico de tal realidade pode definir processos de inclusão ou mesmo de exclusão social.

DE VOSSA MERCÊ A CÊ: CAMINHOS, PERCURSOS E TRILHAS

Clézio Roberto Gonçalves (PUC/MG/IFMG)
clezzio@uai.com.br

O estudo das formas e convenções de tratamento tem se mostrado de grande importância para o conhecimento do Português, tanto em Portugal quanto no Brasil. Ao se contemplarem tais formas descobre-se mais sobre o costume, a cultura e o contexto sócio-econômico de uma comunidade, pois as formas de tratamento dizem respeito à relação entre duas pessoas, na qual o grau de intimidade ou deferência pode revelar o comportamento dessa população, de acordo com as suas delimitações hierárquicas. Sendo assim, os tratamentos, pronominais e nominais, representam, na língua, a relação interpessoal e as maneiras pelas quais os indivíduos se dirigem uns aos outros. Faz-se uma revisão da literatura linguística sobre o objeto em estudo, evidenciando as diferentes formas de abordagem. Procurou-se enriquecer este trabalho com as contribuições de vários outros pesquisadores, portugueses e brasileiros, em sua maioria, que vêm contribuindo com a literatura linguística sobre os estudos da forma pronominal vossa mercê. Esta pesquisa demonstra que houve um garimpo minucioso e bem selecionado de trabalhos, em bibliotecas nacionais e estrangeiras, para que se pudesse apresentar, aqui, um número vastíssimo de abordagens distintas, mas relacionadas ao tema desta pesquisa, com o objetivo de evidenciar que é um tema que vem sendo, ao longo dos anos, investigado, tanto em Portugal como no Brasil. Está-se, pois, perante um tema tão importante quanto interessante. Importante porque é um tema difícil de definir com exatidão e de forma completa, propício a "uma análise incompleta e nem sempre perfeitamente exata – o que é mais uma prova da complexidade da matéria" (CINTRA, 1972, p. 8) e, daí, a necessidade de consequentes abordagens, de forma a que se complementem uns estudos com os outros, nos mais diversos aspectos e épocas. Este trabalho tenta estabelecer os fatos do passado, à semelhança do que acontece com o fenômeno no presente.

DESCENTRAMENTOS E TENSÕES NA LINGUAGEM ROMANESCA DE BOAVENTURA CARDOSO

Olímpia Maria dos Santos (UGB/CESVA)
olisanto_angola@hotmail.com.br

Boaventura Cardoso alcança, com maestria, o engenho de fazer da língua portuguesa um local de celebração de vários traços caracterizadores das multifacetadas identidades angolanas. O escritor, como um ferreiro das palavras, reinscreve, criativamente, o português, de modo a promover sua linguagem romanesca como tutora das tradições e valores da terra angolana. Essa recriação da linguagem, incluídos os diversos momentos históricos perpassados nos seus textos, representa sempre uma proposta de descentramento, que denuncia e questiona arbitrariedades cometidas contra a nação angolana.

**DESVENDANDO O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO
NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO PRODUZIDO POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Fátima Aparecida de Souza Maruci (PUC/SP)
famaruci@yahoo.com.br

O trabalho em pauta investiga a maneira pela qual se dá o processo de referenciação no gênero artigo de opinião produzido por alunos da 8ª série, da Rede Estadual Paulista de Ensino. Para tanto, toma como objeto a referenciação enquanto atividade discursiva em que o sujeito opera com o material linguístico que tem à disposição em função de um querer-dizer. Com a finalidade de contribuir com a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa, examina, no *corpus* selecionado, o processo de categorização e introdução/ativação de objetos de discurso. Para tratar dos conceitos de referenciação, gêneros textuais e artigo de opinião, elementos fundamentais para as discussões levantadas neste trabalho, o texto ancora-se nas contribuições de Mondada & Dubois, Marquesi, Bakhtin, Marcuschi, Barbosa e Silva.

**DIALETO RURAL NO VALE DO JEQUITINHONHA:
GLOSSÁRIO DO LÉXICO RURAL NA REGIÃO DAS MINAS NOVAS**

Maryelle Joelma Cordeiro (UFMG)
Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA (UFMG)
maryellecordeiro@gmail.com

O presente trabalho apresenta um glossário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha, mais especificamente do léxico dos habitantes da zona rural da região das Minas Novas, em Minas Gerais. O objetivo é realizar um estudo linguístico-histórico-cultural da região, tendo como enfoque o campo semântico do mundo rural. Ressalta-se a importância dos estudos lexicais, pois pesquisas nesse sentido que relacionam a língua com a cultura de um povo servem para contribuir na preservação do patrimônio cultural de um povo também representado pelo seu vocabulário. Outro fator importante a ser considerado é que a língua é um dos principais mecanismos de transmissão do conhecimento, valores e crenças de um povo a cada geração. Esses traços culturais podem ser mostrados e evidenciados de melhor maneira através do léxico que também representa toda a experiência acumulada de um povo durante a sua existência. O corpus deste glossário é constituído de palavras e expressões que fazem parte do dialeto local e são recorrentes no falar daquela população. A seleção do corpus foi feita por meio de entrevistas orais realizadas com falantes de ambos os sexos, com idade acima de 70 anos. As entrevistas foram transcritas segundo a metodologia adotada pelo projeto "Pelos Trilhos de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais da FALE-UFMG". Para a composição do glossário foram selecionados 50 termos que abrangem os mais variados campos lexicais como termos relacionados ao cultivo da lavoura e ao trabalho na roça; termos relacionados à caça, pesca e a criação de animais; termos da culinária e também termos de uso geral e aqueles relacionados à sociedade.

DIÁLOGO ENTRE A POESIA DE BILAC E A POESIA FRANCESA DO FINAL DO SÉCULO XIX

Tharles Lopes Gervasio (UERJ)
Fernando Monteiro de Barros Junior (UERJ)
tallenglish@hotmail.com

Surgida na França na década de 1880, a estética de fin-de-siècle dita decadentista muito marcou autores brasileiros, dentre eles o tão conhecido Olavo Bilac. Mesmo estando enquadrado como parnasianista, talvez por fins meramente didáticos ou por não ter sua obra analisada de modo profundo, a poética do referido autor traz em si plenas referências e traços do que ocorria no fim de século XIX pela Europa, sobretudo na França. Esse trabalho objetiva, então, apresentar a existência de um possível diálogo direto entre a produção poética do autor brasileiro e as produções poéticas de outros autores decadentes franceses tal como Verlaine. Buscamos, portanto, a comprovação de uma classificação falha do referido autor como sendo meramente pertencente à plêiade de autores parnasianos nacionais.

**DISCURSOS DE POSSE DOS PRESIDENTES DO STF –
AS MANIFESTAÇÕES LINGUÍSTICAS E O ETHOS DO PODER JUDICIÁRIO**

Claudia Maria Gil Silva (UERJ / UniFOA)
cacaigil@bol.com.br

Abrigos da história de um poder e suportes da imagem que dele se constrói, constituem os discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal um tomo indispensável para o estudo da linguagem como templo da palavra em movimento no tempo e no espaço. Um "lugar" que revela uma prática comunicativa institucional capaz de retratar as distintas posições sócio-políticas, de épocas várias, de um Brasil e de um Poder. Tais discursos apresentam-se impregnados de uma carga semântica e ideológica que os entrelaça a outros discursos e enunciadores, constituindo-se, portanto, num corpus essencialmente dialógico. Discursos em que a ocorrência de manifestações metafóricas e metonímicas é capaz de forjar a realização de novos dizeres, uma vez que essas manifestações permitem o desdobramento de significados, além de convergirem para a concepção de diferentes identidades – individuais ou coletivas - que são capazes de denotar a imagem dos sujeitos enunciativos e da instituição que representam. Este trabalho visa à amostragem da riqueza dessas manifestações e a sua contribuição efetiva para a construção do ethos do Poder Judiciário nesse contexto discursivo.

DISCURSOS EM TORNO DO BLOG "PETROBRAS FATOS E DADOS"

Luiz Antônio Cavalcanti Monteiro (UVA)
Wedencly Alves, doutor em Linguística (UVA)
luizantoniocavalcanti@gmail.com

A internet é percebida e definida como um lugar pleno de liberdade, uma área do éter digital onde se pode dizer tudo sobre todos e qualquer coisa, como é possível perceber em comentários de internautas em blogs e textos de sites como o *twitter*. Trata-se, portanto, de uma fonte rica de discursos para análise, onde as definições de sujeito-autor e sujeito-leitor se confundem na medida da interatividade que a tecnologia permite, uma comunicação em mão dupla que quebra os paradigmas dos discursos oficiais e impostos. Este artigo pretende analisar o conteúdo discursivo de leitores do portal Globo On-line (<http://oglobo.globo.com>) sobre a polêmica a respeito do blog "Petrobras Fatos e Dados", que está completando um ano de lançamento. São comentários publicados, à época do lançamento, no blog da jornalista Adriana Vasconcelos (<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/diarioreporter/>), repórter da sucursal de Brasília do jornal O Globo. Na análise, perceberemos claramente como esta liberdade de expressão produz discursos e sentidos carregados de simbologia, ideologia e significados históricos, como slogans nacionalistas e jargões dos anos de chumbo da história brasileira. Lembrando Orlandi (2001), os textos analisados revelam o real da história e mostram como os "homens falam no mundo" (da internet livre, complemento meu). Mais uma prova de que o sujeito, através da língua, toca a história e a reinventa.

**DISCURSO JORNALÍSTICO E A NEGOCIAÇÃO DE UMA REALIDADE DE CRISE:
A REPRESENTAÇÃO DE ESCÂNDALOS DE CORRUPÇÃO POLÍTICA**

Guilherme Rocha Brent (UFMG)
guibrent@hotmail.com

Este trabalho investiga o discurso jornalístico de Veja na representação de escândalos de corrupção política, buscando mostrar como seu discurso constrói realidades sociais para os eventos representados, assim como para aqueles sujeitos neles envolvidos. Ele se justifica, como uma possibilidade, dentro da Análise Crítica do Discurso, de investigação de um tema bastante recorrente no cenário político-social brasileiro, a saber, a representação de escândalos de corrupção política, que por sua vez situa-se em um contexto mais amplo das mudanças sociais da modernidade (Cf. THOMPSON, 2002). Para isso, partimos das escolhas linguísticas no Sistema de Transitividade (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), o qual aborda a forma como significados experienciais são representados na estrutura da oração, assim como por meio do significado representacional (modos particulares de representar aspectos do mundo) de modo a analisarmos o papel fundamental desempenhado pela linguagem midiática na mediação de sentidos para a construção de realidades sociais. Em face disso, pudemos avaliar as escolhas linguísticas não como uma questão de etiqueta, mas como escolhas ideológicas significativas para a construção de uma versão paradigmática dos eventos de corrupção. As análises evidenciam que através de escolhas lexicais e sintáticas (quem faz o que em quais circunstâncias; quem é incluído; quem é o que; o que é tematizado no processo representacional; dentre outras) o discurso de VEJA busca marcar uma representação característica de uma determinada experiência. As marcas linguísticas inequívocas do poder da mídia na representação de eventos e sujeitos sociais apontam seu poder de controlar a permuta de signos e ideologia, posicionando-se como mediadora entre a sociedade e os eventos.

DISCUSSÃO É GUERRA: USOS DO "MAS"

Naira de Almeida Velozo (UERJ)
nairavelozo@hotmail.com

A construção do sentido implica o estabelecimento de conexões entre domínios cognitivos, as quais ocorrem por meio de um processo chamado projeção. Neste trabalho, as projeções de domínios conceituais estruturados ou modelos cognitivos idealizados, os chamados MCIs, são os tipos de projeções postos em evidência. As Projeções de domínios conceituais estruturados ou MCIs consistem em tomar a estrutura de um determinado domínio, o domínio-fonte, para pensar ou falar outro domínio, o domínio-alvo. Um exemplo desses tipos de projeções são as metáforas. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.45), a metáfora não é apenas um recurso da imaginação poética ou um ornamento retórico, mas "(...) está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação". Esses autores afirmam que o sistema conceptual humano é fundamentalmente metafórico, e é em função disso que as metáforas como expressões linguísticas são possíveis. Parte-se do princípio de que, em nossa sociedade, uma discussão racional é marcada pela argumentação, a qual é experienciada em termos de um confronto físico, o

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

que demonstra que os usos dos elementos linguísticos, em uma interação, são estruturados, em grande parte, pela metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Em vista disso, objetiva-se analisar, neste trabalho, como essa metáfora estrutural fundamenta os diferentes usos do conector mas em uma sessão de mediação. Para a construção dessa pesquisa, um caso de mediação endoprocessual em uma vara de família no Rio de Janeiro foi estudado. Esse caso foi acompanhado e gravado pelo Professor Doutor Paulo Cortes Gago (UFJF), e a transcrição feita a partir de tal caso compõe o corpus do projeto de pesquisa "Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito" (projeto SHA - APQ 2129, FAPEMIG).

DISPARIDADES CRÍTICAS SOBRE A OBRA DE GIL VICENTE

Rafael Santana Gomes (UERJ)
camonianus@gmail.com

A obra do dramaturgo português, Gil Vicente, recebe interpretações bastante diversas, e, até mesmo, antagônicas, por parte da crítica, o que torna difícil estabelecer algumas diretrizes de leitura para o seu teatro. Dentre algumas das razões para tamanha disparidade crítica, está o fato de a obra vicentina ter sido composta de uma forma um tanto improvisada, e de os seus textos só terem sido publicados postumamente - e com uma série de lacunas -, o que dá margem para as abordagens mais diferenciadas por parte dos estudiosos. Este trabalho pretende discorrer acerca de alguns motivos de discordâncias interpretativas no teatro de Gil Vicente.

DITOS POPULARES E METÁFORA CONCEPTUAL

Antonio Marcos Vieira de Oliveira (UERJ)
amvdeo@hotmail.com

O objetivo do presente estudo consiste na investigação, a partir das teorias da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2002) e da Mesclagem (FAUCONNIER e TURNER, 2002), de como as metáforas conceptuais fundamentam os ditos populares retomados em músicas do cancionero ou em poemas. Parte-se da hipótese de que as metáforas conceptuais subjacentes aos ditos populares também estruturam a retomada desses ditos em poemas e em letras de música do cancionero popular. Essa hipótese é fundamentada nas asserções basilares da Linguística Cognitiva de que metáforas conceptuais estão presentes tanto nas conversas cotidianas quanto nas manifestações literárias e artísticas mais elaboradas. Acredita-se que as diferenças de sentido observadas nos ditos transpostos para obras literárias e artísticas podem ser explicadas pelo tipo rede de integração conceptual ativado durante o processo de mesclagem. Nesta comunicação, será analisada a relação entre a metáfora conceptual que estrutura o dito água mole em pedra dura tanto bate até que fura e uma das passagens do poema Mar Português de Fernando Pessoa. Mar Português - Fernando Pessoa Ó mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal! Por te cruzarmos, quantas mães choraram, Quantos filhos em vão rezaram! Quantas noivas ficaram por casar Para que fosses nosso, ó mar! Valeu a pena? Tudo vale a pena Se a alma não é pequena. Quem quere passar além do Bojador Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas nele é que espelhou o céu.

DIVERGÊNCIAS FILOLÓGICAS ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A REALIDADE NO PROCESSO EDUCACIONAL, NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

Denise de Almeida Ostler (UNILUS)
de.scorpion@hotmail.com

Quanto ao atendimento do alunado surdo na rede regular de ensino no que tange ao Capítulo IV do DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 da LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002, "DO USO E DA DIFUSÃO DAS LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO", em seu inciso III, alíneas b, c e d e inciso IV e V. Prover as escolas com: b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa; c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos; IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização; V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos. Bem como em seu CAPÍTULO VI "DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA" em seu Art. 22. As instituições federais de ensino res-

ponsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. Nota-se, entretanto que entre o "ideal" e o "real" há um longo e árduo caminho a se percorrer quando nos defrontamos com problemas até de ordem judicial pela falta de profissionais, que conforme garante a legislação, não são encontrados na rede regular de ensino do Estado de São Paulo para atender a demanda do alunado surdo. Desta forma, podemos observar um grande prejuízo não somente para a língua quanto para o processo educacional, quando é citado na presente Lei: "DA GARANTIA", "DO DIREITO" "A PRESENÇA DE TRADUTORES E INTERPRETES DE LIBRAS".

DO SILENCIAMENTO DE LÍNGUAS: UMA RELEITURA DISCURSIVA DA LEI 6.001

Marcos Lúcio de Sousa Góis (UFGD)

marcosgois@ufgd.edu.br

Este texto não tem maiores pretensões do que continuar contribuindo para as discussões a respeito dos processos de identificação indígena no Brasil, a partir de uma leitura discursiva da Lei 6.001, que regula o Estatuto do Índio, discorrendo sobre a relação "línguas" e "vozes" no discurso de Estado. Para tanto, se utilizará, como metodologia de investigação, a Análise do Discurso de orientação francesa, de modo particular a partir da leitura de obras de Micheux Pêcheux e Michel Foucault. Espera-se, com esse exercício de reflexão, que os resultados dessa releitura permitam colaborar para uma maior compreensão de como se constrói, a partir das práticas legais, a constituição de certa identidade para os povos indígenas, a saber: aquela edificada pelo discurso do não-índio.

E O MALANDRO AINDA EXISTE?

Leandro Nascimento Cristino (UFRJ)

ln cristino@ig.com.br

As recentes análises produzidas a partir da cultura nacional contemporânea têm propiciado a revisão de muitas questões teóricas. Mobilizado pela emergência da temática da violência urbana que, de certo modo, reflete as últimas tendências literárias, o crítico João César de Castro Rocha propõe a dialética da marginalidade como alternativa para pensar a identidade brasileira nesse novo contexto sócio-cultural, representado por obras como Cidade de Deus, de Paulo Lins. Em contrapartida, a professora Tânia Pellegrini aponta os riscos estéticos em manifestações que, por vezes, limitam-se à espetacularização da violência e a interesses de mercado. Neste trabalho, importa refletir sobre a situação do personagem malandro nesse embate que sintetiza algumas importantes questões da atual crítica brasileira, não apenas ligada ao âmbito literário, mas também atenta a outras formas culturais.

ENTRE O VERBAL E O VISUAL UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS E LEGENDAS

Nadja Pattresi de Souza e Silva (UFF)

pattresi@uol.com.br

Com este trabalho, pretendemos analisar a construção de sentidos no discurso jornalístico por meio da associação entre legendas e fotografias. Nosso objetivo é verificar o papel da linguagem verbal na constituição dos sentidos que se configura através da combinação do texto verbal com o texto visual. Com base no material analisado, notamos que, apesar de a fotografia estar em primeiro plano, a legenda acaba por delimitar e redefinir, de forma significativa, o sentido do que é visto. Neste estudo, apoiamos-nos, sobretudo, na perspectiva semiolinguística de Análise do Discurso (CHARAUDEAU, 1996, 2006, 2008), já que esta nos possibilita analisar a língua para além de seus limites como sistema organizado, considerando-a em sua dimensão social e discursiva. O *corpus* constituiu-se de fotos e legendas da coluna referente à Guerra do Iraque, intitulada "Imagens da Guerra" e publicada no *Jornal do Brasil*, no período de março a abril de 2003, a partir do qual categorizamos as fotografias de acordo com cada tipo de legenda identificado. Os resultados do estudo podem, pois, contribuir para a formação de leitores mais críticos e conscientes, questionando e redefinindo a noção de imparcialidade no discurso jornalístico, a qual não representa uma realidade

objetiva, mas constitui um efeito de sentido, alicerçado no grau de legitimidade e nas estratégias de credibilidade de que se valem os sujeitos em interação.

ESCRITURA E INVISIBILIDADE NO ROMANCE INVISIBLE (INVISÍVEL), DE PAUL AUSTER

Egle Pereira da Silva (UERJ)
eglesilva@hotmail.com

O presente trabalho visa a estudar o romance *Invisible (Invisível)*, do escritor norte-americano Paul Auster. Lançado em outubro de 2009 nos Estados Unidos e Europa e recém lançado no Brasil, *Invisible (Invisível)* aborda questões teóricas caras ao autor e recorrentes em sua obra, como, por exemplo, a linguagem, o eu e a verdade. Segundo uma das personagens de *Invisible (Invisível)*, para escrever o autor precisa "separar-se de si mesmo, remover-se e fazer-se invisível no texto", pois, só assim, ele passará da existência cega do corpo para a experiência nua da palavra. Nesse processo de apagamento de si, o Eu enquanto uma identidade única, inteira, perfeitamente identificável desaparece, assim como a própria palavra e o conceito de verdade são apresentados em uma nova versão: na literatura, a palavra não mais limita-se ao movimento indefinido da comunicação, ao contrário, ela está entregue aos seus próprios excessos, esgota-se nos abusos que pode cometer; a verdade, por seu turno, não mais se apresenta como a coisa, o fato ou evento real aceito como autêntico, mas a própria invenção consciente destes, contada com uma sinceridade tão plausível que simplesmente nos deixamos envolver por ela, recusando-nos a questionar se o que se lê é de fato real ou não. É justamente essas experimentações reais surgidas do que é irreal, implausível, ilusório e negado que Auster levanta em seu novo romance e aqui tentaremos deslindar.

ESTILÍSTICA DO LÉXICO: FUNÇÕES E FIGURAS

Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)
darciliasimoes@gmail.com
Claudio Artur de Oliveira Rei (UERJ)

Atualmente realizamos pesquisas que visam a demonstrar a relevância da Estilística. Diferente do que se pensava antigamente, o estudo do estilo hoje se impõe a partir do trabalho com gêneros textuais. Partindo da premissa de que cada gênero (ou grupo de gêneros) demanda o uso de uma dada variedade linguística, constata-se a necessidade de um estudo em que o gênero textual seja emoldurado pela análise do uso linguístico adequado. Assim sendo, as escolhas lexicais e sintáticas precisam ser controladas de modo a garantir a construção de um texto eficiente do ponto de vista estilístico. Nesta comunicação, demonstraremos, comparativamente, a exploração semântico-gramatical de textos de diferentes gêneros, identificando-lhes as nuances estilísticas que caracterizam cada gênero.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM SILVA JARDIM

Márcia Antônia Guedes Molina (UNISA)
maguemol@yahoo.com.br

Nosso objetivo neste trabalho é o de discorrer acerca das estratégias argumentativas utilizadas por um jovem e fervoroso jornalista do final do século XIX, Silva Jardim, grande entusiasta das causas Republicanas, em um discurso proferido no estado de São Paulo, publicado na imprensa um ano depois, às vésperas da Proclamação da República. O aporte teórico que subsidiará o estudo é o da Análise do Discurso, em especial, a obra *News as Discourse*, de van Dijk (1988). Serão analisados no texto os componentes estilístico e retórico, cruzando-se com o contexto sócio-histórico em que o discurso foi proferido e publicado, verificando-se sua importância na constituição da trama argumentativa.

ESTUDO COMPARATIVO DA REESCRITA DE RESUMOS DE PROJETOS DE PESQUISA

Maria Luiza Rodrigues Rua Campos Tavares (CEFET/MG)

mlrct@gmail.com

Jerônimo Coura-Sobrinho (CEFET/MG)

jeronimo@dppg.cefetmg.br

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de caráter descritivo, com o objetivo de verificar a estrutura e os recursos linguísticos e discursivos utilizados nos resumos dos projetos de pesquisa apresentados em atendimento à Chamada de Proposta para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior do CEFET-MG, para o período de 2009-2010. Segundo o edital 43/09 do Programa, os proponentes dos projetos deveriam produzir dois tipos de resumos. O primeiro seria voltado para os avaliadores das propostas, que julgariam a viabilidade de execução de cada projeto, bem como sua adequação aos termos do edital. O segundo seria direcionado aos alunos do Ensino Médio, que tomariam conhecimento sobre a pesquisa e se inscreveriam no projeto a partir das informações veiculadas pelo resumo. A partir de um universo de 103 projetos, 51 atenderam às orientações do edital. Aos 51 resumos, foram aplicados alguns critérios relativos à legibilidade verbal e à produção do gênero resumo, para que, então, fosse possível inferir sobre a natureza das mudanças feitas nos textos. Os resultados mostram que existe um ruído entre as informações e solicitações feitas no edital e o que foi apresentado pelos proponentes dos projetos. Sendo assim, a indicação de que o texto fosse adaptado a públicos-alvo distintos não foi seguida em mais da metade dos trabalhos e, quando ocorreu, não atendeu de forma plena as orientações disponíveis para a produção de resumos e para a melhora da legibilidade. NÃO SEI BEM SE É ISSO. Mesmo assim, houve uma adesão significativa dos alunos candidatos a bolsistas ao Programa. Isso mostra que, embora os resumos a eles direcionados não tenham sido adaptados ao seu perfil, os textos atingiram seus objetivos comunicativos. Essa investigação promove, portanto, uma reflexão sobre a forma composicional de resumos de projetos de pesquisa, levando-se em consideração o público alvo a que esses textos são direcionados.

ESTUDO DA ANÁFORA INDIRETA NO GÊNERO DISCURSIVO REDAÇÃO ESCOLAR TÔNICO

Josemar Santos Tonico (UESC)

tonnico@gmail.com

A Anáfora Indireta está relacionada a expressões definidas, expressões indefinidas e pronominais que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões ou informações constantes da estrutura textual precedente ou subsequente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes, até aí nomeados explicitamente e a continuação da relação referencial global. No gênero textual redação escolar, o seu estudo objetiva o melhor entendimento do processo de construção de texto. O objetivo desse trabalho é mostrar como os processos coesivos se dão na tessitura textual, bem como, perceber as contribuições que os estudos em Linguística Textual empreendem no sentido de compreender melhor os textos. Para alcançar esse objetivo foi feito um trabalho de coleta de dados junto a alunos do ano inicial e final do ensino médio de escolas públicas, do município de Ilhéus, apreciação e análise do corpus. Ao final pode-se detectar que há um considerável uso desse recurso gênero textual redação escolar, havendo uma tendência confirmada de que, com a evolução da escolaridade, uns se sobreponham a outros, como ocorre com as anáforas indiretas que, em séries mais avançadas, tendem a ser mais frequentemente utilizadas que as anáforas diretas.

ESTUDO FILOLÓGICO DE MANUSCRITOS DO SÉCULO XIX, PRODUZIDOS EM CÁCERES-MT

Maria Margareth Costa de Albuquerque Krause (UFMT)

romakrause@hotmail.com

Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - Mestrado Instituto de Linguagens - UFMT Autoria: Maria Margareth Costa de Albuquerque Krause Orientação: Prof. Dr. Elias Alves de Andrade Este trabalho objetiva fazer uma descrição dos aspectos filológicos constantes nos documentos manuscritos do século XIX, produzidos no período de 1860 a 1900, em Cáceres-Mt. Serão selecionados nos acervos do Arquivo Público Municipal de Cáceres e do Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral-NUDHEO/Unemat, aproximadamente 50 (cinquenta) manuscritos como Atas Administrativas, Termos de Compromisso, Requerimento de Alistamento Eleitoral e Cartas. Serão feitas as edições fac-similar e a semidiplomática de forma justalinear dos documentos selecionados para facilitar, posteriormente, a leitura para o trabalho de identificação das ocorrências ortográficas neles presentes, e, por elas, observar e descrever os aspectos histórico-sociais do período em que foram produzidos os manuscritos. Esta pesquisa

terá como suporte teórico Cambraia (2005), Higounet (2008), Holanda (1990), Siqueira (2005), Spina, (1994). A relevância desta pesquisa não está somente na contribuição linguística para outros trabalhos investigativos sobre a língua escrita nesta região, mas também para o resgate de uma parte importante e significativa da história da região de Cáceres.

**ESTUDO PROSÓDICO DE NARRATIVAS SEMIESPONTÂNEAS
PRODUZIDAS POR BRASILEIROS APRENDIZES DE INGLÊS COMO LE**

Camila da Silva Ornellas (UFRJ)
Fernanda Memória (UFRJ)
camilaornellas@gmail.com

Neste estudo são apresentadas análises feitas com base em narrativas semi-espontâneas produzidas em inglês e em português por brasileiros aprendizes de inglês como língua estrangeira. Foi pedido aos sujeitos da pesquisa que narrassem as situações apresentadas a eles através de uma história em quadrinhos sem legendas. As narrativas foram gravadas em um ambiente acusticamente preparado para que fosse possível a análise do conteúdo com o auxílio do programa PRAAT. Foi feita uma comparação entre as produções em língua inglesa com suas correspondentes em português objetivando verificar uma possível transferência dos padrões melódicos da língua materna para a língua estrangeira. Este trabalho é organizado de acordo com o modelo de identificação das seções narrativas proposto por Labov (1997), bem como os aspectos prosódicos apontados como relevantes por Wennerstron (2001). Foram base para este trabalho as descrições sobre a prosódia do inglês norte-americano (CELCE-MURCIA, 1996) e do português brasileiro (MORAES, 1998), além de outros estudos da ligação entre estruturas narrativa, prosódia e discurso oral (COSTA E FREITAS 2003; HIRSCHBERG *et alii* 1987; OLIVEIRA 2002, 2003).

**"EU TENHO TANTO A LHE FALAR, MAS COM PALAVRAS NÃO SEI DIZER":
O TRABALHO COM PRODUÇÃO TEXTUAL NAS TURMAS DE EJA**

Julienne Kely Zanardi (UERJ)
julienezanardi@yahoo.com.br

Uma das principais tarefas dos professores de Língua Portuguesa em turmas de Educação para Jovens e Adultos é o desenvolvimento da leitura e da escrita. Seja por terem-se afastado por um tempo da escola, seja por terem outras atividades fora dela, esses alunos têm muitas dificuldades tanto com a interpretação quanto com a produção de textos. A proposta da presente comunicação é oferecer uma contribuição no trabalho com turmas de EJA no que tange à produção textual. Seguindo a postura de Paulo Freire, que crê que o uso de palavras e temas do cotidiano contribuem para o aprendizado da língua, e a perspectiva Bakhtiana no tratamento dos gêneros, analisaremos o relato pessoal como ponto de partida para o trabalho com produção textual em turmas de EJA.

**EXISTE MESMO UMA FACULDADE DE LINGUAGEM INATA E ESPECÍFICA?
ALGUNS PROBLEMAS**

Zinda Vasconcellos (UERJ)
zinda@superig.com.br

A comunicação em pauta pretende discutir alguns dos problemas em que incorrem as propostas quanto à existência e natureza de uma faculdade inata de linguagem. Para poder tratar dos pontos problemáticos dessas concepções, na impossibilidade de fazer isso para cada uma das vertentes teóricas sobre essa faculdade existente na literatura, será apresentada primeiramente uma caracterização prototípica dessa faculdade que valha para a maioria dos inatistas, embora cada um deles possa se afastar de uma ou mais das características apontadas. A partir daí, serão apontados alguns subsídios de outras disciplinas relevantes para o esclarecimento dos problemas em que essas concepções incorrem, e também alguns outros que apontem para soluções alternativas no que toca à capacidade humana de linguagem.

EXPRESSÃO E SENTIDOS NO TRATAMENTO DA APICULTURA POR VARRÃO E VIRGÍLIO

Matheus Trevizam (UFMG)
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

Em "*De re rustica*" III, o "agrônomo" romano Varrão reatino tratou, entre outros assuntos ligados à "uillatica pastio", ou criação de pequenos animais domésticos na casa-sede ("uilla") das antigas propriedades rurais romanas, da apicultura. Ora, tendo ele precedido em poucos anos o aparecimento das "Geórgicas" de Virgílio, nota-se a apropriação de muitos conteúdos técnicos do antecessor por esse poeta didático antigo, inclusive no tocante ao tópico particular da criação de abelhas. Dessa maneira, partindo da análise comparativa de passagens tematicamente afins em pontos atinentes à apicultura e da recorrência à bibliografia especializada de literatura antiga, buscar-se-á o cotejo entre um e outro autor citado nos níveis lexical e estilístico, a fim de apontarmos para direcionamentos de sentido também diversos no diálogo varroniano e no magistral "poema da terra" de Virgílio.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS FORMAM UMA CLASSE HOMOGÊNEA?

Ibson Rodrigues da Silva Jr UFSC
irsjr@yahoo.com.br

Expressões idiomáticas (doravante EIs) costumeiramente são consideradas expressões sintaticamente rígidas, que não admitem composicionalidade como, por exemplo, "bater as botas". Nesse sentido, as EIs podem ser consideradas itens lexicais. Contudo, uma EI como, por exemplo, "mexer os pauzinhos" pode apresentar caráter composicional e variabilidade sintática, podendo sofrer operações de quantificação e de negação como em nem se quer um pauzinho foi mexido por ela para conseguir um emprego melhor. O que permite algumas EIs apresentarem a característica de variabilidade sintática? Neste trabalho, são discutidas duas noções fortemente relacionadas às Expressões Idiomáticas: a) a noção de convencionalidade como uma característica principal das expressões idiomáticas (NUNBERG, 1994) e b) a noção de transparência semântica (GLUCKSBERG, 2001) como requisito para uma variabilidade sintática das EIs.

**FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS CARACTERÍSTICOS DO PORTUGUÊS ARCAICO
NA FALA DO ALTO PANTANAL**

Mirami Gonçalves Sá dos Reis (UNEMAT)
mirami.reis@terra.com.br

Os fenômenos linguísticos fonológicos/fonéticos:[õ]/[õw],[tch] e [dj], incomuns no Brasil, mas característicos de algumas localidades de Mato Grosso como a Baixada Cuiabana e a microrregião do Alto Pantanal, apesar de existirem trabalhos pioneiros nesse campo como os realizados por Nascentes, Silva Neto, Câmara Jr., Coutinho, Silva, Teyssier, Lima, Bisinoto, Palma, Almeida e outros, ainda carece de estudos específicos, não apenas sobre o funcionamento da língua nos seus aspectos internos, como também sobre a vida social dos falantes, os processos históricos que determinam a heterogeneidade linguística e as relações de força política que definem as práticas languageiras através do tempo. Há indícios, apontados por alguns pesquisadores, dentre eles Silva (1991) a qual afirma que a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos, começa a processar-se durante o período do português arcaico, quando essa ditongação converge na direção do ditongo [ãw], que já no século XVI é típica do dialeto padrão português e possivelmente de dialetos do sardo. A respeito das variantes fonológicas africadas [tch] e [dj], Silva Neto (1979) tem como hipótese mais provável que a pronúncia [tch]teria vindo para o Brasil com os colonizadores, porque nos séculos XVI e XVII, "em todo território de Portugal usava-se ts". Já em relação à africada palatal [dj], ele afirma que, embora tenha existido no português antigo, desaparecera no século XV. Portanto, as marcas do linguajar mato-grossense remontam ao século XVI, quando das grandes transformações do latim e por ocasião dos primeiros registros escritos do português.

FILOLOGIA ROMÂNICA: HISTÓRICO E MÉTODOS

Maria Lucia Mexias-Simon (USS)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Se bem que só, há poucos séculos, se fale em Filologia Românica e a noção de uma ciência histórica necessária para o estudo das línguas românicas, escritas e faladas, só a partir do último terço do século passado apareça ligada àquela designação, o certo é que ela não constitui uma descoberta das últimas gerações. A filologia é, portanto, o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte compostas nesta linguagem. Como é uma ciência muito antiga e a linguagem pode ser tratada de muitas formas diferentes, a palavra filologia tem um sentido muito amplo e compreende muitas atividades diversas. Uma de suas formas mais antigas, a forma, por assim dizer, clássica e que, até agora, é vista por alguns eruditos como a mais nobre e a mais autêntica é a edição crítica de textos. A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de uma alta civilização toma consciência dessa civilização e quer preservar dos estragos do tempo as obras que constituem seu patrimônio espiritual; salvá-las, não somente do esquecimento, mas também de modificações, mutilações, acréscimos e adições ocasionadas, fatalmente pelo uso popular, ou pelo descuido dos copistas.

**FIOS E DESAFIOS: O PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES
NO CONTEXTO DA REDE NACIONAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA**

Elizabeth Orofino Lucio (UFRJ)
Ludmila Thomé de Andrade (UFRJ)
orofinolucio@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos produzidos no domínio da formação docente no Brasil, focando-se, mais diretamente, na implantação da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica e no Programa Pró-letramento. Buscamos considerar as relações entre a macro-abordagem, ou seja, o contexto e o processo de formulação e implementação do Programa no cenário nacional, e uma meso-abordagem que, especificamente nesse estudo, focaliza-se no lócus do estado do Rio de Janeiro e os professores-tutores do programa dessa cidade. Ao abordamos essa temática, buscamos compreender o manual do tutor do programa Pró-letramento e os documentos da Rede. A pesquisa de campo, feita por meio de questionário e entrevista, junto aos sujeitos envolvidos no processo educativo, no encontro de formação, levou-nos a investigar o papel da tutoria na formação continuada docente de professores alfabetizadores. Para isso, toma por base as contribuições da perspectiva bakhtiniana de linguagem. A análise dos principais resultados permite-nos concluir que, apesar dos imperativos neoliberais que permeiam a política de formação a distância e dos inúmeros desafios que se impõem, formar, nessa modalidade, é um movimento que propicia a composição de um quadro de formação de formadores nas redes estaduais e municipais de ensino, favorecendo a constituição de uma rede de apoio local à formação permanente de professores alfabetizadores.

FLINPE – UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA COM FINS LUCRATIVOS!

Claudia Barbosa de Medeiros (UCAM)
cbmedeiros@terra.com.br

O FLINPE - Festival Literário da Nova Perequê - acontece todos os anos na escola municipal Nova Perequê, em Angra dos Reis, com o objetivo de promover a leitura entre os nossos estudantes. Nele, os alunos têm a oportunidade de mostrarem suas produções literárias, suas pesquisas, suas construções artísticas realizadas durante as aulas, sob a orientação do professor. O nome FLINPE faz uma referência direta à tradicional FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty, município vizinho. A FLIP volta seus holofotes para escritores consagrados e suas obras. É, inegavelmente, um evento importante para o universo da literatura. Mas o jovem da escola pública é, quando muito, um ator coadjuvante do show. Volta para casa sem o livro, a celebridade, pois entre os dois existe uma distância chamada dinheiro. Para esses jovens criamos o nosso festival literário (que este ano irá para a 7ª edição), dois dias inteiros em que a celebridade é a produção do aluno. Nosso festival não pretende vender livros, mas tem fins lucrativos. Veja como todos lucraremos com o FLINPE se ele for capaz de: 1. Tirar o livro do pedestal de adoração, trazendo-o para o festival como um sujeito comum, acessível. 2. Disseminar sementes de hábito de leitura. 3. Transformar o hábito em prazer, desenvolvendo o gosto estético pelas diversas formas de produção literária. 4. Começar a reverter, pelo menos em nossa escola, as estatísticas que comprovam que a maioria dos jovens brasileiros não lê, trazendo o livro para o cotidiano da sala de aula. 5. Levantar a bandeira de reversão do quadro caótico da falta de acesso ao livro com

políticas públicas consequentes de bibliotecas escolares bem equipadas e competentes, que permitam a entrada do livro em nosso meio, não como uma celebridade tratada com reverência mas como um amigo assíduo e íntimo.

FORMA E SUBSTÂNCIA NA ESCRITA ALFABÉTICA: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DO SURDO

Núbia Rabelo Bakker Faria (UFAL)
nrbfaria@uol.com.br

A educação do surdo tem sido tema de uma série de pesquisas e discussões relativamente recentes no Brasil. Dentre as inúmeras dificuldades encontradas por alunos, professores e familiares no processo de inclusão de alunos surdos, merece destaque a sua *alfabetização* em língua portuguesa. Argumentos, como o de Quadros (2003), que assumem “que a escrita alfabética da língua portuguesa no Brasil não serve para representar significação com conceitos elaborados na língua de sinais brasileira, uma língua visual espacial. Um grafema, uma sílaba, uma palavra escrita no português não apresentam nenhuma analogia com um fonema, uma sílaba e uma palavra na língua de sinais brasileira, mas sim com o português falado” (p. 100) deixam clara a concepção de escrita como derivada de uma instância anterior, no caso a língua oral. Este trabalho, tomando como ponto de partida as questões suscitadas pela escrita do português pelo surdo, pretende colocar em discussão o que Hjelmslev (1943) e Uldall (1944), fundadores da Glossemática, assinalaram faltar aos estudos linguísticos, isto é, uma análise da escrita sem considerar o som. A visão proposta por Hjelmslev de que “[...] a substância não pode em si mesma definir uma língua” implica em considerar que a Língua Portuguesa não se define a partir da sua manifestação oral, isto é, da substância do som. Desta assunção tira-se que a escrita não se limita a ser uma manifestação dependente da oralidade, podendo ela mesma revelar a *forma* por ela selecionada. Dentro desta perspectiva teórica, busca-se com a discussão dos conceitos de *forma* e da *substância*, conforme propõe o autor, levantar algumas possibilidades para a reflexão sobre a escrita do português pelo surdo, deslocando a concepção de escrita como *representação* para a de *substância gráfica*, assumindo com o autor que a língua se constitui essencialmente de dependências internas. O momento parece-nos propício para enfrentarmos o que Uldall (1944) assinalou, sob a forma de um lamento, faltar à Linguística, isto é, dar à “substância da tinta” a mesma atenção que esta sempre dedicou à “substância do ar” (p. 214).

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LE – EAD: UMA AÇÃO DA UFSC – CAPES – UAB

Maria Jose Damiani Costa (UFSC)
Vera Regina de Aquino Vieira (UFSC)
Fabiola Teixeira (UFSC)
Leticia Folster (UFSC)
mjdamiani@gmail.com

O Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na modalidade a distância, proposto pelo Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, integra-se à experiência de algumas Instituições Públicas de Ensino Superior, e configura-se como um curso de formação de professores com garantia de qualidade de ensino. O projeto resulta de um esforço coletivo para a integração entre diferentes saberes, experiências e competências envolvidas na formação de educadores na área do ensino de Espanhol. A UFSC, por meio das Unidades de Ensino - Centro de Comunicação Expressão e Centro de Educação - reconhece a relevância de iniciativas dessa natureza, tendo em vista o elevado número de professores do ensino básico que atua sem a devida habilitação. Devido ao grande número de professores que atuam sem qualificação adequada e a exigência da legislação atual, que estabelece um prazo para que os professores completem sua formação em nível superior e que as escolas ofertem a Língua Espanhola como segunda língua estrangeira, torna-se premente a formação do professor em exercício para que cumpra sua atividade docente com competência. Diante desse cenário, a Licenciatura em Letras-Espanhol/EaD tem o objetivo de habilitar professores do ensino fundamental e médio em consonância com as exigências de sua prática docente e curriculares do ensino básico. O Estado de Santa Catarina, apesar de apresentar índices de desenvolvimento mais elevados, ainda se caracteriza por uma defasagem na qualificação de seus professores de Língua Espanhola e respectivas Literaturas, devido, sobretudo, pela restrita oferta de Cursos de Licenciatura em Língua Espanhola e à dificuldade de acesso às instituições universitárias que oferecem graduação em Letras-Espanhol. O presente projeto coloca-se, portanto, como uma formação especial, que abrange diversos desafios e possibilidades na área da formação de professores de Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola. Neste projeto, pretende-se oportunizar o desenvolvimento de atitudes reflexivas e investigativas, oferecendo-se instrumentos básicos para o exercício profissional da docência, levando-se em consideração a experiência prévia dos participantes. O eixo epistemológico que sustenta o presente projeto é o de que a formação do educador é um processo contínuo.

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ESPECIALIZAÇÃO EM FILOLOGIA SEM DISTÂNCIA

José Pereira da Silva (UERJ, PUC-Minas e ABRAFIL)
pereira@filologia.org.br

O minicurso que ofereceremos sintetiza um módulo de 45 horas-aula que será oferecido na Especialização em Filologia na PUC-Minas, de 10 de outubro a 17 de dezembro próximos, cujo livro-texto é a *História da Língua Portuguesa*, organizado por Segismundo Spina, sócio honorário da ABRAFIL e Professor Emérito da USP. Em quatro horas-aula apresentaremos uma síntese das notações histórico-teóricas dos seis capítulos dessa monumental obra, publicada, inicialmente, em seis volumes, pela Ática, reunidos pela Ateliê Editorial em 2008 por seu organizador. Trataremos da origem e formação da língua portuguesa e das propostas de periodização, começando pelo estudo do galego-português, do qual observaremos alguns textos e características gramaticais dos séculos XII a XIV. Do século XV a meados do século XVI, trataremos da língua literária, seu léxico, fonética, ortografia, morfologia, sintaxe e recursos estilísticos. Observaremos a caracterização do período da segunda metade do século XVI ao século XVII, com a latinização da língua e o deslumbramento da cultura clássica, trataremos das primeiras gramáticas do idioma, da projeção da língua proporcionada pela expansão da navegação, incluindo reflexões sobre o português do Brasil, considerando as contribuições das línguas indígenas e africanas. No século XVIII, analisaremos o panorama sociocultural português, o ensino da língua portuguesa, o léxico (na visão dos teóricos e na prática dos escritores e poetas do Brasil) e os indícios de renovação sintática. No século XIX será observada a língua literária principalmente a partir do Romantismo, com as suas particularidades lexicais: latinismos, arcaísmos, regionalismos, indianismos, africanismos, estrangeirismos etc. Por fim, no século XX, faremos um passeio pelo léxico e pela fraseologia nos textos literários e não literários, observando a contribuição da oralidade e ressaltando os pontos de renovação sintática.

HOMEM COMO PRONOME INDEFINIDO A PARTIR DO ORTO DO ESPOSO

Juliana Regoto Rodrigues (UFF)
julyregoto@bol.com.br
Sebastião Josue Votre (UFF)
julyregoto@bol.com.br

A partir da leitura da obra *Orto do Esposo* pretendo identificar e descrever homem como pronome indefinido no português do século XV e levantar a dúvida sobre se essa ocorrência pode aparecer em textos atuais, onde homem é classificado somente como substantivo. O vocábulo estudado, no século XV, além de aparecer como substantivo, para designar gênero ou o ser humano em geral, também ocorre na função de pronome indefinido. Entretanto, com a evolução da língua portuguesa, essa função de homem foi perdida, pelo menos nas gramáticas normativas, e é considerada um arcaísmo pelas gramáticas históricas. Assim é preciso analisar alguns trechos desse corpus para averiguar se essas classificações se comprovam.

ICONICIDADE LEXICAL INSCRITA NA INSOLITUDE DO TEXTO LITERÁRIO

Livia Rodrigues Barbosa (UEG)
livinhathebest@hotmail.com
Ivani Peixoto dos Santos (UEG)
Eleone Ferraz de Assis (UEG)

Com o propósito de criar estratégias de compreensão da arquitetura textual de narrativa literária, este trabalho objetiva demonstrar o potencial icônico de palavras e expressões (itens lexicais) que orientam a interpretação, indicam isotopias subjacentes ao texto e participam da construção/representação de eventos insólitos no romance *Sombras de Reis Barbudos*. O estudo se baseia na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009) e no Realismo Maravilhoso com foco na presença do insólito na narrativa ficcional (CHIAMPI, 1980). Para tanto, far-se-á a discussão de: (1) o potencial icônico dos itens lexicais no texto-cópus; (2) os ícones e índices que orientam a interpretação dos eventos insólitos apontados no romance; (3) os elementos mágicos ou extraordinários percebidos pelos personagens como parte da "normalidade" no romance e (4) a transformação do comum e do cotidiano em uma vivência com experiências sobrenaturais ou extraordinárias. A investigação em sombras de reis barbudos busca o entendimento da obra a partir do rastreamento dos processos cognitivos acionados pela iconicidade do léxico na constituição de eventos insólitos emoldurados pelo Realismo Maravilhoso.

ICONICIDADE VERBAL E ENSINO DA LEITURA

*Ana Cristina dos Santos Malfaccini
Darcília Marindir Pinto Simões
darciliasimoes@gmail.com*

Repetir que o ensino da leitura é problemático, nada mais é do que repetir o óbvio. Professores estão desestimulados: as salas de aula estão cheias, e a remuneração é baixa. Os alunos chegam à escola cada vez mais despreparados para o mundo da leitura: originam-se de ambientes alheios à sua prática, não convivem com livros, revistas ou jornais, por conseguinte, não se mostram interessados no conteúdo das aulas. Não obstante, há docentes que tentam fazer de seu trabalho um diferencial. Buscam novas dinâmicas, fazem cursos, procuram (na universidade) teorias científicas que deem suporte à sua prática pedagógica. Adaptam-nas às escolas, muitas vezes sem condições mínimas de trabalho. Afinal, é possível ensinar alguém a ler, no sentido stricto? Existe uma metodologia capaz de tornar um estudante proficiente em leitura de sua língua materna ao final do ensino médio? Imaginamos que essas perguntas sensibilizem qualquer professor de Língua Portuguesa que já tenha passado por momentos de reflexão sobre seu ofício. Para responder a essas questões, veremos como tem sido a formação dos egressos do curso de Letras, o que tem apontado para algumas práticas (ainda) arcaicas de tratamento com o texto, muito embora a Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Semiótica, entre outros campos do conhecimento, já nos ofereçam subsídios para um trabalho sociointeracionista com o ensino de leitura (cf. BAKHTIN, 2003; GERALDI, 2003; MARCUSCHI, 2008). Nesse sentido, pretendemos, ao final dessa investigação, apresentar algumas respostas que possam minimizar nossas aflições, tornando mais eficientes as aulas de leitura em língua portuguesa. Em destaque, gostaríamos de salientar a instrumentalização semiótica do professor, para que lhe seja possível operar no eixo do desenvolvimento das ações extralinguísticas, visando a encaminhar sua formação para uma dimensão multimídia e transdisciplinar. (SIMÕES, 2001 e 2003).

**IDENTIDADES EM INTERAÇÃO:
UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES
EM E-MAILS DE UM GRUPO ON-LINE**

*Cinara Monteiro Cortez (PUC/RIO)
cinaracortez@hotmail.com*

O presente estudo busca analisar as negociações e construções identitárias (individuais, sociais e coletivas) durante as interações linguísticas entre um grupo de discussão on-line formado por ex-alunos de uma escola técnica do Rio de Janeiro. A pesquisa insere-se no âmbito da Sociolinguística Interacional (GOFFMAN, 1979; GUMPERZ, 1982A; DE FINA, 2003) em uma perspectiva da Linguística Sociocultural (BUCHOLTZ & HALL, 2003, 2005). A metodologia de pesquisa é de abordagem qualitativa interpretativa (DENZIN & LINCOLN, 2006) e abordará diferentes estratégias utilizadas durante o processo de interação, fundamentadas em um modelo de análise proposto por Bucholtz & Hall (2005), que abarcam cinco princípios conceituais e as Táticas de Intersubjetividade (BUCHOLTZ & HALL, 2003). O corpus selecionado para a análise nesse estudo é formado por e-mails do grupo Amigos do Visconde de Mauá e os dados foram coletados durante o ano de 2009. A análise dos dados evidenciou negociações e rejeições de identidades individuais do passado, afirmações de identidades locais e relacionais através de identidades sociais, indexações e relações de poder, e negociação para uma identidade de grupo.

IMAGEM E COR NO DISCURSO PUBLICITÁRIO: O SEQUESTRO DO OLHAR

*Rosane Santos Mauro Monnerat (UFF)
rosanemonnerat@globocom*

Neste trabalho, pretendemos mostrar como a articulação de imagens e cores, no texto publicitário, pode contribuir para a captação do significado global da mensagem pretendida pelo sujeito comunicante, monopolizando, inclusive, a atenção do interlocutor, ao promover o "sequestro" de seu olhar. Contrariamente à linguagem verbal, cujos signos, considerados arbitrários, devem, por isso mesmo, demonstrar sempre sua adequação referencial, a linguagem visual é motivada, pois combina signos em relação analógica com a realidade que representam. Assim, a imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade (NEIVA JÚNIOR 1986, p. 05). No texto publicitário, por meio da polissemia de suas formas e cores, a imagem divide papéis com a mensagem escrita, seja como elemento de sustentação (paráfrase de uma asserção textual), seja como elemento de complementaridade (propõe uma informação autônoma, distinta das fornecidas pelo texto escrito), seja como ele-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

mento de amplificação (hipérbole, emoção, teatralidade) (BARTHES, 1982) ou, ainda, seja como elemento de dissensão, quando a imagem contraria o texto verbal (SOUZA, 2001). Consideramos, portanto, o binômio imagem/cor como processo comunicativo, a partir do contraste colorido/ preto e branco; da polaridade entre determinadas cores (azul/rosa; preto/branco; verde/amarelo etc.) e, ainda, das diferenças culturais em sua percepção. Esse conjunto de fatores será, então, entendido como determinante na produção da significância publicitária.

IMAGENS DISCURSIVAS DO PROFESSOR DO ENSINO DE ELE EM MANUAIS E LIVROS DIDÁTICOS

Raabe Costa Alves Oliveira (UERJ)
raabealves@yahoo.com.br

Observamos que na atualidade o livro didático vem sendo objeto de investigações de muitos pedagogos e linguistas aplicados, entretanto com o manual do professor que o acompanha o mesmo não ocorre. Dessa maneira, este estudo situa-se no nos estudos voltados para as articulações entre linguagem e o mundo do trabalho. Considerando as variadas possibilidades de abordagens para a relação linguagem/ trabalho, privilegiamos a investigação dos discursos produzidos sobre o trabalho, em específico, os discursos produzidos acerca dos saberes e competências que "devem ser" empreendidos na atividade de trabalho isto é, discursos prescritivos. Sob essa perspectiva, esta investigação reúne a análise dos manuais do professor presentes nos livros didáticos de espanhol do ensino médio, nosso objetivo é analisar, nesses discursos a imagem de professor e de ELE presentes nos mesmos. Temos como marco teórico os estudos da linguagem, a partir da perspectiva enunciativa, com ênfase nos conceitos de dialogismo e gêneros do discurso (BAKHTIN, 1979) e de polifonia (DUCROT, 1987). Numa primeira análise dos enunciados, buscamos verificar quais são as imagens do ensino de espanhol e do professor presentes nos manuais. Para selecionar o material de análise privilegiamos aqueles livros nos quais o MEC selecionou para distribuir aos docentes de ELE em função da lei 11161/05, lei esta que institui a obrigatoriedade do ensino da língua espanhola para o ensino médio em todo o território nacional.

IMPORTÂNCIA DO PARATEXTO NA EDIÇÃO DO TEXTO TEATRAL VEGETAL VIGIADO, DE NIVALDA COSTA

Débora de Souza (UFBA)
Rosa Borges dos Santos (UFBA)
borgesrosa6@yahoo.com.br

No processo de investigação, interpretação e estabelecimento do texto, busca-se conhecer todo o conjunto de testemunhos de uma obra assim como todos os elementos referentes àquela, ou seja, tudo que tem relação, explícita ou implícita, com o objeto estudado. Nesse sentido, propõe-se, neste trabalho, tratar da importância de materiais que se constituem em elementos paratextuais no trabalho de transcrição e edição do texto teatral *Vegetal Vigiado*, da dramaturga Nivalda Costa, produzido e censurado na época da ditadura militar, na Bahia. Observa-se, desse modo, em um trabalho que se propõe interpretativo, a grande contribuição desse vasto campo da paratextualidade em que se abordam todos os materiais que cercam o texto.

INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS SOCIOLINGÜÍSTICAS NA PLURALIZAÇÃO DO SINTAGMA VERBAL (SV), PELOS ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA

Ariana Carla Barbosa da Silva (UNEB)
aryanna.2@hotmail.com
Luzileide de Jesus Santos e Santos (UNEB)
ladyj6@hotmail.com
Patricia Ribeiro de Andrade (UNEB)

O trabalho discute o uso variável do sintagma verbal - SV de primeira e terceira pessoas do plural, por parte de estudantes de quinta (5ª) série da rede pública de ensino de Santo Antonio de Jesus - Bahia. Pretende-se analisar o fenômeno, a partir dos resultados quantitativos obtidos com a ferramenta GoldVarb, tanto para variáveis linguísticas quanto sociais e a partir destes travar uma discussão, considerando que o comportamento linguístico pode definir a

posição (estigmatizada ou não) do sujeito do discurso, nas mais diversas situações comunicativas. Além disso, pretende-se demonstrar em que aspectos o dialeto desta comunidade distancia-se da construção considerada culta.

INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS ENSINO MÉDIO E SUPERIOR.

Paulo de Tarso Galembeck (UEL)
ptgal@uel.br

O professor A. T. Castilho define três processos de construção da língua falada: a) ativação (processo discursivo central de construção das unidades de fala e do desenvolvimento do tópico ou assunto); b) reativação (volta ao que foi dito, com a finalidade de reiterar partes de enunciado ou o seu conteúdo, ou reformular o que foi dito); c) desativação (truncamento de palavras ou frases, ou interrupções totais ou parciais na sequência tópica). Este trabalho estuda uma forma de ruptura tópica parcial, as inserções parentéticas, breves segmentos que não chegam a romper o tópico em andamento, e representam geralmente esclarecimentos, explicações ou opiniões pessoais. As inserções são classificadas de acordo com as seguintes variáveis: a) posição em relação à frase "hospedeira" (meio da frase; final da frase sem continuidade entre as partes separadas; final de frase, com continuidade entre as partes separadas); b) presença de marcadores conversacionais; c) elemento discursivo a que se voltam as inserções (tópico em andamento; falante; ouvinte; ato discursivo em si).

INTERTEXTUALIDADE EM CHARGES: UMA ABORDAGEM COGNITIVISTA

Juliana dos Santos Ferreira (PUC/MG)
Sandra Bernardo (UERJ)
jdsantosferreira@yahoo.com.br

A partir de observações das primeiras páginas do jornal O Globo, percebemos algumas sequências de charges que exploram a capacidade de conceptualização metafórica do leitor. Essas charges demonstram ter um caráter especial, porque não são produções estanques, inseridas no veículo que as divulgam. Pelo contrário, dialogam entre si e se relacionam com outros gêneros textuais, geralmente de destaque, presentes nos jornais, tais como as principais notícias relacionadas ao contexto político-econômico. Dessa forma, pretendemos revisitar o conceito de intertextualidade, considerando a Teoria da Integração (ou Mesclagem) Conceptual (FAUCONNIER e TURNER (2002) e a Teoria das Metáforas Conceptuais (LAKOFF, 1988; LAKOFF e JOHNSON, 1999), com objetivo de verificar como se estabelece a relação entre as charges de primeira página e a matéria à qual está vinculada, de modo a descrever, dentro da perspectiva da Linguística Cognitiva, o processo de integração conceptual que ocorre no momento em que o leitor as visualiza para chegar à conceptualização das mesmas.

ITEM LEXICAL "ACHAR": UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL

Gelson Martins de Souza (UEM)
martins_gs@yahoo.com.br

O artigo pretende realizar uma abordagem na qual esteja em evidência a dinamicidade do verbo achar, levando em consideração as definições da NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – e das gramáticas tradicionais, bem como os pressupostos funcionalistas, os quais preveem os elementos a partir da língua em funcionamento. O funcionalismo linguístico contemporâneo não só concebe a linguagem como instrumento de interação social, mas também realiza uma investigação linguística que transpõe a estrutura gramatical, analisando o contexto discursivo no qual está inserida a motivação para os fatos de uma língua. À luz dessa teoria, compreendemos que há uma relação bastante estreita entre sintaxe, semântica e pragmática. A situação enunciativa é elaborada a partir de uma necessidade semântica, objetivando veicular uma ideia; esta se encontra inserida em uma construção sintática, que, na maioria das vezes, pressupõe um sujeito que utiliza a linguagem com propósito comunicativo. Em busca de uma contribuição aos estudos funcionalistas, analisar-se-ão o elemento lexical - achar - em três sincronias do português: a Auto da barca do inferno, de Gil Vicente (século XVI), o Sermão da Sexagésima, de Padre Antonio Vieira (século XVII), e fragmentos da Opus Dei (século XXI). A escolha desses três textos se deve, primeiramente, ao fato de eles abordarem, de alguma forma, o discurso religioso; um outro motivo reside no fato de a peça de Gil Vicente retratar, de maneira aproximada, a fala das personagens, de acordo com sua condição socioeconômica.

JOÃO CABRAL: FIOS DE SUBSTANTIVO A SERVIÇO DA ESTÉTICA DA POESIA SEVERINA

Anderson da Silva Ribeiro (UERJ)

anderson_sribeiro@hotmail.com

Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)

mtgpereira@yahoo.com.br

A dedicação ao ofício de escrever fez seguramente de João Cabral de Melo Neto um poeta de envergadura, segundo se pode perceber com a avaliação da crítica literária de tradição no Brasil. A principal frente de seu trabalho ficou em torno da busca incessante pela palavra nua, seca, substantiva, "sem plumas" (1994, p. 103), capaz de reter uma realidade que caminha desde os canaviais pernambucanos até a Sevilha espanhola, com um preciosismo expressivo capaz de transformar o simples, o comum e o prosaico em matéria de poesia. A obsessão pela ideia de construir uma linguagem verbal concreta, dilacerante, econômica em adjetivos, fez com que o poeta, um "homem sem alma" (CASTELLO, 2006), empregasse tecer como uma atividade exclusivamente meticulosa dada a arquitetura que envolvia a sua produção literária. Nessa direção, o substantivo, ratifica e traduz o entendimento de substância e de essencialidade, no que tange à concretização funcional e estética da gramática da língua, além de também, na perspectiva diacrônica, resgatar as reflexões propostas por Aristóteles, relacionando-as com os estudos contemporâneos das classes gramaticais (Cf. NEVES, 2005, p. 74-8). Como corpus de minha dissertação de mestrado, o texto literário se torna solo fértil, a partir do qual apresento indagações acerca da natureza estética que o compõe, bem como da relação que ele mantém com o material linguístico que o molda. Como se trata de um trabalho na área dos estudos da linguagem, apontarei o substantivo como recurso expressivo na criação do fato estilístico em alguns poemas de João Cabral. O intuito consiste em contribuir para os estudos do português, a partir da escolha consciente das palavras. A base teórica segue a orientação de Charles Bally, atualizada por pesquisas contemporâneas realizadas, principalmente, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAMARA, 2008; PEREIRA, 1999; RIBEIRO, 2005, por exemplo).

JORNAIS BRASILEIROS NO FINAL DO SÉCULO XIX:

MARCAS IDEOLÓGICAS NO DISCURSO DE UBALDO MORICONI EM *LA STAMPA BRASILIANA*

Angélica Lino dos Santos Moriconi (UNISA)

angelica.moriconi@bol.com.br

Este estudo tem por objeto o capítulo "*La Stampa Brasiliana*", da obra "*Nel Paese De'Macachi*" (1897), escrita pelo italiano Ubaldo Moriconi, em que o autor tece comentários sobre a imprensa brasileira daquele período. O capítulo trata dos jornais brasileiros e o autor dá uma ideia detalhada dos vários jornais que circulavam no país, sua estruturação, sua fundação, dentre outros dados importantes. Enunciador de um discurso que revela o viés das ideologias racistas, tão ao gosto do final do século XIX, descreve os jornais brasileiros utilizando-se da retórica da negação e descaracterização dos nacionais. Este artigo procura, pois, analisar a construção desse discurso, atendo-se, sobretudo, à constituição do sujeito discursivo, por meio do estudo dos seus *ethé* e *pathé*. Analisar-se-á, principalmente, de que forma a manifestação do *ethos* e do *pathos* em *La Stampa Brasiliana* orienta o interlocutor para a construção de uma imagem estereotipada dos brasileiros e legitimam a enunciação de um discurso capaz de desvelar a ideologia dominante. Fundamentam essa pesquisa os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, de orientação francesa e a Teoria da Argumentação, uma vez que se encontram aqui imbricados homem, discurso, história e sociedade.

LEITURA CRÍTICA DO PARNASIANISMO BRASILEIRO NOS LIVROS ESCOLARES

Filipe Freitas de Mello e Silva (UERJ)

Fernando Monteiro de Barros Júnior (UERJ)

filipefreitas16@gmail.com

A produção poética da Belle Époque brasileira foi duramente criticada por seu movimento estético subsequente, o Modernismo, pelo seu culto à forma, pelo seu distanciamento linguístico e pelo seu desdém para com os temas nacionais. É de se esperar que um movimento de ruptura critique seu predecessor. Contudo, setenta e oito anos após o marco inicial do movimento modernista, ainda é possível identificar o preconceito da estética de 22 no trato com o Parnasianismo. Preconceito perpetuado inclusive em obras didáticas, cujos discursos deveriam primar pela imparcialidade. A seleção de poemas apresenta o mesmo viés, pois eles são escolhidos de forma a representar apenas as características citadas, ocultando dos alunos uma estética muito maior. Tomando o tratamento negativo recebido pelo Parnasianismo em livros escolares como elemento norteador, este trabalho busca investigar de que forma esse pre-

conceito se manifesta e suas ferramentas de perpetuação para, a partir desta análise, apresentar alternativas que considerem o movimento estudado em sua totalidade de aspectos.

LEITURA NA ESCOLA: GRAMÁTICA E EXPRESSIVIDADE

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ)
aytelfonseca@yahoo.com.br

Nas aulas de língua portuguesa de muitas escolas, ora leitura funciona como pretexto para um trabalho inexpressivo com a gramática, que é estudada apenas sob a ótica da descrição e da imposição das regras do "bem falar" e do "bem escrever"; ora leitura é o espaço para o devaneio total, para o falar sobre vida, sobre amores passados, sobre frustrações, sobre sonhos... Ler é um prazer! Acho que nenhuma dessas abordagens satisfaz meus anseios como professor de português. Não quero formar gramáticos, mas também não me contento com alunos-leitores que gozam o texto ignorando o trabalho expressivo com os recursos linguísticos. A ligação texto-vida é importantíssima, mas não menos importante é a relação texto-língua. Por isso, meus objetivos com essa apresentação centram-se na tentativa de ilustrar práticas de leitura que casem perfeitamente prazer e fruição com trabalho artístico e expressivo com a língua, que propicia ao leitor uma experiência estética. Assim, é possível apaixonar-se não somente pelo enredo, pelo quê de vida o texto traz, mas apaixonar-se também por sua sugestão sonora, pela construção de uma frase, pelo jogo com os sentidos das palavras, pela pontuação irradiante... Para alcançar os objetivos, irei fundamentar minha fala nos pressupostos teórico-práticos da Estilística, com destaque para os estudos de Nilce Sant'Anna Martins e José Lemos Monteiro, e na visão de leitura defendida por Daniel Pennac, Vicent Jouve e Emile Faguet.

LETRAS E LINGUÍSTICA: AMBIENTES SEMIÓTICOS

Eliana de Meneses de Melo
Darcilia Marindir Pinto Simões
darciliasimoes@gmail.com

Focalizando a discursivização em perspectiva semiótica, abordaremos a organização dos argumentos em textos de propaganda institucional que "vendem" o saber-conhecimento e produzem concorrência mercadológica a partir das imagens sugeridas aos potenciais clientes. A formação profissional e o valor do diploma é articulado com uma oferta de cursos aparentemente diversificados. A diferença é transfigurada. Os recursos midiáticos empregados associam a imagem das IES a "objetos de consumo" que estão na moda e que podem simular o objeto-valor pretendido pelos clientes potenciais. Trata-se, portanto, de um trabalho voltado para a orientação da leitura, ou para a formação de leitores.

LITERATURA E CINEMA: AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NA RELAÇÃO INTERSEMIÓTICA DA OBRA VIDAS SECAS

Edneide Ferreira da Costa (UNEB)
Mateus Batista de Sousa (UNEB)
neide_letras@hotmail.com

Este trabalho com ênfase em Literatura e outras artes, tomando aqui como outra arte, o Cinema, tenciona analisar as possibilidades educativas existentes na relação intersemiótica decorrente da Literatura e do Cinema na obra *Vidas Secas*, a qual, numa linguagem cinematográfica percorre desde a Literatura, a obra escrita, até a adaptação em filme, como recurso didático, tecnológico e áudio visual. Palavras-chave: cinema; linguagem; literatura

**LIVRO:
DA VILANIA À SEDUÇÃO NO PROCESSO DE LETRAMENTO LITERÁRIO
NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NOTURNO**

Anderson da Silva Ribeiro (UERJ / SEE-RJ)
anderson_sribeiro@hotmail.com

O velho desafio de formar leitores é uma atividade paradoxalmente prazerosa e árdua na tarefa do professor de linguagem. Na sala de aula, devemos expor as diversas expressões como a charge, o cartum, a história em quadrinhos, a letra de música para que, assim, possamos chegar à Literatura, arte da modalidade escrita da língua. A apresentação do texto literário (e do objeto livro) pode ser feita sem cerimônias, sem a aura do intocável e do inatingível, para que se possa, a partir daí, seduzir os leitores que, simplesmente, não gostam de ler, possivelmente porque não foram bem apresentados à Literatura, ou tiveram com ela uma experiência traumática, o que é pior. Acreditamos que em uma aula, o professor, como o curador de uma exposição, precisa saber selecionar os fragmentos de texto dentro do domínio discursivo literário, com base no conhecimento que tem da turma, para que aos poucos o envolvimento aconteça. É proveitoso também sinalizar para os recursos linguístico-expressivos que compõem o sentido da obra em estudo, de modo a evidenciar a intrínseca relação entre a matéria linguística e seu resultado. Nessa direção, apontamos o objetivo deste trabalho que está em propor e discutir alternativas para o ensino de literatura, ressaltando algumas experiências vivenciadas e realizadas a partir de atividades de leitura, interpretação e produção de textos com estudantes do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Rodrigo Otávio (RJ), sob o prisma teórico da interação entre sujeitos (BAKHTIN, 2004; 2003).

**MAPEANDO A ENTRADA DE VOCÊ NO QUADRO PRONOMINAL:
ANÁLISE DE CARTAS FAMILIARES DOS SÉCULOS XIX-XX**

Janaína Pedreira Fernandes de Sousa (UFRJ)
jannapj@gmail.com

O objetivo do presente trabalho é mapear cronologicamente o percurso histórico da substituição de tu por você, na posição de sujeito, a partir da análise de cartas familiares produzidas em fins do século XIX e na primeira metade do século XX. As hipóteses que norteiam a pesquisa baseiam-se nos estudos realizados anteriormente, com base na análise de comédias de costumes, que apontam que o emprego de tu começa a ser suplantado por você dos anos 30 em diante, o que coincide com o maior preenchimento da posição de sujeito no português brasileiro. Com base nesses trabalhos, pretende-se verificar se os resultados obtidos em cartas de caráter pessoal serão os mesmos observados nas peças teatrais. Busca-se investigar ainda o uso dos pronomes de tratamento de referência à segunda pessoa no período em questão. Para tal estudo, serão analisadas cartas oitocentistas e novecentistas de diferentes grupos de relacionamento: Cupertino do Amaral (1870-1890), Pedreira-Ferraz (1877-1948), Land Avellar (1907-1917), Robertina de Souza e Jayme e Maria (1936-1937). Através desta comparação entre os resultados de diferentes amostras, visa-se identificar as etapas evolutivas da implementação de você no rol de pronomes do português. O trabalho leva em conta alguns dos pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana na tentativa de identificar as pressões sociais, estruturais e funcionais que atuaram na mudança de nosso sistema pronominal. Os resultados preliminares evidenciam uma diferença de comportamento entre tu e você. O legítimo pronome tu mostrou-se categoricamente nulo na virada do século XIX para o XX, ao passo que o inovador você parece anunciar um estágio de transição para a mudança do parâmetro do sujeito nulo.

METÁFORA CONCEPTUAL E LIBRAS

Paula Helouise Oliveira (UERJ)
olivpaula@gmail.com

A linguística cognitiva, base teórica deste trabalho, surgiu como uma nova vertente para os estudos da linguagem. Nessa abordagem, levam-se em conta os aspectos cognitivos envolvidos na significação, a influência do contexto para a compreensão/produção da linguagem e a experiência humana do mundo. Dentro dos estudos cognitivos, temos a definição de metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1987). Segundo os autores as orientações metafóricas não são arbitrárias e se baseiam na nossa experiência física e cultural. Muitos de nossos conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas, e a experiência com o mundo físico possibilita a formação de base para várias metáforas, sejam elas espaciais ou ontológicas. As metáforas são conceptuais por natureza e são um dos nossos maiores caminhos para o entendimento. Sabemos que surdos e ouvintes vivenciam experi-

ências físicas e culturais de maneira diferente. Para os surdos, o sentido da visão é mais influente no processo de significação do mundo e aquisição de conhecimento do que o sentido da audição, uma vez que estes compreendem o mundo que os cerca mais pelos 'olhos' que pelos 'ouvidos'. Tomando-se tais diferenças, o presente trabalho propõe o estudo de metáforas conceituais existentes na Língua Brasileira de Sinais /Libras, partindo da análise de dados coletados em entrevistas, videogravações e interação com surdos, intérpretes de libras e professores em diferentes contextos. Objetiva-se, com esta pesquisa, contribuir para um melhor entendimento da relação dos surdos com o mundo e com sua língua - especialmente, manifestações metafóricas que, trazidas à consciência, podem levar os surdos a melhor entenderem sua cultura e a cultura ouvinte, e vice-versa.

METÁFORA, ESTILO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: A REVISTA PERFIL EM CENA

Leilane Ramos da Silva (UFS)

leilaneramos@hotmail.com

A discussão sobre a natureza metafórica da linguagem ganha contornos diferenciados a partir da publicação, em 1980, da obra *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, para quem o uso de nossas expressões linguísticas está intimamente atrelado à forma como nós concebemos o mundo nas mais diversas experiências corpóreas. Diferentemente dos estudos de tradição aristotélica, que entendiam ser a metáfora um adorno ou um desvio utilizado pelo homem para embelezar a linguagem, para esses autores, grande parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado. No fundamental, sob essa ótica, os falantes, apesar de, em geral, não se darem conta de que estão diante de mapeamentos entre domínios conceptuais, empregam as experiências mais concretas para falarem das mais abstratas. Para validarem essa convicção, Lakoff e Johnson (1980; 2002) destacam algumas das formas metafóricas conceptuais existentes, entre as quais é possível citar uma que é bastante viva na cultura ocidental: DISCUSSÃO É GUERRA, tendo em vista a sua presença numa grande variedade de construções linguísticas (como em Seus argumentos são indefensáveis). À luz desse entendimento e realçando uma perspectiva sociocognitiva de linguagem (CHIAVEGATTO, 2002), segundo a qual o funcionamento das línguas prescinde de uma integração entre o social e o cognitivo, a presente comunicação põe em relevo o estatuto da metáfora conceptual na reportagem de capa ("Retrospectiva") da edição comemorativa aos 10 anos da revista Perfil, uma publicação mensal da Editora Info Graphi, em parceria com a Art&CIA, cujo foco é trazer à tona, entre outros, potenciais turísticos, informações culturais, empresariais, comportamentais e educacionais relativas ao interior sergipano. A análise realizada aponta para a ideia de que há um realce de metáforas conceptuais as mais diversas na edição observada e estas, por sua vez, contribuem sensivelmente para a criação do estilo do responsável pela matéria.

METÁFORAS E METONÍMIAS

**NOS DISCURSOS DE POSSE DOS PRESIDENTES DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL:
DOIS PROCESSOS NEOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DO ETHOS DO PODER JUDICIÁRIO**

Claudia Maria Gil Silva (UERJ)

cacaigil@bol.com.br

A todo falante de uma língua é dada a possibilidade de acrescentar ao seu patrimônio lexical uma nova expressão ou palavra, ou um novo significado a um vocábulo já existente. A todo falante de uma língua é dada a possibilidade de criar, combinar, soldar partes significantes para poder dizer(-se). Os discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal são um suporte para essas possibilidades, uma vez que abrigam manifestações metafóricas e metonímicas que se põem a serviço do texto e proporcionam o enriquecimento dos significados, forjando a realização de novas expressões. Essas mesmas manifestações convergem para a concepção de diferentes identidades - individuais ou coletivas - que são capazes de denotar a imagem dos sujeitos enunciativos e da instituição que representam. Este trabalho visa à amostragem da riqueza dessas manifestações - que serão tratadas como processos neológicos semânticos - uma vez que capazes de sustentar a construção do ethos do Poder Judiciário em tais contextos discursivos.

MÉTODO DE CRITICAR TEXTOS A PARTIR DA CRIAÇÃO DELES

Edson Sendin Magalhães (UFRJ /UGF/ FEUDUC)
edsonsendin@hotmail.com

Os participantes, ao vivo, criam. A criação começa da seleção de palavras. Elege-se, em seguida um tema; este terá a força semiótica de transformar peircianamente as palavras em signos. Os signos constroem a significação, as coisas, o próprio texto resultante não substitui o signo: surge a representação, que se transforma em mentira produtora de verdade ou concretude, e se ordenam as palavras em aproximação ao tema eleito pela maioria dos participantes da oficina; formam frases, com essas palavras ordenadas. Finalmente, concatenam-se essas frases de modo a chegar à semiose, e se constroem a coerência e a coesão ao tema proposto pela eleição, realizada inteiramente por processo democrático; e encerra-se o minicurso com uma quinta fase do "arremate". Conclusão operativa: os participantes poderão trocar os trabalhos: cada um deles sai com uma lembrança do companheiro da oficina; AS FASE se enumeram com a seguinte denominação: 1ª. SELEÇÃO; 2ª. ORDENAÇÃO; 3ª. FRASEAÇÃO; 4ª. CONCATENAÇÃO; 5ª. ARREMATE. Enfim, trata-se de um método premiado como 1º lugar nacional pelo MEC!

**MÍDIA E MANIPULAÇÃO:
REVISITANDO EFEITOS IDEOLÓGICOS E MARCAS HEGEMÔNICAS
DO DISCURSO PUBLICITÁRIO**

João Batista da Costa Junior (UFRN)
Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)
jbjuniorassu@hotmail.com

Mídia e manipulação: revisitando efeitos ideológicos e marcas hegemônicas do discurso publicitário João Batista da Costa Júnior (UERN e UFRN) Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN) O poder da mídia, nas práticas discursivas, sobretudo a mídia da ordem da publicidade, legitima a produção, distribuição e consumo de discurso respaldado na dimensão da linguagem enquanto prática social. Fairclough (2008) sinaliza que o discurso publicitário constitui efeitos ideológicos e marcas hegemônicas que se materializam em suas mensagens, produzindo e agenciando valores ao mesmo tempo em que tornam naturalizadas as aspirações consumistas, as quais são convertidas em necessidades básicas. Neste sentido, ancorado no aporte teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), este trabalho tem como objetivo analisar os aspectos semióticos e as escolhas lexicais do gênero anúncio que materializam os efeitos ideológicos e marcas hegemônicas do discurso publicitário. A abordagem metodológica da pesquisa é de natureza qualitativo-interpretativista. O *corpus* foi constituído por meio de anúncios publicitários que circulam na cidade de Açú/RN. Os dados evidenciam que os aspectos semióticos e as escolhas lexicais assentam-se em três dimensões do discurso da publicidade: a dimensão que mobiliza a cognição: o fazer (o outro) saber; a dimensão da interação: o fazer (o outro) fazer; e a emoção: o fazer (o outro) querer/dever. Portanto, a pesquisa autoriza-nos a inferir que as implicações ideológicas e a hegemonia subjacentes ao discurso publicitário caracterizam-se como atividades de linguagem imbuídas de um caráter midiático e manipulador.

MORFOSSINTAXE: ENSINO A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)
lhpr@terra.com.br
Aline Moraes Oliveira (UFES e Faculdade Saberes)
alinekinha@ig.com.br

Ancorados em teorias linguísticas, sobretudo na pragmática e no funcionalismo, refletiremos sobre contribuições da linguística para novas abordagens didáticas voltadas para o ensino da morfossintaxe de língua portuguesa. Apontaremos alguns processos de constituição dos gêneros textuais, bem como sua importância para o desenvolvimento as aulas de língua materna. Confrontaremos a visão de livros didáticos, de gramáticas e de obras da ciência linguística. Discutiremos também a abordagem que professores vêm trabalhando em salas de aula de ensino fundamental e médio. Contamos com alunos de graduação em Letras: Português-Inglês para o desenvolvimento da pesquisa – que ainda está em de andamento. Compartilharemos, nesta apresentação, as primeiras conclusões da pesquisa.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO EM EVANGÉLICOS MENOS ESCOLARIZADOS.

Max Alex de Souza Campello (UNIGRANRIO)
cadulex@yahoo.com.br

Neste trabalho abordamos a importância da leitura bíblica na vida de indivíduos menos escolarizados. O uso contínuo agrega a esses indivíduos um enriquecimento linguístico mais apurado, visto que, a partir da mesma, que muitas pessoas tiveram acesso à norma culta da Língua. Nosso trabalho relatará sobre a influência do discurso na vida das pessoas, em especial, o discurso religioso em pessoas menos escolarizadas, como ele acontece, como é formado e introduzido n os indivíduos. Os argumentos concisos que persuadem indivíduos que, até então, não tenham opiniões formadas. O poder que tem uma boa argumentação e que tipo de argumentos pode-se usar para determinados auditórios e de que forma devem ser inseridos. A importância da clareza do discurso, a fim de que o indivíduo possa ter certeza de sua interpretação. Falaremos da oferta linguística que traz para os indivíduos que tem por hábito ouvir com frequência esse tipo de discurso e o que eles absorvem da leitura diária da Bíblia.

**MULTIMODALIDADE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL
EM MANCHETES JORNALÍSTICAS**

Michelle Martins de Mattos Rangel (UERJ)
michellemichellinha@hotmail.com

Ancorado nos pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001) tem-se por objetivo investigar quais são os processos que estão envolvidos na construção multimodal das manchetes jornalísticas dos jornais do Estado do Rio de Janeiro, *Meia Hora de Notícias* e *Expresso da Informação*. Além disto, pretende-se identificar como a multimodalidade contribui para a formação de identidades sociais. Para alcançar tal objetivo, neste trabalho serão abordadas múltiplas categorias de análise, a saber, o *design*, a produção e a distribuição em sua relação com o texto verbal e as significações discursivas construídas. Considerando que uma das funções do discurso é a identitária, a construção sócio-histórica dos interlocutores torna-se relevante para esta pesquisa, bem como tem sido de extrema relevância para os estudos linguísticos que trabalham com a concepção de linguagem como discurso, conforme apontou Moita Lopes (2003).

NARRATIVA HISTÓRICA E NARRATIVA FICCIONAL: PERSPECTIVAS QUE SE ENTRECruzAM

Rogério Max Canedo (UFG)
max28982@yahoo.com.br

De modo geral, as narrativas sempre tiveram a função de reconstruir um passado. Mais particularmente coube às ciências históricas o passado do homem, às vezes tão carente de novas abordagens. Por outro lado a Literatura tem desempenhado com afinco a busca dessas mesmas realidades, através do trabalho com a pesquisa e o trato específico da linguagem. Tendo em vista que as duas epistemologias constantemente se cruzam e levando em consideração que a Literatura pode agir sobre a História e a História pode agir sobre a Literatura, propõe-se aqui verificar de que forma o romance *Chegou o Governador*, de Bernardo Elis, contribuiu para sedimentar na literatura os estigmas de "decadência" e "isolamento" que a muito vem sendo afirmados na Historiografia de Goiás. Nesta perspectiva percebe-se que Elis foi, antes de tudo, um pesquisador assíduo das fontes primárias e secundárias que lhes revelaram os costumes de sua região. Utilizando em grande medida, via estética, os discursos proferidos pelos percussores da História de Goiás, a literatura de Bernardo Elis ganha um legítimo consórcio entre conhecimento histórico e saber artístico. Baseado nos conceitos de Benedito Nunes, Ligia Chiappini e Antonio Esteves, o trabalho aborda o romance do autor goiano a fim de aferir como esta narrativa de ficção, publicada nos fins do século XX, apresenta o quadro da sociedade vilaboense, confirmando ou revisando os estigmas de "decadência" e o "isolamento" em Goiás, propiciando o diálogo entre Literatura e História.

**NEGOCIANDO FOOTINGS NA INICIAÇÃO E NA FINALIZAÇÃO DE HISTÓRIAS
CONTADAS POR PESSOAS COM AFASIA EM CONVERSAS FACE A FACE**

Livia Miranda de Oliveira (PUC-Rio)

liviamirandaoliveira@yahoo.com.br

Mônika Miranda de Oliveira

mnk_miranda@yahoo.com.br

Quando pretendemos contar uma história durante uma conversa, torna-se relevante nos engajarmos na negociação 1) do direito a um turno mais longo que o habitual em trocas conversacionais e 2) da atenção dos ouvintes. A abertura do espaço interacional para a narração, assim como o movimento de finalização da história, é um movimento de ação conjunta, algo sistematicamente coordenado e coconstruído entre os participantes (cf. GARCEZ, 2001; BASTOS, 2005). Portanto, tanto a inicialização quanto a finalização de uma história abarca um processo de negociação entre narrador e recipientes. Podemos assumir que o que subjaz a negociação da iniciação e da finalização da contagem de uma história é o alinhamento (o footing) entre os participantes da interação, ou melhor, a negociação de alinhamentos. Desse modo, a fim de analisar uma história contada em uma conversa por pessoas com afasia, este trabalho investiga os footings negociados no curso da conversa durante a inicialização e a finalização da história. Goffman (1979) sugere que uma forma de capturar a sinalização do falante de seus status de participação na interação é através do footing, que segundo o autor, representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do "eu" de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. As histórias sob análise emergiram em uma interação em grupo, gravada em vídeo, sendo que as pessoas que contam as histórias apresentam um déficit linguístico no que tange à habilidade de expressão verbal. Não obstante tal déficit, observou-se que as narradoras se engajaram de modo habilidoso na conquista de um espaço interacional para contar suas histórias. As análises iluminaram o movimento interacional de transição do estado de conversa para a atividade narrativa, bem como a condução da finalização da narração e retorno ao estado de conversa.

**"NEGRÃO DE MARIA" & "QUERIDINHO":
O TRATAMENTO PRONOMINAL EM CARTAS AMOROSAS DA FAMÍLIA PENNA**

Rachel de Oliveira Pereira (UFRJ)

oliveira.rpereira@gmail.com

O presente trabalho orienta-se para o estudo da forma pronominal de tratamento você na posição de sujeito, em oposição à forma tu, em cartas familiares, no início do século XX. Alguns estudos realizados constataram uma maior competitividade das formas você e tu na posição de sujeito. Entretanto, a forma tu ainda é a mais empregada, principalmente, em relações simétricas e de intimidade. Já a forma você é mais empregada em missivas escritas por mulheres, tendo como uma das hipóteses o fato de você possuir um caráter menos invasivo, herdado da forma vossa mercê (KOCH, 2008). Com base em tais estudos, propõem-se investigar a utilização do pronome tu em variação com a forma você, com base em um corpus composto por cartas pertencentes à família Penna. Este corpus é constituído por 63 cartas trocadas entre dois casais desta família ilustre: 46 cartas foram trocadas entre o casal Affonso Penna (ex-presidente da República) e Maria Guilhermina Penna, entre os anos de 1900 a 1907. E mais 17 cartas trocadas entre o casal Affonso Penna Júnior, ou Affonsinho, como era carinhosamente chamado, filho do ex-presidente da República e sua esposa Marieta Penna, no período que vai de 1905 a 1919. Pretende-se com esta amostra, analisar a variação entre você e tu, na posição de sujeito entre casais pertencentes a gerações distintas, procurando observar se há alguma mudança no que se refere ao tratamento entre as gerações de pais e filhos. O trabalho levará em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (LABOV, 1994), visando identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes de tratamento de referência a segunda pessoa no período em questão.

NEOLOGIA E NEOLOGISMO: CÓDIGO DAS CELAS

Eloisa Clemente (FEUDUC)

eloisaclt@yahoo.com.br

Neologia e Neologismo: Código das Celas A linguagem que saiu do comando militar e da marginalidade para dominar as ruas e a mídia. Esse trabalho se destina a análise da comunicação tendo como referência o léxico. É através da linguagem que o homem conhece as primeiras experiências de socialização. O ser aprende a interagir um com o outro desde o período pré-operacional até a sua velhice. A língua, por ser viva e atual, é responsável também pela

evolução do pensamento, do desenvolvimento, afetivo e moral, das inúmeras possibilidades de deslocamento e, principalmente, a descoberta de novas realidades. Essa atualização do léxico se torna cada vez mais evidente nos presídios, nas periferias, nas delegacias, e outros ambientes sociais, que já não tem mais controle sobre as gírias ligada ao universo criminal e o vocabulário militar, que se espalha pela mídia e pelo cotidiano do cidadão comum. A estrutura vocabular neológica encontra nas gírias e no alfabeto fonado da Polícia Militar bases para conferir ao falante noções de instrumento de poder pelo fato de ser uma linguagem específica de um grupo social que a utiliza, até mesmo como forma de manutenção do conjunto a qual faz parte. Trata-se, de fato, de um mecanismo identitário que transcende a noção de código secreto. A gíria e o alfabeto fonado da Polícia Militar foge a compreensão daqueles que não estão inseridos em grupos que dominam o uso desta prática oral, além disso, identificam quem são os participantes desse mundo garantindo a unidade da comunicação. Em outras palavras as gírias e o alfabeto fonado distinguem quem é quem. Inicialmente, as gírias ligam-se as atividades marginais, de baixo prestígio, sendo muitas vezes escusa e sempre desvalorizada pela norma culta. A maioria dos grupos sociais desenvolve termos ou expressões particulares ao seu universo, ou seja, eles especificam a ideia a ser transmitida dentro de um conjunto e para um determinado grupo, uma vez expandido o uso do vocábulo, o termo passa a ser utilizado e assimilado por todos como linguagem comum. A linguagem do crime tem um único objetivo que é transmitir ao indivíduo temor, poder de coerção, mostrar ao grupo quem detém o poder. Por outro lado, o código de comunicação da polícia militar (alfabeto fonado) trata-se de uma linguagem técnica padronizada universalmente. O policial faz -se conhecer no uso da gíria para que seja feita uma abordagem frente aos marginalizados e para obter as informações necessárias a sua pesquisa profissional.

NOEL ROSA – UM COMPOSITOR COM FORTES TENDÊNCIAS MODERNISTAS

Jair Francis Ribeiro de Mattos (UFRJ)
jair.francis@gmail.com

A intenção da apresentação é analisar de algumas músicas do sambista Noel Rosa, que tem fortes tendências modernistas, sua época, o samba, seu meio e o carnaval. Noel Rosa foi um mediador cultural e um dos precursores do samba moderno. Noel foi assemelhado como cronista, filósofo e poeta dentro do seu meio e contexto popular de sua época. Noel Rosa, o poeta de Vila Isabel é considerado um paradigma da MPB, como um letrista profissional pioneiro. Ele deu nobreza ao samba e ajudou a projetá-lo como gênero de primeira grandeza no cenário musical brasileiro. Noel foi dos primeiros a trazer a modernidade para esse rico veio de nossa cultura popular. Cronista arguto que bem soube observar o meio em que vivia, tirando daí farto material para suas composições e contribuindo para definir o perfil poético desse tipo que hoje chamamos de carioca. Esta é uma característica importante na obra de Noel Rosa. Centrada em um microcosmo social caracterizado pelo samba, Vila Isabel e a sociedade carioca dos anos trinta. A obra de Noel Rosa, ao incorporar toda malícia de um Rio de Janeiro cosmopolita e boêmio, capital federal e universo de confluência da informação, o situa como cronista, filósofo e poeta mais característico da cidade da década de 30. Enquanto cronista, através do lírico e do satírico, surpreende, em sua continuidade no registro de costumes hábitos e concepções. Enquanto filósofo, convida à reflexão crítica desses mesmos costumes, hábitos e concepções. Enquanto poeta, incorpora ao fazer poético o prosaico, o coloquial, o clichê, recuperando-os expressivamente ao des-sacralizar o discurso poético-musical, ao encontrar a fusão adequada entre o elemento popular e a sua posição de classe, em moldes próximos à empresa poética dos modernistas.

NOVAS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS PARA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Sebastião Josué Votre (UFF)
sebastianovotre@yahoo.com.br

Novas evidências empíricas para gramática do português medieval A análise de textos em prosa da primeira metade do século XV, a exemplo das obras de Dom Duarte e do Orto do Esposo, oferece evidências robustas em favor da hipótese da continuidade linguística sem inviabilizar os postulados da variabilidade e da mudança. A gramática que emerge da análise sincrônica dessas obras configura sensivelmente o mesmo português de hoje com volume marginal de conectivos e palavras denotativas representantes de mudança.

Cada vez mais, temos notado que a prática educacional e formativa do estudante brasileiro tem perpassado por uma busca incessante com a finalidade de amontoar uma quantidade cada vez maior de títulos. Todavia, tais títulos, poucas vezes refletem diretamente a quantidade de saberes e a capacidade de efetivar a sua aplicabilidade no mundo atual. É notável a lacunização existente entre o saber teórico e aplicado. Tal discrepância para o docente o transforma em um ser que se distancia cada vez mais do aluno. É neste precipício que se insere a Educação Nacional. Para diminuir as distâncias existentes em relações que deveriam ser bem próximas, necessita-se tanto de fomento, quanto do comprometimento de cada um de nós. Para tanto, necessitamos de diversos recursos que vão desde o profissional docente atualizado e disposto a interagir de modo transformador, fazendo da sala de aula muito mais do que sala de palestras, mas oficina dos saberes, saberes estes cujos sabores sejam os mais variados e que o prazer se apresente na descoberta dos caminhos da superação. Da mesma forma, o próprio conceito de sala de aula precisa ser revisitado, com vistas a ver o mundo como o melhor espaço para a realização da aprendizagem. Não obstante esta visão ser bastante filosófica, ela pode ser realizada com a aplicação de algumas ações e instrumentos facilitadores. Este trabalho apresentará o relato de uma experiência que articulou as atividades fins universitárias e movimentou alunos, técnicos e docentes para a organização e regência da disciplina eletiva Estágio Supervisionado em Língua Italiana III - tutoria- on-line , que foi oferecida em 2009/2.

O ABAIXAMENTO DA PRETÔNICA /E/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA

Aluiza Alves de Araújo (UECE)
aluizaa@hotmail.com

Esta investigação trata do alteamento da pretônica /e/, em contextos intersonsonânticos (C_.C), sob o prisma da sociolinguística variacionista, no falar popular dos fortalezenses. Utilizou-se, neste trabalho, uma amostra constituída por 72 informantes, provenientes do corpus Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (Norporfor). Todos os informantes foram estratificados, da mesma forma, em função do sexo, da idade e da escolaridade. Nesta análise, a ocorrência da vogal anterior aberta aproxima-se muito da aplicação categórica, significando que a regra de abaixamento é altamente provável nesta amostra. Foram selecionados, por ordem de relevância, como favorecedores da abertura da pretônica anterior, os seguintes fatores: natureza da vogal tônica, natureza da vogal contígua, atonicidade, consoante subsequente, sufixação, consoante precedente, faixa etária e tipo de sílaba.

O CURSO A DISTÂNCIA DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOLOGIA NA PUC-MINAS VIRTUAL

José Pereira da Silva (UERJ, PUC-Minas e ABRAFIL)
pereira@filologia.org.br

Dados os resultados de uma pesquisa de intenção realizada em 2004, o anteprojeto deste curso foi apresentado pela primeira vez, na Universidade de São Paulo, durante a IV Jornada Nacional de Linguística e Filologia (em 2005), publicado no mesmo ano e disponibilizado na página <http://www.filologia.org.br/ivjnf/14.html>. Nesta mesa-redonda se tratará do primeiro curso brasileiro de pós-graduação em filologia realizado na modalidade a distância, organizado pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e credenciado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas Virtual). Com cinquenta e oito alunos inscritos, as dificuldades do pioneirismo estão sendo enfrentadas para se chegar com sucesso à formação da primeira turma, com um baixo nível de evasão, apesar das peculiaridades do curso e de seus corpos docente e discente. Planejado com trezentas e sessenta horas e oito disciplinas, já estamos oferecendo a penúltima, conforme a relação indicada a seguir, com carga horária, data de início e docentes responsáveis: Capacitação tecnológica (12/05/2009); 1) História e Definição de Filologia (45 horas – 26/05/2009) Maria Lúcia Mexias Simon; 2) Filologia Românica (60 horas – 04/08/2009) Bruno Fregni Bassetto; 3) Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Projeto (30 horas- 06/10/2009) Júnia Moraes Lage e Silva; 4) Crítica Textual (45 horas – 20/10/2009) Celina Márcia de Souza Abbade; 5) Latim: origem das línguas românicas (45 horas – 23/02/2010) Bruno Fregni Bassetto; 6) Gramática Histórica da Língua Portuguesa (45 horas – 27/04/2010) José Mario Botelho; 7) Geografia Linguística (45 horas – 06/07/2010) Mirian Therezinha da Matta Machado; 8) História da Língua Portuguesa (45 horas 20/10/2010) José Pereira da Silva e Trabalho de Conclusão de Curso (10/02/2011 a 30/04/2011) Só assim, reunindo virtualmente professores da PUC-Minas, UERJ, UFF, UFBA, USP e USS, o CiFEFiL conseguiu realizar este sonho, apoiado pela ABRAFIL.

O DECADENTISMO NA POESIA BRASILEIRA DA BELLE ÉPOQUE

Fernando Monteiro de Barros Júnior (UERJ)
fermonbar@uol.com.br

As poéticas finisseculares, dentre elas o Decadentismo, com o seu culto do esteticismo e dos vícios requintados, dão o tom da poesia brasileira da Belle Époque, comumente classificada dentro da rubrica pré-modernista, rubrica esta meramente epocal e que não dão conta dos aspectos estéticos e estilísticos do período. Dentro da plêiade de poetas brasileiros das primeiras décadas do século XX, muitos dos quais já haviam estreado nas últimas décadas do século anterior, escolhemos para o nosso enfoque aqueles que em seus versos apresentam traços da poética de J.-K. Huysmans e Oscar Wilde, escritores tutelares do Decadentismo europeu, em evidentes pactos de tributo estético e jogos de ressonâncias intertextuais.

O DIÁRIO DE LUTO, DE ROLAND BARTHES OU A ESTÉTICA DO FRAGMENTO

Rodrigo da Costa Araujo (UFF/FAFIMA)
rodricoara@uol.com.br

Esta comunicação trata de uma leitura romanesca do diário de Roland Barthes [1915-1980]. No dia seguinte ao da morte da sua mãe, a 25 de outubro de 1977, Roland Barthes começa escrever um diário, que lançado, recentemente, recebeu o título de *Diário de Luto* [2009]. Trata-se de uma obra produzida um ano antes da morte do semiólogo, e publicada somente agora, trinta anos depois. Fragmentário e bordando arabescos em torno do vazio, esse diário é composto por notas dispersas e breves, onde a reflexão dominante é a obsessão pela figura desaparecida; a devoção e a dor; mas, também, a reflexão sobre a própria noção do gênero diário. Assim, a metodologia adotada, para esse viés semiológico, é o instrumental teórico utilizado pelo próprio Barthes-crítico, acrescido, evidentemente, de outras fontes teóricas. Ao final, a escritura do leitor crítico é que possibilitará a leitura do escritor experimental [Barthes], como também a tessitura dos fragmentos, da palavra como objeto sensual, do sujeito que desestabiliza a imagem de si próprio, da irradiação do romanesco.

O DISCURSO DAS BIBLIOTECAS NOMEADAS ALTERNATIVAS

Gustavo Grandini Bastos (USP/RP)
gugrandini@uol.com

Este trabalho tem como objetivo fazer um estudo discursivo sobre as bibliotecas denominadas como alternativas, que à parte de organizações de cunho governamental, vêm crescendo de forma gradativa e se tornando espaços cada vez mais (re)conhecidos. Estudaremos como se deu essa construção de um espaço diferenciado de leitura, tido como não-convencional onde circulam vozes diversas de leitores também denominados como diferenciados. Para a realização desse estudo, lançaremos mão da teoria da Análise do Discurso de matriz francesa, mais especificamente de linha pecheutiana, estudando quais e como os sentidos se movem para fazer circular dizeres sobre a leitura e sobre as próprias bibliotecas alternativas. Interessa-nos, ainda, flagrar como esses discursos circulam dentro e fora do seu meio de origem, qual a relação dos sentidos de livros com esses espaços. Para compor o nosso corpus foram selecionadas bibliotecas de diversos locais do Brasil, de diferentes estados, que possuem em comum a iniciativa de criação de um espaço de circulação de livros e de práticas de leituras sem apoio governamental e com recursos criativos, visto que são bibliotecas que funcionam em lugares como um acampamento do Movimento Sem Terra (interior de São Paulo), em barcas que atendem comunidades ribeirinhas (Florianópolis), em um prédio que abriga sem-tetos (São Paulo capital), em malas que circulam por comunidades (Belo Horizonte), em caixas que chegam até estudantes do ensino fundamental da rede pública e pacientes pediátricos de hospitais (Brasília), em áreas rurais (Amazônia) e, por fim, em praças públicas (Pernambuco). O corpus de nossa análise de dados é constituído por recortes de entrevistas coletadas com os coordenadores desses projetos deixados de lado pelos órgãos "oficiais" de incentivo a leitura ou nunca apoiados por estes. A escuta dos movimentos dos sujeitos e do funcionamento discursivo indiciam novos e outros espaços de dizer sobre a leitura e o livro.

**O DISCURSO DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO:
TUDO É MATEMÁTICA – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Etienne Fantini de Almeida (UPM)
Diana Luz Pessoa de Barros (UPM)
etienne_fantini@yahoo.com.br

Este trabalho tem por finalidade analisar o discurso da apresentação do livro didático "Tudo é Matemática", de Luiz Roberto Dante. Por meio deste estudo pretende-se demonstrar como se estrutura o discurso utilizado na apresentação desse livro didático e verificar as estratégias utilizadas pelo autor, a fim de atingir seus objetivos diante de seu público alvo. Para tanto, serão analisados os mecanismos e procedimentos adotados pelo autor buscando evidenciar como esse texto produz significado para o leitor. É importante destacar que se faz necessário examinar o texto selecionado sob a perspectiva do discurso. Dentre as linhas possíveis de sustentação teórica, privilegiou-se a da Semiótica Discursiva, de origem francesa e desenvolvida por Algirdas Julien Greimas. Neste estudo serão examinados os procedimentos linguísticos discursivos que produzem efeito de sentido de oralidade no texto escrito, com que fim esses recursos são empregados e quais são os sentidos construídos. Para tanto, além da Semiótica Discursiva torna-se necessário mostrar que na apresentação desse livro didático há uma contribuição dos gêneros discursivos. Na utilização desses, foi possível perceber que o autor valeu-se do gênero convite e do gênero apresentação de livro didático. Por meio da pesquisa desenvolvida para a elaboração deste estudo, chegou-se à conclusão de que os discursos e as estratégias do autor mudam conforme o público que deseja atingir, e que a contribuição da oralidade e dos gêneros é fundamental na estruturação do discurso persuasivo.

O DISCURSO DOCENTE SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA: SENTIDOS ENTRECruzADOS

Andrea Pessoa dos Santos (UFF)
a.pessoas@ig.com.br

Este artigo tem por finalidade apresentar alguns dos resultados obtidos em nossa pesquisa de mestrado realizada em duas escolas da Rede Municipal de ensino de São Gonçalo-RJ, que objetivou compreender os sentidos que os professores do segundo ciclo do ensino fundamental atribuem ao ensino da língua materna e o modo como esses sentidos se relacionam com os discursos de autoridade sobre o tema. Adotamos como olhar teórico os pressupostos bakhtinianos sobre o papel da linguagem em Ciências Humanas, buscando reconhecer nos discursos analisados os enunciados, a dialogicidade e as vozes sociais que os constituíam. Estabelecemos também uma aproximação com categorias e dispositivos analíticos da Análise de Discurso francesa. Optamos, ainda, pelo procedimento metodológico do Grupo Focal, que recebeu complemento de dados através de questionários de identificação dos participantes. No contexto das discussões sobre o ensino da língua materna, buscamos interlocução com autores que, no cenário pedagógico brasileiro e no campo discursivo sobre o tema, ocupam o que aqui estamos chamando de discurso de autoridade.

O DISCURSO DOS QUILOMBOLAS DOS SERTÕES DAS GERAIS

Ana Cristina Santos Peixoto (UNIMONTES)
anacrisletras@yahoo.com.br

Este trabalho busca evidenciar os discursos dos "morenos" da comunidade Quilombola de Brejo dos Crioulos no Sertão das Gerais nas diversas situações de linguagem. Entendemos discurso a partir da Escola Francesa de Análise do Discurso que o vê como objeto histórico e ideológico que se produz socialmente por meio de materialidade específica – a língua – compreendida como prática social. A partir dessa concepção de discurso, esse trabalho tem como objetivo investigar o real e o imaginário na construção da Identidade dos sujeitos quilombolas. Para tal, pensamos o real e o imaginário como formações discursivas distintas que se aproximam e se duelam no processo enunciativo. Entendemos que o processo de construção e desconstrução desses sujeitos forma um círculo sem início e sem fim. Buscamos descobrir como se constrói a questão da identidade dos sujeitos "morenos", enfatizando o esquecimento e/ou silenciamento da cultura africana nas diversas situações, incluindo os ritos religiosos e culturais. Anco-ramos esta investigação nos conceitos de sujeito e identidade, e analisamos o corpus discursivo produzido pelos quilombolas articulando a relação do real e imaginário (os discursos que revelam o que eles são em contrapartida com os discursos que revelam o que eles não são e na ilusão constitutiva do sujeito pensam ser). A identidade foi interpretada, considerando o processo histórico de sua construção e as formas como os sujeitos constroem e reconstróem a representação de si mesmo, a partir das relações que estabelecem dentro do próprio grupo, das relações externas e,

também, da forma como o grupo é visto pelos outros grupos e instituições que fazem parte do seu campo de relações. Os apontamentos feitos são de ordem parcial, pois este trabalho se encontra em fase inicial.

**O DISCURSO E REPRESENTAÇÃO MASCULINA
EM PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA REVISTA *MEN'S HEALTH***

Leonardo Antonio Soares (UFOP)
leons@rocketmail.com

O objetivo deste artigo é analisar peças publicitárias retiradas da revista *Men's Health* para investigar a representação e discurso masculinos idealizados pelos produtores da revista. Antes de proceder à análise propriamente dita busquei auxílio nos estudos de Connell (2005) e outros autores para tratar das masculinidades e relações que entre elas se estabelecem. Em seguida foram feitas duas análises. A primeira análise teve como base teórica a Semiologia proposta por Charaudeau (2008) que serviu como suporte para a análise dos recursos linguísticos. A segunda análise teve como base teórica Aumont (2004) e Kress e van Leeuwen (2006) e serviu para a análise dos recursos semióticos das peças publicitárias. Os resultados destacaram o papel da revista *Men's Health* em impor discursos e identidades aos homens através de recursos linguísticos e semióticos contidos em suas peças publicitárias.

O DISCURSO MORALISTA NO SAMBA CONSCIENTE

Giselle Almada Souto (UVA)
giselle_almada@hotmail.com

Sendo a poética musical a palavra em movimento, geralmente, a fala estetizada na modalidade escrita, pretende-se compreender, a partir da materialidade linguística presente na música, a relação dos sentidos estabelecidos na letra com os discursos cotidianos numa certa conjuntura dada (neste caso início dos anos 80). A letra analisada, "Profissionalismo é isso aí", é de autoria dos compositores Aldir Blanc e a música, de João Bosco. A análise será feita sob a ótica teórica da Análise do Discurso de linha francesa, já que esta é uma teoria que busca compreender as relações da posição-sujeito do discurso na língua, vista como forma de materialização de sentidos constituídos historicamente. A letra sugere um sujeito de um discurso moralista - autoritário, que na AD, é aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor. Mas há marcas discursivas de uma ironia que operam deslocamentos e efeitos metafóricos, que desestabilizam o discurso tipicamente autoritário e revelam sentidos surpreendentes.

**O DISCURSO RACISTA DE MORICONI SOBRE O BRASIL EM FINS DO SÉCULO XIX:
UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Angélica Moriconi
angelica.moriconi@bol.com.br

O presente estudo aborda o discurso etnocêntrico de Ubaldo Moriconi no livro *Nel Paese De' Macacchi*, publicado em 1897, na Itália. Inserida no gênero da literatura de viagem, a obra constitui rico material não somente para análise da representação do Brasil e dos brasileiros como também para o estudo da forma como se construiu esse tipo de representação. Enunciador de um discurso que revela o viés das ideologias racistas tão ao gosto do final do século XIX, Moriconi descreve o país e seus habitantes, valendo-se da retórica da negação e da descaracterização dos brasileiros. Este trabalho procura, pois, demonstrar de que modo o enunciador construiu seu discurso, focando-se, sobretudo, na constituição do próprio sujeito discursivo, por meio da apreensão de seus *ethé* e de seus *pathé*. Verificar-se-á, pois, de que maneira o *ethos* e o *pathos* manifestados em *Nel Paese De' Macacchi* orientam os interlocutores na direção de certos estereótipos e legitimam a enunciação de um posicionamento discursivo revelador da ideologia dominante. Norteiam essa pesquisa os fundamentos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, sobretudo aqueles propostos por Dominique Maingueneau, bem como os postulados da Teoria da Argumentação, uma vez que se encontram entrelaçados homem, discurso, história e sociedade.

**O DUPLO EM ANFITRIÃO, DE PLAUTO
E UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA, DE GUILHERME FIGUEIREDO**

Ingrid Gross (UERJ)
ingrid_angel_rb@hotmail.com

O fenômeno do Duplo está presente na humanidade desde os seus primórdios, revelando-se de diferentes maneiras, permeando diversas eras e adquirindo relevo na Mitologia e na Literatura. Desse modo, julga-se relevante verificar a manifestação desse fenômeno em duas importantes comédias, a saber, "Anfitrião", de Plauto e "Um deus dormiu lá em casa", de Guilherme Figueiredo, e analisar como o Duplo faz gerar a comicidade dentro destas obras em que Literatura e Mito se mesclam. Para isto, far-se-á um breve histórico acerca da Comédia grega e como esta influenciou a Comédia latina, além de percorrer por algumas considerações acerca do Duplo e suas diversas manifestações.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Jefferson Santos da Silva (UERJ)
Tânia Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ)
professorjefferson22@yahoo.com.br

Atualmente, notamos duas grandes e influentes correntes de pensamento no ensino da Língua Portuguesa. A primeira prega o zelo no ensino da gramática e da norma culta, enquanto a segunda prega a liberdade de uso da língua. Como lidar com estas situações e com a linguagem que o aluno traz de casa? Essa linguagem não somente deve ser respeitada, como incentivada no âmbito informal, já que não é pertinente, nem necessário, que o estudante use ênclises ou mesóclises, por exemplo, em uma conversa informal. Também não será esquecido o outro lado da balança: a importância do ensino da norma padrão da Língua Portuguesa, fundamental para uma melhor colocação acadêmica e no mercado de trabalho. Assim, o discente deve ser levado a perceber a adequação linguística à situação, de forma que ele não confunda o uso informal da língua em uma festa, por exemplo, com a escrita de um relatório acadêmico. Algumas experiências de sala de aula serão apresentadas e discutidas.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

Kátia Cristina de Souza Bispo (UERJ)
Tânia Maria Nunes de Lima Câmara (UFJF)
katia_capop@yahoo.com.br

O trabalho tem por objetivo relatar experiências em sala de aula, bem como debater teorias acerca do ensino de língua portuguesa. Partindo de tais informações, pretendemos levantar algumas propostas e refletir sobre a atual situação do ensino de língua portuguesa, com base em estudos de alguns pesquisadores representativos dessa área, tais como Bakhtin, Bronckart, Marcuschi, José Carlos de Azeredo, Roxane Rojo, Maria Augusta Reinaldo, que marcadamente apontam a responsabilidade da prática docente embasada em teorias consistentes, visando ao êxito escolar, no intuito de formar cidadãos críticos e proficientes no uso de sua língua materna. Aspectos relacionados ao uso adequado dos diferentes registros linguísticos e à produção textual envolvendo gêneros variados constituem pontos relevantes do trabalho.

O ENSINO DA LÍNGUA: QUESTÕES NO COTIDIANO DA ALFABETIZAÇÃO

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (UERJ)
jacquelinemorais@hotmail.com

Este trabalho trás ao debate uma temática que se apresenta ainda hoje como um grande desafio para a escola: a alfabetização no ano inicial da escolaridade. Levando em conta que os índices oficiais apontam um fracasso escolar no ensino da língua, historicamente a solução deste problema tem sido na direção da busca por um método de alfabetização, entendido como uma sequência rígida de passos, que conseguisse ensinar a leitura e escrita a todos. Esta opção metodológica tem invisibilizado a importância da escola e seus professores compreenderem os complexos e múltiplos processos de aprendizagem da lectoescritura que vivem os estudantes, além de tornar o ensino da língua uma

mera disputa metodológica. Abordaremos, neste trabalho, os processos de aprendizagem vividos por durante um ano por uma turma do 1º ano de escolaridade de uma escola pública carioca. Analisaremos a produção textual dos estudantes desta turma, buscando compreender os processos de apropriação. Nossa comunicação, portanto, pretende trazer parte das investigações que temos realizado no campo da alfabetização tendo por base as produções de crianças na fase inicial da escrita. Em diálogo com autores como Geraldi, Smolka, Garcia e Morin, poderemos ampliar nosso olhar sobre o processo alfabetizador, redimensionado a complexidade e singularidade de tornar-se leitor e escritor na infância.

**O ENSINO DO GÊNERO DISCURSIVO MILITAR "PARTE"
NA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS**

Wagner Muniz de Andrade (UERJ)
Helênio Fonseca (UERJ)
wagnermun@ibest.com.br

Este trabalho tem como objetivo analisar o gênero textual 'parte' que pertence à comunidade discursiva militar, especificamente no caso deste estudo, o Exército Brasileiro. Trata-se de uma investigação de cunho qualitativo, que tem nos estudos da obra de Mikhail Bakhtin e de Patrick Charaudeau o seu referencial teórico. Tendo o gênero textual parte como objeto de ensino na Academia Militar das Agulhas Negras, buscamos compreender, mais especificamente, qual a estrutura composicional, o estilo e a forma do gênero parte na esfera militar. Segundo as Instruções Gerais para a Correspondência, as Publicações e os Atos Administrativos no âmbito do Exército (IG 10-42), "a parte quando relatar ocorrência, quer disciplinar, quer administrativa, será escrita com sobriedade, registrando-se todos os dados capazes de identificar pessoas ou coisas envolvidas, caracterizando as circunstâncias de tempo e de lugar sem comentários e sem apreciações estranhas ao caso, com a finalidade de fornecer à autoridade destinatária base precisa para uma decisão", ou seja, a parte deve ter por característica o posicionamento neutro, pois ela se insere na esfera militar. No entanto, ao examinar o gênero parte e o uso dos conectores, foi possível observar alguns implícitos e uma certa subjetividade na sua construção, ou seja, uma característica singular na forma composicional argumentativa da parte. Há, portanto, uma quebra do paradigma da neutralidade proposto pelo gênero. Neste estudo apresentamos: o gênero textual parte e sua caracterização básica, buscando mostrar seu funcionamento dentro da esfera militar e sua relação com o ensino.

O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL CARTA EM AULAS DE LÍNGUA MATERNA

Cássia Regina Teixeira (UERJ)
kassiariteixeira@hotmail.com

Ao longo de toda a história da humanidade e, apesar de toda a tecnologia existente, a escrita da carta ainda resiste. A carta pessoal, a carta comercial, a carta de apresentação, a carta de reclamação, a carta de solicitação e a carta de leitor, entre tantas outras, são alguns dos diferentes tipos de cartas que circulam na sociedade. Acreditamos que a apresentação do gênero textual carta e sua aplicabilidade nas diferentes práticas sociais devem ser estimuladas dentro do ambiente escolar, com a finalidade de garantir o aprimoramento e a aquisição de uma competência leitora para esse gênero. Competência esta que precisa ser desenvolvida desde as séries iniciais através de um trabalho cuidadoso no ensino da leitura e da escrita, para que desta forma o aluno seja capaz de ler e escrever, de modo eficiente, os diferentes gêneros textuais presentes nas práticas sociais. Assim sendo, pretendemos, neste artigo, analisar como o gênero textual carta é apresentado nas escolas e ressaltar a importância de ensinar a ler e escrever cartas nas aulas de língua materna. Para a realização deste trabalho, tomamos como base os estudos de Koch (2007), Bezerra (2005), Marcuschi (2005) e Kleiman (2007), autores que têm contribuído para os estudos sobre a importância da formação de um leitor competente, da importância de um trabalho específico com a produção textual e o ensino de gêneros textuais.

**O ESTATUTO INFORMACIONAL E A POSIÇÃO DO SUJEITO
NAS PASSIVAS ANALÍTICAS E ADJETIVAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS**

Elaine Alves Santos Melo (UFRJ)
elainemelo06@gmail.com

Uma das principais diferenças existentes entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) está relacionada ao ordenamento dos constituintes. Neste trabalho, procuramos investigar a posição do sujeito com relação

ao verbo flexionado nas construções passivas analíticas e passivas adjetivas na história do português. Melo (2009) observando estas construções percebeu que a posição do sujeito sofreu uma mudança na passagem do século XVII para o XVIII, tornando-se a ordem preferencialmente SV. A ordem VS aparecia mais frequentemente nas construções em que um sintagma oracional exercia a função de sujeito. Quando esta era exercida por um sintagma nominal ou mesmo um pronome a tendência era que se realizasse SV. Entretanto, nos dois últimos casos mencionados, chama atenção a variação nos índices encontrados, pois enquanto nos SNs a percentagem de sujeito - verbo atingiu 64%, nos pronomes chegaram a: 80% pessoais e 79% nos indefinidos. Assim, como o estudo feito não levou em conta o estatuto informacional faz-se necessário observá-lo a fim de verificar se ele é relevante no ordenamento do sujeito e se a diferença percentual encontrada entre a realização dele como sintagma nominal ou pronome também pode ser explicada por ele. A hipótese é que o PE, possui uma ordem SV condicionada ao estatuto informacional dos constituintes: a informação nova é codificada no final da sentença, ao passo que informação dada ou tópico não-marcado, no início (Duarte, 2003). A amostra constitui-se de 24 textos escritos por 23 autores nascidos em Portugal entre os séculos XVI e XIX que compõem o Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus Tycho Brahe. Este trabalho segue a linha de investigação da variação paramétrica, tendo como base uma pesquisa empírica com vistas ao entendimento do que sejam as "gramáticas do português" (GALVES, 2001)

O ESTETICISMO E AS REPRESENTAÇÕES SÁDICAS NO PARNASIANISMO BRASILEIRO

Aline Pereira (UERJ)
alinepereiralettras@hotmail.com

Este artigo busca analisar as modalidades de representação sádica no parnasianismo brasileiro, inserindo-o no contexto de entrecruzamento estilístico observado nas últimas décadas do século XIX. A relação da estética baudelairiana com o sadismo indica uma das muitas influências que estimularam o ideário parnasiano, a partir das imagens que mostram o homem entregue a sua perversidade natural. Dentre os nossos parnasianos, Albert o de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Teófilo Dias, Valentim Magalhães e outros apresentam referências ao esteta tutelar da modernidade, Charles Baudelaire, cuja obra é atravessada por um erotismo cruel que a aproxima do pensamento de Sade. Desse modo, a violação dos tabus, o contraste, os desvios e o repúdio à natureza apontam para um esteticismo radical na poesia brasileira.

O ESTUDO TRADICIONAL DO SUJEITO INDETERMINADO: ANÁLISE

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ)
profandermarins@hotmail.com

No presente trabalho fazemos uma análise das limitadas definições das funções de sujeito determinado, e em seguida analisamos como três gramáticas tradicionais (normativas) abordam os casos de sujeito indeterminado, sobretudo no que diz respeito à indeterminação com o pronome se. E para cumprir esse propósito adotamos como fontes de estudo as seguintes obras: Gramática Escolar da Língua Portuguesa, de Evanildo Bechara (2006), Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2001), Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima (1998). No que tange à indeterminação do sujeito com o pronome se recorremos também à visão sintática de Maximino Maciel em sua Gramática Descritiva, cuja primeira edição, chamada Grammatica Analytica, publicada em 1887 e refeita em 1894 com o título de Grammatica Descriptiva, logrou boa aceitação, sendo inclusive adotada no Colégio Pedro II nos anos de 1892, 1893 e 1896. A obra teve edições até 1931. Aqui examinamos a quinta edição (1914). O que desperta nossa atenção nessa obra, a ponto de nos levar a utilizá-la nesta ocasião, é a atribuição das funções do pronome se em que considera poder exercer a função de sujeito indeterminado, isto numa época de purismo por demais exacerbado, incitador de debates, réplicas e tréplicas. A reboque da análise dos casos de indeterminação do sujeito fazemos uma avaliação do texto de Scherre (2005), em que a autora aborda, entre outras coisas, a forma verbal plural nas estruturas denominadas passivas sintéticas e as estruturas ativas de sujeito indeterminado; bem como de gramáticas de caráter descritivo, com o intuito de identificarmos que contribuição eles podem trazer ao ensino de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio.

O PAPEL DA PERMEABILIDADE GRAMATICAL NA AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Marcela Matos Maini UFF
marcelamaini@yahoo.com.br

Esta comunicação explora o deslocamento da aplicação da Hipótese da Permeabilidade Gramatical (SILVA-CORVALÁN 1994) do âmbito de estudos do contato linguístico para o da Aquisição de Segunda Língua. À luz dos pressupostos teóricos dessa hipótese, nossa pesquisa procura explicar razões que motivam certos fatos observados na aquisição, ocupa-se de línguas tipologicamente próximas, especificamente, a produção de certas construções em espanhol por alunos falantes de português. Este modelo formal de análise linguística sustenta a noção de influência indireta de uma língua sobre a outra em oposição à ideia de influência direta, que se explicaria pela "transferência" de estruturas da sintaxe de uma língua a outra em situação de contato. A permeabilidade consiste na reanálise, em uma das línguas em contato, de construções sintáticas minoritárias pré-existentes que vêm a adquirir, mediante contato, não só o status de não marcadas, como também uma maior distribuição por influência da outra língua em contato (FRANCO; LANDA 1996), no nosso caso específico, interlíngua de estado inicial desses aprendizes, fortemente condicionada pela sua língua (SPROUSE 2008), é a que sofre os referidos efeitos desse contato. Isso pode ser observado em ocorrências de interlíngua como: "*Juan se quedó enojado*" em vez de "*Juan se enojó*", em que se observa a preferência dos aprendizes brasileiros por construções predicativas uma vez que apresentam uma contraparte paralela em sua língua materna.

**O PASSADO NO PRESENTE:
HISTÓRIA DA PROMOÇÃO E DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO EXTERIOR**

Diego Barbosa da Silva (UERJ)
vsjd@uol.com.br

A história da difusão e promoção da língua portuguesa no exterior teve início com a criação do primeiro leitorado português em 1921 na Universidade de Rennes (França). Já a primeira política brasileira do gênero foi a criação do Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro em Montevídeu em 1940. Durante anos a política linguística pautou-se pela expansão da rede de leitores e de centros de estudos ou culturais, além das tentativas de aproximação da escrita através dos sucessivos (des)acordos ortográficos. Com a independência das colônias portuguesas na África, o cenário político diversifica-se e complexifica-se, devido ao aumento do número de atores nesse processo. Nas décadas de 1990 e 2000, após a fundação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), as políticas intensificaram-se em prol de uma maior presença do português num mundo cada vez mais globalizado e dominado pela língua inglesa, agora global. Contudo, esse processo liderado pela CPLP não esconde os conflitos herdados do colonialismo e do imperialismo que ainda hoje opõe Portugal e suas ex-colônias. Este trabalho tem como objetivo apresentar esse processo histórico não apenas conflituoso, mas também de aproximação e de tentativas de construir uma identidade lusófona.

O PERFIL DA 'PERFIL' EM 10 ANOS DE EDIÇÃO: FOCO NAS CAPAS DE 2003 A 2008

Leilane Ramos da Silva (UFS)
leilaneramos@hotmail.com

A produção de uma revista segue regras e especificidades as mais diversas, desde a escolha de figuras para compor a capa até a seleção de uma notícia configurada como manchete, passando por estratégias como o uso de elementos linguístico-discursivos capazes de "guiar" a forma por meio da qual a mensagem deve ser entendida pelo leitor. Entre essas estratégias vale destacar a forma cada vez mais modalizada que as opiniões e até mesmo as notícias têm assumido nas várias seções que integram uma revista, seja ela semanal ou mensal. Dessa forma, ao contrário do que dizem os estudos tradicionais, segundo os quais o gênero notícia se configura como neutro, imparcial, a cada dia tem-se o reconhecimento de aspectos subjetivos do enunciador, que são explicados por meio de marcas linguísticas. A par desse entendimento, a ideia central deste estudo reside em analisar o estatuto da modalização epistêmica e avaliativa nas reportagens das capas de 2003 a 2008 da edição especial de comemoração aos 10 anos da revista Perfil, uma publicação mensal da Editora Info Graphi, em parceria com a Art&CIA, cujo foco é trazer à tona, entre outros, potenciais turísticos, informações culturais, empresariais, comportamentais e educacionais relativas ao interior sergipano. Grosso modo, pretende-se mostrar como o jornalista arquiteta seus enunciados nessa reportagem, buscando-se responder qual a relação entre o uso de esses elementos modalizadores e a partilha de informações dada pelo jornalista ao público-alvo da revista. Para dar conta da proposta, entrelaçam-se os princípios da Teoria da Modalização Linguística, destacando-se os estudos desenvolvidos por Koch (1987), Neves (2002), Cervoni (1989) e outros,

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

com a perspectiva adotada por Chabrol (2001), para quem os enunciados linguísticos inscrevem-se, pelo menos, em 5 (cinco) esferas discursivas: da informação, da avaliação, interacional, acional e contratual.

O POSICIONAMENTO DE SPREPS DE MODO, TEMPO E LUGAR EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Marcia da Silva Mariano Lessa (UFRJ)
marcia.mariano.lessa@terra.com.br

Devido ao caráter heterogêneo da classe, o estudo de ordenação de circunstanciais tem chamado atenção de vários autores (HAWKINS, 2000, OLIVEIRA, 2003, COSTA, 2004, AUSTEN *et alii*, 2004, BRASIL, 2005, GOMES, 2006, PAIVA, 2002, 2006, LESSA, 2007). As gramáticas do português (Cf. CUNHA, 1975) assumem que a ordem preferencial dos circunstanciais é a posposição a seus constituintes argumentais. Diversos trabalhos de língua escrita já confirmaram essa preferência dos locativos e temporais que, no entanto, podem ocupar outras posições em contextos mais específicos. O objetivo deste trabalho é estudar a ordem de Spreps locativos, temporais e na escrita do português brasileiro e observar que fatores sintáticos, semânticos e discursivos, tais como estrutura argumental do verbo, tipo semântico e função discursiva do circunstancial, influenciam o posicionamento desses constituintes na oração. Queremos observar, também, se esses fatores atuam de maneira semelhante ou diferenciada sobre os dois tipos de circunstanciais. Para tanto, foram analisados textos de diferentes gêneros jornalísticos do JB e do Globo, que fazem parte de uma amostra constituída por integrantes do PEUL-UFRJ. Esses dados foram analisados sob uma perspectiva funcional, integrada com o modelo da Sociolinguística Variacionista. Resultados preliminares confirmaram a preferência dos circunstanciais locativos, temporais e modais pela margem direita da oração, muito embora restrições de cunho sintático, semântico e discursivo corroborem a ocupação de posições antepostas ao verbo.

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA: UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE

Maria Lucia Souza Castro (UNEB)
malucastro@ig.com.br

Expõem-se, neste trabalho, as dificuldades enfrentadas por professores de Língua Portuguesa de escolas públicas, bem como sugestões por eles destacadas para mudar os resultados do processo de ensino-aprendizagem de que são sujeitos. A reflexão aqui proposta baseia-se no depoimento de dez alunos do Curso de Letras Vernáculas, do Campus V da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, já docentes de escolas públicas, ainda que não formados. Une-se, portanto, a prática docente à vivência diária de graduando em curso de formação de professores. Teoricamente, o perfil dos sujeitos da pesquisa oportuniza verificar a aplicação imediata dos conhecimentos que adquirem na Universidade. Observa-se, no entanto, que, na prática, suas dificuldades não se diferenciam daquelas que caracterizam docentes mais experientes, com formação mais recuada temporalmente. Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino de Língua Materna. Formação de Professor.

O PROCESSO DE HIBRIDIZAÇÃO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS NA OBRA ÁGUA VIVA DE CLARICE LIPECTOR

Valdiclea Souza (UESC)
Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC)
valdicleasouza@hotmail.com

A problematização contemporânea acerca dos gêneros discursivos envolve a ideia de imanência e imutabilidade das coisas em si presente no pensamento estruturalista. Isso permite dizer que é crescente a construção do pensamento epistemológico e de modelos representacionais que deflagram o caráter mutável/transmutável, móvel, elástico e aberto dos princípios que orientam a organização dos gêneros. Essas considerações advindas de Bakhtin sobre tal fenômeno têm possibilitado a sistematização de estudos que tentam explicar o processo de hibridização dos gêneros como um fenômeno inerente a sua própria gênese, já que estão inscritos, nessa ação, sujeitos interpelados pela história, pelo social, pelo cultural e pelas relações de poder estabelecidas num contexto imediato dado, mas também matizados pela percepção, pela subjetividade. A movimentação desses sujeitos revela o inacabamento e o devir de si e dos gêneros. Considerando tal posicionamento, o objetivo dessa exposição é analisar o movimento dialético e contraditório entre os componentes e os princípios que indiciam a hibridização dos gêneros discursivos. Para tanto, buscar-se-ão problematizar os conceitos de gênero em Bakhtin, Eco e Maingueneau. Em seguida, empreender-se-á uma

discussão em torno do gênero romance. Mais adiante, analisar-se-ão os gêneros discursivos hibridizados na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector e, por fim, trará a discussão da hibridização para o campo da recepção em que se abordará tal fenômeno como uma importante instrução de leitura da obra.

O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO EM REDAÇÕES ESCOLARES

Priscila Brasileiro Silva do Nascimento (UEFS)
pitybrasil@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de referenciação em redações escolares de alguns alunos de escola pública do município de Anguera, Ba. Partindo do pressuposto de que a referenciação constitui uma atividade discursiva, analisamos quais as estratégias de referenciação os alunos utilizam para remeter objetos de discurso. Ao considerarmos o processo de referenciação como atividade discursiva, e ao analisarmos o corpus, percebemos que na maioria das produções dos alunos, as estratégias de referenciação utilizadas para remeterem objetos de discurso, as mais usadas foram as de usos de pronomes e nominalizações, com usos de expressões nominais indefinidas. Percebemos que em todas as produções, os alunos remetiam o termo escola a um lugar, com inúmeras repetições desse termo no decorrer do texto. Mesmo tendo consciência de que este estudo não abarca toda a complexidade que envolve a referenciação em redações escolares, a nossa hipótese é a de que isto tenha acontecido devido ao pouco repertório linguístico e enciclopédico dos alunos, como também o pouco contato com práticas de leitura.

O PROJETO EDITORIAL DA MEMÓRIA COLONIAL DO CEARÁ

José Pereira da Silva (UERJ, PUC-Minas e ABRAFIL)
pereira@filologia.org.br

Esta comunicação apresenta o projeto de publicação dos documentos da Memória Colonial do Ceará, constando de milhares de documentos e planejado para um conjunto de vinte e dois volumes com a edição interpretativa dos documentos microfilmados pelo "Projecto Resgate Barão do Rio Branco", implementado como parte das atividades comemorativas do 5º Centenário da Descoberta do Brasil. Apesar de boa parte desse material já haver sido transcrita e publicada pelo Barão de Studart (1856-1938) na *Revista do Instituto do Ceará*, só agora a tecnologia nos permite fazer a transcrição desses documentos e publicar lado a lado os originais manuscritos, em cópias digitalizadas e sua leitura interpretativa. Essa publicação resultará da microfilmagem das 24 caixas, com 1.436 capilhas, preenchendo 22 rolos, digitalizados em 3 unidades de CD-ROM. Alguns fatos históricos ficam aparentemente mal situados cronologicamente porque há diferença de até um ano entre uma decisão tomada em Portugal e sua ciência no Ceará, como é o caso da Carta Régia de 17/01/1799, que dava autonomia à Capitania, e a primeira correspondência do novo governador (29/10/1799). Essa documentação faz "um retrato completo da vida do Ceará Colonial, dura e sem perspectivas, em que, ao lado de régulos impertinentes, sem dúvida figuram alguns cumpridores dos seus deveres", como ensina Gisafran Nazareno da Mota Jucá (1999, p. 13). O objetivo dessa publicação é simples e prático: os textos serão transcritos na ortografia atualizada, apondo-se as notas necessárias para a sua boa compreensão. Como os manuscritos serão reproduzidos fac-similarmente ao lado, dispensam-se notas ecdóticas, possibilitando ao pesquisador fazer seu próprio cotejo nos casos duvidosos. Uma introdução metodológica sintética e prática em cada volume possibilitará consulta imediata, em caso de dúvida relativa à edição.

O REALISMO E O NATURALISMO: A QUESTÃO TERMINOLÓGICA.

Patrícia Alves Carvalho Correa (UERJ)
patricialacar@ig.com.br

Esta comunicação tem por objetivo discutir o percurso semântico dos termos "realismo" e "naturalismo" no decurso da história. Empregados com certa frequência nos estudos literários, as palavras em questão têm uma longa tradição semântica no decurso da história, e só relativamente tarde foram introduzidas na crítica literária. Enquanto termos, "realismo" e "naturalismo" não são de simples compreensão, e seu curso não se limita ao século XIX. À semelhança da palavra "romântico", os termos "realista" e "naturalista", antes de nomear uma tendência artística, já denotavam uma atitude. Da mesma forma que a ideia e o estilo românticos preexistiram ao período literário assim denominado e sobreviveram a ele, a atitude naturalista também pode ser observada antes e depois do movimento literário de mesmo nome. Este artigo busca, portanto, empreender um estudo sobre a preexistência e a sobrevivência desses vocábulos em relação aos movimentos literários oitocentistas de mesmo nome.

O ROMANCE VIDAS SECAS: EXCLUSÃO SOCIAL, LINGUAGEM E PRECONCEITO

Elmo Dias do Nascimento (UNEB)

Áurea da Silva Pereira

diasnascimento-1977@hotmail.com

Esse trabalho apresenta uma discussão acerca da linguagem utilizada pelos personagens do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, tomando como bases teóricas Bourdieu(1998), Bagno(2001; 2004) e Soares(1998). Tais teóricos nos possibilitam uma leitura no que tange aos papéis sociais desses personagens na obra, ao considerar a língua como uma prática social que marca a cultura e espaço de cada um, bem como comportamentos e desempenhos linguísticos demarcados nas relações sociais. Assim, percebo que o estudo das falas pode subsidiar questões relacionadas a preconceitos sociais e linguísticos. E isso norteia uma discussão sobre exclusão ou segregação de indivíduos que não dominam a norma culta, pois na obra em estudo, os personagens são excluídos e silenciados de diversas formas, ridicularizados pelo modo como falam, ou simplesmente excluídos dos meios de comunicação, escrita e falada, ou quando aparecem é de forma degradante, ou são utilizados como exemplo de como não se deve falar. Tendo em vista que o romance *Vidas Secas* é uma obra utilizada no contexto escolar e seus estudos são feitos a partir do olhar de um leitor, no caso do professor, e consequentemente coloca sua visão de mundo, ao passar as ideias apresentadas no romance. Com isso, temos o objetivo de verificar quais os traços do romance que possibilitam uma interpretação preconceituosa em relação língua, e que podem ser utilizadas por seus leitores.

**O SIGNIFICADO INTERPESSOAL EM TEXTOS MULTIMODAIS NO LIVRO DE INGLÊS:
UMA ANÁLISE CONTRASTIVA**

Adriana Baptista de Souza (UERJ)

adribaptsouza@hotmail.com

Esta pesquisa visa a investigar como se estabelecem as relações interpessoais em textos multimodais presentes em dois livros de inglês (um nacional e outro importado) no que concerne aos participantes representados - textual e visualmente - e participante interativo - o leitor. Através de um recorte temático foram selecionados somente textos multimodais presentes em atividades de leitura com os mesmos temas nos dois livros, a fim de possibilitar tal análise contrastiva. Por fim, foi feita uma seleção aleatória para definir quais textos multimodais (um de cada livro, com tema em comum) seriam objetos desta pesquisa, que será desenvolvida com base na teoria da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (1996). Os textos selecionados apresentam como tema o encontro do par perfeito na internet. Em ambos os livros os atores visuais são desenhos criados para fins pedagógicos e, portanto, menos reais do que fotografias, o que distancia o leitor. No entanto, no livro nacional, além disso, a pessoa representada não olha frontalmente para o leitor, ao contrário dos atores representados visualmente no livro importado que - vale acrescentar -, apesar de olharem frontalmente para nós, leitores imediatos, interagem muito mais entre si no texto verbal, sendo um o leitor do texto do outro, o que torna o texto multimodal, de uma maneira geral, mais dialógico. Diferentemente, a pessoa representada visualmente no livro nacional determina aquilo que deve ser o seu par perfeito, só abrindo para o diálogo no último instante ao perguntar se "você" quer conhecê-la, ou seja, se "você", que tem todas as características determinadas por ela, quer conhecê-la. Ancoradas nas relações de interação entre os participantes, isto é, na metafunção interpessoal de Halliday, as análises no livro nacional apontam para um leitor mais distanciado dos participantes representados visualmente do que no livro importado.

**OS APRENDIZES DE LÍNGUA DEMARCANDO SEUS ESPAÇOS NA REDE:
AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO**

Jesiel Soares Silva (UFG)

fassiedojeb@yahoo.com.br

Este trabalho pretende contribuir para o desenvolvimento da autonomia de aprendizes de língua inglesa através do uso da internet com o foco específico na ferramenta host. Quando se fala em uso de internet no ensino de língua inglesa, pensa-se ora no ensino à distância, ora no ensino presencial com o professor conduzindo todo o processo desde as escolhas das atividades existentes na rede até a produção de exercícios. Baseados no hibridismo proposto por Sharma e Barret em *Blended Learning* (2007) buscamos aqui o desenvolvimento da autonomia do aprendiz de língua inglesa usando uma ferramenta tecnológica que pode ser utilizada pelos aprendizes e professores tanto dentro da sala de aula como fora dela e que atribui ao aprendiz a responsabilidade pela construção e manutenção da mesma. O objetivo maior do trabalho é oferecer subsídios teóricos e práticos para a utilização pedagógica dessa ferramenta

disponibilizada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Partindo das concepções de autonomia de Freire (2002), de Benson e Voller (1997) e Holec (1981) de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção, e de Paiva (2006) que concebe autonomia não como um estado de coisas fixo, estático, mas como um sistema dinâmico, instável, permeado pelo caos e levando em conta o conceito de autonomia previsto nos PCNs (2003) que concebem autonomia como fundamental no processo educacional, busca-se aqui, através de um estudo de caso feito com alunos do sexto ao nono ano de uma escola particular em Goiânia, a utilização de um site host como estratégia de ensino de Inglês. Essa ferramenta virtual específica caracteriza-se por não ser totalmente controlada e direcionada pelo professor, mas que ao contrário, possibilita o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade do aprendiz na produção do conhecimento e nas estratégias de aprendizado. Foram propostas atividades que vão além do uso de blogs, jogos virtuais e e-mails e dão maior possibilidade de os aprendizes serem mais autônomos na criação de seus próprios ambientes virtuais proporcionando, assim, a construção de novos conhecimentos.

**O SUJEITO EM PALAVRA:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO RÉU
ACUSADO DE CRIME DE HOMICÍDIO CONTRA A MULHER.**

Ângela Paula Nunes Ferreira (UFMG)
paulanunesf@hotmail.com

O Sujeito em palavra: Uma análise do Discurso do réu acusado de Crime de Homicídio contra a mulher. Uma das modalidades mais frequentes de violência que encontramos, em todas as sociedades, é a violência contra as pessoas do sexo feminino. Nos casos de prática de Crime de Homicídio contra a mulher, os acusados costumam utilizar os discursos machistas que permeiam a sociedade, para se eximirem da culpa, pleiteando a sua absolvição no Tribunal do Júri. Desta maneira, tivemos como objetivo geral da nossa pesquisa, compreender como o sujeito acusado se constitui como inocente, nos Crimes passionais de Homicídio, através das nuances do discurso, a fim de descobrir como a materialidade discursiva, através de diferentes formações imaginárias, inocenta o réu e justifica a prática de tais crimes. Para tanto, realizamos uma pesquisa de cunho investigativo qualitativo. Os dados necessários para a análise do discurso constituem interrogatórios de um acusado de Crime de Homicídio contra a mulher, coletados em um processo, no Fórum da Comarca de Campina Grande-PB, na Vara do 1º Tribunal do Júri. Os resultados obtidos demonstraram que o réu apresenta uma imagem de si mesmo como sendo um cidadão de bem, e que por isso não se enquadra na imagem de bandido que deve estar num presídio. Quanto à imagem que o réu tem da mulher, podemos afirmar que ele apresenta a mesma como sendo uma pessoa ciumenta, possuidora de personalidade agressiva, influenciável por amigos e familiares e adúltera. O réu apresenta uma imagem do crime como sendo uma atitude impulsivada pela emoção provocada pela conduta da vítima. No que se refere às formações discursivas, os textos estão representados como um quadro bipolar: culpado x inocente. Quanto à construção interdiscursiva do discurso do réu, foi possível observar que há o cruzamento precípua de dois discursos: o discurso do senso comum em relação ao adultério cometido pela mulher e o discurso jurídico sobre a temática.

**O TEATRO DE CORDEL DE JOÃO AUGUSTO:
O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DO FOLHETO AO TEXTO TEATRAL**

Ludmila Antunes de Jesus (UFBA)
Rosa Borges dos Santos (UFBA)
borgesrosa6@yahoo.com.br

O Teatro de Cordel, atividade que leva em conta a encenação de textos adaptados da literatura de cordel, se intensificou, na Bahia, a partir dos espetáculos *Estória de Gil Vicente* e *Teatro de Cordel*, em 1966, pelo Grupo Teatro dos Novos, liderado por João Augusto. A adaptação dos folhetos nordestinos para o teatro trouxe uma linguagem simples e popular, mantendo, assim, um diálogo entre o teatro e o público numa época em que os textos teatrais passavam pelo crivo da censura, estando, assim, submetidos a uma apreciação crítica rigorosa dos órgãos censores que poderiam cortar palavras, réplicas ou até o texto inteiro, trazendo prejuízos à criação textual e à apresentação cênica. Dessa forma, pretende-se mostrar, na produção dramaturgica de João Augusto, como se deu o processo de adaptação/criação de alguns folhetos de cordel para o texto teatral produzido/encenado na Bahia.

**O TEXTO LITERÁRIO E A PRODUÇÃO DE SENTIDO:
O ASPECTO METALINGUÍSTICO DA PONTUAÇÃO**

Tânia Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ)
taniamnlc@gmail.com

A palavra "metalinguagem" tem como sentido de base "a linguagem que fala da linguagem"; aquela que se volta para si mesma e reenvia à língua e a seus elementos constitutivos o código utilizado". No caso específico da pontuação, a referência da linguagem a si própria ocorre na medida em que, na condição de signos linguísticos, os sinais gráficos são empregados como significantes que remetem a significados e produzem sentido(s) no jogo textual, tal qual ocorre com os itens lexicais em geral. O texto literário constitui-se o espaço privilegiado para as construções inesperadas e surpreendentes, entre as quais se inclui o emprego metalinguístico da pontuação. Monteiro Lobato, João Cabral de Melo Neto, Millôr Fernandes e Joaquim Ferreira dos Santos são exemplos de autores que, dentro de seus respectivos estilos, ilustram esse uso inusitado. Levado à sala de aula, tal estudo certamente despertará o interesse dos alunos, tanto pela novidade da abordagem, quanto pelo caráter lúdico que ele encerra.

**O TRATADO DE GLOSSOLOGIA DE ANTÔNIO FERRÃO MUNIZ DE ARAGÃO
E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS FILOLÓGICOS**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)
rcrqueiroz@uol.com.br

Antônio Ferrão Muniz de Aragão, filho do Barão de Itapororocas, estudou em Paris e Londres, tendo sido, talvez, o terceiro aluno brasileiro de Auguste Comte, de quem recebeu influências do Positivismo. Como bibliotecário da Biblioteca Pública da Bahia, e com todos os reflexos dos conhecimentos adquiridos na Europa, publicou, entre os anos de 1878 a 1883, em três volumes, uma obra intitulada *Catalogo Geral das Obras de Sciencias e Litteratura que contem a Biblioteca Publica da Provincia da Bahia*, na qual consta, no primeiro volume, a *Classificação Methodica e Encyclopedica dos Conhecimentos Humanos*. Dentro das Ciências Históricas estariam a *Ethenologia*, subdividida em *Ethnologia* e *Glossologia*, e *Historia*, subdividida em *Statistica* e *Historia*. Aqui nos interessa a *Glossologia*, definida como sendo a ciência que estuda a história das línguas faladas antigamente e atualmente. Antônio Ferrão Muniz de Aragão subdividiu a *Glossologia* em *Glossologia Geral* e *Glossologia Especial*. A primeira parte tem por objeto o estudo comparado das línguas: sua classificação metódica e a história da origem e formação (incluindo os dialetos). Subdivide-se em *Glossographia* e *Glossogenia*. Antônio Ferrão Muniz de Aragão deixou manuscrito um tratado sobre Glossologia, o qual se encontra no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Assim, propõe-se, neste trabalho, a edição dos seus manuscritos autógrafos contendo toda a sua descrição da *Glossologia* e *Philologia*, escrita em dois volumes, em tinta azul, em papel de linho tipo escritório, em dois volumes, datados de 1873.

O USO DE MATERIAL MULTIMÍDIA NO ENSINO DO ITALIANO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.

Veridiana Skocic Marchon (UERJ)
veridianaskoc@yahoo.it

O presente trabalho tem por objetivo abordar a utilização das Novas Tecnologias no ensino das línguas estrangeiras, tendo em vista, especificamente, o uso de material multimídia no processo de ensino-aprendizagem da língua italiana como LE. Desta forma, destacaremos o papel da Internet como fonte ilimitada de material autêntico e sua importância no processo de interação linguística, social e cultural; fator imprescindível para as novas realidades de ensino e aprendizagem, em que são fundamentais a proposta de ambientes multidimensionais, uma maior descentralização do papel do professor e, por conseguinte, uma maior autonomia por parte do aluno.

**O VERBO ÁRABE:
UM MODELO DO TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO A PARTIR DA LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA**

Elias Mendes Gomes (USP)
eligomes@usp.br

Tradicionalmente, os gramáticos árabes dividiram a língua em três partes: nome, verbo e partículas (que incluem os advérbios, preposições, pronomes etc.). Ainda nos séculos VII e VIII AD, duas escolas filológicas, Basra e Kufa - ambas no atual Iraque - surgiram para explicar o funcionamento do árabe e preservar sua estrutura e coesão lexical, uma vez que o contato com as demais nações através da conquista islâmica tinha comprometido a pureza da língua do Alcorão. A Escola de Kufa, tendo como fundamento o aspecto morfológico da língua, posicionou-se advogando que o verbo era a mola propulsora do léxico árabe (ALAMRANI-JAMAL, 1983). Esse parecer tem sido aceito por muitos arabistas no decorrer da história, que concordam que embora nem todos os vocábulos árabes possam ser rastreadas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas deriva-se de um verbo simples, que é um radical normalmente constituído de três letras destinada a representar uma noção específica. Prefixos, sufixos e mudanças internas (tanto por acréscimos como em supressões) inseridos à essa raiz dão origem a novos vocábulos (sejam eles verbos ou substantivos) relacionados, frequentemente, a noção original. A apresentação dos verbos no formato de um dicionário bilíngue árabe-português obedecerá aos princípios descritivos científicos da lexicografia moderna, não estando limitado a uma teoria particular, entretanto, privilegiando-se a abordagem de Haensch (1982), Borba (2003), e - em especial - a lexicografia pedagógica de Welker (2004 e 2008). Welker (2008) discute a lexicografia pedagógica (LP), apresentando técnicas que, se seguidas, auxiliarão os consulentes em sua tarefa de compreensão e decodificação de textos em língua estrangeira. Ela (LP) é definida como tendo "o genuíno objetivo de satisfazer as necessidades de informação lexicograficamente relevantes que têm os estudantes em uma série de situações extralexográficas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira" (WELKER, 2008, p. 39).

OS LEQUES DA POLIDEZ: UMA ANÁLISE DAS TIRAS DO HÄGAR

Tatiani Ramos (UFES)
tateletras@yahoo.com.br

Este trabalho aborda os aspectos da pragmática no gênero quadrinhos que tem como foco a linguagem escrita e a linguagem visual sob a ótica da teoria da polidez que envolverá na noção de face de Brown e Levinson (1983 e 1987), que é entendida pelos autores como a autoimagem pública dos indivíduos. Isto é, uma noção metafórica de face que cada indivíduo tem e reivindica para si e essa imagem apresenta duas vertentes: por um lado o desejo de não sofrer imposições, que é face negativa; por outro, o desejo de ser apreciado pelo outro, que é a face positiva. Assim, é a partir deste arcabouço teórico que vamos analisar as tiras do Hagar de autoria de Dik Browne.

**OS MAPAS SEMÂNTICOS COMO SUPORTE NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS
NO ENSINO DE LÍNGUAS PARA CRIANÇAS**

Fabiola Teixeira Ferreira (UFSC)
fabiolatteira@gmail.com
Letícia Beatriz Folster (UFSC)
fabiola.ead@gmail.com

A combinação do material lúdico e a preparação de aulas com base nos paradigmas teóricos do mapa semântico é um processo que serve como metodologia no apoio para o uso efetivo da língua oral e escrita no ensino de línguas. Através do NUSPPLE/UFSC - Núcleo de Suporte Pedagógico para Professores de Língua Estrangeira da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvemos, em um projeto de pesquisa e extensão, materiais didáticos lúdicos para o ensino de línguas para crianças entre 8 e 12 anos de idade. Acreditamos que com o suporte do mapa semântico, o material didático trabalhado em sala de aula proporciona uma coerência temática que viabiliza a aquisição de um novo léxico em contextos diversos e a ativação e recuperação do conhecimento armazenado, tornando-o mais significativo. Em nossa linha de pesquisa, tais recursos e estratégias atuam como motivadores e facilitadores no processo de aquisição das habilidades oral e escrita no ensino de espanhol.

OS MARCADORES DISCURSIVOS NO GÊNERO NARRATIVA ESCOLAR

Ilana Gomes Oliveira (UFBA/FTC)
ilanagomes1@gmail.com

Os marcadores discursivos no gênero narrativa escolar Segundo Marcuschi (2002), é comum hoje notar um hibridismo muito acentuado entre as modalidades de uso da língua – a fala e a escrita. Nesse contexto, nota-se que os alunos transpõem para os textos formais da escrita traços da oralidade oriundos de suas práticas sociais. Apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN) dedicarem uma atenção especial à linguagem oral no ensino de língua materna, percebe-se que algumas escolas não vêm se preocupando com um estudo baseado nos gêneros discursivos, o que seria desejável e pertinente, uma vez que esses envolvem textos diversos que surgem, historicamente, tendo em vista, sobretudo, as novas tecnologias de uma sociedade. Isso significa que a fala e a escrita devem ser analisadas a partir de um feixe variado de gêneros discursivos, que mantêm estreita relação com a comunidade social do indivíduo. Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar a funcionalidade dos marcadores discursivos "então" e "ai" dentro dos textos redacionais, mas não entendendo a relação fala-escrita de forma dicotômica, e, sim, a partir de uma perspectiva que os veja dentro de um continuum tipológico. Assim, procuraremos discutir sobre a noção de marcadores discursivos, tendo como aporte teórico, os pressupostos de Urbano (2006) e Risso (2006). Em seguida, buscaremos traçar aspectos gerais da relação fala-escrita no contexto escolar sob a perspectiva do continuum tipológico dos gêneros textuais. E, por fim, discutiremos acerca da função desempenhada pelos marcadores discursivos em questão.

OS PROCESSOS SINTÁTICOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE FRASES MULTIORACIONAIS

Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros (UFRRJ)
Luciana Paiva de Vilhena Leite (UFRRJ)
claudiowalker@gmail.com

Há divergência entre os autores quanto aos processos sintáticos que relacionam orações entre si para constituir as frases multioracionais. Enquanto alguns estudiosos (como Rocha Lima), seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), elencam dois processos – a saber, coordenação e subordinação - outros autores (como Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo e José Carlos de Azeredo) enumeram três ou mesmo quatro maneiras de estruturar o período composto - além das já citadas coordenação e subordinação, a justaposição e/ou correlação. O presente trabalho objetiva apresentar esses processos sintáticos, bem como as distintas visões de vários autores, a fim de obter uma visão panorâmica sobre o assunto.

**OS RÓTICOS EM POSIÇÃO DE CODA:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA E ACÚSTICA DO FALAR PIAUIENSE**

[INCLUIR AS FONTES ESPECIAIS PARA LEITURA DO ALFABÉTICO FONÉTICO]

Lucirene da Silva Carvalho (UESPI)
luciarvalho@ibest.com.br

Nesse trabalho examinou-se o comportamento fonético-fonológico dos róticos em posição de coda na fala de 36 informantes oriundos do norte do Estado (PI) e da capital – Teresina. Para a realização deste estudo, adotou-se a sociolinguística variacionista. Nos resultados, foram encontradas quatro variantes, sendo a fricativa glotal [h], com 48,1% e o zero fonético [ø], com 22,2% as que obtiveram maior percentual de ocorrências. Por outro lado, o tepe [r] apresentou 19,01% e a fricativa palatal [j] 10,6% de realização. Essas variantes são decorrentes tanto das restrições linguísticas, quanto das sociais. Para a análise linguística, consideraram-se as restrições contexto fonológico precedente e seguinte, posição na sílaba, tonicidade, extensão da palavra e categoria gramatical; quanto aos sociais, tem-se escolaridade, gênero e faixa etária, conforme a seleção realizada pelo programa Goldvarb. Os resultados mostraram que a restrição categoria gramatical foi a que mais favoreceu as variantes; sendo a variante fricativa glotal, a mais evidente. Do ponto de vista acústico, recorreu-se à Teoria Acústica da Produção da Fala, na perspectiva de Kent e Read (1992) e do programa Praat para a /, dando-se $\Sigma\tau\Sigma/$ e $/h\Sigma/$, $/h\Sigma\tau$ realização da análise acústica dos segmentos $/h/$. $\Sigma\tau$ destaque para os dois últimos, consideradas, nesse trabalho, variações de [h]. Os resultados obtidos com a análise linguística e a acústica permitiram o encaminhamento das discussões relativas ao comportamento do rótico na fala do piauiense, observando-se que as quatro variantes são recorrentes nessa comunidade de fala. Contudo, o foco maior ficou para a variante fricativa], que se deu em virtude de ser uma ocorrência não encontrada na Σ palatal [literatura

linguística pertinente. Esse fenômeno fonético-fonológico acontece sempre diante de uma fricativa glotal surda seguida de uma fricativa palatal, também, surda, que pode ser interpretada de duas maneiras: na primeira descrita], constata-se a oclusiva alveolar surda [t], que constitui a primeira Σ como [h consoante da africada alveopalatal surda a fundir-se com a consoante seguinte, sofrendo, desse modo, uma espécie de ressilabificação do tipo degeminação, mantendo o padrão silábico CVC.CV de modo mais simplificado; na segunda], percebe-se que a oclusiva alveolar surda [t] se mantém, ΣτΣ realização [h permanecendo também a africada no ataque silábico seguinte. Em ambas as realizações verificou-se um tipo de assimilação regressiva, observada], na qual se observa que o assimilador ΣτΣ principalmente, na ocorrência [h encontra-se depois do elemento assimilado. Nesses dois fenômenos verifica-se uma palatalização, do tipo parcial. Esse tipo de palatalização é uma particularidade linguística restrita ao falar piauiense. Palavras-chave: Rótico. Análise variacionista. Análise acústica. 1 Professora de linguística da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, onde atua nas áreas de fonética, fonologia e sociolinguística.

OS USOS DA UNIDADE LEXICAL INTELIGÊNCIA NAS PÁGINAS DA GAZETA DE LISBOA

Mariana Giacomini Botta (UNESP)
marianabotta@gmail.com
marianabotta@yahoo.com.br

A história da Europa no século XVIII é marcada pela existência de reis absolutistas, conquistas e invasões de territórios, exploração de colônias e revoluções políticas e sociais que possibilitaram o início da configuração do mundo como se conhece hoje. A popularização da imprensa, com o início da publicação de gazetas em diversas localidades, ampliou o acesso às notícias sobre as relações entre governos, antes restrita a cartas e editais públicos. Na *Gazeta de Lisboa*, primeiro jornal impresso em língua portuguesa, lançado em 1715, eram relatados prioritariamente acontecimentos políticos e militares de toda a Europa e Ásia, mas também das colônias europeias na África e na América. Uma das principais características do vocabulário desta publicação, no que diz respeito às relações entre as nações, é o emprego da unidade inteligência ora como sinônimo de "entendimento", ora com o sentido de "disposição", "(boa) vontade", o que se distancia do seu uso atual mais comum, como "faculdade de conhecer, compreender e aprender", ou seja, a "capacidade mental que permite o aprendizado". Como uma das tarefas da lexicologia é, segundo Barbosa (1990, on-line), o exame da carga ideológica das palavras e das relações do léxico com os universos natural, social e cultural, propõe-se o estudo dos usos da unidade lexical inteligência nas páginas da *Gazeta de Lisboa*. O objetivo é descrever o conteúdo ideológico que motivou a opção pelo uso de tal unidade. Ao procurar articular as duas faces (não incompatíveis) do funcionamento da unidade lexical – a "palavra na língua", em nível abstrato, e a "palavra em discurso", vista no eixo sintagmático (BRANCA-ROSOFF, 1998, p. 12), opta-se por uma lexicologia em perspectiva discursiva, onde o significado da palavra não é centralizado nela mesma, mas resulta das suas aplicações no uso da língua.

OS USOS SOCIAIS DA LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS SOCIAIS DE LETRAMENTO

Oswaldo Barreto Oliveira Junior (IFBA)
osvaldobojr@yahoo.com.br

Uma ideia bastante difundida nos estudos linguísticos contemporâneos, defendida, a priori, por Mikhail Bakhtin (1992), diz respeito ao caráter dialógico da palavra, pois, segundo os estudos que se fundam no sociointeracionismo da linguagem, toda palavra comporta duas faces: procede de alguém que, através da interação verbal, se dirige a outro(s) interlocutor(es). Nesse contexto, as construções linguístico-discursivas tornam-se concretas mediante a interação que se efetiva nos círculos sociais, haja vista que os usos da língua são determinados pelas necessidades de comunicação social. Por essa razão, visamos discutir neste artigo o conceito de letramento, dialogando com os estudos de Ângela Kleiman (1995), Marcos Bagno (1999 e 2002), Luiz Antônio Marcuschi (2001) e Magda Soares (2004 e 2007), a fim de refletir sobre os usos sociais das tecnologias do ler e do escrever. Nessa reflexão, direcionamos nossa curiosidade científica para a teoria das práticas sociais de letramento, discutindo-as com base no fenômeno da interação verbal proposto por Mikhail Bakhtin (1992). Para exemplificar essas práticas sociais de interação com a leitura e a escrita, utilizamos, como referências, o filme *Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles, e o programa *Correspondente Difusora*, veiculado pela Rádio Difusora Acreana. Palavras-chave: Letramento, Práticas Sociais de Letramento, Interação Verbal. O.B.S.: O valor indicado no campo (Pagarei por esta inscrição) diz respeito a esta proposta de comunicação oral e à participação na mesa redonda presidida pelo professor Urbano Cavalcante.

OVÍDIO CRÍTICO LITERÁRIO

Edison Lourenço Molinari (UFRJ)

Ovídio foi banido de Roma por Augusto, devido à publicação da *Arte de Amar*, obra considerada contrária à moral romana. Na esperança de obter o perdão do imperador, escreveu os cinco livros dos *Tristia* e os quatro livros das *Pônticas*. O poeta argumenta que seus versos são destinados às cortesãs e não às matronas romanas. Além disso, inúmeros autores celebraram o amor, sem nunca terem sido punidos por tal motivo. Este assunto é abordado exaustivamente na elegia única do segundo livro dos *Tristia*. Nela são mencionados autores gregos e latinos, desde Homero até os representantes do século de Augusto, que se inspiraram no amor. Ovídio omite discretamente os poetas vivos, quando esta elegia foi elaborada. São também enumeradas várias manifestações artísticas vinculadas à mesma temática que os limites adotados neste trabalho não nos permite analisar.

PADEIRINHO DA MANGUEIRA: A ESTÉTICA DA LINGUAGEM DO MORRO

Juliana dos Santos Barbosa (UEL)

julibarbosa@hotmail.com

"Quando derem vez ao morro, toda a cidade vai cantar": os versos da canção de de Vinícius de Moraes e Tom Jobim já anteviam a força da cultura da periferia. Neste artigo vamos analisar sambas de Padeirinho da Mangueira. Sua principal matéria-prima como criador musical foi a linguagem do morro. Compôs mais de 300 sambas que, com originalidade, abordaram os falares e saberes da favela, exaltaram a sua Escola de Samba e retrataram o cotidiano do subúrbio carioca. As composições de Padeirinho foram gravadas por grandes nomes da música popular brasileira. Sem nunca ter frequentado a escola, a estética da sua linguagem é resultado da sensibilidade de fazer do mundo uma grande sala de aula.

PALAVRA EM DIACRONIA IMAGÉTICA NO ENSINO DA LÍNGUA

Maria Suzett Biembengut Santade (UERJ)

suzett.santade@gmail.com

Este texto propõe apresentar as relações imagético-diacrônicas que podem estabelecer-se entre a palavra e a arte. O estudo apresenta-se em três momentos: (1) avalia diacronicamente a transformação estética da arte que tem como suporte a Teoria Semiótica de Peirce para entender o valor das representações das imagens; (2) busca a compreensão da arte contemplativa à perceptiva no intuito de observar a evolução do sentido das palavras por meio das características dos con textos de cada época analisada; e, (3) estuda as transformações que sofrem a(s) palavra(s) na multiplicidade pictorial da evolução do tempo nos escritos pessoais por meio de cartas, ilustrados pela produção de imagem. Este estudo intenta usar a arte em sua gama pictorial para compreender as variações e mudanças significativas das palavras, valendo-se de recortes visuais e textuais para o conhecimento e o ensino da língua em visual metodologia contemporânea. Palavras-chave: língua; palavra; arte; diacronia.

**PARA UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DAS REGRAS DE USO DO HÍFEN
SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Paula Curty Werneck (UFF)

pwerneck22@gmail.com

Tendo em vista a implementação da nova ortografia da língua portuguesa e a conseqüente preocupação dos professores e estudiosos da língua em se adaptarem às mudanças propostas pelo Acordo Ortográfico, pretendemos, através da metodologia didático-pedagógica descrita no texto "Atitude Molar e Atitude Molecular, duas formas de organizar conteúdos em geral" (SILVA, 2010), propor uma organização das Bases XV, XVI e XVII, no que diz respeito ao emprego do hífen, que privilegie a aprendizagem e a retenção deste conteúdo proposto pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

PEDRO NAVA - O PINTOR DE PALAVRAS

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)
edinapanichi@sercomtel.com.br

A presente comunicação tem por objetivo analisar a utilização de linguagens visuais em diálogo com a página escrita na construção textual do memorialista Pedro Nava. Ao descrever uma paisagem, o autor, na busca de melhores efeitos cromáticos e luminosos, lança mão de seu conhecimento sobre pintura e artes em geral, explorando os inúmeros matizes numa tradução intersemiótica da cor à escrita, trabalhando a língua em sua figurabilidade. Em várias passagens de suas memórias, Nava coloca em confronto telas de autores famosos e a paisagem local que descreve. As telas funcionam como âncoras de sustentação da forma plástica que envolve imagens sinestésicas e jogos de luz e cor a partir da busca da verdade, no plano do real, com o objetivo de seduzir o leitor com o caráter cinematográfico e plástico das descrições. A escrita funciona, para Pedro Nava, como a composição de cenas de um filme em que, auxiliado pelas paisagens rememoradas, capta o movimento pelas palavras.

PELA TEORIA DA ICONICIDADE VERBAL NO ENSINO DA LEITURA

Ana Cristina dos Santos Malfacini (UniFOA)
Darcília M. P. Simões (UniFOA)
anamalfacini@hotmail.com

Repetir que o ensino da leitura é problemático, nada mais é do que repetir o óbvio. Professores estão desestimulados: as salas de aula estão cheias, e a remuneração é baixa. Os alunos chegam à escola cada vez mais despreparados para o mundo da leitura: originam-se de ambientes alheios à sua prática, não convivem com livros, revistas ou jornais, por conseguinte, não se mostram interessados no conteúdo das aulas. Não obstante, há docentes que tentam fazer de seu trabalho um diferencial. Buscam novas dinâmicas, fazem cursos, procuram (na universidade) teorias científicas que deem suporte à sua prática pedagógica. Adaptam-nas às escolas, muitas vezes sem condições mínimas de trabalho. Afinal, é possível ensinar alguém a ler, no sentido stricto? Existe uma metodologia capaz de tornar um estudante proficiente em leitura de sua língua materna ao final do ensino médio? Imaginamos que essas perguntas sensibilizem qualquer professor de Língua Portuguesa que já tenha passado por momentos de reflexão sobre seu ofício. Para responder a essas questões, veremos como tem sido a formação dos egressos do curso de Letras, o que tem apontado para algumas práticas (ainda) arcaicas de tratamento com o texto, muito embora a Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Semiótica, entre outros campos do conhecimento, já nos ofereçam subsídios para um trabalho sócio-interacionista com o ensino de leitura (cf. BAKHTIN, 2003; GERALDI, 2003; MARCUSCHI, 2008). Nesse sentido, pretendemos, ao final dessa investigação, apresentar algumas respostas que possam minimizar nossas aflições, tornando mais eficientes as aulas de leitura em língua portuguesa. Em destaque, gostaríamos de salientar a instrumentalização semiótica do professor, para que lhe seja possível operar no eixo do desenvolvimento das ações extralinguísticas, visando a encaminhar sua formação para uma dimensão multimídia e transdisciplinar. (SIMÕES, 2001 e 2003).

PÉROLAS NEGRAS DE GREGÓRIO DE MATTOS

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)
ruymar1@gmail.com

O trabalho tem por objetivo apresentar alguns poemas que exaltaram as musas de ébano de Gregório de Mattos, principalmente em sua estada no recôncavo baiano. Trata-se de poesias mescladas por características profanas, fesceninas, eróticas, sensuais, satíricas, maledicentes, e até mesmo líricas, em que o poeta, nesse hinário ciroulo, canta as qualidades, os defeitos, as características físicas e morais, enfim, de toda a coleção de amantes que por ele passaram naquela sua fase de vida paradisíaca. Citam-se, grosso modo, as seguintes: Bartola, Brites, Filena, Joana Gafeira, Custódia, Francisca, Tona, Úrsula, Zabenona, que o encantaram até a volúpia.

**PLURALIDADE: A LITERATURA ENVOLVIDA NO ENSINO DOS DIREITOS HUMANOS
NAS ESCOLAS E NA IGUALDADE SOCIAL. CULTURA INDÍGENA**

Adriana Fidelis Silva (UFJF)
adrianafideliss@hotmail.com

A literatura abrange a ideia especial de poder consagrar a pluralidade existente no mundo. Esta ideia tomada como especial define o fator ilimitado de todas as coisas e o holismo onde tudo é interligado a tudo. A proposta deste trabalho é de procurar, por meio da literatura, o alcance da capacidade de reconstruir a beleza do ser humano como sendo ser humano. Reforça também a ideia de um ensino sobre Direitos Humanos como um processo de reconstituição histórica e reivindicação dos direitos, atingindo assim uma igualdade social plena. A literatura pode apresentar a inclusão das sociedades indígenas, que são elas, palavras, frases, músicas, danças, tradições, rituais que reúnem lindos dizeres envolvidos no significado de ser humano. O pensamento indígena aborda uma igualdade infinita e que nós não somos donos da terra e sim a terra é que é nossa dona. Esse pensamento que une homem e natureza reforça a ideia da igualdade tão bem colocada pelos índios. "As diferenças vão fortalecer a relação democrática." O reconhecimento do que se identifica por literaturas vem a se encaixar perfeitamente ao que diz os índios, ao que manifesta suas palavras e canções como um ensinamento que deve ser anunciado para as crianças e os jovens aprendizes. É necessário que haja nas escolas o ensino dos Direitos Humanos e neles o reforço da igualdade. A educação é a centralização para o desenvolvimento da constituição, sendo ela um direito humano e promissor. Deve haver no ensino essa necessidade de dar centralidade à proteção dos direitos e o valor da igualdade e de uma forma bastante sensorial e que pode dar certo. A literatura proporciona essa façanha: Poesia, música, cultura. Somos todos uns só.

PNBE: IMPLEMENTAÇÃO, IMPACTOS E SOCIALIZAÇÃO

Luciane Manera Magalhães (UFJF)
Gillian Mariana Luciano (UFJF)
Simone Borrelli Aschtschin Marinho (UFJF)
Rita de Cássia Barros de Freitas Araújo (UFJF)
lucianemanera@gmail.com

A desigualdade na distribuição de bens culturais faz gerar políticas públicas de incentivo à leitura, como é o caso do PNBE (Programa Nacional de Bibliotecas Escolares), o qual propõe a distribuição de acervos de livros às escolas públicas do país. Não obstante ser um programa importantíssimo pelo fato de alimentar as bibliotecas escolares e possibilitar o real acesso a obras de qualidade aos alunos brasileiros, ainda não é amplamente conhecido no meio escolar. Constatamos, por meio de uma pesquisa exploratória, que um número considerável de professores ainda não conhece o programa. Apesar dos livros chegarem às escolas e em suas respectivas bibliotecas, geralmente são alocados nas prateleiras, sem mesmo que o professor se dê conta de sua chegada e das orientações que os acompanham. Pretendemos responder, neste trabalho, questões concernentes aos impactos, modos de implementação e socialização do PNBE, no cotidiano escolar. Pautamo-nos na análise de 1038 questionários aplicados a professores de 87 municípios mineiros, participantes do curso de formação continuada Pró-letramento/Alfabetização e Linguagem.

POESIA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA E SEUS (DES)LIMITES

Meirilayne Ribeiro de Oliveira (UFG)
meirilayne.oliveira@gmail.com

Poesia infanto-juvenil brasileira e seus (des)limites Meirilayne Ribeiro de Oliveira (UFG) Goiandira de Fátima Ortiz de CAMARGO - Orientadora Palavras-chave: poesia infanto-juvenil, leitura, formação de leitor Leitores experientes se surpreendem com poemas destinados a crianças que ultrapassam um esperado discurso infantil na percepção do mundo, alcançam as questões universais do homem e propiciam a identificação de leitores de qualquer idade. Daí faz-se necessário repensar a classificação de literatura infantil e juvenil que historicamente constituiu-se como um limite a partir do mito da inferioridade do leitor implícito na obra. Neste sentido, este trabalho parte da concepção de Iser e Jouve sobre leitura como atividade de interação entre texto e leitor; Calvino, Turchi, Zilberman, Lajolo e Shavit sobre os elementos da poesia e literatura infantil para identificar os índices textuais que lhe garantem valor estético também quando lida por adultos. Para tanto, analisamos os autores referência no percurso histórico de formação do cânone da literatura infantil até a poetisa contemporânea Roseana Murray.

POLIFUNCIONALIDADE DO VERBO FICAR

Hugo Leonardo Ornellas de Paiva Chagas (UFRJ)

Marcia Machado Vieira (UFRJ)

hugoie-9@hotmail.com

Pretende-se descrever, à luz de aporte teórico funcionalista, aspectos relativos à natureza multifuncional do verbo ficar, com base em textos do Português Brasileiro escrito e falado. Entende-se que ficar, além de comportamento (semi)auxiliar, revela produtivamente outros empregos instrumentais no Português, como, por exemplo, o de verbo-suporte e o de verbo copulativo, que ainda necessitam ter suas propriedades descritas. Assim sendo, objetiva-se analisar os diversos empregos desse item verbal na língua, para, então, examinar, mais detidamente, as predicções em que ele se liga a um constituinte não verbal com caráter predicante. Na Gramática Funcional de Dik (1997), há referência à categoria cópula suporte para os casos de predicções que envolvem um constituinte predicante não verbal acompanhado de verbo cópula. Sabe-se que, na literatura linguística (por exemplo, nas gramáticas de Moura Neves (2000) e Mateus *et alii*, 2003), as categorias verbo suporte e verbo cópula designam conjuntos de itens instrumentais com papéis e propriedades diferentes. Não obstante, também se observa que, por vezes, ocorrem usos de ficar que não permitem uma nítida identificação quanto ao caráter de verbo cópula ou suporte, cogitando-se, para esses casos, a possibilidade de um estatuto híbrido de cópula-suporte numa análise categorial que pressupõe uma rede de relações de similaridades e dessemelhanças no continuum de gramaticalização verbal. Sendo assim, tenciona-se avaliar a configuração das construções com o verbo ficar, seu estatuto multifuncional e, em consequência, a pertinência dos limites envolvidos nas categorias verbais previstas para dar conta deste. Em suma, espera-se, com esta pesquisa, possibilitar uma descrição de extensões de sentido/uso de ficar que permita uma visão sobre esse item que tenha maior sintonia com o que de fato se verifica no discurso.

PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Débora Marinho Guerra (UERJ)

debbieguerra@globocom

O trabalho objetiva apresentar brevemente o novo projeto do Licom (Línguas para Comunidade/Uerj) voltado ao ensino de Português para Estrangeiros. A pesquisa está baseada nas percepções das aulas do primeiro semestre do curso, além de se basear nos estudos da autora deste trabalho.

**PRÁTICAS DISCURSIVAS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
UM INTERCÂMBIO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA**

Ana Maria Pires Novaes (UNISUAM / UNESA)

profananovaes@hotmail.com

Na sociedade contemporânea urbana em que vivemos, um mesmo falante representa vários papéis sociais e, ao interagir com os mais diferentes interlocutores, varia sua linguagem de um registro para outro, dentro das necessidades comunicativas da situação oral ou do contexto escrito. Enquanto prática social, a língua deve ser pensada em contextos de uso, visto que um complexo conjunto de fatores sócio-interacionais, cognitivos, pragmáticos e linguísticos determinam a constituição do enunciado. Tendo em vista o constante dinamismo da linguagem, deve o professor reorientar sua prática pedagógica e redefinir a metodologia de trabalho no sentido de promover, principalmente nas atividades de produção de textos, tanto orais quanto escritos, situações autênticas de uso da linguagem. É objetivo deste trabalho discutir a relação que se estabelece entre oralidade e escrita no continuum tipológico dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2001; 2004) não só para determinar especificidades como também para observar as interfaces entre as duas modalidades da língua. Será discutida, ainda, a necessidade de redimensionamento do ensino de língua materna de modo a familiarizar o aluno, gradativamente, em seu processo de escolarização, com estruturas mais complexas de nosso idioma e capacitá-lo para a leitura e produção de textos mais formais, exigência, cada vez maior, das sociedades letradas.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O MUNICÍPIO DE NOVA FRIBURGO-RJ

Iomara Barros Dantas da Silva (UFRJ)

iomarabarros@hotmail.com

Paulo Márcio Leal de Menezes (UFRJ)

Beatriz Cristina Pereira de Souza (UFRJ)

O município de Nova Friburgo localizado na região serrana do Estado do Rio de Janeiro foi colonizado em 1818 por imigrantes suíços e, posteriormente reforçado pela chegada de imigrantes alemães; além disso, italianos, espanhóis, libaneses, japoneses e inúmeros migrantes brasileiros também foram atraídos para Nova Friburgo. Este trabalho, em andamento, está inserido no projeto "Geonímia do Rio de Janeiro", em desenvolvimento pelo Laboratório de Cartografia (GeoCart) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem por objetivo principal a aquisição da geonímia de Nova Friburgo-RJ, visando analisar a sua estrutura histórico-geográfica. Busca-se também organizar os nomes geográficos analisados para futura inserção destes no Banco de Dados Espaço-Temporal da Geonímia do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia consistiu na extração dos nomes geográficos de mapas atuais e pretéritos georreferenciados do espaço geográfico friburguense, a fim de que possam ser avaliados na escala espacial e na escala temporal (coordenadas geográficas). Posteriormente, por meio de diversos levantamentos bibliográficos, foram feitas comparações entre os geônimos atuais e os encontrados em mapas antigos e pesquisados os seus significados. É notório ressaltar que este trabalho encontra-se em fase de desenvolvimento. Mais adiante, pretende-se consolidar a estrutura histórico-geográfica dos geônimos desse município a partir de análises de novas fontes bibliográficas e documentos cartográficos correlacionando com a atual organização sócio-espacial de Nova Friburgo-RJ. Palavras-chave: Geonímia, Geografia e estrutura histórico-geográfica

**PRODUÇÕES COLABORATIVAS DE NARRATIVAS
EM FORMULA FICTION E VARIAÇÃO DE LINGUÍSTICA EM AMBIENTE WIKI**

Robsônia Ribeiro de Sá (CEFET/MG)

Jerônimo Coura-Sobrinho (CEFET/MG)

robsoniasa@yahoo.com

A realização de trabalhos em grupo tem sido alvo de observação e questionamento de professores ao longo da vida escolar, bem como também tem sido a linguagem utilizada por estudantes que utilizam ambientes virtuais para elaboração de trabalhos. Todavia, nem sempre tem sido fácil avaliar trabalhos realizados em equipe, especialmente quando se busca estimular a participação e a contribuição de cada membro na realização da tarefa. Nesse sentido, o uso de CSCL, *Computer Supported Collaborative Learning*, que oferece ambientes virtuais de aprendizagem capazes de acompanhar a produção de cada aluno, como os ambientes *Wiki*, contribui para que o professor acompanhe e avalie a participação do aluno, de forma sincrônica ou não, tanto da produção do grupo quanto da produção individual do componente. Em produções colaborativas em *wiki*, alunos trabalham para a realização de um texto comum, em documento único. Esse ambiente virtual *on-line* proporciona, de onde quer que seja acionado, espaço para discussão de ideias, negociação de funções e mediação crítica de propostas, que são registradas a cada acesso feito ao *wiki* de trabalho. Esta pesquisa visa a investigar as interações entre os componentes de equipes de trabalho no decorrer da produção de tarefas realizadas nesse ambiente virtual. Optou-se pela escolha da produção de uma narrativa no modelo de uma *formula fiction* pela necessidade de mediações que esse tipo de produção propõe, exigindo cooperação, respeito à opinião do outro e o compartilhamento de informações para a escolha dos caminhos que os autores devem seguir para a realização eficaz da tarefa. Também a observação da produção textual em ambientes não presenciais e as escolhas linguísticas dos usuários dos diversos campos de interação existentes no ambiente *wiki* possibilitou a análise de escolhas dialetais a partir das relações ocorridas entre os membros do grupo.

**PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
PARA EDUCANDOS SURDOS**

Jaqueline Nunes da Fonseca Cosendey INES

jaquecosendey@bol.com.br

Giselly dos Santos Peregrino (INES)

gisellyperegrino@globocom.com

Verônica de Oliveira Louro (UERJ)

veolivlouro@hotmail.com

A partir de nossa experiência no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), discutiremos algumas propostas no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Apresentaremos materiais trabalhados em sala de aula, problematizando a complexa questão do ensino dessas disciplinas para alunos surdos. A maioria dos educandos surdos sente-se familiarizado com o não verbal. Por conseguinte, podemos torná-lo familiarizado também com o verbal a partir do não verbal. O resultado esperado é torná-lo leitor e, para isso, é importante ter consciência da necessidade de uma prática que os clame, os faça interagir, que tenha significado para eles. Desvalorizar o não verbal em detrimento do verbal é recusar um possível ponto de encontro entre o educando surdo e o texto literário e/ou não literário. Possibilitar a experiência da leitura é fazê-lo tomar consciência de que está em uma sociedade leitora que escreve livros, cria textos, produz legendas para filmes, entre outras atividades.

QUALIDADE DO ENSINO DEPENDE DA HISTÓRIA DE VIDA – A NARRATIVA BIOGRÁFICA

Sidney Bernardo (UPM)

sidber@uol.com.br

O presente artigo trata da qualidade do ensino e sua inter-relação com a História de Vida - A Narrativa Biográfica, principalmente, sua influência na Didática e quando a ênfase é a Licenciatura Plena, nos cursos ou programas de Formação Pedagógica para Professores. A produção de um texto original contendo a História de Vida ou Biografia, no qual o discente deve focalizar as razões de sua escolha pela docência, assim como os itinerários percorridos em toda a sua trajetória profissional até o presente, entendemos que contribui efetivamente para a qualidade do ensino e das aulas ministradas durante o processo ensino-aprendizagem. Nos últimos anos, no campo das ciências humanas, têm sido intensos os investimentos em pesquisa sobre a qualidade do ensino, uma vez que esta é considerada a responsável direta pela formação de profissionais do ensino. A qualidade do ensino, nos seus diferentes cursos, quer seja da Educação Básica ou da Educação Superior oferecida é, sem dúvida, um dos grandes desafios encontrados pelos gestores educacionais e pelas políticas governamentais. O discente, como cliente imediato dessa prestação de serviço educacional, é quem mais sente na pele os reflexos da qualidade no ensino que lhe é oferecido. Esta qualidade está diretamente ligada à sua participação no cotidiano escolar, ao seu interesse em sua própria formação e à participação efetiva do processo ensino-aprendizagem, às aulas que lhe são ministradas, ao desconforto experimentado com o que paga e o que recebe, no convívio diário com o docente e também nas informações que lhe são transmitidas e na aplicação dessas mesmas informações que deverão propiciar a autoavaliação, que o discente faz da realização pessoal e/ou profissional ser transformadas em conhecimento. Todo o trabalho educacional desenvolvido pelo docente e discente brota da reflexão sobre a sala de aula: processo de ensino-aprendizagem e das instituições de ensino: espaço de "inter-ações". Compreender como o ensino se relaciona com a aprendizagem e os diferentes enfoques deste processo; como a prática docente encerra uma visão de mundo, de sociedade, de cultura, de educação; a importância de tornar relevante a aprendizagem para que ela se torne significativa e a sensibilidade para perceber que ela ocorre também fora da escola são aspectos do estudo do processo de aprendizagem que não podem ficar isolados, quando se pesquisa a questão da qualidade de ensino. Interessante perceber que no processo de ensino-aprendizagem tudo o que o discente aprende na relação com o docente e com o grupo-classe, bem como todo o processo de aprendizagem, realiza-se pelo relacionamento interpessoal muito estreito entre discentes e docentes, discentes e discentes, docentes e docentes, enfim, entre discentes, docentes e gestores. Criam-se, assim, possibilidades de sucesso (ou de fracasso) do processo ensino-aprendizagem.

RECURSOS ESTILÍSTICOS NA MPB: ARY BARROSO

Afranio da Silva Garcia (UERJ)
afraniogarcia@gmail.com

A obra de Ary Barroso, de marcado valor cultural e popular, apresenta traços estilísticos, semânticos, sintáticos e fônicos, dignos de nota. O objetivo deste trabalho é apresentar a variedade e a profusão de recursos estilísticos presentes na obra de um dos nossos maiores compositores, estando vinculado ao projeto Seminário permanente de Estudos Brasileiros, de valorização, divulgação e pesquisa da produção cultural de qualidade eminentemente brasileira.

REESCRITURA DE LIVROS DE COMPROMISSO MINEIROS SETECENTISTAS

Fábio César Montanheiro (UFOP)

Os Livros de Compromisso – estatutos de irmandades religiosas leigas – foram, em muitos casos, reescritos ao longo do século XVIII. Esse trabalho de reescritura não visava à reprodução de um estatuto em vigência para obtenção de cópias; visava, sim, à atualização de seu conteúdo quando a irmandade constatava estar seu *Compromisso tão falto de Estatutos necessários ao bom governo*, como alegaram os irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mariana, por volta de 1735. Em considerável parte dos casos, o Compromisso era todo reelaborado, apresentando o manuscrito resultante desse trabalho remissão ao livro anterior; houve, porém, casos em que, à antiga versão do Compromisso, acrescentavam-se novas disposições estatutárias. Entre os manuscritos compromissais preservados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana e no Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora de Pilar do Ouro Preto, verificam-se essas duas formas de reelaboração, que serão apresentadas neste trabalho.

REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA E ARGUMENTAÇÃO

Monica Alvarez Gomes das Neves (UNIRADIAL)
Edna Vieira Carvalho (UNIRADIAL)
Lucas Medrado da Silva (UNIRADIAL)
magneves@terra.com.br

Este trabalho constitui um estudo das estratégias de referenciação anafórica, considerando especificamente, para tanto, a nomeação como uma operação discursiva de anáfora que retoma um processo ou estado expresso por uma proposição através de um SN (sintagma nominal), consoante Apothéoz & Chanet (2003), a partir de redações de alunos de algumas unidades Estácio Uniradial. Assim, em linhas gerais, espera-se identificar as possibilidades argumentativas dispostas no processo de nomeação e sua contribuição (da nomeação) para a coesão e a progressão referenciais.

REFLEXÃO SOBRE A RIQUEZA LINGÜÍSTICA – POSTURAS DA ESCOLA

Denise Correa de M Acedo (UniFOA)
denisecorreau@gmail.com

Este trabalho discute a abordagem do Português Padrão e Não Padrão na escola. A função básica da escola é fazer com que o Português Padrão (PP) seja apresentado para os falantes do Português Não Padrão (PNP) onde forma que eles tenham fluência na forma escrita e falada, nos diversos níveis de formalidade. As maiores críticas por parte de Marcos Bagno tem procedência no que diz respeito ao trato que é dado aos alunos falantes do PNP. Não se ensina Português respeitando as diferenças. Ensina-se Norma Padrão com preconceito linguístico. A questão do preconceito linguístico é indiscutivelmente grave, mas é antes uma questão social, na qual o ambiente didático apenas reflete. O mineirês, o carioquês e o paulistanês por mais prósperos e culturalmente desenvolvidos que sejam estes estados, não constituem o padrão de maior prestígio social e sofrem igualmente preconceito. A questão maior da prática pedagógica, com relação ao ensino do PP e ao demérito do PNP, está no fato de os professores de Português se verem na responsabilidade de levar o PP para os alunos. As escolas, mais especificamente os professores de Português, encontram-se numa situação difícil diante desta questão. Os responsáveis por passar adiante o PP, no qual a força centrífuga da variação está empurrando as regras, também estão tendo de abrir espaço para o PNP.

REFLEXÃO SOBRE O OBJETO DE ENSINO DO PORTUGUÊS

Adriano de Souza Dias (FEUDUC)
Antônio José Lopes de Abreu (UNIGRANRIO)
adrianodias.com@hotmail.com

Sabemos que o ensino tradicional da língua portuguesa tende a ser repetitivo e inoperante. Não se deve basear o ensino, prioritariamente, na nomenclatura e nomeação dos termos, como se quiséssemos formar juristas, e não fluentes da língua, com a capacidade de ler, escrever e interpretar. Há, no ensino tradicional, inúmeras regras que devem ser decoradas, intermináveis e intrincados exercícios de análise gramatical com dúvidas acerca de sua importância e função. A nossa proposta com este artigo é mostrar, com base em renomados autores, como Luiz Carlos Travaglia, Carlos Alberto Faraco e Irandé Antunes, que é possível tornar o ensino interessante e funcional, sem tornar os alunos reféns de regras complexas e sem uso prático. Se o professor pretende ensinar, por exemplo, pronome, geralmente começa por selecionar as definições e classificações desta classe, passa inúmeros quadros com vários pronomes e suas respectivas flexões. O aluno precisa saber o emprego, não há nada de errado nisso, o problema que se estabelece é a obrigatoriedade em se memorizar os aludidos pronomes, sem torná-los um instrumento para a construção textual, sem trabalhar as relações semânticas, sem mostrar as implicações existentes entre estes e os termos anafóricos ou catafóricos, tão essenciais na produção do texto. Dessa forma, é necessário refletir sobre o ensino gramatical em sala de aula, identificar as formas inoperantes de ensino e propor um estudo visando a ampliar a competência do aluno para o exercício, cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, a fim de formarmos falantes do idioma em potencial, e não somente repetidores de regras que nada lhe acrescentam, enquanto sujeito de uma língua.

**REFLEXÕES SOBRE CRIME E JUSTIÇA:
UMA LEITURA DE O DIA DA CORUJA E A CADA UM O SEU DE LEONARDO SCIASCIA**

Gisele Maria Nascimento Palmieri (UERJ)
giselepalmieri@yahoo.com.br

Reflexões sobre crime e justiça: uma leitura de O dia da coruja e A cada um o seu de Leonardo Sciascia Gisele Maria Nascimento Palmieri Mestranda em Literatura Comparada IL/UERJ Professora Dra. Délia Cambeiro - orientadora Este trabalho propõe um estudo comparativo entre o romance O dia da coruja (1961) e A cada um o seu (1966) do escritor italiano Leonardo Sciascia (1921-1989). Nas obras apontadas para estudo, pretende-se analisar como o contexto histórico da constituição do estado italiano interferiu na sua narrativa, investigando de que maneira a utilização do gênero policial em ambas as obras se articula com as consequências da formação da nação da Itália. Quando da publicação, em 1961, de Il giorno della civetta (O dia da coruja), Leonardo Sciascia, que, desde 1952 já publicara títulos significativos, ganhou ainda maior notoriedade. Nesta obra, de cunho criminal, já prefigurava o estratagemas de fechar seus romances sem aparente conclusão. Com isso, dominou uma técnica em que amalgamava tanto a narrativa ficcional quanto o ensaio político-filosófico. Essa técnica transitaria, portanto, entre o romance-ensaio e o policial propriamente dito, mas sempre com epílogos que sinalizam ao leitor a incerteza, a impossibilidade de se conhecer plenamente a verdade e a justiça, frente ao poder de qualquer ordem. Nos títulos propostos, encontram-se indagações, não apenas de natureza criminal, mas, essencialmente, reflexões sobre a força do poder político e econômico que, tantas vezes, não permitem o desvelar da verdade sobre um crime. Seus livros são agudas advertências quanto à justiça, à ética, à democracia e, especialmente, à condição humana face ao poder.

**RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO MIDIÁTICO:
PROPOSTA DE ANÁLISE PARA UM EDITORIAL DA REVISTA CAROS AMIGOS**

Daniele de Oliveira (UFMG)
danieleoliveira@yahoo.com

O desenvolvimento dos meios de comunicação, a multiplicação dos gêneros televisivos, radiofônicos, da imprensa escrita e da internet tornaram a comunicação e a manipulação da linguagem um fenômeno inquestionável. A análise de qualquer um dos novos (e/ou dos antigos) gêneros passa inevitavelmente pelo problema da intenção de influência e da persuasão. O sujeito atual, cada vez mais, se posiciona, reage diante dos fatos do mundo à sua volta. Pode-se dizer, então, que a atitude desse sujeito retórico demonstra uma natureza político-social de envolvimento com o mundo em que vive. O objetivo desta comunicação individual é, pois, refletir sobre as estratégias argumentativas discursivas encontradas em um editorial da revista Caros Amigos (Os bem-educados, dezembro de 2007). Para tanto, considerar-se-á os postulados da retórica clássica, além de alguns dos trabalhos modernos sobre a questão da

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

argumentação, que oferecem uma visão teórica da argumentação e da lei de passagem: a Nova Retórica (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1988]) e o modelo desenvolvido por Toulmin (2006 [1958]). Conhecer o discurso é, pois, conhecer a sociedade que ele reflete, suas tradições valores e crenças. Está claro que a ideologia e as relações de poder são marcas do discurso de um modo geral e não apenas do editorial de uma revista impressa. No editorial da revista Caros Amigos, assim como no discurso da mídia de um modo geral, as reflexões propostas não ocorrem aleatoriamente. Pode-se identificar um jogo estratégico que pode induzir o leitor a agir em uma dada direção.

RETÓRICA E ESTILÍSTICO NO JORNALISMO DO SÉCULO XIX

José Alcides Ribeiro (USP)
Márcia A G Molina (UNISA)
Angélica Moriconi (UNISA)
magemol@yahoo.com.br

Nossa proposta nesta mesa é mostrar as seções que compunham o jornal brasileiro no século XIX e, dentre essas, discorrer sobre a crônica e o discurso, em especial, gêneros bastante lidos pela sociedade brasileira na época. Por meio das crônicas, célebres escritores, muitas vezes, ocultos sob pseudônimos, teciam severas críticas à sociedade, à política, ao Estado brasileiro que começava a se consolidar. Por meio dos discursos, primeiramente proferidos em público, jovens políticos, auxiliavam a formar a consciência política dos cidadãos. Analisaremos nesses gêneros o estilo de seus autores e as estratégias retóricas utilizadas seu discurso, apoiando-nos na Análise do Discurso de Linha Francesa, em especial em Van Dijk e Bahktin.

REVELANDO DIFERENÇAS SINTÁTICAS ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ESPANHOL EM UM CORPUS DE MANCHETES JORNALÍSTICAS

Cintia de Andrade Nunes (UFF)
Paulo Antonio Pinheiro Correa (UFF)
cintaxe@gmail.com

O estudo da distribuição das funções informativas, como a dicotomia tópico x comentário (Halliday 1967) pode revelar uma diferença na organização de línguas consideradas próximas, como o português brasileiro (PB) e o espanhol. Este trabalho explora comparativamente a dinâmica da interação entre voz verbal e funções informativas em PB e espanhol por meio do estudo de manchetes e notícias a elas associadas, veiculadas em jornais online brasileiros e argentinos. Assim, esta análise busca levantar diferenças sintáticas relevantes que podem refletir os princípios que determinam a organização sintática de cada uma das línguas envolvidas, no que se refere à dinâmica da interação entre funções informativas e voz verbal. Um dos resultados iniciais da pesquisa pode ser observado no exemplo abaixo, que mostra um mesmo assunto, veiculado em dois diferentes jornais, um argentino e outro brasileiro: (1) PB: Juiz espanhol Baltasar Garzón vai ser julgado por prevaricação (O Globo, 07/4/2010) (2) Espanhol: Ø Procesaron al juez Garzón por investigar los crímenes de Franco (Processaram o juiz Garzón por investigar os crimes de Franco) (*Clarín*, 08/4/2010). O emprego de um tópico de papel temático [paciente] no exemplo (1), do PB, levou à utilização de uma passiva sintática na manchete do PB. A comparação com (2), do espanhol, mostra que a expressão do tópico foi dispensada na manchete em espanhol (o que aparece representado por Ø). Ao não haver tópico na manchete em espanhol, o elemento que no PB era topicalizado, no espanhol aparece como objeto em uma construção. Como o trabalho levantou vários casos similares, isso poderia ser um indício de uma estruturação tópico-comentário nas manchetes do PB (uma tendência dessa língua, como mostra Pontes 1987), que não se manifesta nas manchetes do espanhol, constituindo uma instância de diferença na estruturação das funções informativas em uma e outra língua.

REVISTAS FEMININAS CONTEMPORÂNEAS: A QUEM SE DESTINA?

Flávia Cassino Esteves (UERJ)
Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)
flavinface@gmail.com

Visando a contribuir para os estudos da iconicidade lexical, elegemos as revistas femininas como cópulas desta comunicação e nelas estudamos a construção da imagem do público-alvo – a leitora – a partir de um estudo semiótico-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

co da seleção lexical. Observando as funções icônica e indicial dos itens léxicos levantados, procurou-se construir tabelas ilustrativas nas quais ficassem evidentes as marcas que desenham uma mulher-objeto, fútil, não-politizada, ingênua etc. Com esse estudo, pretende-se demonstrar uma análise produtiva que pode ser realizada com outros *corpora*, adequando a abordagem ao nível de aluno com que se pretende trabalhar. Ademais, é possível construir um perfil das revistas em análise, com vistas a desenvolver a capacidade de leitura crítica não apenas nos alunos, mas também no público-alvo desse suporte.

ROMANCES E PAISAGENS EM DIÁLOGO: MODOS DE VER, DE SENTIR E DE DIZER

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas (UERJ)
igquelhas@gmail.com

Esta comunicação focaliza no discurso ficcional a construção da paisagem, priorizando-se dois romances: Terra fria, de Ferreira de Castro, e S. Bernardo, de Graciliano Ramos; ambos publicados na década de 30, em Portugal e no Brasil, respectivamente. Com forte diálogo com a política, os romances tecem representações do homem e da terra, ultrapassam os limites do realismo ao captar o particular e o universal, problematizando o conceito de literatura regional ou regionalista. Ocorre nesses dois romances uma preocupação em dar voz a homens e mulheres viventes em terras inóspitas, frias e agrestes, que parecem rejeitar o humano. Aos leitores é dado conhecer tais paisagens inóspitas pelo discurso ficcional, outra forma de se viver com os outros, um senso de comunidade potencializado pelo estético, mas não nele esgotado.

ROMÉU E JLIETA E O LEITOR DO SÉCULO XXI: O CINEMA COMO FERRAMENTE METODOLÓGICA DE PRÁTICA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Glória Elena Pereira Nunes (UNISUAM)
gloriaelena@globo.com

A questão da prática de leitura em sala de aula, para qualquer profissional que atue no Ensino Médio, se revela, ao mesmo tempo, um desafio e um constante repensar. Desafio porque o mundo contemporâneo nos trouxe, nas palavras de Michèle Petit, a noção de "utilidade da leitura" e o consequente questionamento, por parte dos alunos, da praticidade efetiva da leitura em suas vidas. Repensar por que cabe ao professor buscar novas formas de conquistar estes alunos e fazer deles leitores, em um século bombardeado por imagens e no qual o apelo de outras mídias torna o livro, a princípio, um objeto que teria de justificar o seu lugar na vida destes leitores em formação. É justamente nesse ponto que o cinema pode entrar como um grande aliado. Por ser uma arte que recupera a experiência coletiva de leitura e por exigir do espectador a competência do significado da imagem que a ele é apresentada, o espectador torna-se um colaborador, uma "parteira", nas palavras de Christian Metz, que ajuda na construção do significado da imagem fílmica. Nesse sentido, pretendemos, neste trabalho, sugerir práticas pedagógicas que associam a leitura do texto à leitura da imagem, a partir da experiência de leitura da peça "Romeu e Julieta" em turmas de 1o e 2o anos do Ensino Médio, no primeiro semestre de 2010, em uma escola particular do Rio de Janeiro, aliada à exibição das adaptações de 1968 e 1997 para a peça e do filme "Shakespeare Apaixonado". Vale lembrar que o texto shakespeariano, por si só, já apresenta uma interação com o leitor em passagens pontuais, como o prólogo e o epílogo, além do coro e suas adaptações, de certa forma, conservam essa interatividade. Assim, essa experiência de leitura nos levou a refletir sobre o cinema como uma poderosa ferramenta na formação de leitores, por conter o mesmo tipo de jogo com o espectador que o texto literário estabelece com o leitor.

ROTULAÇÃO METADISCURSIVA INTERPOSTA

Wagner Alexandre dos Santos Costa (UFF)
Vanda Cardoso de Menezes (UFF)
wagnerasc@bol.com.br

A proposta desta comunicação é divulgar pesquisa em desenvolvimento sobre "rotulação metadiscursiva". Nossa atenção concentra-se em determinados rótulos que focalizam a atividade enunciativa, realizando conexão e organização textual, além de direcionar a avaliação do leitor sobre o ato de comunicação. Privilegiamos textos jornalísticos (notícias e reportagens) como espaço de observação de uma estratégia textual-discursiva que consiste no uso do rótulo metadiscursivo com dupla referência paralela: uma retrospectiva e outra prospectiva. Essa ocorrência do rótulo

(para nós interposto) particulariza-se por operar mediação entre uma paráfrase (na retrospecção) e uma citação direta (na prospecção). Ou seja, nosso recorte se dá sobre ocorrências que emergem simultaneamente no texto e se especificam por: a) realizar uma referência em dois movimentos simultâneos: um de retrospecção, outro de prospecção, dando enfoque à atividade enunciativa, conectando e organizando o discurso escrito. b) fazer menção a um segmento do texto, qualificando-o metadiscursivamente como ato de fala (afirmação, declaração...), atividade linguístico-cognitiva (descrição, explicação...), processo cognitivo (análise, reflexão...) ou denominação metalinguística (frase, sentença, pergunta...) (Cf. FRANCIS, 1994; Jubran, 2003). c) anaforizar, na retrospecção, uma paráfrase; na prospecção, uma citação direta. Enfim, o contexto teórico desse trabalho é o que enfatiza uma abordagem linguística interacionista discursiva. Nela, os processos de referenciação são considerados como construção de objetos de discurso e de negociação de modelos de mundo. Assim, situamos nossas bases em autores como Mondada (2003), Francis (1994 e 2003), Kock & Marchuschi (1998) e Jubran (2003 e 2005).

SÃO AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS UMA CLASSE HOMOGÊNEA?

Ilson Rodrigues da Silva Jr (UFSC)

irsjr@yahoo.com.br

Expressões idiomáticas (doravante EIs) costumeiramente são consideradas expressões sintaticamente rígidas, que não admitem composicionalidade. Nesse sentido, as EIs podem ser consideradas itens lexicais. Contudo, uma EI como, por exemplo, "mexer os pauzinhos" pode apresentar caráter composicional e variabilidade sintática. O que permite algumas EIs apresentarem a característica de variabilidade sintática? Neste trabalho, são discutidas duas noções fortemente relacionadas às Expressões Idiomáticas: a) a noção de convencionalidade como uma característica principal das expressões idiomáticas (NUNBERG, 1994) e b) a noção de transparência semântica (GLUCKSBERG, 2001) como requisito para uma variabilidade sintática das EIs.

SELEÇÃO VOCABULAR E ADEQUAÇÃO TEMÁTICA: QUESTÕES ESTILÍSTICAS

Morgana Ribeiro dos Santos (UERJ)

Dulcineia Rodrigues (UERJ)

Darcilia Simões (UERJ)

morgribeiro@bol.com.br

A partir da análise de duas letras de música do gênero forró safado, pretendemos demonstrar a relevância do estudo do léxico como fator determinante do estilo. Partindo da premissa de que o vocabulário é um filtro para as visões de mundo, preparamos um levantamento e uma classificação dos itens léxicos que constituem a ambiguidade e funcionam como orientadores/desorientadores da mensagem musical. Essa abordagem visa a estimular o trabalho didático com o texto musical e, ao mesmo tempo, desmitificar a exploração de letras de música com duplo sentido. Entendemos que o trabalho com letras de música constitui-se em estratégia produtiva para as práticas didáticas de língua portuguesa.

UM ESTUDO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM J.J.VEIGA

Eleone de Assis Ferraz (UERJ)

Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)

darciliasimoes@gmail.com

As expressões idiomáticas, segundo a teoria fraseológica, estão associadas a uma estruturação linguística que procede da construção cultural de uma comunidade de falantes e que leva a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes da estrutura (KRIEGER; FINATTO, 2004). Como o propósito de tratar do potencial icônico das expressões idiomáticas, presentes na obra de José J. Veiga, que são parte da cultura da comunidade linguística brasileira, a presente comunicação embasada na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009) procura captar o projeto comunicativo que subjaz os textos veiguanos. Para tanto, far-se-á a discussão de: (1) o potencial icônico das expressões idiomáticas nos textos-córpus; (2) a forma carnavalizante e fantasiosa de expressar a realidade por meio das expressões idiomáticas; (3) as expressões idiomáticas representar o jeitinho brasileiro de enfrentar os percalços da vida e (4) as tipologias das expressões idiomáticas presentes na obra de José J. Veiga. A investigação busca o entendimento dos textos veiguanos a partir do rastreamento dos processos cognitivos acionados pela iconicidade das estruturas fraseológicas.

**UM ESTUDO DIALETOLÓGICO: REGISTRO E APURAÇÃO ESTATÍSTICA
DE FATOS LINGÜÍSTICOS EM QUATRO MUNICÍPIOS DO LITORAL DO BRASIL**

Márcia Regina Teixeira da Encarnação (USP)
maregi@usp.br

Atualmente, a Linguística, inserida em novos paradigmas, focaliza a língua como realização concreta, heterogênea e multifacetada e se preocupa em estudar a fala, como realização individual da língua pelos falantes. Nessa primeira década do século XXI, a globalização, produto da informatização que está em todos os lugares, configura-se como uma séria ameaça às diferenças, às minorias étnicas e socioculturais e aos saberes locais e regionais. Esse fator acaba despertando uma nova consciência a respeito da valorização das identidades culturais e linguísticas, promovendo, assim, o reconhecimento dos saberes tradicionais, uma vez que, necessariamente precisam ser conhecidos e resgatados. Acrescentando um fato a outro - a preocupação em estudar a fala e a urgência em fazer o registro de dados que daqui a pouco já estarão apagados na memória dos falantes - faz-se cada vez mais necessário o estudo dialetológico, pois é esse que traz, como interesse maior, o estudo da diversidade da língua, dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala. O método utilizado pela Dialetologia, a Geolinguística proporciona aos estudos dialetológicos um percurso seguro para a recolha dos dados e para o registro deles nos cartogramas e posteriormente nos atlas, em que se pode visualizar a distribuição das formas linguísticas no espaço geográfico em estudo, revelando implicações socioculturais e civilizatórias. Graças às pesquisas de cunho lexical, pode-se ver como vivem as palavras, como lutam para sobreviver; como morrem muitas vezes pelo choque com outras, como viajam de um lugar a outro, quais são os principais focos de irradiação, quais são os caminhos de difusão que seguem, quais os obstáculos naturais ou artificiais que as detém entre outros. Esse minicurso pretende mostrar os caminhos percorridos para a concretização desse estudo em quatro municípios do litoral de São Paulo e ainda fazer uma apuração estatística dos fatos linguísticos encontrados, baseando-se nos postulados da Linguística Quantitativa de Muller e em seus estudos relativos à Estatística Lexical.

**UM ESTUDO DISCURSIVO ACERCA DO USO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA
EM ATIVIDADES DE TRABALHO EM TURISMO**

Erica de Cassia Blatt da Silva (CEFET/RJ)
kiablatt@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é discutir crenças e expectativas de alunos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do CEFET/RJ- UnED Petrópolis, relacionadas à escolha do curso e seu desenvolvimento e ao papel atribuído à língua estrangeira em atividades profissionais de Turismo. Buscamos assim, problematizar a complexidade das relações entre linguagem e trabalho, nos campos de atuação profissional e formação acadêmica, e a relevância do uso da língua estrangeira, em tempos de "globalização". Nosso quadro teórico se pauta numa perspectiva discursiva da linguagem voltada para a compreensão de práticas sociais (DAHER, 2007), articulamos a concepção dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2000) aos estudos enunciativos de Dominique Maingueneau (1997; 2002). A geração de dados se deu através de uma abordagem enunciativa de enfoque qualitativo, com questionários aplicados aos alunos do terceiro período. Os resultados parciais apontam para heterogeneidade em relação às respostas dos mesmos. Os alunos enfatizam a necessidade da língua estrangeira para as atividades profissionais do turismo, se pautando em crenças construídas no diálogo com discursos do mundo dos negócios que afirmam a importância da língua estrangeira como facilitadora da comunicação, fator de qualidade do trabalho, indicador de cultura, forma de propagar o turismo, e, em alguns casos, pré-requisito para o trabalho.

UM OLHAR SOBRE OS COMPLEMENTOS VERBAIS: ROCHA LIMA, A NGB, A SALA DE AULA

Tânia Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ)
taniamnlc@gmail.com

A Nomenclatura Gramatical Brasileira teve como objetivo maior simplificar e unificar os termos utilizados na classificação dos fatos linguísticos nos diferentes campos de estudo da língua portuguesa. Se, por um lado, essa unificação trouxe inúmeros benefícios ao ensino, especialmente no nível médio, por outro acarretou uma série de distorções, decorrentes da simplificação extrema. O objetivo do presente trabalho é contrastar as mudanças trazidas pela NGB e a postura defendida pelo professor Rocha Lima em relação aos complementos verbais, buscando levantar alguns dos problemas existentes, bem como estabelecer encaminhamentos didáticos no tratamento do assunto. A clareza e a sensibilidade linguística dos estudos de Rocha Lima evidenciam-se na atualidade, dado o tratamento que al-

guns gramáticos contemporâneos dispensam aos pontos defendidos pelo velho e respeitável mestre, de ontem, hoje e sempre.

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO SUFIXO NOMINALIZADOR -URA EM PORTUGUÊS

Ana Carolina Mrad de Moura Valente (UFRJ)
anacmrad@gmail.com

Este trabalho possui como tema central a análise histórica do sufixo -ura, formador de nomes em português. Pretendemos fazer essa análise de cunho histórico do afixo em questão de modo a verificar se a sua acepção primária, ou seja, a ditada pelos dicionários etimológicos, condiz com que é atualmente apresentada pelos gramáticos em geral. Objetivamos, assim, tentar atingir o seu significado prototípico a fim de localizar as mudanças semânticas que ocorreram ou não ao longo da história deste afixo, descrevendo, da melhor forma, o processo de sufixação em questão. No que faz referência à metodologia adotada para coleta de dados de tal pesquisa e análise histórica, iremos buscar ocorrências em dicionários eletrônicos como Houaiss (2002) e Aurélio (2006) verificando a data de entrada do vocábulo nesses meios de consulta a fim de melhor controlar a produtividade do processo. Em um segundo passo, já de posse dos vocábulos registrados pelos dicionários supracitados, partiremos para uma busca lexical em dicionários etimológicos a fim de verificar a entrada dos mesmos. Em seguida, faremos uma comparação com o significado que hoje é atribuído a este afixo de modo a verificar se houve uma mudança semântica ao longo da história deste afixo. Pretendemos, por fim, com este trabalho, analisar um sufixo pouco analisado na literatura morfológica a fim de ampliar os conhecimentos linguísticos nesta área.

**UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA NO CORDEL CONTEMPORÂNEO:
O CASO ISABELA**

Geraldo José da Silva (UEMS)
gera.silva@terra.com.br
Raymundo José da Silva (UEMS)

Os eventos discursivos registrados na história apresentam circunstancialmente um não dito, ou seja, sempre advêm de outros discursos já manifestados sócio-historicamente. Dessa forma, as cenas enunciativas trazem em seu bojo uma possibilidade interdiscursiva de análise. Fatos históricos acontecem a todo momento e representam a realidade do homem a seu tempo. Com isso, entra em foco a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD) que muito contribuiu para o processo de interpretabilidade do texto. Neste trabalho, será apresentada uma possível análise do texto “*Homenagem à pequena Isabela* (Henrique César Pinheiro, Fortaleza, 24-4-2008)” cuja estética gráfica corresponde aos moldes formais da Literatura de cordel atual. Por isso, balizamos nossos estudos na ótica de como o texto diz o que diz. Para tanto, lançamos mão dos recursos analíticos da AD, principalmente do quesito interdiscursivo que o texto proporciona em sua composição. O objetivo deste trabalho é fazer uma analogia temático-discursiva do episódio que abalou a opinião pública, o caso da garota Isabela, explorado em forma de espetáculo pela mídia. Elegemos como aporte teórico para nossa análise autores como Bakhtin (1995), Pêcheux (1995), Orlandi (2006) e outros.

UMA PROPOSTA DE EDIÇÃO PARA BAHIA LIVRE EXPORTAÇÃO, DE JUREMA PENNA

Isabela Santos de Almeida (PPGLL/UFBA/IF BAIANO)
Rosa Borges dos Santos (PPGLL/UFBA/IF BAIANO)
izzalmeida@gmail.com

Bahia livre exportação, de Jurema Penna, destaca-se da literatura dramática produzida na Bahia, durante a ditadura militar. Trata-se de um roteiro para espetáculo no qual a dramaturga apresenta um panorama da história da cultura baiana, incluindo no tecido textual obras de autores consagrados da literatura e da música brasileira. O referido texto foi submetido à censura em seus dois testemunhos, de 1975 e de 1976, e encenado nesses anos. O exame da situação textual aqui encontrada aponta para um evidente processo de mudança do e no texto, prestando-se, assim, ao desenvolvimento de uma edição crítica. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de edição para o texto Bahia livre exportação, na tentativa de estabelecer um texto crítico, representativo de um "estado" eleito pelo editor, bem como discutir a metodologia da Crítica Textual Moderna aplicada ao texto teatral, tecendo uma reflexão a prática editorial mediante as situações textuais encontradas.

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Juliana Pereira dos Santos (UFF)

julijuba@gmail.com

O presente trabalho pretende apresentar uma proposta de metodologia para o ensino de acentuação gráfica segundo as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, consideraremos fundamental o estudo da prosódia em Português e dos princípios norteadores da ortografia portuguesa. Para fundamentar nosso propósito utilizaremos como corpus de análise o texto oficial do acordo ortográfico de Língua portuguesa de 1990 e a proposta de Silva (2007) para uma melhor organização dos conteúdos disciplinares. Neste sentido apresentaremos os conceitos "molar" e "molecular" utilizados por Silva (2007) para representar duas atitudes adotadas pelo ensino na transmissão de conteúdos, a primeira corresponde a uma nova abordagem metodológica, a segunda diz respeito ao ensino tradicional e prescritivo das disciplinas escolares. Nossa intenção, ao sugerir uma nova proposta metodológica para o ensino de acentuação gráfica, é tornar esse mais rentável e eficaz para a aprendizagem e retenção do referido conteúdo pelo aluno de língua portuguesa.

UMA VISÃO LEXICOGRÁFICA SOBRE O DICIONÁRIO MULTILÍNGUE

Victor Hugo Barbosa Ramalho (UFMG)

victor_marvintm@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo analisar a macro e a microestrutura do dicionário multilíngue e discutir alguns de seus verbetes para corroborar a ideia de que este tipo de publicação deveria ser concebida unicamente para tratar de elementos de âmbito terminológico, já que apenas nessa área que se poderia estabelecer uma relação de equivalência muito próxima a de uma correspondência absoluta entre as unidades linguísticas da língua de origem e as das línguas alvo. Na maioria dos dicionários multilíngues, a definição de um vocábulo é realizada por meio da inserção de unidades léxicas que seriam equivalentes em determinados idiomas e, desta forma, a tentativa de se trabalhar com vocábulos do cotidiano neste tipo de obra lexicográfica ocasionaria uma série de problemas, uma vez que, geralmente, não são levadas em conta várias questões importantes como os possíveis casos de sinonímia, homonímia e polissemia nas definições apresentadas. Como se pôde observar através da análise de vários exemplos problemáticos, tomando como base as relações de equivalência propostas por Werner (1982), apenas no domínio terminológico de um grupo linguístico específico, se poderia encontrar conjuntos de significantes que correspondam exatamente a um mesmo conteúdo em várias línguas diferentes, uma vez que a tarefa de listar em um dicionário multilíngue todas as possibilidades de tradução de uma unidade léxica nas distintas línguas em qualquer contexto seria praticamente impossível.

USO DE ANTROPÔNIMOS NAS SOCIEDADES FLUMINENSE E PARAENSE

Maria Lucia Mexias-Simon (USS)

mmexiassimon@yahoo.com.br

A escolha de prenomes vem se mostrando cada vez mais criativa e diversificada, em prejuízo de critérios religiosos, de homenagens e, até mesmo de eufonia. Esse fato demonstra crescente individualismo do brasileiro, e, ao mesmo tempo, uma ilusão de que, adotando-se um nome "americano" o nomeado será transportado, ao menos ideologicamente, ao "american way of life". Revela perda de autoestima nacional, enquanto os nomes tradicionais portugueses são tidos como nomes de "pobres". As combinações são insólitas, reunindo nomes totalmente criados a nomes religiosos, para que não se percam nem a proteção extraterrena, nem o direito a originalidade. Será demonstrado ocorrer esse fenômeno no Norte e no Sul do Brasil.

USO DE ANTROPÔNIMOS NAS SOCIEDADES PARAENSE E FLUMINENSE (2ª PARTE)

Miriam Machado Fernandes (USS)

mmexiassimon@yahoo.com.br

Os nomes pessoais são, com muita frequência, considerados como sendo algo mais que casos de convivência social. A escolha do nome para o recém-nascido e o ritual do registro são levados na mais alta conta, em inúmeras

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

sociedades, da antiguidade aos dias de hoje. "Se, antigamente, o nome era uma coisa viva, por estar pleno de significação, são hoje desprovidos de qualquer sentido, podendo, no entanto, tornarem-se instrumento de poder e de coerção. Adquirem vida própria dependendo da herança cultural, social e financeira de quem os têm e impõem-se como meio de força àqueles que, desavisadamente, estorvam a passagem dos indivíduos que nomeiam."

USO DE ANTROPÔNIMOS NAS SOCIEDADES PARAENSE E FLUMINENSE (3ª PARTE)

Camila Lisbôa Maximiano (USS)
mmexiassimon@yahoo.com.br

O estudo do nome próprio de pessoa está sendo, hoje, não apenas privilégio da filosofia, mas de outras áreas do conhecimento humano, como a psicologia a psicanálise, a semiologia. Na verdade a distinção entre nomes próprios (de pessoa, de lugar etc.) e os nomes comuns é, aos olhos da linguística, artificial, porque, na sua origem remota ou não, os nomes próprios eram nomes comuns. A única distinção real e concreta estaria na perda do "significado em benefício do "referente". Os nomes próprios pouco nos lembram hoje os sentidos que despertavam outrora na sua origem, ficaram 'petrificadas'; apenas conservando o som com esvaziamento do "sentido".

USO DE ANTROPÔNIMOS NAS SOCIEDADES PARAENSE E FLUMINENSE (4ª PARTE)

Michele Carvalho Rosa (USS / UFPA)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Os nomes fazem parte integrante do que se apresenta ao outro. Fazem parte, portanto, da máscara. Aderem a seus portadores, confundindo-se, assim, nomes e nomeados, fato nem sempre levado em conta no ato da escolha dos nomes, ao menos em nossa cultura. Procura-se uma suposta eufonia, uma homenagem nem sempre devida e da qual, às vezes, o nomeador se arrepende. Normalmente, carrega-se o nome pela vida inteira, restando o recurso a alcunhas, abreviaturas, na tentativa de suavizar um nome não muito agradável. Frequentemente, em vão buscamos encontrar justificativas para escolha de tal ou qual nome, pela grande quantidade de nomes criados pelos genitores, no desejo de originalidade.

USO DE ANTROPÔNIMOS NAS SOCIEDADES PARAENSE E FLUMINENSE (5ª PARTE)

Marília de Fátima Ferreira (USS / UFPA)
mmexiassimon@yahoo.com.br

O nome próprio pode ser considerado apenas uma sequência fônica, destituída de significado um índice, ou mesmo um pronome com nome comum. Em situações reais, uma sequência com j/o/z/é será tudo que se quiser atribuir: o diretor-da-escola, o-homem-que-passeia-com-o-cachorro, inclusive uma vaga relação com nome tipicamente brasileiro, o pai de Jesus Cristo etc. Acrescentam-se variações que vão de Exmo. Sr. Dr. José Pereira a Zeca, Zezé etc. A cultura permite as associações, a fala permite esses recursos, o j/o/z/é, ao mesmo tempo, pluralizado e polisêmico, unívoco e plurivalente. Na sua utilização ganha, assim, o nome próprio uma concretização, se é que já não a possuía.

USO DE ANTROPÔNIMOS NAS SOCIEDADES PARAENSE E FLUMINENSE (6ª PARTE)

Cleide de Oliveira Monteiro Arantes (USS / UFPA)
mmexiassimon@yahoo.com.br

O problema das relações entre nomes próprios e comuns não é o da relação entre significação e denominação. Significa-se sempre, seja ao outro, ou a si mesmo. Nunca se nomeia, antes, classifica-se o outro, se o nome que lhe é dado é função das características que possui; ou classifica-se a si próprio, quando acreditando-se dispensado de seguir uma regra, nomeia-se o outro, livremente, ou seja, em função do gosto e da personalidade de quem nomeia. E, na maior parte das vezes, fazem-se as duas coisas ao mesmo tempo. Cada um revela, através de sua escolha, o caráter de suas preocupações e os limites de seu horizonte.

O objetivo desta apresentação é despertar reflexões acerca da presença indispensável e efetiva do fenômeno da variação linguística nas aulas de Português, buscando um diálogo com os docentes, para que aquelas se (re)instalem mais significativamente. Como modo de abordar tal fenômeno, escolhemos a via do texto literário, o conto, pelo seu modo de explorar a linguagem nas diversas potencialidades e por sua brevidade, buscando despertar nos estudantes a consciência de que cada variedade é regrada, tanto a padrão quanto a não padrão, e que, portanto, não há variedade superior a outra, de modo a combater e diminuir manifestações de preconceito linguístico. É o professor, em sala de aula, o orientador do processo de educação linguística, cabe a ele abordar, em todas as atividades de leitura e escrita, a variação, de modo a, inclusive, assegurar o domínio da norma padrão, para que o aluno possa transitar entre as diversas variedades, visando a levá-lo a cumprir e compreender intenções comunicativas, para que se apresente como "um poliglota em sua própria língua", competente linguisticamente. Intentamos, pois, analisar marcas linguísticas da variação e de seus fatores sociais, econômicos, culturais, geográficos e psicológicos no texto literário, para despertar a consciência do alunado sobre o fenômeno. Para tanto, utilizamos pressupostos teóricos de Eugenio Coseriu, Dino Pretti, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Estela Maris Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno. Por fim, elaboramos propostas de atividades significativas que buscam ampliar as potencialidades comunicativas dos alunos e combater o preconceito linguístico.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DE CONSCIENTIZAÇÃO DOS ALUNOS

Terezinha Toledo Melquíades de Melo (UFJF)
temelquiades@gmail.com
Maria Diomara da Silva (UFJF)
Lúcia de Mendonça Cyranka (UFJF)

A presente proposta de comunicação tem como objetivo analisar o nível de conscientização que os alunos do Ensino Fundamental têm em relação à diversidade linguística. Os estudos sociolinguísticos (cf. BAGNO, 2003; BORTONI, 2004; FARACO, 2008 *et alli*), têm como princípio fundamental a heterogeneidade linguística. A língua é, pois, um fenômeno social que se constitui nos diferentes contextos das comunicações humanas. Desse modo, possui variáveis ligadas a fatores como gênero, idade, nível de escolaridade, região etc. A noção de erro linguístico tem como pressuposto a norma padrão, que compreende a língua como um sistema de formas fixas e estáveis, desconsiderando as pessoas que a falam (BAGNO, 2007). Os estudos sociolinguísticos, na escola, ainda são tímidos e, muitas vezes, inadequados. No entanto, a sociolinguística educacional é de extrema importância, pois é a maneira de o aluno tomar consciência da variedade linguística e das relações de preconceito e exclusão que podem ser veiculadas pela língua. Para observar o nível de conscientização dos alunos, realizou-se a presente pesquisa de base qualitativa: um questionário semiestruturado com duas turmas do Ensino Fundamental: 5º e 9º anos de uma escola pública do município de Juiz de Fora (MG). Observou-se que a maior parte dos alunos do 5º ano se considera um bom falante do português em contrapartida a maioria dos alunos do 9º ano não se considera bom falante do português. Além disso, grande parte deles acha que as pessoas "falam errado". Isso leva a perceber que a ideia de falante competente do português está atrelada ao ensino prescritivo da gramática. Outro ponto observado neste estudo é a inexistência de uma pedagogia da variação na escola que leve os alunos à conscientização de sua competência como falantes da sua língua materna.

VARIANTES TÍPICAS DA LINGUAGEM POPULAR EM ALGUNS TEXTOS DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

Brian F. Head (Universidade do Minho)
bhf122333@gmail.com

O present trabalho trata das variantes típicas da linguagem popular que se encontram em alguns dos textos da autoria do Padre José de Anchieta. Além de serem «sentidos» como típicas da linguagem popular por falantes cultos do português moderno, a natureza popular das propriedades identificadas e analisadas neste estudo revela-se das seguintes maneiras: (1) em termos formais, por características morfológicas e/ou léxicas, (2) em termos históricas, pela via de transmissão a partir da fonte de origem etimológica e (3) em termos dialetológicos, pela documentação na linguagem popular regional contemporânea, quer no Brasil, quer em Portugal. É de notar que as variantes consideradas

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

neste estudo ocorrem em determinado tipo de texto da autoria do Padre Anchieta, faltando, porém, em outro tipo de texto, conforme os respectivos destinatários.

VOCABULÁRIO SISALEIRO – A LÍNGUA REVELANDO TRAÇOS CULTURAIS

Celina Márcia de Souza Abbade(UNEB/ UCSAL)
celinabbade@gmail.com

A partir do levantamento lexical de um vocabulário que representa a maior fonte de renda de uma região, denominada região sisaleira, busca-se demonstrar o quanto o estudo do léxico de um determinado grupo, pode revelar traços de sua história e cultura. Através de um estudo lexicológico, poder-se-á estabelecer alguns aspectos da formação lexical do povo em questão. O levantamento de um vocabulário específico da região sisaleira vem trazendo à tona material interessan tíssimo, partindo-se do pressuposto de que essas lexias reservam fatos que delineiam o perfil sociocultural daquele povo. Estes registros foram levantados a partir do estudo de documentos relativos à atividade sisaleira, encontrados no município de Conceição do Coité e adjacências, assim como entrevistas aos trabalhadores envolvidos na atividade sisaleira. Esse estudo justifica-se pelo fato de estar-se fazendo um levantamento estrutural de um léxico específico, no caso, o das lexias relativas à atividade sisaleira, visando uma amostragem desse léxico que até então não havia sido levantado ou estudado. A partir da estruturação destas lexias em campos lexicais, as mesmas serão dispostas em ordem alfabética para a organização do glossário.

SUPLEMENTOS

DISCURSO POLÍTICO: SUJEITO, IDEOLOGIA E PERSUASÃO

Lívia Ferreira Monteiro (UENF)

lferriramonteiro@bol.com.br

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

arruda@uenf.br

Este projeto de pesquisa tem como objetivo estabelecer algumas considerações sobre o discurso político com foco nas teorias em Análise do Discurso de Patrick Charaudeau. Confrontando com o discurso improvisado e espontâneo do atual presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva durante seu mandato eleitoral (2003 até os dias atuais). Pretende-se levantar algumas considerações sobre a construção e manifestação do sujeito político nos discursos e o processo de produção e de interpretação do ato de linguagem. Também serão levantadas as ideologias políticas e a que ela se associa. E para finalizar veremos as formas de persuasão dentro do discurso político. Será usado como corpus de análise do discurso político de Lula e analisada sua construção enquanto sujeito nos discursos proferidos de forma espontânea em suas aparições públicas. Será trabalhada a ideologia do seu governo partindo da análise do slogan central do governo de Lula "Brasil: um país de todos". Finalizando, sua forma de persuadir os brasileiros através de seu discurso político que tanta polêmica causa. A escolha deste tema se deve às polêmicas causadas pelo falar do presidente que é altamente censurado pelos seus discursos, mas foi através da sua fala ele consegue uma popularidade muito grande entre os brasileiros e já venceu duas eleições, apesar da ausência de um nível superior. Isso mostra que sua fala é um dos artifícios que o mantém popular. Não há como ignorar um homem que, mesmo diante de tantas críticas e polêmicas, consegue se manter popular perante os brasileiros. Não se pode negar que sua comunicação é de extrema competência. E é a partir das teorias em Análise do Discurso que tentarei desvendar o que há por traz de um discurso tão polêmico que consegue render ao presidente tamanha popularidade.

**A COESÃO TEXTUAL E A PROGRESSÃO TEMÁTICA
POR MEIO DE SNS ENCAPSULADORES EM REDAÇÕES DE PRÉ-VESTIBULANDOS**

Dayhane Alves Escobar Ribeiro (UERJ)

dayhanepvs@yahoo.com.br

Maria Teresa Tedesco (UERJ)

teresatedesco@secti.rj.gov.br

O presente trabalho adota como corpus as produções de alunos que já concluíram o Ensino Médio e, agora, se preparam para fazer o vestibular. Esses estudantes são oriundos de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro e, atualmente, estão cursando o pré-vestibular do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – SINTUPERJ. Por fazer parte do corpo docente deste curso, como professora voluntária, tive acesso a uma gama de redações, que fazem parte de diferentes exercícios de produção textual cujo objetivo é fazer com que esses alunos possam obter na prática a experiência necessária para fazerem bons textos no vestibular, quando forem solicitados. Assim, a partir da leitura de muitas redações, foi possível selecionar aquelas que atendiam a demanda dessa pesquisa. Entretanto, por se tratar de uma análise específica do fenômeno de encapsulamento anafórico, foi impossível ater-me apenas a uma atividade específica, por isso, farão parte deste corpus, as redações de vários alunos que tratam de temas diferentes. Todavia, cabe ressaltar que a metodologia dessas atividades teve a mesma base em todas as propostas, consistindo na leitura da coletânea (textos de jornais e artigos que tratam do mesmo tema) e produção do texto, conforme acontece nos vestibulares, recentemente. Desta forma, este corpus cuidará da coesão referencial por meio dos encapsulamentos como uma ferramenta que contribui para a progressão temática do texto, veiculando as informações textuais através da retomada e continuidade. Essa manutenção dos dados do texto possibilita a coesão textual – critério de avaliação no vestibular - e enriquece de forma coerente a argumentação que o aluno faz para defender sua tese.

**LEVANTAMENTO LEXICAL DOS ENCAPSULADORES
UTILIZADOS NAS REDAÇÕES DE ALUNOS DO PRÉ-VESTIBULAR**

Dayhane Alves Escobar Ribeiro (UERJ)

dayhanepvs@yahoo.com.br

Maria Teresa Tedesco (UERJ)

teresatedesco@secti.rj.gov.br

O presente trabalho, intitulado como "Levantamento lexical dos encapsuladores utilizados nas redações de alunos de pré-vestibular", afigura-se, pois, como uma contribuição para que docentes e discentes atuais e futuros professores, profissionais das áreas afins e autoridades do ensino repensem a prática pedagógica. As reflexões abordadas a seguir mostram possibilidades atuais sobre a relação entre escola e sociedade, envolvendo a produção textual como uma prática social e não como uma atividade escolar do aluno, ela é cultural e precisa ser adquirida. É bem verdade que este trabalho consiste num capítulo muito mais estatístico do que dissertativo, todavia, pretende-se destacar os dados em análise, como que expandindo o espectro semântico dos sintagmas levantados, ampliando suas referências assumidas no texto. Nesse cenário, constatam-se as características gerais dos textos analisados, tecendo algumas considerações sobre a trajetória desta pesquisa, que contou, inicialmente, com 25 redações selecionadas a partir do critério estrito de atendimento ao tema proposto. O interesse específico por este corpus se deu pelo fato de estas redações aglutinarem duas questões em cuja análise tinha interesse: o tipo de texto argumentativo e o processo de referenciação. Desta forma, para a análise deste material linguístico optou-se por aplicar um tratamento quantitativo aos dados, utilizando a teoria laboviana. Assim, em uma análise preliminar dos dados, este trabalho contribuirá para uma tentativa de "mapeamento discursivo" das possíveis referências existentes nos textos, isto é, um levantamento dos referentes que, por força das distintas propostas temáticas de cada redação, ocorrerão com mais frequência do que outros. Esse levantamento permitirá vislumbrar um provável mecanismo de manutenção da coesão, através do processo de referenciação, contribuindo para a construção do tópico discursivo dentro das partes constituintes do texto. Além disso, com esses dados coletados poder-se-á indagar quais motivos relevantes contribuíram para a escolha desses encapsuladores, descrevendo as duas perspectivas que envolvem a análise em curso, a saber: a visão de cada elemento que compõem uma cadeia de referenciação e a visão da cadeia de referenciação como um todo.

**RELAÇÕES ARGUMENTATIVAS ENTRE ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO
NO ROMANCE *PARTES DE ÁFRICA*, HELDER MACEDO**

Maria Geralda de Miranda (UNISUAM; UFRJ)

mariamiranda@globocom

O presente trabalho tem como objetivo estudar as relações argumentativas entre enunciador e enunciatário, no romance *Partes de África*, do escritor português, Helder Macedo, a partir da análise dos cinco primeiros capítulos do livro. O romance em questão é contemporâneo e, como outros textos produzidos em nossa época, apresenta muitas rupturas, que o faz diferente das narrativas mais tradicionais. Talvez a maneira mais apropriada de fazer a sua leitura é desconfiando do declarado propósito do enunciador, que não deseja que o enunciatário estabeleça um "contrato de identificação" com a história contada, por isso ele vai desmanchando as pistas deixadas no enunciado, para que o leitor possa "chegar só por si às conclusões autorais, previamente determinadas". (MACEDO, p. 39). Outra forma de o ler, como também sugere o enunciador, é vendo-o como um "mosaico, incrustado de espelhos" (*Ibidem*), porque "a grande vantagem dos mosaicos é que as peças podem ser encaixadas em qualquer altura que ficam sempre no seu lugar certo". (*Idem*, p. 43). Os vários modos de organização discursiva e a mistura de gêneros são questões significativas que merecem observação e análise, mas só trataremos dos cinco primeiros capítulos do livro e nestes capítulos o texto se aproxima da forma romance.

A LEITURA NA ESCOLA: O INTERTEXTO COMO FATOR DE INTERPRETABILIDADE

Márcia Leite Pereira dos Santos (UFF, FAETEC e UNIVERSO)

marciaf@infolink.com.br

Diante da tarefa de desenvolver a capacidade interpretativa dos alunos do Ensino Fundamental, o trabalho com textos se torna o centro de discussões pedagógicas e de buscas metodológicas. Aqui, pretende-se, portanto, focalizar a *intertextualidade* como fator precípua de interpretabilidade de textos no desenvolvimento da competência de linguagem (CHARAUDEAU, 2001; 2008) – mais especificamente, da "subcompetência" *semântica*, que diz respeito ao "entorno cognitivo socialmente partilhado" (CHARAUDEAU, 2001), e que abarca tanto um *saber de conheci-*

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

mento (relativo às percepções e definições mais ou menos objetivas advindas das experiências partilhadas, ou de processos de aprendizagem), quanto um *saber de crença* (correspondente aos valores próprios de “opiniões coletivas”). Para isso, serão analisados textos de diferentes orientações genéricas (poemas, peças publicitárias, notícias) a fim de delimitar o percurso desse fator de coerência – a intertextualidade (KOCH, 2002, 2008) – na construção do sentido textual.

O CLEMENS, O PIA, O DULCIS VIRGO MARIA

Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira (UNEB; UCSAL)
jaciaraoliveira@oi.com.br

A ideologia da Idade Média é profundamente marcada pelo Cristianismo e, no século XII, tem Bernardo de Claraval como seu mais fiel representante. Bernardo, monge, político-eclesiástico, filósofo, Padre e Doutor da Igreja, não se limitou ao testemunho silencioso, mas falou, pregou, escreveu. Além do título de “Doctor Melfluus” mereceu também o de “Doctor Marianus”. Os textos do século XII já o chamam “servidor e cantor, devoto da Virgem”. Em seus escritos fica patente a devoção à Maria que ele exalta em prosa e verso, a exemplo da frase que intitula este trabalho e que até hoje ecoa em todos os mosteiros e compõe o texto da “Salve Rainha”. Desse modo, a partir da Análise de Discurso da linha francesa nos moldes de Michel Pêcheux e dos postulados da Nova Retórica de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca pretende-se analisar a mariologia presente na Obra do Abade de Claraval. O *corpus* para a pesquisa são os sermões *In laudibus Virginis Matris* e cartas dirigidas a monjas e outras senhoras da nobreza, escritos em latim por Bernardo de Claraval e datadas do século XII.

A IMPROVISACÃO CÊNICA E A CONSTRUÇÃO DE ROTEIROS COMO INSTRUMENTOS DE APRENDIZAGEM TEATRAL, A PARTIR DO ESTUDO DA COMMEDIA DELL'ARTE

Gislane Gomes Braga (UFMA)
gisagbraga@hotmail.com
Nerine Lobão (UFMA)

O teatro, assim como as demais artes, sempre esteve atrelado ao processo cultural e educacional da humanidade. Dessa forma, tornou-se fundamental a inclusão desta linguagem no espaço de educação escolar. Várias concepções foram formuladas em torno do ensino e da aprendizagem em teatro ao longo dos anos. Dentre estas, destaca-se, atualmente, a proposta triangular, elaborada e difundida no Brasil por Ana Mae Barbosa, que procura articular o “produzir”, o “apreciar” e o “contextualizar” as produções artísticas. Neste sentido, desenvolvemos um processo de aprendizagem teatral com alunos do segundo ano do Centro de Ensino Médio Bernardo Coelho de Almeida, localizada na cidade de São Luís-MA, no qual o “ponto de partida” foi uma das formas mais revolucionárias do teatro mundial: a *Commedia dell'Arte*. A partir de seus elementos estéticos, como o texto e o improviso cênico, experimentamos a linguagem cênica, tomando como base o sistema de jogos teatrais de Viola Spolin, a construção coletiva de roteiros e a elaboração e apresentação de improvisações teatrais. Dessa forma, conseguimos contemplar as proposições que orientam o trabalho de arte-educadores na atualidade enfatizando-se também a leitura e a produção textual.

CURTA NA ESCOLA: UM TRABALHO COM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NAS AULAS DE LITERATURA

Girlene Miranda Baima (UFMA)
girlenebaima@hotmail.com

Curta na Escola: um trabalho com produção audiovisual nas aulas de Literatura Na contemporaneidade, é importante que a Educação Escolar ofereça aos alunos oportunidades de conhecer e aprender por meio de uma das principais linguagens da atualidade: a linguagem cinematográfica. Seu uso, como prática educativa, promove expressivamente o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais. Através da leitura e análise de imagens e de ferramentas utilizadas pelo cinema, o trabalho com essa linguagem, entre outros aspectos, contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporciona à formação do aluno. O projeto Curta na Escola surgiu a partir das aulas de Literatura Brasileira em turmas do 2º ano do Ensino Médio, em uma escola da Rede Pública do Estado do Maranhão, quando os alunos foram incentivados tanto a assistir e analisar produções cinematográficas como também a serem produtores/atores no pro-

cesso de elaboração de um curta-metragem. Para isso, a vida e obra (trechos de poemas, cartas, biografia) do poeta Gonçalves Dias e sua paixão por Ana Amélia serviram de tema central para o roteiro produzido pelos alunos. A partir de tal experiência, os estudantes puderam reproduzir os universos reais e fictícios na tela, simulando contextos e cenários que retratavam valores culturais, históricos e sociais do século XIX, além de serem estimulados à prática da leitura e produção textual de forma criativa, através da linguagem do cinema.

**OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS
NOS SERMÕES DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL IN ASSUMPTIONE BEATAE MARIAE**

Mônica Maria Araujo dos Santos (UNEB)
mmlipe@bol.com.br

Procura-se identificar de que forma as conjunções adversativas latinas orientam nos sermões de São Bernardo de Claraval in assumptione Beatae Mariae para produzirem sentidos. O desenvolvimento do trabalho ocorreu mediante os procedimentos metodológicos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), postulada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Constituiu-se o corpus a partir da versão escrita em latim tardio desses sermões e sua tradução para o português preparada por frei Ary Pintarelli em 1999. Observou-se que as intenções de São Bernardo de Claraval foram linguisticamente construídas com o auxílio das conjunções adversativa latinas, que eram selecionadas de acordo com a estratégia argumentativa.

**NAZIAZENO BARBOSA, UM HOMEM PROFUNDAMENTE CORDIAL
NA OBRA DE DYONÉLIO MACHADO**

Aline Pereira Gonçalves (UERJ)
aline.uerj@ymail.com
Flávio Martins Carneiro (UERJ)
fcarneiro@terra.com.br

Neste trabalho, apresentamos uma leitura de *Os ratos*, de Dyonélio Machado (1935), na qual observamos o protagonista Naziazeno Barbosa a partir da idéia de "homem cordial", trazida por Sergio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936). Mesmo sendo anterior à obra de Holanda, impressiona como a mentalidade cordial é marcante nesse livro tão importante e ao mesmo tempo tão relegado a segundo plano nos estudos de literatura brasileira. No romance, podemos observar, durante as idas e vindas do protagonista em busca do dinheiro que lhe falta para quitar uma torturante dívida, sua postura cordial diante da vida, isto é, a extrema dificuldade que encontra para diferenciar ambientes e relações afetivas daqueles - típicos da cidade moderna - em que devem prevalecer a objetividade e as regras impessoais.

LIBERTAS QUAE SERA TAMEN

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amoscoelho@uol.com.br

Libertas quae sera tamen são as primeiras palavras do hexâmetro latino da primeira écloga de Vergílio, um lema da *Inconfidência Mineira*, episódio da História do Brasil que culminou em 1789, com o enforcamento do líder Joaquim José da Silva Xavier (1746), o Tiradentes. Aconteceu na época da extração do ouro, os poetas Tomás Antônio Gonzaga (1744 -1810), Cláudio Manuel da Costa (1729 – 1789) e Inácio José de Alvarenga Peixoto, o padre Rolim (José da Silva e Oliveira Rolim – 1747 a 1835), dentre outros, se revoltaram em Minas Gerais, contra a opressão da Coroa Portuguesa que exigiu altos impostos para quem encontrasse ouro. Com o lema em tela, a citada elite mineira concebeu o que seria uma nova bandeira brasileira: um triângulo vermelho, circundado com a inscrição *Libertas quae sera tamen*, *Liberdade, ainda que tardia* num fundo branco, mas foram traídos por Joaquim Silvério dos Reis (1756-1829). Hoje a expressão latina é divisa de Minas Gerais e do Acre. Retomar o tema da *Écloga I* é recapitular, se assimilarmos, como metáfora os personagens pastores em diálogo neste passo, a história de muitos povos que foram oprimidos pelo enriquecimento de uns poucos no poder, os quais transformam a vida humana num embate de sobrevivência social; assim, o curso da existência se vive em conflito, como tem sido tão frequentemente no mundo.

O ATO DE NOMEAR: DA CONSTRUÇÃO DE CATEGORIAS DE GÊNERO ATÉ A ABJEÇÃO

Thami Amarilis Straiotto Moreira (UFG)
thaminha.ufg@gmail.com

Todos os corpos são ditos e feitos dentro da cultura e é a linguagem que oferece conceitos e noções do corpo delimitando e regulando o que ele pode ao encaixando em determinadas categorias. Gênero é histórica e contingentemente construído através do discurso. A nomeação identifica os corpos estabelecendo relações entre eles, influenciando as formas do exercício do poder sobre os mesmos. Tendo como base a teoria performativa da linguagem e dos atos de fala de Austin (1976), na qual dizer alguma coisa implica em fazer algo, a nomeação não seria simplesmente uma maneira de identificação e diferenciação de coisas e pessoas. Cada vez que nomeamos trazemos para o objeto nomeado características, assim como o interpelamos posicionando-o de alguma forma e em algum lugar. Os significados sociais que se pretendem deduzir da subjetividade são inscritos nesse ato de nomear. Com a nomeação, uma norma é criada e é através da repetição que ela se fixa na cultura e chega até a parecer algo natural (Butler, 1990). A norma identifica os corpos e estabelece limites, por exemplo, de sanidade e moralidade, e quando um corpo escapa a essa norma é tido como imoral, anormal e ilegítimo, constituindo a abjeção. Butler (1990; 2008) considera a abjeção como o que está fora da legitimidade e do reconhecimento social, ou seja, o corpo que se torna invisível e sem condições de existência. Os corpos abjetos designam zonas in-vivíveis, inabitáveis da vida social (BUTLER, 2008). E se a marcação identitária tem efeito simbólico, social e também material, esses corpos são destituídos de materialidade. E uma vez deslegitimados os corpos abjetos perdem a capacidade de existência porque eles deixam de importar materialidade. A norma regulatória obscurece esses lugares tornando impossível conceber vida neles, pois é como se eles estivessem além do campo do que é humano.

A LINGUAGEM DA DISCRIMINAÇÃO NO TEATRO VICENTINO: FORMA E CONTEÚDO

Larissa Stumpf Schuler (UFF)
larissasschuler@gmail.com
Sebastião Josué Votre (UFF)
sebastianovotre@yahoo.com.br

Muito se tem produzido sobre o teatro vicentino, como síntese da cultura lusitana, na passagem do período medieval para a modernidade. Entretanto, tem sido assistemática a abordagem da obra do autor com foco nos tipos humanos que ele e, por extensão, a sociedade culta da época, discrimina e transforma em objeto de ironia, escárnio e maldizer. O objetivo deste estudo é identificar os tipos discriminados e as atribuições oferecidas por Gil Vicente no processo negativo de discriminação e avaliação. Portanto, enfatizam-se os recursos linguageiros relacionados à adjetivação e à adverbialização. O estudo se enquadra em projeto maior, sobre linguagem e representações sociais sobre os diferentes na idade média, com atenção para cantigas de escárnio e maldizer e teatro vicentino. Os tópicos do projeto maior são recursos evidenciais, construções que suportam essas evidências e processos de qualificação dos julgamentos morais presentes nessas duas linhas de textualização da cultura. Palavras-chave: linguagem, qualificação, discriminação, representações sociais.

PEDIDOS DE DESCULPAS EM ERRATAS DE UMA REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DA PROTEÇÃO DAS FACES DE EDITORES

David Harlyson P. da Silva (UFRN)
harlysonsilva@hotmail.com
Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)
eliaspedrosa@uol.com.br

Este trabalho foi realizado com base no projeto "Estudo discursivo das erratas na mídia impressa: interface entre análise crítica do discurso e pragmática", desenvolvido na UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDITAL UFRN/PROGRAD/PROPESQ/PROEX No 02/2009; código: PIC _ 4143-2010). Sob um olhar da teoria dos Atos de Fala proposta por Searle (1984), o objetivo pretendido é verificar nas erratas de uma revista de Divulgação Científica – a Ciência Hoje (CH) - como é feito o pedido de desculpas por erros informacionais cometidos em edições anteriores ou como os leitores apontam tais erros em cartas enviadas à revista. Primeiros resultados mostram que os editores da CH utilizam recursos discursivos, linguísticos e sociais para protegerem suas "faces" ao se desculparem pelos erros cometidos em suas reportagens, amenizando assim a gravidade desses erros. Palavras-chave: Erratas, Divulgação Científica, Atos de Fala.

Esta comunicação apresenta os resultados de pesquisa sobre orações adjetivas (restritivas e explicativas), introduzidas pelo pronome relativo que, em textos do português arcaico (séculos XIII, XIV, XV), a partir de quatro parâmetros utilizados por Rios (2001): a) informatividade do Sintagma Nominal (SN) atribuído; b) genericidade da adjetiva; c) presença de pausa entre o SN atribuído e a adjetiva; d) inserção de constituintes entre o SN atribuído e a adjetiva ou entre o relativo e a adjetiva. Esses parâmetros permitiram testar a hipótese da mudança do domínio da atribuição (mais acessório e menos vinculado, no caso das explicativas) para o da definição (mais essencial e mais integrado/encaixado, no caso das relativas). Os resultados da pesquisa da autora, bem como os nossos, apontaram para a existência de uma escala de integração de sentido e de forma desse tipo de arranjo sintático.

**NOVA DATAÇÃO PARA PALAVRAS SUFIXADAS EM -MENTO
EM TEXTOS GALEGO-PORTUGUESES DO SÉCULO XIII**

Érica Santos Soares de Freitas (USP)

ericafreitas@usp.br

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais extensa, cujo objetivo principal é estudar, diacronicamente, a formação de palavras do português, com ênfase no processo de sufixação. Nosso trabalho é direcionado ao estudo morfológico diacrônico; nele, observaremos as palavras portuguesas formadas pelo sufixo derivacional -mento (do latim, -men, -mentum) existentes em documentos do século XIII, transcritos por Monteagudo e Boullón no livro "De verbo a verbo" (no prelo). Nesses textos, os autores indicam que o sufixo -mento para formação de substantivos deverbiais é um dos mais produtivos, entretanto não dá a eles um trato lexicográfico, tampouco indica sua existência em dicionários de galego ou de português. No estudo que iremos apresentar, concentrar-nos-emos nesses textos, que "testemuñan un primeiro estadio de constituición dunha escrita romance autónoma" (MONTEAGUDO, 2009), a fim de incluir a datação de algumas palavras no Dicionário Houaiss (2001) e inserir verbetes em sua macroestrutura. Assim, proporemos um novo modelo para a indicação de suas datações, além de incluirmos alguns verbetes na macroestrutura de Houaiss, ainda que possam ser considerados arcaísmos.

COMODIANO: A QUEM DESEJA O MARTÍRIO

Airto Ceolin Montagner (UNIGRANRIO)

airtomontagner@globocom.com

Comodiano, autor latino que viveu no final do século III e inícios do século IV, costuma ser considerado o primeiro poeta cristão. Convertido ao cristianismo por São Cipriano, compôs numerosos poemas contra os gentios, numa época conturbada por disputas religiosas e perseguições. São conhecidas as obras como o *Carmen Apologeticum adversus Iudaeos et Gentes* e a obra *Instructiones adversus gentium deos per litteras versuum primas*. Exemplificaremos a arte de Comodiano através de um poema, em forma de acróstico, que exorta o desejoso de salvação através do martírio a cultivar sua fé. Para o autor, o único ponto válido é a fé cristã, que manifesta mediante imagens e descrições de sincera inspiração, todavia, muitas vezes, de caráter lugubrememente apocalíptico.

**A PRODUÇÃO DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL:
REFLEXÃO E PROPOSTA**

Adriana Barcelos de Souza (UERJ)

dricabrij@yahoo.com.br

Adriana Leite Moreira (UERJ)

adrianaliteral@gmail.com

Ana Lúcia da Silva (UERJ)

analucs7@hotmail.com

Este trabalho pretende discutir o conceito de gênero textual e refletir sobre a maneira que os livros didáticos do Ensino Fundamental (EF) têm, ao longo dos anos, abordado o ensino dos gêneros textuais e suas propostas de produção argumentativa. A motivação desse trabalho está no fato de os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) sugerirem que "a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino" o que nos levou a verificar como os livros didáticos, recomendados pelo MEC, tratam os diferentes gêneros e a refletir no papel do professor ao propor uma produção argumentativa. Considerando a importância desse assunto, desenvolvemos uma pesquisa que envolveu a elaboração de texto argumentativo através de pesquisa e debate sobre um tema proposto. Os sujeitos do estudo foram alunos do 9º ano do EF de uma escola particular de Belford Roxo - RJ. O objetivo foi investigar se o conhecimento e envolvimento no assunto favorecem a produção textual dos alunos com a presença de argumentos e defesa de opinião pessoal. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada em autores que abordam o ensino da produção textual como Bakhtin, Geraldi, Maingueneau e Rodrigues. Os dados da pesquisa são compostos por pesquisa histórica e texto argumentativo dos alunos além dos variados livros didáticos utilizados. Palavras-chave: gêneros textuais, livro didático, ensino de produção textual, texto argumentativo.

OVÍDIO: ELOGIO A UM AMIGO NA URBS, SEGUNDO O LIVRO IV, ELEGIA 5 DOS TRISTIA

Eliana da Cunha Lopes (FGS)

elianalatim@yahoo.com.br

Em nosso trabalho, utilizaremos o Livro IV, Elegia V dos TRISTIA, obra escrita no exílio pelo poeta sulmônense Ovídio, poeta elegíaco do Século de Augusto. Nesta obra, o poeta dirige um elogio a um amigo em Roma. Nos trinta e quatro versos que compõem a elegia, o poeta abstém-se de identificar o amigo para que, segundo nos relata o próprio poeta, não o prejudique com seus versos de agradecimento, elogio e desejos de prosperidade familiar por sua fidelidade a um amigo banido da URBS e que, por este motivo, encontra-se privado de seu convívio físico-sócio-político que detinha na sociedade romana. Pelos elogios e pela firmeza da amizade inabalada descritos pelo poeta sobre o amigo, deduz-se que se trate de Sextus Pompeu.

**OS PANFLETOS DE EULÁLIO DE MIRANDA MOTTA
E O DIÁLOGO COM O SEU DOSSIÊ ARQUIVÍSTICO**

Patrício Nunes Barreiros (UEFS)

patriciobarreiros@hotmail.com

Célia Marques Telles (UFBA)

cmtelles@ufba.br

O arquivo do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) apresenta um conjunto substancial de documentos que se relacionam com a sua atividade literária. Trata-se de documentos manuscritos, datiloscritos e impressos que trazem as marcas do processo de criação do escritor (prototextos); cartas ativas e passivas, estudos temáticos e bibliografias que se relacionam com determinadas obras (paratextos); e documentos iconográficos, tais como fotografias e postais que se vinculam direta ou indiretamente a alguns textos. A pesquisa no arquivo do escritor possibilita identificar relações entre os mais variados documentos e objetos com a sua obra literária. Assim, percebe-se que não apenas o dossiê genético interessa ao pesquisador da obra de Eulálio Motta, mas todo o conjunto dos documentos que compõem o arquivo do escritor, instigando-se a pensar na constituição de um dossiê arquivístico que possa dar conta das relações entre o texto literário e os documentos-objetos do arquivo. Neste trabalho, busca-se, através de dois panfletos de Eulálio Motta, demonstrar como o texto se relaciona com o dossiê arquivístico do escritor.

O DISCURSO SOBRE O 'TRANSTORNO PSICOPÁTICO' NA REVISTA SUPERINTERESSANTE

Raquel Torres Costa Bressan (UFV)
raquel_torres25@hotmail.com
Cristiane Cataldi dos Santos Paes (UFV)

O crescimento de estudos em torno das doenças mentais alicerçadas ao aumento da divulgação científica, atualmente, observa-se a proliferação de consultórios psiquiátricos e psicológicos, além do aumento de estudos nesse campo. Observa-se, portanto, um importante avanço de informações sobre um distúrbio em especial, a Psicopatia, já que, esse distúrbio, quando é acometido em um indivíduo, causa perdas grandes em setores sociais e financeiros e, na maioria das vezes, perdas relacionadas à sociedade, aos familiares e à própria pessoa. Há, atualmente, nos meios de comunicação brasileiros, um intenso debate de ordem científica, jurídica e social dos riscos da não identificação de possíveis portadores da Psicopatia. Assim, nos dias de hoje, percebe-se que a maioria dos dados relativos a esse assunto procede do discurso científico. Esse discurso é de difícil compreensão por parte da população leiga e também vem carregado de ideologias. A partir disso, juntamente com a grande procura do público leitor em melhor compreender o discurso científico, instituíram-se procedimentos que esse discurso se tornasse inteligível para a população em geral. Nesse sentido, fomentaram-se questionamentos acerca de como essas informações são difundidas nos veículos de informação em nossa sociedade, em especial na revista de divulgação científica Superinteressante, tendo em vista que a mesma publicou uma edição extra sobre o assunto. Foi a partir dessas questões que essa pesquisa surgiu já que analisa as informações publicadas na mídia impressa em relação ao 'Transtorno Psicopático' a partir do suporte teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica. Analisa-se como a revista Superinteressante concebe e divulga o conhecimento sobre a temática 'Transtorno Psicopático', identificando procedimentos linguístico-discursivos empregadas neste processo e o modo como contribuem para a (in)formação efetiva do leitor, ou seja, como as informações tratadas podem colaborar para a construção de uma visão, positiva ou negativa, por parte dos leitores da mídia impressa.

DISCURSOS EM TORNO DO BLOG "PETROBRAS FATOS E DADOS"

Luiz Antônio Cavalcanti Monteiro (UVA)
luizantoniocavalcanti@gmail.com

A internet é percebida e definida como um lugar pleno de liberdade, uma área do éter digital onde se pode dizer tudo sobre todos e qualquer coisa, como é possível perceber em comentários de internautas em blogs e textos de sites como o twitter. Trata-se, portanto, de uma fonte rica de discursos para análise, onde as definições de sujeito-autor e sujeito-leitor se confundem na medida da interatividade que a tecnologia permite, uma comunicação em mão dupla que quebra os paradigmas dos discursos oficiais e impostos. Este artigo pretende analisar o conteúdo discursivo de leitores do portal Globo Online (<http://oglobo.globo.com>) sobre a polêmica a respeito do blog "Petrobras Fatos e Dados", que está completando um ano de lançamento. São comentários publicados, à época do lançamento, no blog da jornalista Adriana Vasconcelos (<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/diarioreporter/>), repórter da sucursal de Brasília do jornal O Globo. Na análise, perceberemos claramente como esta liberdade de expressão produz discursos e sentidos carregados de simbologia, ideologia e significados históricos, como slogans nacionalistas e jargões dos anos de chumbo da história brasileira. Lembrando Orlandi (2001), os textos analisados revelam o real da história e mostram como os "homens falam no mundo" (da internet livre, complemento meu). Mais uma prova de que o sujeito, através da língua, toca a história e a reinventa.

**REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO SERTANEJO NA BAHIA
SOB O OLHAR DE EULÁLIO DE MIRANDA MOTTA**

Liliane Lemos Santana Barreiros (UNEB)
lilianebarreiros@hotmail.com

O escritor baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) dispunha em seu arquivo particular de uma produção literária bastante diversificada. Após a sua morte, iniciou-se um processo de preservação, estudo e divulgação da sua obra. Em meio às buscas no espólio eulaliano, encontrou-se uma caderneta de anotações intitulada Bahia Humorística, na qual o autor expressa o seu desejo de publicar um livro de causos engraçados referentes à Bahia. Esses causos são datados de 1933 a 1938 e entre eles destacam-se relatos cotidianos, apreçados por uma linguagem tipicamente sertaneja. Portanto, pretende-se demonstrar no presente trabalho as possibilidades de estudo, a partir da edição di-

plomática desses manuscritos, evidenciando a relevância de se resgatar do anonimato textos que arquivam traços da cultura sertaneja da Bahia.

**ANÁLISE DISCURSIVA DAS PRÁTICAS DE LEITURA
NA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL:
LETRAMENTO ESCOLAR EM FOCO**

Suzana dos Santos Gomes (UFMG)
suzanagomes@gmail.com

Neste trabalho são apresentados os resultados de uma pesquisa sobre a análise das práticas discursivas no ensino de leitura. Os dados foram coletados na segunda fase do Ensino Fundamental em duas escolas da rede pública e analisados numa perspectiva etnográfica e de base enunciativa, inspirada no conceito de compreensão responsiva ativa de Bakhtin (1952-1953/1979) e no arcabouço teórico de Vygostky (1930 e 1934) sobre aprendizagem, desenvolvimento e mediação. Para tanto, foram analisadas as práticas de leitura nas aulas de Português, Educação Artística, Inglês, Geografia, História, Ciências e Matemática, os gêneros do discurso em circulação e os modos de leitura adotados pelos professores. Por meio dos resultados, foram apontados os limites e as possibilidades do letramento escolar e as capacidades de linguagem, ensinadas e aprendidas; foi destacada a demanda por investimentos na formação de professor no campo do letramento, tendo em vista a construção de um projeto de leitura na escola, envolvendo todas as áreas do conhecimento. Também foi ressaltada a emergência de políticas públicas de fomento à leitura no âmbito escolar e extraescolar.

ANALISANDO O DISCURSO DO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA

Antonio Fernando de Souza (UFRJ)
bioantoniofernando@yahoo.com.br

O presente trabalho irá analisar um capítulo de uma obra didática do Ensino Médio, disciplina Biologia, verificando a adequação de seus textos ao que é prescrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esse estudo objetiva comprovar a capacidade da obra avaliada em instrumentar os profissionais da área de Educação na formação de pessoas aptas a entender o mundo onde atuam e a participar, de forma crítica e cidadã, na construção desse mundo. A obra em questão foi dissecada sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC). A avaliação do capítulo escolhido não irá enfatizar os seus aspectos técnicos, próprios do ensino da disciplina Biologia, e sim a pertinência entre textos/exercícios propostos e o que é recomendado nos PCNs. Ao final, restarão evidentes as contribuições da obra estudada na formação de cidadãos portadores de pensamento crítico, conscientes da multidiversidade na qual estão inseridos e partes de um universo que os formam e por eles é formado. A fundamentação teórica do presente trabalho vem dos estudos efetuados na área da ADC (Fairclough, 2001); nos escritos dos pesquisadores da obra bakhtiniana (Faraco, 2009; Fiorin, 2008; Brait, 2008); nas pesquisas relativas às questões da atualidade (Moita Lopes, 2006).

ARBITRARIEDADE DA LINGUAGEM: SAUSSURE E O EMBATE ENTRE *PHYSIS* E *THESIS*

Cícero Barboza Nunes (UFRPE)
ck.nun.es@hotmail.com

Embora seja de grande conhecimento contemporâneo que a arbitrariedade da linguagem seja a ausência de similaridade entre o significante e o significado (SANTAELLA, 2004, p. 128), é possível dizer, contudo que este conceito tem suas origens com os filósofos da antiguidade grega e se mantém até os dias atuais, sendo estudado, principalmente, no Curso de Linguística geral (CLG), pela Linguística moderna. De fato, Platão foi o primeiro pensador a refletir os problemas fundamentais concernentes à língua grega. (WEEDWOOD, 2002 p. 21). Em suas obras são elencadas questões de suma importância para a compreensão da linguística moderna, principalmente em sua obra *Crátilo*, onde há um longo questionamento entre os personagens Crátilo, Hermógenes e Sócrates acerca da justeza dos nomes. Esta hereditária e milenar discussão existente desde a antiguidade grega tem forte impacto na linguística estruturalista representada pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure, que defende que o signo linguístico é arbitrário (CLG, p.81). A partir de um corpus formado com a obra de Platão supracitada e com os escritos atribuídos a Saussure no que se refere à arbitrariedade do signo linguístico, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo comparativo do conceito em questão, revelando, por um lado, uma preocupação metalinguística já existente na Anti-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

guidade e, por outro, a forma como ela comparece em um dos textos fundadores da Linguística moderna. A relevância deste trabalho reside em demonstrar que essa discussão é de tão grande envergadura que se estendeu dos antigos filósofos gregos até a linguística estrutural.

A EXTENSÃO DO USO DOS APELIDOS EM CLÁUDIO

Fernanda Flores Amorim Pereira (UFMG)

fernandaflores25@gmail.com

Evelyne Jeanne Andree Angèle Madeleine Dogliani (UFMG)

evedogliani@yahoo.com.br

Desde os tempos mais antigos, encontram-se registros sobre os antropônimos e sua contribuição na formação da cultura de inúmeros povos, independentemente de sua raça e língua. Sabe-se que os nomes e, até mesmo os apelidos, foram uma maneira encontrada pelos humanos para se organizarem em comunidade, conseguindo distinguir as pessoas da família, de seu grupo, facilitando assim, a identificação de cada um de seus membros.

O objetivo deste trabalho é analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio, localizada na mesorregião Oeste de Minas e na microrregião de Divinópolis, entender as motivações, sua amplitude, evolução, implicações ideológicas nas gerações claudienses, além de categorizá-los a partir da “Apelista” (lista telefônica por apelidos da cidade). Dessa forma, contribuir para o registro da história local. Este estudo requer, portanto, a consideração de conceitos que se extraem de diferentes campos - Semântica, Onomástica, Antropologia Linguística e a Sociolinguística.

Sabe-se que o hábito de apelidar, como recurso muitas vezes usado para a expressão da afetividade, é típico de cidades pequenas e interioranas. O fato é que, entre os claudienses, esse costume de atribuir apelidos não só é usual, como também o seu registro é de longa data.

Nessa perspectiva de análise, situamos os instrumentos onomásticos e, no caso específico deste trabalho, os apelidos, alcunhas e hipocorísticos (subdivisão desses instrumentos), buscando conhecer uma parte do sistema linguístico claudiense, no que se refere ao fenômeno da atribuição de apelidos.

Assim, pretende-se corroborar que Cláudio, é uma grande família, uma família ampliada. Com efeito, nesta cidade têm-se fatos típicos de um ambiente familiar, e os apelidos, (ao lado dos hipocorísticos) não são os menos importantes, comprovando assim, a importância da referência e da afetividade que permeia este hábito.

OS NOMES GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE CABO FRIO-RJ

Beatriz Cristina Pereira de Souza (UFRJ)

Paulo Márcio Leal de Menezes (UFRJ)

beatrizdesouza.ufrj@gmail.com

Este trabalho está inserido no projeto "Geonímia do Rio de Janeiro", em desenvolvimento pelo Laboratório de Cartografia (GeoCart) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem por objetivo a aquisição dos nomes geográficos do município de Cabo Frio, localizado na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro, visando estabelecer e sedimentar a sua estrutura histórico-geográfica e, também, averiguar a influência portuguesa, européia (não lusitana) e indígena nas nomeações para assim fazer correlações dos geônimos com os padrões de ocupação espacial estabelecidos na área ao longo da história. O município de Cabo Frio, atualmente, compõe um dos pólos de tração turística mais importante do estado, apresentando um crescente dinamismo econômico. Por outro lado, é dotado de expressivo valor histórico uma vez que remonta à primeira feitoria estabelecida no Brasil, em 1503, constituindo um dos locais que primeiro foram ocupados no país através das expedições de Américo Vespúcio. Ao longo dos anos seu espaço foi sendo ocupado por franceses e ingleses até a efetiva ocupação pelos portugueses em torno do século XVII. Estas diversas influências, além da indígena, deixaram um legado de nomes geográficos bastante sugestivo e rico. A metodologia consistiu na extração dos nomes geográficos de documentos cartográficos atuais e pretéritos, visando à análise na escala espacial e na temporal. Em seguida, a partir de levantamentos bibliográficos, foram realizadas comparações entre os geônimos a fim de averiguar as mudanças ocorridas ao longo do tempo e pesquisados os seus significados. Os resultados preliminares apontam que os nomes geográficos atuais refletem a soberania política portuguesa na área, que os utilizou como uma forma de se legitimar. Destaca-se, também, a grande presença de nomes indígenas que se mantiveram por possuírem forte relação com o lugar. Cabe ressaltar que este estudo se encontra em fase de desenvolvimento.

GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO DE FILOLOGIA DA PUC

José Mario Botelho (FFP-UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

A disciplina enfatizou a história interna da língua portuguesa, relacionando-a brevemente, porém de forma conveniente, à parte de sua história externa que se refere ao período de formação das línguas românicas. Também tratou de aspectos fonético-fonológicos e ortográficos da língua portuguesa. Para o desenvolvimento desses temas, o Curso foi dividido em três unidades: 1) Elementos fundamentais da história externa da língua portuguesa; 2) Elementos de fonética e fonologia descritiva da língua portuguesa, fonética histórica e a ortografia da língua portuguesa; e 3) Principais metaplasmos da língua portuguesa, formação do léxico da língua portuguesa e evolução morfossintática. Na primeira unidade, tratamos de certos elementos da história externa da língua portuguesa; na segunda, enfatizamos os elementos de fonética e a fonologia descritiva da língua portuguesa e a evolução fonética da língua portuguesa (vocalismo e consonantismo), e discorremos sobre a ortografia da língua; na última unidade, descrevemos os principais metaplasmos da língua portuguesa e digressionamos acerca da formação do léxico da língua portuguesa e de algumas evoluções morfossintáticas.

**A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE FILOLOGIA ROMÂNICA,
DA PUC/MINAS VIRTUAL**

Mirian Therezinha da Matta Machado (UFF/ABRAFIL/PUC-Minas Virtual)
mtmatta@terra.com.br

Nessa palestra, ver-se-á como os mapas dialetais têm uma particular importância para o estudo do léxico, como podem trazer preciosas informações, sobre as relações mútuas, entre as palavras sinônimas registradas nas cartas e, como o acompanhamento das direções da difusão das palavras de uma comunidade, sobre esses mapas, leva o pesquisador a obter valiosos conhecimentos a respeito da história cultural do grupo estudado. Observar-se-á também, como a análise da distribuição de diversas palavras, referentes a um mesmo objeto ou coisa, revela, embora, sincronicamente, a história das superposições de vocábulos e das suas mudanças fonéticas, dando ênfase à tese: o presente explica o passado. Serão apresentadas as principais correntes da Geografia Linguística, procurando, sempre, fazer uma análise crítica das metodologias por elas utilizadas e das propostas teóricas defendidas, assim como ressaltando a importância e a contribuição dessas diversas correntes, para a Linguística Moderna. Terminando, far-se-á uma revisão dos caminhos percorridos pelos estudos dialetais no Brasil.

**A PRODUÇÃO DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL
REFLEXÃO E PROPOSTA**

Adriana Barcelos de Souza (UERJ)
dricabrj@yahoo.com.br
Adriana Leite Moreira (UERJ)
adrianaliteral@gmail.com
Ana Lúcia da Silva (UERJ)
analucs7@hotmail.com

Este trabalho pretende discutir o conceito de gênero textual e refletir sobre a maneira que os livros didáticos do Ensino Fundamental (EF) têm, ao longo dos anos, abordado o ensino dos gêneros textuais e suas propostas de produção argumentativa. A motivação desse trabalho está no fato de os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) sugerirem que "a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino" o que nos levou a verificar como os livros didáticos, recomendados pelo MEC, tratam os diferentes gêneros e a refletir no papel do professor ao propor uma produção argumentativa. Considerando a importância desse assunto, desenvolvemos uma pesquisa que envolveu a elaboração de texto argumentativo através de pesquisa e debate sobre um tema proposto. Os sujeitos do estudo foram alunos do 9º ano do EF de uma escola particular de Belford Roxo - RJ. O objetivo foi investigar se o conhecimento e envolvimento no assunto favorecem a produção textual dos alunos com a presença de argumentos e defesa de opinião pessoal. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada em autores que abordam o ensino da produção textual como Bakhtin, Geraldi, Maingueneau e Rodrigues. Os dados da pesquisa são compostos por pesquisa histórica e texto argumentativo dos alunos além dos variados livros didáticos utilizados. Palavras-chave: gêneros textuais, livro didático, ensino de produção textual, texto argumentativo

**A AUTOFORMAÇÃO COM APOIO DA INTERNET
DOS PROFESSORES DE ITALIANO PARA ESTRANGEIROS**

Paolo Torresan (UERJ)
piroclastico@gmail.com
Fernanda Triani (UERJ)

Quais são os recursos online gratuitos cujos professores de italiano podem usufruir para sua contínua formação? Quais são aqueles que permitem a quem os acessa sentir-se parte de uma comunidade de especialistas? Até que ponto a utilização desses recursos podem ser considerados como a continuação de um curso presencial ou à distância?

ADÉLIA PRADO E A LÍNGUA LITERÁRIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Celeste de Castro Machado (UERJ)
celesteazul@globocom

Estudo da obra poética de Adélia Prado sob o ponto de vista da Estilística. Mostra que a metáfora é o recurso mais afeito a construir a língua literária e, no caso da poetisa, modelá-la em português. O estudo atesta que a linguagem conotativa da poetisa promove o inesperado e o distante da expressão comum. Afirma a importância da polifonia e da intertextualidade, além da excelência do discurso indireto livre na criação literária, não só da poetisa, mas de todo uso da língua portuguesa como ferramenta de expressão poética, principalmente se a intenção do autor é criar o discurso surrealista. A obra se notabiliza pelo aproveitamento da sonoridade das palavras, pela escolha lexical inédita, por uma estrutura frasal apositiva, evocativa, sucinta e nominal, não escravizada às regras do registro culto como padrão literário. A estruturação sintática é peculiar, e nela sobressai a oração adjetiva com função de sujeito, apesar de conter verbo: a oração adjetiva subjetivada. A essência da pesquisa são os conjuntos metafóricos, verdadeiros "modelos universais", que permitem reconhecer a possível existência de uma língua literária em português. No mesmo contexto, focaliza um grupo de poemas chamados de "telegráficos", curtos e de teor filosófico. Tal qualidade metafórica mostra a importância da poetisa Adélia Prado para a articulação da língua literária em língua portuguesa

AS GRAMÁTICAS E A TRADIÇÃO NA TERMINOLOGIA VERBAL

João Bortolanza (UFU; ABRAFIL)
jbortolanza@uol.com.br

A tradição gramatical consagrou uma terminologia que, com poucas modificações, vem sendo repetida ao longo dos tempos e dos textos. Há tempo se faz necessária uma reflexão maior que vá às raízes do problema: não é possível que o aluno entre na escola já sabendo verbos e, após longos anos de estudo, conclua que não domina o complexo sistema verbal. Aspectos perfectivo e imperfectivo são omissões constantes; a nomenclatura dos tempos é muito incoerente; a exclusão de muitos tempos que deixaram de ser sintéticos pela tendência analítica do latim vulgar e das línguas românicas; a confusão entre tempos compostos e formação analítica de vários tempos e sobretudo das formas nominais. A presente palestra pretende abrir um amplo debate sobre a terminologia científica da Gramatologia.

CONSTRUÇÕES DE CONTRASTE NOS JORNAIS DE NATAL: AS RELAÇÕES ANTONÍMICAS

Paulo Henrique Duque (UFRN)
ph.duque@uol.com.br

Neste trabalho, através de textos de opinião publicados em jornais de Natal- RN, procuro demonstrar que a antonímia é uma relação não apenas paradigmática, mas também, sintagmática. Os pares de antônimos constituem, nessa perspectiva, um tipo específico de construção. Nesse sentido, acreditamos que: (1) os antônimos tendem a coocorrer em sentenças, (2) os antônimos tendem a coocorrer em construções contrastivas particulares, e (3) ao contrário de outras relações paradigmáticas, a antonímia é de natureza tanto lexical quanto semântica.

Para realizar tal estudo, a Gramática de Construções oferece os meios de se tratar construções de contraste, onde se situam as referidas construções de antônimos, fornecendo um relato de como relações semanticamente para-

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

digmáticas chegam a se realizar sintagmaticamente. Após rever as características relevantes da Gramática de Construções, verifico alguns contextos sintagmáticos em que os antônimos tendem a coocorrer; evidencio que muitas ocorrências constituem construções baseadas em relações de contraste e demonstro que os pares de antônimos podem muito bem constituir um tipo particular de construção.

ELEMENTOS PEDAGÓGICOS DA PAIDEIA HESIÓDICA EM OS TRABALHOS E OS DIAS

Elisa Costa Brandão de Carvalho (UERJ)
elcbrandao@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo tecer comentários acerca dos elementos pedagógicos da paideia hesiódica: alegoria, fábula e mito, que estão presentes na obra intitulada *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo. Verificaremos a partir da tradução dos versos 202 a 212 da obra citada, como Hesíodo utiliza a “fábula” como instrumento didático em sua poesia.

EVIDÊNCIAS DE USOS GRAMATICALIZADOS E NÃO-GRAMATICALIZADOS DE DIZ QUE EM ORTO DO ESPOSO

Katiane de Carvalho Coelho (UFF)
katianedecarvalho@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é tratar do processo de gramaticalização do item *diz que*, valendo-se da verificação de alguns de seus usos em *Orto do Esposo*, narrativa do período medieval português. No português atual, há ocorrências em que *diz que* não atua como predicador, a partir do qual se estabelece o argumento externo (sujeito), com sentido pleno de verbo de elocução. Tais usos gramaticalizados convivem com os não gramaticalizados, nos quais o verbo dizer apresenta sentido pleno, indicando a origem da informação e atribuindo a responsabilidade de “dizer” a um referente explícito. Ao analisar o *corpus* fornecido por *Orto do Esposo*, constata-se que há contextos em que *diz que* aparece gramaticalizado em fins do século XIV, contrariando evidências que sugerem a gramaticalização do item no português atual. Explicita-se, pois, a força de fatores que atestam a estabilidade da língua, confirmando que variação e mudança ocorrem em pontos localizados e em aspectos bastante específicos, principalmente no léxico.

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE ESP

Annallena de Souza Guedes (IFBA)
annallenaguedes@hotmail.com

O trabalho com gêneros textuais constitui-se numa extraordinária forma de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia, conforme atesta Marcuschi (2005). No que diz respeito ao ensino de uma língua estrangeira, particularmente da língua inglesa, pode-se afirmar que os gêneros textuais têm um papel importante no processo de ensino e aprendizagem, principalmente em relação à habilidade de leitura. Nesse sentido, o ensino de ESP, Inglês para Fins Específicos, proporciona ao aprendiz/leitor, através do uso de diversos gêneros textuais, a oportunidade de fazer leitura e compreender textos diretamente relacionados às suas áreas de atuação acadêmicas e profissionais. Este trabalho, portanto, discute e analisa teoricamente o papel dos gêneros textuais no ensino de inglês para fins específicos e como estes podem contribuir para o desenvolvimento da competência leitora desses aprendizes.

O COMPORTAMENTO DOS HIPOCORÍSTICOS SENSÍVEIS AO ACENTO LEXICAL DA BASE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lírian Daniela Martini UFMG
lirian_paulista@yahoo.com.br

Neste trabalho é feita uma análise dos hipocorísticos do Português brasileiro sob a perspectiva da Teoria da Otimidade (MacCarthy e Prince, 1993) e Teoria da Correspondência (MacCarthy e Prince, 1995). Os hipocorísticos compreendem morfologia não concatenativa porque acessam informações prosódicas e estão submetidos às exigências fonotáticas da língua para serem reduzidos a um tamanho definido. Seguindo Gonçalves (2005) e Piñeros (2000), pode-se dizer que a compreensão dos Hipocorísticos dá-se em um espaço multidimensional, na qual primiti-

vos morfológicos interagem com primitivos prosódicos. Constituem objetivos deste trabalho: explorar o conceito de hipocorísticos, determinar os limites para a ocorrência deles na língua e deixar evidente as suas características mais notórias.

O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO DO COTISTA SOBRE RESPONSABILIDADE SOCIAL DO SISTEMA DE COTAS

Marcela Souza Santos (UESC)
marcela_ssa@hotmail.com

O presente estudo objetiva analisar o funcionamento do discurso dos cotistas da Universidade Estadual de Santa Cruz sobre a responsabilidade social do sistema de cotas. A problemática que nos anima é a de investigar os discursos sobre a responsabilidade social do programa entre os beneficiados pelo programa e seus posicionamentos perante o programa em que estão inseridos. Nesta pesquisa, propomos a estudá-los sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa. A metodologia é promulgada pela análise do corpus, o qual é constituído por enunciados coletados de entrevistas aos alunos cotistas da instituição evidenciada, seguida de suas respectivas análises. A pesquisa abona pela tentativa de revelar aspectos pertinentes ao estudo dos discursos e sua interação relativa à responsabilidade social. A pesquisa sinalizou que o discurso oscila em graus de adesão à favorabilidade da responsabilidade social do programa de cotas para ingresso na faculdade.

O VOCABULÁRIO DO VESTUÁRIO DE NEGRAS FORRAS NAS MINAS SETECENTISTAS

Gracineá Imaculada Oliveira (UFMG)
gracineaoliveira@hotmail.com

O vestuário tem despertado a atenção de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Um dos motivos que leva ao interesse por esse tema é o fato de todas as sociedades humanas de que se tem conhecimento usarem algum tipo de vestuário. Esse vestuário pode variar conforme o grupo social e o tempo e apresentar uma enorme diversidade, visto que é um fato social. Essa diversidade relaciona-se à multiplicidade das comunidades humanas existentes, comunidades essas que apresentam diferenças culturais entre si e no interior de cada uma delas. Além dessa variação sociocultural, o vestuário pode variar também espacial, sazonal e temporalmente. Como o vestuário em si varia, o vocabulário utilizado para designar o material, o acabamento, as diversas peças e as regras para seu uso também apresenta uma grande variedade. Sendo assim, propõe-se neste trabalho estudar o vocabulário do vestuário de negras forras nas Minas setecentistas. A partir da análise do vocabulário pretende-se identificar algumas características culturais africanas presentes no cotidiano dessas mulheres. Servem de embasamento teórico a esta comunicação estudos que privilegiam a interface léxico e cultura. Isso porque se considera o léxico o subsistema da língua mais suscetível a influências externas sendo, dessa maneira, o que mais registra as características socioculturais de uma comunidade em determinada época. Dessa forma, esta análise se justifica na medida em que possibilita, através do estudo de um campo lexical específico, explorar pontos de convergência entre língua e cultura.

ORALIDADE E A ESCRITA E O LETRAMENTO EM SOCIEDADES DE ORALIDADE SECUNDÁRIA

José Mario Botelho (FFP-UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

Nas sociedades de oralidade secundária – oralidade que se efetiva paralelamente à prática da escrita (ONG, 1982) –, todos os membros normais apresentam, de certa forma, um grau de letramento, considerando que oralidade e escrita constituem duas práticas sociais e não apenas as modalidades linguísticas à disposição dos usuários de uma dada língua (KLEIMAN, 1995; MARCUSCHI, 2001; BOTELHO, 2001).

De certo, não se pode negar que oralidade e escrita, como práticas sociais, se inter cruzam e se completam, embora apresentem cada uma por si características particulares. Em consequência disso, a evolução de uma se relaciona com a prática efetiva da outra, já que ambas são atividades comumente desenvolvidas em sociedades modernas. Logo, na fala do usuário proficiente, podem-se perceber efeitos do letramento, uma vez que em cada estágio do uso da língua constatamos que as linguagens oral e escrita influenciam uma à outra, o que as torna parcialmente isomórficas (BOTELHO, 1997 e 2001).

O objetivo desta Comunicação é, pois, descrever o ciclo de influências mútuas, que se estabelece nas práticas da oralidade e da escrita em sociedades de oralidade secundária, e refletir sobre o papel que essas modalidades da língua exercem na formação e no desenvolvimento do letramento em tais sociedades.

**REFLETINDO SOBRE A PRODUÇÃO DA "HIPERCORREÇÃO"
EM TEXTOS DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Elizete Beatriz Azambuja (UNICAMP)

liazambuja@ibest.com.br

Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (UNICAMP)

eni@bstway.com.br

Discurso que tem por fundador Michel Pêcheux. Com essa base, reflito sobre a constituição sócio-histórico-ideológica dos sujeitos. Assim, apresento um esboço do que desenvolvo no que diz respeito ao estudo da relação sujeito/língua pelo viés da "hipercorreção". Nesse ponto, chamo a atenção para as aspas utilizadas como uma forma de marcar a diferença no modo de ver pela perspectiva discursiva, uma noção teórica tradicionalmente estudada na área da Sociolinguística.

**TÉCNICAS PARA DISTINÇÃO ENTRE "QUE"
PRONOME RELATIVO E CONJUNÇÃO INTEGRANTE**

Francisco Dequi (IPUC)

profdequi@gmail.com

O objetivo deste trabalho é o de propiciar base para o estudioso distinguir, com clareza e segurança, a conjunção integrante "que" do homônimo pronome relativo, porquanto dizem alguns estudiosos não verem diferenças entre eles. Baseados na regência externa ou interna, podem-se acender luzes que iluminam as sendas sintáticas desses conectores monossilábicos uma vez que preposição é essencialmente introdutora de determinantes. Os dois "quês" encabeçam determinantes e podem coexistir com a preposição. Para a neopedagogia a preposição será regida ou mera introdutora de oração subordinada desenvolvida. O determinado apontado pelo sintagma sugere qual preposição deve ser aplicada e deste fato nasce o indício procurado. A fórmula da oração e a linguagem dos sintagramas ajudarão a perceber com nitidez as diferenças buscadas entre esses dois introdutores de determinantes em forma de oração desenvolvida.

TÉCNICAS PARA DISTINÇÃO ENTRE "QUE" PRONOME RELATIVO E CONJUNÇÃO INTEGRANTE

Francisco Dequi (IPUC)

profdequi@gmail.com

O objetivo deste trabalho é o de propiciar base para o estudioso distinguir, com clareza e segurança, a conjunção integrante "que" do homônimo pronome relativo, porquanto dizem alguns estudiosos não verem diferenças entre eles. Baseados na regência externa ou interna, podem-se acender luzes que iluminam as sendas sintáticas desses conectores monossilábicos uma vez que preposição é essencialmente introdutora de determinantes. Os dois "quês" encabeçam determinantes e podem coexistir com a preposição. Para a neopedagogia a preposição será regida ou mera introdutora de oração subordinada desenvolvida. O determinado apontado pelo sintagma sugere qual preposição deve ser aplicada e deste fato nasce o indício procurado. A fórmula da oração e a linguagem dos sintagramas ajudarão a perceber com nitidez as diferenças buscadas entre esses dois introdutores de determinantes em forma de oração desenvolvida.

O CARÁTER DA TUPINOLOGIA

Eduardo Tuffani Monteiro (UFF)
etuffani@vm.uff.br

Com esta comunicação, busca-se traçar um panorama dos estudos tupis do século XVI até o momento presente. Na periodização desse ramo dos estudos, devem-se enfatizar o esquecimento pelo qual passou o tupi antigo e a sua valorização de forma equivocada a partir do Romantismo até os anos 30 do século XX. Registram-se os tupinólogos e as suas contribuições, fazendo-se um balanço das questões relativas a essa antiga língua indígena. Ao tratar de tupi antigo, convém distingui-lo do guarani antigo e do tupi moderno, uma vez que persistem, mesmo no meio culto e acadêmico, uma visão errônea acerca do assunto, consequência do estudo desnorreado que dominou por muito tempo a tupinologia.

O LÚDICO E O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Brenda Rocío Ruesta Barrientos (UFSC)
brendacha@yahoo.com.br
Alex Sandro Beckhauser (UFSC)
alexbeckhauser@gmail.com

As atividades lúdicas devem estar constantemente ligadas à educação infantil pois fazem parte de seu universo e é assim que a criança interage com seu entorno. Porém, tais atividades e manifestações não devem ser confundidas com o simples ato de brincar pois o lúdico aliado ao ensino aprendizagem de uma língua estrangeira vai mais além disso: Trata-se de aprender de forma natural e prazerosa. E nós participantes do Núcleo de Apoio Pedagógico para Professores de Língua Estrangeira (NUSPPLE) buscamos, com esta comunicação, mostrar a importância das atividades lúdicas no ensino de língua espanhola para crianças. O principal objetivo com este tema é reforçar a ideia de que o lúdico é uma estratégia de caráter participativo impulsionado pelo uso da criatividade, que deve ser planejado e pedagogicamente orientado, utilizando-se de dinâmicas, exercícios e jogos didáticos criados para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem em grupo.

**LÉXICO E POEMA: UM ESTUDO
SOBRE MARABÁ DE GONÇALVES DIAS**

Luciene Maria Braga (UFU)
lucienebraga@hotmail.com

Sabemos que todo sistema linguístico manifesta em seu léxico dados da realidade cultural típicos da língua na qual estão inseridos, ou ainda, a língua, através das unidades lexicais que portam o significado, recortam essa realidade. Assim, aspectos históricos, valores e costumes dessa sociedade podem ser estudados a partir do seu léxico. O léxico se torna a própria expressão do indivíduo, sua forma de pensar e de expressar sua cultura. Segundo Duranti (2000) a cultura é vista como um conjunto de valores partilhados por grupos humanos organizados socialmente em uma comunidade. Assim sendo, a partir do estudo das unidades lexicais que compõem o poema indianista Marabá de Gonçalves Dias, este estudo tem como principal objetivo analisar a identidade cultural do povo indígena no que diz respeito a seus relacionamentos inter-pessoais que ocorreram com os processos de miscigenação e como isso se manifestou no plano linguístico.

**EFEITOS DE SENTIDO DO *PASSATO PROSSIMO* NOS
TEXTOS MIDIÁTICOS ELETRÔNICOS ITALIANOS**

Eva J. Bouquard (UFRJ)
bouquard.eva@gmail.com

Esse estudo trata dos efeitos de estilos do *passato prossimo* na língua italiana nos artigos jornalísticos eletrônicos italianos *La Repubblica*, *Corriere della Sera* e *La Stampa*. Um dos conceitos utilizados para a demonstração parcial de resultados trata da indicação do *istante*, conforme postulado por Renzi (2001:18). Dentro dessa perspectiva, um momento determinado com os Perfeitos, segundo Bertinetto (1986:409), pode proporcionar aos enunciados

pelo menos três sentidos diferentes, a saber, o acento gramatical do passado; o perdurar do episódio descrito no momento da enunciação e o perdurar dos resultados dos episódios, relatados sobre a forma de atualidade psicológica. Assim, a fim de demonstrar os construtos utilizados nos enunciados italianos, serão demonstrados os marcadores temporais que se relacionam com o *passato prossimo* os efeitos de sentido resultantes dessa relação bem como as estratégias de construção enunciativa desses Perfeitos nesses mesmos artigos.

**SOB(RE) OS EFEITOS DO ERRO NA FALA DA CRIANÇA
E O DESLOCAMENTO DO SUJEITO
NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

Irani Rodrigues Maldonade (UNICAMP)
iranirm@uol.com.br

O trabalho objetiva refletir sobre o erro e a auto-correção na fala de M (criança brasileira gravada de 2 a 4; 6 anos de idade) à luz da teorização desenvolvida por De Lemos e colaboradoras. Nessa perspectiva, a discussão do erro na fala da criança distingue-se das abordagens tradicionais, em que comportamentos metalingüísticos são atribuídos à criança, inclusive nos casos em que ela faz modificações (correções) de sua própria fala. Para muitos, tais modificações são definidas como autocorreções. Se, por um lado, é possível afirmar (de acordo com a proposta de De Lemos) que as modificações da fala da criança não ocorrem por conta do objeto lingüístico, por outro lado, é possível assinalar que muitas delas ocorrem em resposta aos efeitos produzidos na fala do outro. Porém, nem sempre tais modificações levam ao aparecimento do “acerto”, conforme a análise dos erros na aquisição verbal da fala de M indica. Nela, duas situações distintas se configuram: a) aquela em que há modificação da fala de M por conta do efeito produzido pelo erro na fala do interlocutor, sem que isso produza o “acerto”; e b) aquela em que há modificação da fala de M, por conta do efeito produzido pelo erro na fala do interlocutor, em que se registra o “acerto”. Na literatura da área, o tema em questão foi impulsionado, principalmente, pela investigação dos processos reorganizacionais. Não há como ignorar que as duas situações delimitadas neste trabalho correspondem ao período da “análise” enfocada pelos referidos processos. O conjunto de dados permitiu relacionar não só o papel da fala do outro que parecer propiciar um estreitamento da relação da criança com sua própria fala/língua, mas também colocou em destaque o percurso trilhado pela criança do erro em direção ao acerto e o princípio do processo de escuta para sua própria fala.

**EDUCAÇÃO E LÍNGUA(GEM) COMO
PERFORMATIVIDADE: PENSANDO NOVOS CAMINHOS
PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Marco Túlio de Urzêda Freitas (UFG)
marcotulioufcultura@gmail.com

Ao longo dos últimos anos, especialmente após as viradas lingüística, somática e performativa, muitos/as pesquisadores/as têm procurado refletir sobre o papel do ensino de línguas estrangeiras na luta por uma sociedade mais democrática. Assim, tais reflexões perpassam, entre outros, os seguintes questionamentos: Como língua(gem) e educação, a saber, dois dos aspectos mais essencialmente políticos da vida, operam na (re)produção de construtos lingüístico-discursivos que promovem desigualdade e dependência? Como o ensino de línguas estrangeiras pode transgredir, subverter e/ou problematizar esses discursos e práticas hegemônicas? (PENNYCOOK, 1998). Essa proposta de se vincular o contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras ao contexto social mais amplo, cujos conflitos de classe, raça, gênero, sexualidade etc., se descortinam por meio das diversas formas de manifestação da cultura, busca respaldo em uma concepção pragmática de língua(gem) e educação, que compreende o ato de fala e o próprio ato de educar como duas atitudes performativas (HOOKS, 1994). De acordo com Austin (1962), o conceito de performatividade está relacionado à ideia de ação; portanto, a língua(gem) é performativa porque ela não apenas descreve situações do cotidiano, mas também age sobre elas produzindo efeitos em âmbito social. Deste modo, ao compreendermos o falar e o ensinar como fazer, somos levados/as a refletir acerca de três questões: O ensino de línguas estrangeiras é performativo? Se sim, que ações/efeitos ele produz na sociedade? Que ações são e/ou podem/devem ser produzidas por professores/as de línguas estrangeiras? Amparado pelas pesquisas que venho desenvolvendo desde 2007 no Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás (URZÊDA FREITAS, 2009a, 2009b, 2010), nesta comunicação pretendo me valer da teoria pragmática (AUSTIN, 1962; MARCONDES, 2000; SOUZA FILHO, 2006) para discutir os novos caminhos da formação de professores/as de línguas estrangeiras (CONTRE-RAS, 2002; NORTON, 2005; MATEUS, 2009), os quais definem a sala de aula como um espaço de conflito e os/as professores/as como intelectuais críticos/as e transformadores/as, isto é, como profissionais que agem contra-hegemonicamente por meio de suas práticas pedagógicas (GIROUX, 1997).

**CORDEL E ROMANCES DE FOLHETO:
GÊNEROS HÍBRIDOS EM SALA DE AULA**

Marcelo da Silva Amorim (UFRN)
msamorim@ufrnet.br

De feição ao mesmo tempo escrita e oral, o cordel e o romance de folheto representam uma oportunidade ímpar entre os gêneros literários não canônicos que podem ser trabalhados em sala de aula. Esta apresentação abordará como os traços orais primários e secundários desses poemas – tais como as reiteraões episódicas, verbais e sintáticas e a típica dicção dialetal – podem ser utilizados para o alargamento da competência discursiva de alunos de vários segmentos escolares. Proporemos que se refaça, em sala de aula, o caminho percorrido pelo poeta que, ao conceber seu texto, não perde de vista a necessidade de imprimir-lhe um andamento típico das narrativas divulgadas oralmente através de “performances”. Examinaremos como essas características comportam-se em gêneros similares e como devem ser tratadas na produção de gêneros e modalidades textuais diversos, seguindo parâmetros apropriados de adequação linguística.

O TRATAMENTO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NOS PRINCIPAIS DICIONÁRIOS

Aline Luiza da Cunha (UFMG)

As expressões idiomáticas representam, em qualquer língua, um dos mais sérios desafios da descrição lexical. Consideradas, no passado, como anomalias ou vícios de linguagem, elas são importantes recursos discursivos tanto aos falantes nativos quanto aos aprendizes de uma língua estrangeira. Pode-se dizer que as expressões idiomáticas preenchem uma função comunicativa, uma vez que se ambientalizam em situações específicas de uso (Ferraz & Souza, 2004). Unidades sintagmáticas indecomponíveis, formadas por dois ou mais elementos constituintes, cujo significado global é diferente da soma dos significados das partes componentes (Tagnin 1989, Xatara 1998), as expressões idiomáticas constituem o objeto de análise deste estudo. Enfatizando a importância de sua inclusão nos dicionários de língua, Neves (1999), por meio de vários testes, discute a unicidade lexical das expressões idiomáticas com o objetivo de distingui-las de outras lexias complexas, como por exemplo, as construções com verbo-suporte. A abordagem que se pretende parte da consideração das expressões idiomáticas no âmbito do dicionário de língua, onde seu tratamento lexicográfico revela problemas teóricos e práticos. Três dicionários de língua portuguesa serão analisados, a saber: Houaiss (2001), Aurélio (1999), Michaelis (1998). Os primeiros resultados dessa análise apontam para o fato de que os dicionários não possuem critérios claros para o registro das expressões idiomáticas. Além disso, as expressões idiomáticas não são tratadas como entradas únicas, desconsiderando, assim, sua unicidade lexical. Portanto, constitui-se objetivo principal deste trabalho contribuir para as discussões acerca das expressões idiomáticas e os dicionários, uma vez que esses últimos configuram-se como instrumentos essenciais para o desenvolvimento da competência lexical.

**LUIS FERNANDO VERISSIMO:
ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NAS
CRÔNICAS PUBLICADAS NO JORNAL O GLOBO**

Nathália Rocha dos Santos (UniFOA)
nathalia_rsantos@hotmail.com

Este trabalho propõe uma análise de crônicas de Luis Fernando Verissimo, publicadas no jornal O Globo, em que se pretende realizar o levantamento e análise das estratégias argumentativas que se constroem por meio delas. Partindo da premissa de que "a linguagem é um objeto não transparente" (Charaudeau, 2008, p. 17), verificaremos que, nesse gênero textual, ela é o resultado da intencionalidade do emissor, em que deixa claras suas posições sociais e ideológicas, além de evidenciar a condição que ocupa no espaço discursivo em que atua. Com base nos pressupostos teóricos de Aristóteles, Perelman e Koch, investigaremos de que forma essas estratégias argumentativas são utilizadas pelo autor para convencer e persuadir seu leitor. Palavras-chave: argumentação; persuasão; crônica; humor.

**PÃO DE AÇÚCAR: UMA OU VÁRIAS MOTIVAÇÕES DE
UM MESMO TOPÔNIMO?**

Andréia Almeida Mendes (UFMG)
andrealetas@yahoo.com.br

Considerando as unidades lexicais como portadoras de significado, refletindo assim os diferentes momentos da história da sociedade, este artigo analisa a origem e a significação do topônimo "Pão de Açúcar", nos estados do Rio de Janeiro, Alagoas e Minas Gerais, mostrando que o uso da língua vai além da função de nomeação, uma vez que espelha a cultura de um povo em um determinado momento. Essa análise foi realizada com o intuito de verificar se houve o deslo camento de um vocábulo de um acidente para outro ou se a motivação utilizada nas três nomeações é a mesma. Percebeuse com esse estudo que a Toponímia revela grande importância para o conhecimento de aspectos históricoculturais de um povo, uma vez que a necessidade de se nomear, diferenciar e indicar as localidades faz com que surjam estruturas que refletem essa história sócio-cultural.

**A AUSÊNCIA OU A PRESENÇA DE ARTIGO DEFINIDO
DIANTE DE ANTROPÔNIMOS NA FALA DOS
MORADORES DA ZONA RURAL DE MATIPÓ E ABRE CAMPO – MG**

Andréia Almeida Mendes (UFMG)
andrealetas@yahoo.com.br

A ausência ou a presença de artigo definido diante de antropônimos - nomes próprios de pessoa - é analisada na fala dos moradores da zona rural das cidades de Abre Campo e Matipó, respectivamente no Pouso Alto e no Córrego dos Lourenços. Essas duas localidades, apesar de serem vizinhas limítrofes, possuem padrões divergentes com relação a esse fenômeno. Foram adotados na pesquisa os pressupostos teóricos tanto da Dialetoлогия quanto da Sociolinguística, estes tendo por base os estudos de Labov (1972) e Milroy (1987) e (1992), que veem a língua como um fenômeno variável e consideram-na como uma prática social; aqueles, baseados nos estudos de Nelson Rossi (1963) e (1980) e Antenor Nascentes (1992), que apresentam propostas para o estudo do português brasileiro, dando suporte a essa discussão. A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise quantitativa e qualitativa realizada em um corpus constituído por 8 entrevistas: quatro realizadas no Pouso Alto (Abre Campo) e quatro realizadas no Córrego dos Lourenços (Matipó). Nessas entrevistas, ocorreram 2.105 sintagmas nominais, dos quais 620 eram constituídos de antropônimos. Em Abre Campo, prevaleceu ligeiramente a presença de artigo definido (52%), tendo como fatores determinantes responsáveis pela variação o gênero, a idade, o tipo de antropônimo e o grau de intimidade dos falantes. Já em Matipó, prevaleceu a presença de artigo definido (83%), tendo como determinantes os antropônimos em estrutura de genitivo, o gênero, a idade e a intimidade dos falantes.

O MODO SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA PERDA DE MARCA GRAMATICAL?

Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros (UFRRJ)
Luciana Paiva de Vilhena Leite (UFRRJ)
claudiowalker@gmail.com

O modo verbal é, na definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, "cada um dos diferentes paradigmas que o verbo apresenta em algumas línguas, como as neolatinas, para indicar a modalidade, a atitude (de certeza, dúvida, desejo etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia [Em português há três paradigmas modais: indicativo, subjuntivo e imperativo...]" Ou seja, trata-se de uma avaliação a respeito da ação expressa pelo verbo. É "um julgamento implícito do falante a respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz" (Câmara Jr.: 1984, p.98). Entre os modos verbais, o subjuntivo é, semanticamente, aquele em que há sempre uma avaliação subjetiva, na qual "o falante expressa a ação ou estado denotado pelo verbo como um fato irreal, ou simplesmente possível ou desejado, ou quando se emite sobre o fato real um julgamento" (Houaiss). Em outros termos, "o subjuntivo [...] assinala uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado" (Mattoso: 1984, p.99). Já a característica formal do subjuntivo é que ele ocorre apenas em estruturas subordinadas, seja em frases iniciadas por advérbios ou em orações subordinadas. No entanto, Perini (1996, p.257) afirma que a característica semântica do subjuntivo tende a desaparecer, e "a oposição de modo (em especial a oposição indicativo/subjuntivo) tende, em português, a se tornar puramente formal". O objetivo desse trabalho é apresentar, a partir de dados empíricos colhidos no cotidiano, que existe já uma tendência de o modo subjuntivo desaparecer inclusive formalmente, e, em certos níveis de uso, usa-se o indicativo no lugar do subjuntivo.

**"TODO PODER EXCESSIVO DURA POUCO":
ENTREVISTA COM CLÁUDIO AGUIAR**

Samarkandra Pereira dos Santos Pimentel (UFPB)
samarkandra@gmail.com

Uma das fortes características da nova literatura brasileira é a pluralidade de estilos e tendências, tanto na prosa quanto na poesia. Assim, ela pode seguir as linhas tradicionais, valendo-se do intimismo, urbanismo ou regionalismo já consagrado, mas aprofundando-o e enriquecendo-o com novos temas; como também pode inovar, criando novas nuances, inserindo-se numa estética pósmoderna.

Há também obras que rompem as fronteiras entre o erudito e o popular e/ou que fazem diálogo com obras já consagradas, por meio da intertextualidade. Para falar do humano, em tempos de repressão, o fantástico e o alegórico também ganham força... Estes são só alguns exemplos. Este artigo visa apresentar alguns elementos característicos da literatura do escritor Cláudio Aguiar (1944), com a finalidade de destacar o seu papel na nova literatura brasileira. Para isso, foi elaborado um texto introdutório, seguido de uma entrevista com o autor. Palavras-chave: Literatura; História; Sociedade; Entrevista.

**POLLYANNA: DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO
NA TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO**

Ana Lúcia Segadas Vianna Abreu (UFF)
anasvabreu@gmail.com

Esse trabalho tem como objetivo principal incentivar o tradutor a conhecer a prática tradutória de Monteiro Lobato. Ele se destacou como escritor, editor e tradutor. O início de sua carreira coincidiu com o movimento modernista. Além disso, o trabalho apresenta dois processos de tradução *domesticação* e *estrangeirização*. O primeiro permite a identificação do leitor com a obra, já o segundo possibilita o conhecimento de novas culturas. Para entender melhor a prática de Monteiro Lobato e identificar qual procedimento está diretamente associado ao seu trabalho, foi analisado o romance *Pollyanna*, escrito por Eleanor H. Porter, publicado em 1913 e traduzido, em 1934, por Lobato. Portanto, apresentaremos dados que evidenciem seu estilo nacionalista em sua tradução como a inserção de jargões e diminutivos. Também serão apresentados traços culturais evidenciados no seu trabalho. Por fim, a pesquisa apresenta alguns conselhos de Lobato para os tradutores.

Palavras-Chave: Tradução, Monteiro Lobato, Pollyanna, Domesticação e Estrangeirização.

PRODUÇÃO TEXTUAL: ASSUMINDO PAPÉIS NA REVISÃO COLABORATIVA

Doris de Almeida Soares (UFRJ)
Aurora Maria Soares Neiva (orientadora/ UFRJ)
dorissoares@terra.com.br

Apesar de a revisão colaborativa ser uma prática comum no contexto Anglo-fônico, pouco é sabido sobre o que realmente acontece quando os alunos estão envolvidos nesta tarefa (Villamil e Guerrero, 1996:51). Para Zhu (2001:252), essa constatação tem levado a um interesse crescente em determinar as várias instâncias assumidas pelo aluno enquanto leitor e comentarista do texto do colega no momento da pós-es crita. Partindo dessa asserção, Soares (2006) analisa o discurso oral produzido por cinco graduandos em Letras (Português/inglês) durante uma tarefa de revisão colaborativa realizada na disciplina Língua inglesa III, em uma universidade federal no Rio de Janeiro. Assim, o objetivo dessa comunicação é apresentar e discutir os resultados dessa pesquisa que visa delimitar os papéis assumidos pelos alunos ao darem feedback sobre a produção textual dos colegas. Com isso, pretende-se destacar o papel desse tipo de atividade para o desenvolvimento das habilidades de escrita, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira.

ÍNDICE DE AUTORES

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES
DO XIV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA
COM O NÚMERO DOS QUE AS DECLARARAM NA INSCRIÇÃO

ABRAFIL	8
CBNB	1
CCAA	1
CEFET/MG	4
CEFET/RJ	1
CESVA	1
Faculdade Saberes	1
FAETEC	1
FAFIMA	1
FCB	1
FEUDUC	6
FGS	1
FUFSE	1
IF BAIANO	2
IFBA	3
IFMG	1
IFRR	1
INES	1
IP-PUC/SP	1
ISEP	1
PUC/MG	1
PUC/Minas	4
PUC/RIO	3
PUC/SP	6
RGPL	1
Simmosen	1
SME-Rio	2
UCAM	2
UCSAL	2

UECE	3
UEFS	5
UEG	3
UEL	3
UEM	3
UEMS	2
UENF	3
UENV	1
UERJ	113
UESC	5
UESPI	1
UFAC	1
UFAL	1
UFBA	16
UFC	6
UFCCG	1
UFES	7
UFF	30
UFG	8
UFGD	1
UFJF	23
UFLA	2
UFMA	3
UFMG	14
UFMT	1
UFOP	2
UFPA	4
UFPB	1
UFPE	2

UFRA	1
UFRJ	39
UFRN	14
UFRPE	2
UFRRJ	2
UFS	5
UFSC	9
UFT	1
UFV	8
UGB	1
UGF	1
UNEB	25
UNEMAT	1
UNESA	2
UNESP	1
UNIBH	1
UNICAMP	1
UnifOA	4
UNIGRANRIO	6
UNILESTE-MG	1
UNILUS	1
UNIMONTES	2
UNIRADIAL	3
UNISA	5
UNISUAM	6
UNIVERSO	1
UPM	4
USP	8
USS	7
UVA	6

ÍNDICE ONOMÁSTICO

PELA ORDEM ALFABÉTICA DO PRIMEIRO NOME

Aderlande Pereira Ferraz	28	Carolina Gaio Palhares	34
Adriana Baptista de Souza	95	Cássia Regina Teixeira	90
Adriana Barcelos de Souza	127	Cátia Antonia da Silva	2
Adriana Fidelis Silva	103	Célia Marques Telles	127
Adriana Leite Moreira	127	Celina Márcia de Souza Abbade.....	117
Adriana Lopes Rodrigues	55	Cezar Alexandre Neri Santos	46
Adriano de Souza Dias	3, 4, 46, 49, 108	Cícero Anastácio Araújo de Miranda	48
Afrânio da Silva Garcia	107	Cícero Barboza Nunes	43, 129
Agnaldo Sérgio de Martino.....	9	Cinara Monteiro Cortez	74
Airto Ceolin Montagner	126	Cintia de Andrade Nunes	109
Alessandra Ribeiro Baptista	50	Claudia Barbosa de Medeiros	71
Alexandre do Amaral Ribeiro	50	Cláudia Cristina Marques dos Santos	33
Aline Moraes Oliveira	81	Claudia Gonçalves Ribeiro	11
Aline Pereira	92	Claudia Maria Gil Silva	63, 80
Aline Pereira Gonçalves	124	Claudia Moura da Rocha	42
Aluiza Alves de Araújo	85	Claudio Artur de Oliveira Rei	67
Amanda Dinucci Almeida	49	Cleide de Oliveira Monteiro Arantes	115
Amanda Maria Nascimento Gomes	9	Cleide Emília Faye Pedrosa	53, 54, 57, 81, 125
Amélia Escotto do Amaral Ribeiro	50	Clézio Roberto Gonçalves	62
Amós Coelho da Silva	3, 4, 61, 124	Wânia Terezinha Ladeira	28
Ana Carolina Mrad de Moura Valente	113	Consuelo Domenici Mozzer Pinto	42
Ana Cristina dos Santos Malfaccini	74, 102	Cristiane Cataldi dos Santos Paes	128
Ana Cristina Santos Peixoto	87	Cristina Alves de Brito	3, 4
Ana Lúcia da Silva	127	Cristina Maria Teixeira Martinho	26
Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins	19	Cristina Vergnano Junger	24
Ana Luíza Silva de Freitas	51	Daniele de Oliveira	108
Ana Maria Pires Novaes	104	Darcilia Marindir Pinto Simões	19, 42, 51, 67, 74, 78, 102, 109, 111
Ana Paula Ferreira	47, 56	David Harlyson P. da Silva	125
Anderson da Silva Ribeiro	77,79	Dayane Moreira Lemos	10
Anderson de Souto	116	Dayhane Alves Escobar Ribeiro	121, 122
Ânderson Rodrigues Marins	20, 34, 91	Débora de Souza	21, 75
Andrea Pessoa dos Santos	87	Débora Marinho Guerra	104
Andreia Cristina Dantas	12	Délia Cambeiro Praça	3
Ângela Paula Nunes Ferreira	96	Denise Correa de Macedo	107
Angélica Lino dos Santos Moriconi	77, 88, 109	Denise de Almeida Ostler	65
Antonia Valdelice de Sousa	58	Derli Machado de Oliveira	18, 53
Antônio Elias Lima Freitas	3, 4	Diana Luz Pessoa de Barros	87
Antonio Fernando de Souza	129	Diego Barbosa da Silva	92
Antonio José de Pinho	60	Dulcineia Rodrigues	11
Antônio José Lopes de Abreu	108	Edila Vianna da Silva	36
Antonio Marcos Vieira de Oliveira	65	Edina Regina Pugas Panichi	102
Ariana Carla Barbosa da Silva	75	Edison Lourenço Molinari	101
Armando Rabelo Soares Neto	18	Edna Vieira Carvalho	107
Ataíde José Mescolin Veloso	30	Edneide Ferreira da Costa	78
Áurea da Silva Pereira	95	Edson Moisés de Araújo Silva	61
Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca	78	Edson Sendin Magalhães	81
Beatriz Cristina Pereira de Souza	105, 130	Eduardo Tuffani Monteiro	3, 4
Beatriz dos Santos Feres	43	Egle Pereira da Silva	67
Beatriz Pereira da Silva	23, 55	Elaine Alves Santos Melo	90
Berty Ruth Rothstein Biron	9	Elaine Chaves	48
Bruno Cardoso	60	Elaine Cristina Medeiros Frossard.....	27
Caio Cesar Castro da Silva	34	Elane Calmon Silva	18
Camila da Silva Ornellas	69	Eleone de Assis Ferraz	111
Camila Lisbôa Maximiano	115	Eleone Ferraz de Assis	73
Carlinda Fragale Pate Nuñez	54	Eliana da Cunha Lopes	127
Carlos Alberto Gonçalves Lopes	40	Eliana de Meneses de Melo	78
Carmem Lucia Pereira Praxedes	85	Eliane Santos Leite	44
Carmen Pimentel	52	Elias Mendes Gomes	14, 98

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

Elizabeth Orofino Lucio	71	Jefferson Lucena dos Santos.....	24
Elizângela Alves Cana Verde Sodré	15	Jefferson Santos da Silva	89
Elmar de Aquino Rosa.....	22	Jerônimo Coura-Sobrinho	68, 105
Elmo Dias do Nascimento	95	Jesiel Soares Silva	95
Eloísa Clemente	83	João Batista da Costa Junior	81
Emanuelle da Fonseca Mercadante	48	João Bittencourt de Oliveira	52
Emília Maria Peixoto Farias	15	Jônia Maria Souza Silva	3, 4
Erica de Cassia Blatt da Silva	112	José Alcides Ribeiro	109
Erica Juliana Santos Rocha	56	Jose Geraldo da Rocha	61
Érica Nascimento Silva	13	José Mario Botelho	3, 4, 60, 131
Érica Santos Soares de Freitas	126	José Pereira da Silva.....	2, 3, 4, 5, 6, 37, 73, 85, 94
Etienne Fantini de Almeida	87	José Ricardo Carvalho	32
Evanice Ramos Lima Barreto	11	Josegleide Elioterio dos Santos	27
Evelyne Jeanne Andree Angèle Madeleine Dogliani	16, 130	Josemar Santos Tonico	68
Expedito Eloísio Ximenes	15	Josete Marinho de Lucena	36
Fabiana da Costa Ferraz Patueli	42	Josiane Silveira Coimbra	44
Fabiana Meireles de Oliveira	30	Juliana dos Santos Barbosa	101
Fábio César Montanheiro	107	Juliana dos Santos Ferreira	76
Fabiola Teixeira	72	Juliana Esposito Marins	16
Fabiola Teixeira Ferreira	98	Juliana Mello Cabral	25
Fátima Aparecida de Souza Maruci	64	Juliana Pêgas Costa	47
Fernanda Chiappetta Silveira	29	Juliana Pereira dos Santos	114
Fernanda Flores Amorim Pereira	16, 130	Juliana Regoto Rodrigues	73
Fernanda Maria Reis Brandão	10	Juliene Kely Zanardi	69
Fernanda Memória	69	Katharine Silva de Oliveira Soares	15
Fernanda Orphão Corrêa de Lima	24	Kátia Cristina de Souza Bispo	89
Fernanda Villares Vianna Barreto	10	Kellen Cozine Martins	38
Fernando Monteiro de Barros Júnior	47, 49, 63, 77, 86	Larissa do Socorro Martinsleal	45
Filipe Freitas de Mello e Silva	77	Larissa Stumpf Schuler	125
Flávia Cassino Esteves	109	Leandro Nascimento Cristino	66
Flávio Junior da Silva	61	Leda Pires Correa	46
Flávio Martins Carneiro	124	Leilane Morais Oliveira	10, 28
Francisco de Assis Florêncio	52	Leilane Ramos da Silva	80, 92
Gabriel Nascimento dos Santos	41	Lená Medeiros de Menezes	2
Gelson Martins de Souza	76	Leonardo Antonio Soares	88
Geraldo José da Silva	113	Leonardo Pinto Mendes	2
Geysa Silva	19	Letícia Beatriz Folster	72, 98
Gillian Mariana Luciano	103	Liliane Lemos Santana Barreiros	128
Girlene Miranda Baima	123	Lindinalva Messias do Nascimento Chaves	14
Gisele Aparecida de Lima	17	Lirian Daniela Martini	60
Gisele Maria Nascimento Palmieri	108	Lívia Ferreira Monteiro	59, 121
Giselle Almada Souto	88	Lívia Miranda de Oliveira	83
Giselly dos Santos Peregrino	106	Lívia Rodrigues Barbosa	73
Gislane Gomes Braga	123	Luana Batista de Souza	37
Glauber Almeida de Lemos	2	Luana Santos Lemos	36
Gláucia dos Santos Vianna	31	Lucas Medrado da Silva	107
Gláyci Kelli Reis da Silva Xavier	41	Luci Mary Melo Leon	24
Glória Elena Pereira Nunes	55, 110	Lúcia F. de Mendonça Cyranka	42, 116
Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira	54	Lúcia Helena Peyroton da Rocha	81
Guilherme Rocha Brent	64	Luciana da Costa Quintal	16
Gustavo Grandini Bastos	86	Luciana Paiva de Vilhena Leite	99
Hayla Thami da Silva	23	Luciana Rezende Fernandes	31
Helênio Fonseca	90	Luciane Manera Magalhães	103
Hélio Rodrigues Júnior	12	Luciane Silva de Souza Carneiro	33
Hilma Ranauro	46	Lucineide Lima de Paulo	57
Hosana dos Santos Silva	58	Lucirene da Silva Carvalho	99
Hugo Leonardo Ornellas de Paiva Chagas	104	Ludmila Antunes de Jesus	96
Ilana da Silva Rebello Viegas	56	Ludmila Thomé de Andrade	71
Ilana Gomes Oliveira	99	Luiz Antônio Cavalcanti Monteiro	64, 128
Ilma Nogueira Motta.....	3, 4	Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros	99
Ilson Rodrigues da Silva Jr	70, 111	Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira	43
Ingrid Gross	89	Lunara David Gonçalves	40
Iomara Barros Dantas da Silva	105	Luzileide de Jesus Santos e Santos	75
Isabela Santos de Almeida	113	Lygia Maria Gonçalves Trouche	54
Ivani Peixoto dos Santos	73	Mabel Meira Mota	14
Ivone da Silva Rebello.....	53	Marcela Souza Santos	131
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	110	Marcela Matos Maini.....	92
Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira	123	Márcia Antonia Guedes Molina	32, 67, 109
Jacqueline de Cássia Pinheiro	20	Marcia da Silva Mariano Lessa	93
Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes	89	Márcia de Oliveira Gomes	35
Jair Francis Ribeiro de Mattos	84	Márcia Helena da Guarda Alves	15
Janaína Pedreira Fernandes de Sousa	79	Márcia Leite Pereira dos Santos	122
Jaqueline Nunes da Fonseca Cosendey.....	106	Marcia Machado Vieira	104

LIVRO DE RESUMOS DO XIV CNLF, Rio de Janeiro, 2010

Márcia Regina Teixeira da Encarnação	112	Priscilla Mouta Marques	30
Márcia Saldanha Peterson	39	Pryncia Martha Silva Duarte Calegário	25
Márcio Luiz Corrêa Vilaça	21	Raabe Costa Alves Oliveira	75
Marco Antonio Martins	35	Rachel de Oliveira Pereira	83
Marcos Lúcio de Sousa Góis	66	Rafael Santana Gomes	65
Margareth Myriam da Rocha	44	Raquel Torres Costa Bressan	128
Maria Aparecida Rocha Gouvêa	49	Raymundo José da Silva	113
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra	37, 63	Regina Céli Alves da Silva	26
Maria Christina Paixão Maioli	2	Regina Céli Esteves dos Santos Tormin Botelho	37
Maria Cristina Cardoso Ribas	2	Regina Lúcia Monteiro Henriques	2
Maria da Conceição Reis Teixeira	59	Renata Pereira Bastos	50
Maria da Penha Pereira Lins	28, 45	Renato Porpino	46
Maria Diomara da Silva	116	Ricardo Tupiniquim Ramos	15, 35
Maria Geralda de Miranda	122	Ricardo Vieira Alves de Castro	2
Maria Jose Damiani Costa	72	Rita de Cássia Barros de Freitas Araújo	103
Maria Lúcia Mexias Simon	3, 4, 85	Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	97
Maria Lucia Souza Castro	93	Robson Barbosa Cavalcanti	50
Maria Luiza Rodrigues Rua Campos Tavares	68	Robsônia Ribeiro de Sá	105
Maria Margareth Costa de Albuquerque Krause	68	Rodrigo Cunha da Silva	10
Maria Margarida de Andrade	38	Rodrigo da Costa Araujo	86
Maria Regina Pante	40, 126	Rogério Max Canedo	82
Maria Suzett Biembengut Santade	101	Rosa Attié Figueira	17
Maria Teresa Gonçalves Pereira	24, 77	Rosa Borges dos Santos	14, 49, 75, 96, 113
Maria Teresa Tedesco	121, 122	Rosane Reis de Oliveira	51
Maria Tereza Goudard Tavares	2	Rosane Santos Mauro Monnerat	74
Mariela da Fonseca Fidelis	35	Rosane Tesch de Oliveira	13
Marilene Meira da Costa	3, 4, 29	Rosângela Gomes Ferreira	26
Marilia de Fatima Ferreira	115	Ruy Magalhães de Araujo	102
Marilza Maia de Souza de Paiva	19	Sandra Bernardo	56, 76
Martha Sertã Padilha	54	Sebastião Carlúcio Alves Filho	21
Maryelle Joelma Cordeiro	63	Sebastião Josue Votre	56, 73, 84, 125
Mateus batista de Sousa	78	Sérgio Arruda de Moura	59, 121
Matheus Trevizam	70	Sheila Cardoso Marchesano	55
Max Alex de Souza Campello	82	Sidney Bernardo	106
Mayara Nicolau de Paula	44	Silvia Avelar Silva	4
Meirilayne Ribeiro de Oliveira	103	Silvia Rodrigues Vieira	10, 55
Michele Carvalho Rosa	115	Sílvio Ribeiro da Silva	21
Michele Eduarda Brasil de Sá	9	Simone Borrelli Aschtschin Marinho	103
Michelle de Oliveira	39	Simone dos Santos Laranjeira	15
Michelle Martins de Mattos Rangel	12, 82	Sineia Maia Teles Silveira	17
Miguel Afonso Linhares	18	Solange Maria Moreira de Campos	13
Milena Lepsch da Costa	25	Sonia Maia Teles Xavier	17
Mirami Gonçalves Sá dos Reis	70	Suellen Silva Venturim	17
Monica Alvarez Gomes das Neves	107	Suzana dos Santos Gomes	129
Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron	2	Tânia Mara Silva de Lima	32
Mônica Maria Araújo dos Santos	124	Tânia Maria Nunes de Lima Câmara	89, 97, 112
Mônica Santos de Souza Melo	10	Tatiani Ramos	98
Mônika Miranda de Oliveira	83	Tays Angélica Rezende	22, 44
Morgana Ribeiro dos Santos	111	Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno	53
Nadja Pattresi de Souza e Silva	66	Terezinha Toledo Melquíades de Melo	116
Naira de Almeida Vellozo	64	Thami Amarilis Straiotto Moreira	125
Natalia Muniz Marchezi	45	Tharlles Lopes Gervasio	63
Nelly Carvalho	60	Urbano Aparecido da Silva Filho	57
Nelly Medeiros de Carvalho	38	Vagner Aparecido de Moura	20, 35
Nerine Lobão	123	Valdiclea Souza	93
Nívia de Souza Costa	44	Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	58
Norma Da Silva Lopes	11	Vanda Cardoso de Menezes	110
Núbia Rabelo Bakker Faria	72	Vânia Lúcia Menezes Torga	93
Olímpia Maria dos Santos	62	Vera Regina de Aquino Vieira	72
Oswaldo Barreto Oliveira Junior	41, 100	Veridiana Skocic Marchon	97
Patrícia Alves Carvalho Correa	94	Verônica de Oliveira Louro	106
Patrícia de Oliveira Batista	15	Victor Hugo Barbosa Ramalho	114
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda	25	Victória Wilson	39
Patrícia Goulart Tondineli	39	Vítor de Moura Vivas UFRJ	22
Patricia Ribeiro de Andrade	27, 75	Wagner Alexandre dos Santos Costa	110
Patrício Nunes Barreiros	127	Wagner Muniz de Andrade	90
Paula Curty Werneck	101	Wandercy de Carvalho	51
Paula Helouise Oliveira	79	Wdionatas Andrade Santos	27
Paulo Antonio Pinheiro Correa	79, 109	Wedencly Alves	64
Paulo de Tarso Galembeck	76	Welton Rodrigues Santos	11
Paulo Márcio Leal de Menezes	76, 130	Williane Silva Coroa	47
Pierre François Georges Guisan	23	Zinda Vasconcellos	69
Priscila Brasileiro Silva do Nascimento	94		